

OS MESTRES DA LITERATURA POLICIAL

Rex Stout

A man in a dark suit and a red cape is shown from the chest up. He is holding a shield in his right hand, which features a scale of justice and a banner with the word 'CONSTITUTION'. His left hand is raised in a gesture. The background is dark and curved.

**A QUADRILHA
DE RUBBER**



EDIÇÃO "LIVROS DO BRASIL" LISBOA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



TÍTULO

REX STOUT

A QUADRILHA DE RUBBER

(The Rubber Band - 1936)

Detetive Nero Wolfe #03

* * *

ÍNDICE

Capa
Título
Índice
O Autor
Série
Resumo
Capítulos
 Um
 Dois
 Três
 Quatro
 Cinco
 Seis
 Sete
 Oito
 Nove
 Dez
 Onze
 Doze
 Treze
 Quatorze
 Quinze
 Dezesseis
 Dezessete
 Dezoito
 Dezenove
 Vinte

* * *

O AUTOR

REX STOUT, de nome completo Rex Todhunter Stout, nasceu numa família de quakers em Noblesville, Indiana, no dia 1 de dezembro de 1886. Rex Stout. Pouco depois do seu nascimento, os seus pais, John Wallace Stout e Lucetta Elizabeth Todhunter Stout se mudaram junto com os seus nove filhos para o estado do Kansas. O seu pai era professor e encorajou-o a ler sendo que, por volta dos quatro anos de idade, Rex já havia lido a Bíblia inteira por duas vezes. Aos treze anos foi campeão estadual do concurso de soletrar. Estudou na Universidade do Kansas. De 1906 a 1908 serviu na Marinha dos Estados Unidos da América, e durante os quatro anos seguintes trabalhou em cerca de treze empregos diferentes em seis estados. Trabalhou como office-boy num escritório, foi empregado de loja, guarda-livros e gerente de hotel. Esporadicamente, vendia poemas, histórias e artigos para diversas revistas, entre as quais a All-Story Magazine.

Em 1916, devido à invenção de um sistema bancário escolar, ganhou dinheiro suficiente para lhe permitir extensas viagens pela Europa. Tratava-se de um sistema de registro de poupanças efetuadas pelos alunos, do qual recebia royalties, e que foi adoptado em cerca de 400 instituições de ensino dos Estados Unidos. Casou-se com Fay Kennedy em 1916, de quem se viria a separar em 1933, se casando no mesmo ano com Pola Hoffman. Em 1929, em Paris, escreveu o seu primeiro livro, *How Like a God*. Após escrever mais três romances bem sucedidos, regressou aos Estados Unidos e começou uma carreira literária que incluiu romances policiais, contos e ficção científica.

O detetive Nero Wolfe surgiu pela primeira vez no romance *Fer-de-Lance* (Picada Mortal), inicialmente publicado em fascículos no jornal *The Saturday Evening Post*, sendo posteriormente editado em livro em 1934. Este livro, *The League of the Frightened Men* (A Confraria do Medo), publicado em 1935, foi adaptado pelo cinema em 1937. Neste ano Stout criou a personagem Dol Bonner, uma detetive particular, que viria a protagonizar diversos outros livros de Rex Stout.

Durante a Segunda Guerra Mundial, interrompeu os seus escritos e integrou a *Fight for Freedom Organization*. Foi presidente do *Author's Guild* e dos *Mystery Writers of America*. Em 1959 recebeu o *Grand Master Award* desta última organização. Stout foi ativo nas causas liberais e ignorou uma intimação da Comissão das Atividades Antiamericanas, no auge da era McCarthy. Anos mais tarde, perdeu muitos amigos liberais devido à sua posição a favor da intervenção dos Estados Unidos na guerra do Vietnam.

Escreveu mais de 70 romances policiais, 46 dos quais com Nero Wolfe, detetive excêntrico e obeso, gourmet e grande apreciador de cerveja, cujo companheiro, o intrépido Archie Goodwin, o ajuda na resolução dos crimes. Após a morte de Stout, em Danbury, Connecticut, no dia 27 de outubro de 1975, o escritor Robert Goldsborough continuou as aventuras de Nero Wolfe, a partir

do final dos anos 80.

Nero Wolfe foi representado no cinema entre as décadas de 30 e 80, do século XX. Em 1981, Nero Wolfe, representado por William Conrad, deu título a uma série de televisão de 14 episódios produzida pela Paramount Television e transmitida pela National Broadcasting Company (NBC), tendo sido nomeada para dois prêmios Emmy. Em 2001 foi iniciada uma série televisiva com Maury Chaykin no papel de Nero Wolfe e Timothy Hutton representando Archie Goodwin. Esta série, sob o título genérico *A Nero Wolfe Mystery*, foi produzida pela A&E, que transmitiu 29 episódios em duas temporadas, tendo sido nomeada para quatro prêmios de diversas instituições.

Uma associação de fãs de Stout e de Wolfe, designada *The Wolfe Pack*, organiza eventos para os leitores incluindo discussões bimensais sobre os livros e um congresso e banquete anual em Nova Iorque. Publica também a revista semestral *Gazette*.

* * *

LIVROS DA SÉRIE DETETIVE NERO WOLFE

1. 1934: *Fer-de-Lance*
2. 1935: *The League of Frightened Men*
3. 1936: *The Rubber Band*
4. 1937: *The Red Box*
5. 1938: *Too Many Cooks*
6. 1939: *Some Buried Caesar*
7. 1940: *Over My Dead Body*
8. 1940: *Where There's a Will*
9. 1942: *Black Orchids*
10. 1944: *Not Quite Dead Enough*
11. 1946: *The Silent Speaker*
12. 1947: *Too Many Women*
13. 1948: *And Be a Villain (British title More Deaths Than One)*
14. 1949: *Trouble in Triplicate*
15. 1949: *The Second Confession*
16. 1950: *Three Doors to Death*
17. 1950: *In the Best Families (British title Even in the Best Families)*
18. 1951: *Curtains for Three*
19. 1951: *Murder by the Book*
20. 1952: *Triple Jeopardy*
21. 1952: *Prisoner's Base (British title Out Goes She)*
22. 1953: *The Golden Spiders*
23. 1954: *Three Men Out*
24. 1954: *The Black Mountain*
25. 1955: *Before Midnight*
26. 1956: *Three Witnesses*
27. 1956: *Might as Well Be Dead*
28. 1957: *Three for the Chair*
29. 1957: *If Death Ever Slept*
30. 1958: *And Four to Go*
31. 1958: *Champagne for One*
32. 1959: *Plot It Yourself (British title Murder in Style)*
33. 1960: *Three at Wolfe's Door*
34. 1960: *Too Many Clients*
35. 1961: *The Final Deduction*
36. 1962: *Homicide Trinity*

37. *1962: Gambit*
38. *1963: The Mother Hunt*
39. *1964: Trio for Blunt Instruments*
40. *1964: A Right to Die*
41. *1965: The Doorbell Rang*
42. *1966: Death of a Doxy*
43. *1968: The Father Hunt*
44. *1969: Death of a Dude*
45. *1973: Please Pass the Guilt*
46. *1975: A Family Affair*
47. *1985: Death Times Three (posthumous)*

* * *

RESUMO

O SENHOR PERRY é o presidente de uma grande corporação e vai até o famoso detetive Nero Wolfe para pedir ajuda a respeito de um assunto delicado: Clara Fox, uma funcionária de extrema confiança, foi acusada de roubar uma grande soma em dinheiro. O senhor Perry tem certeza absoluta de que a moça é inocente, mas quem fez a acusação foi um gerente importante e o caso exige audácia. No mesmo dia, um grupo de pessoas marca de aparecer no escritório do detetive para que ele resolva um problema que parece um pouco mais complicado: dezenas de anos antes um grupo de aventureiros resgatou um jovem inglês nos bons tempos do Velho Oeste. O grupo aceitou como pagamento pelo resgate um documento em que o jovem se comprometia a pagar metade da sua fortuna a eles, quando ele a herdasse de um tio rico no futuro. A filha de um dos aventureiros está decidida a encontrar o inglês que deve o dinheiro, mesmo tantos anos depois, para exigir um pagamento póstumo e dividi-lo com o resto do grupo: dois dos aventureiros originais e a filha de mais um deles. A moça que é líder do grupo é bonita, inteligente e bastante decidida, e até já descobriu onde está o inglês que lhes deve o dinheiro: um diplomata britânico que está nos Estados Unidos para fazer uma negociação de alta patente no congresso em Washington e que vai estar em Nova York por alguns dias. Ela se chama Clara Fox e por acaso também está sendo procurada pela polícia por ter roubado dez mil dólares da mesa do gerente da empresa do senhor Perry, e Wolfe se vê tendo que escolher qual caso relacionado a Clara Fox ele vai tentar resolver, já que são no mínimo, conflitantes.

* * *

Um

DEIXANDO de lado o Sunday Times, bocejei. Virei meus olhos para Nero Wolfe e voltei a bocejar.

— Esse pássaro, SJ Woolf, tem alguma relação com você? Wolfe, que acabava de atirar uma flecha que fora se cravar num rei de paus, não me prestou a menor atenção e eu continuei: — Acho que não, uma vez que é escrito de forma diferente. Eu perguntei por que tive uma ideia. Não seria conveniente para os negócios que esse SJ Woolf lhe tirasse uma foto e escrevesse um artigo sobre você para o Times? É um bom tema. Sorri considerando o tamanho e a aparência de Wolfe, enquanto ele com um grunhido se abaixava para pegar um dardo que tinha caído.

Eu continuei:

— É muito melhor do que a publicidade, e quanto a categoria, mais elevada do que o Monte Everest. Esse Woolf só se dedica a peixes grandes. Estive lendo seus artigos por anos e versaram sobre Einstein, o Príncipe de Gales, três presidentes dos Estados Unidos, o Rei do Sião e outras personalidades. Parece apenas interessado nos campeões. Isso inclui você, e por incrível que pareça não estou brincando, mas digo sentindo. Entre o nosso vasto círculo de amigos deve ter alguém que o conheça e insinue isso.

Wolfe continuou sem me fazer o menor caso. Para dizer a verdade, tampouco esperava, já que estava ocupado fazendo exercício. Ultimamente tinha a impressão de que pesava muito... O que seria como se o Oceano Atlântico se considerasse muito húmido... E por isso havia adicionado algo novo na sua rotina diária. Já que só saía ao exterior quando havia algum terremoto ou cataclismo, não realizava movimento algum, exceto quando estava no terraço com Horstmann e as orquídeas, das nove às onze todas as manhãs, e das quatro às seis todas as tardes, e ali não havia espaço para pular corda. Daí o novo aparelho para realizar um exercício diário e que era um primor. Com ele praticava desde três e quarenta e cinco até às quatro da tarde. Tratava-se de um tabuleiro de um metro quadrado forrado de cortiça onde estava desenhado um grande círculo. Vinte e seis raios e um círculo interior mais reduzido e delineado à tinta, dividiam a área do círculo em cinquenta e duas seções. Cada uma destas seções trazia um símbolo pintado, e juntas formavam um baralho de cartas; o centro do alvo, um reduzido círculo situado na metade, era o curinga. Havia também vários dardos, de uns dez centímetros de comprimento e que pesariam umas cinquenta gramas, construídos com madeira, penas e uma ponta afiada de metal. Pendurava-se o tabuleiro na parede, se se posicionava entre três e cinco metros de distância, se lançava cinco dardos e se tentava formar um jogo de pôquer com o curinga. Então se arrancavam os dardos e se voltava a começar de novo...

Evidentemente era um jogo interessantíssimo. O que quero dizer é que teria sido muito adequado para uma escola de meninas, já que não acredito que os meninos de mais de seis meses teriam perdido tempo com ele. Já que minha única desculpa para escrever isto, é relatar os acontecimentos nos casos de Nero Wolfe, e já que só tenho este trabalho quando estamos envolvidos em algum crime, vocês irão supor que lhes conto sobre este jogo porque mais adiante algum destes dardos, devidamente envenenado, irá servir para matar alguém. Nada disso. Nunca alguém sofreu algum dano com eles, que eu saiba, exceto eu. Num espaço de um par de meses Nero Wolfe me levou mais de oitenta e cinco “paus”. Não havia maneira de adquirir habilidade naquele jogo, que dependia somente da sorte.

De qualquer maneira, quando Wolfe decidiu que pesava muito, foi isso o que comprou. Ele chamava lanças aos dardos. Quando descobri que minhas perdas estavam se aproximando dos cem, decidi parar de brincar, dizendo que meu médico havia me advertido que meu coração não resistiria aos exercícios atléticos. Wolfe continuou com o jogo e naquela época, naquele domingo a que me refiro, era capaz de acertar duas vezes no curinga só com cinco lançamentos. Continuei dizendo:

— Seria um bom artigo. Merece. Você mesmo admite que é um gênio. Isso nos proporcionaria um monte de clientes novos, e poderíamos ter uma ajuda permanente...

Um dos dardos resvalou da mão de Wolfe, e ao cair ao chão rodou até meus pés. Wolfe me olhou. Eu sabia o que ele queria. Odiava ter que se agachar, mas isso era na realidade o único exercício violento daquele jogo e considerei que precisava dele. Continuei sentado e Wolfe se dignou a me responder:

— Andei reparando nos desenhos do senhor Woolf. Tecnicamente são magníficos.

O esperto tentava me subornar para que eu apanhasse o dardo, simulando se interessar pelo que lhe dizia. Eu pensei: “Muito bem, mas terá que pagar; vejamos quanto tempo conserva esse interesse.” Apanhei o jornal aberto na seção correspondente em que aparecia o artigo e comentei a toda pressa:

— Este é um dos melhores. Leu? Fala de um inglês que veio com uma missão do governo... Espere... Aqui diz... Por fim o encontrei e li em voz alta:

Ignora-se se o Marquês de Clivers está autorizado a discutir os acordos militares e navais no Longínquo Oeste; o que se descobriu é sua intenção de intervir na questão das esferas de influência econômica. Por isso, após uma semana de reuniões em Washington com os Departamentos de Estado e Comércio, veio a Nova Iorque para se consultar com dirigentes financeiros e industriais. Está ficando cada vez mais evidente nos círculos governamentais que a única base permanente e satisfatória para a paz no Oriente é a eliminação das presentes causas do mau desenvolvimento econômico.

Olhei a Wolfe.

— Captou? Esferas de influência econômica. O mesmo que preocupou Al Capone e Dutch Schultz. Olhe a onde lhes levou o desgaste econômico. Wolfe concordou.

— Obrigado, Archie. Muito obrigado por me explicar. Agora se quiser... Apressei-me a continuar.

— Espere, é muito mais interessante ainda. Revisei o artigo. — Na fotografia parece um

homem acostumado a governar os demais... Sabe? Como um maestro ou um maître, já conhece o tipo. Continua dizendo sobre o muito que conhece de esferas e influências, sua atuação na guerra... Esteve no comando de uma brigada, sendo condecorado quatro vezes... Um nobre lorde e além disso coberto de condecorações... Vou dar três vivas e em seguida brindaremos pelo rei, cavaleiros. Compreendeu? Estou resumindo.

— Sim, Archie. Obrigado. Wolfe parecia irritado e tomei alento.

— De nada. Porém a parte realmente interessante é a que fala de seu carácter e sua vida particular. É um grande jardineiro. Poda suas próprias rosas! Pelo menos diz isso, ainda que seja muito para acreditar. Em seguida continua em outro parágrafo:

Ainda que seja um exagero chamar o marquês de excêntrico, em muitos aspectos não se ajusta a ideia convencional que temos dos pares britânicos; provavelmente é devido de certo modo ao fato de que em sua juventude... Tem agora sessenta e quatro anos... Passou muitos anos entregue a diversas atividades na Austrália, América do Sul e a parte oeste dos Estados Unidos. É sobrinho do antigo marquês, e entrou na posse do título em mil novecentos e cinco, quando a tia e dois primos pereceram no afundamento do "Rotania" nas costas africanas. Mas sob qualquer circunstância é uma pessoa extraordinária e suas idiossincrasias, como ele gosta de chamá-las, são definitivamente muito suas. Nunca dispara contra animais ou pássaros, apesar de ser um dos melhores atiradores da Escócia... Não obstante, é um especialista em pistola e sempre anda com uma. Possui um magnífico estábulo, mas não monta a cavalo há mais de quinze anos. Nunca bebe nada entre o almoço e o jantar, o que na Inglaterra quase se considera uma traição. Nunca presenciou uma partida de críquete. É proprietário de mais de uma dezena de automóveis e não sabe dirigir. É um magnífico jogador de pôquer e popularizou este jogo entre o círculo de suas amizades. É um apaixonado entusiasta do croquete e considera o golfe como "o corruptor da decência social". Tem um cozinheiro americano em sua propriedade de Pokenham para que lhe prepare tortas de abóbora. Em suas frequentes viagens ao continente nunca deixa de levar consigo...

Não havia por que continuar; de modo que me detive. Havia perdido minha plateia. Enquanto me olhava, Wolfe havia entornando os olhos, e, de repente, abriu a mão deixando cair todos os dardos no chão, onde rodaram em todas as direções, enquanto saía da sala sem pronunciar palavra. Ouvi-o entrar no elevador e fechar a porta com força. Claro que tinha a desculpa de que era quatro horas, a hora em que estava acostumado a subir para cuidar de suas plantas.

Poderia ter deixado que Fritz apanhasse os dardos mais tarde, mas não havia razão para me portar como um garotinho só porque ocorrera a Wolfe fazer isso. De modo que arranquei a parte do artigo que estivera lendo e em cujo centro aparecia o retrato do Marquês de Clivers, o coloquei no tabuleiro de cortiça segurando-o com um par de tachinhas, e recolhendo os dardos me coloquei a oito passos de distância e comecei a lançá-los. Um deles foi se cravar no nariz do marquês, outro em seu olho esquerdo, dois no pescoço e o último não o alcançou por dois centímetros. Estava bem crivado. Boa pontaria. Pensei, enquanto ia em busca do meu chapéu para ir ao cinema, sem saber que antes de sair de nossa cidade o marquês ia nos dar uma exibição de melhor pontaria com uma arma bem distinta, nem que naquela folha de jornal que eu havia prendido no tabuleiro de cortiça havia uma boa informação que em seguida haveria de ser muito útil a Nero Wolfe ao considerar profissionalmente um caso de morte violenta.

* * *

Dois

N O DIA SEGUINTE, segunda-feira, sete de outubro, minha agenda assinalava duas reuniões. Nenhuma prometia ser lucrativa ou excitante. A primeira, para as três e trinta da tarde, com um indivíduo chamado Antônio D. Perry. Era o Diretor da Metropolitan Trust Company, o Banco com quem negociávamos, e presidente da Seaboard Products Corporation... Uma dessas empresas ambíguas que ocupam seis andares de um enorme arranha-céu e vendem anualmente um bilhão de dólares de algo que na realidade ninguém viu, como plantas asiáticas comestíveis, pó de casca de coco, ou unhas de lhama secas. Como disse, Perry presidia reuniões, e estava presente em todos os Maiores Comitês. Wolfe havia realizado um par de investigações, contratado por ele em anos anteriores... Nada importante. Ignorávamos o que desejava nesta ocasião; havia se limitado a ligar solicitando uma reunião.

A segunda, das seis da tarde era bastante estranha, mas as tínhamos muito a miúdo. No sábado cinco de outubro de manhã, uma voz de mulher havia dito por telefone que desejava ver Nero Wolfe. Eu lhe disse que bom. Ela repôs que iria vir com certa pessoa que não chegaria à Nova Iorque antes de segunda-feira de manhã e que como estava ocupada todo o dia viria às cinco e meia. Eu lhe disse que se podiam vir as seis e apanhei um lápis, disposto a anotar seu nome, que se negou a me dar, dizendo que então nos diria e que estariam aqui as seis em ponto, já que era muito importante. Não me parecia grande coisa, mas anotei na agenda com a esperança de que viessem, já que era uma dessas vozes que fazem desejar conhecer a sua possuidora.

Antônio D. Perry apareceu às três e meia em ponto. Fritz abriu a porta e o fez entrar no escritório. Wolfe se achava atrás sua mesa bebendo cerveja. Eu ocupei meu canto e franzi as sobrancelhas ante a possibilidade de que Perry nos pedisse que seguíssemos a pista de algum competidor suspeito de comerciar de má fé. Mas desta vez seu problema era bem diferente, ainda que não era nada capaz de gelar o sangue. Perguntou-nos pelo estado de nossa saúde, incluindo a mim porque era democrático; se interessou cortesmente pelas orquídeas, e em seguida ajeitou sua cadeira olhando para Wolfe como qualquer homem de negócios a outro.

— Senhor Wolfe, vim vê-lo em vez de lhe pedir que você o fizesse, por duas razões. Primeira, porque sei que não gosta de deixar sua casa para visitar ninguém, e segunda, porque o que me traz aqui é de índole particular e confidencial. Wolfe concordou.

— Qualquer das duas teria bastado, senhor. De que se trata?

— É, como lhe disse, confidencial. Perry aclarou a garganta me olhando enquanto abri meu bloco de notas. — Suponho que o senhor...

— Goodwin. Wolfe se serviu um copo de cerveja. — A discrição do senhor Goodwin raia o infinito. Para ele não há nada confidencial.

— Muito bem. Desejo encarregá-lo de uma delicada investigação, que requererá um manejo cuidadoso. É referente a uma infeliz circunstância que aconteceu em nossos escritórios. Perry voltou a tossir. — Temo que uma de nossas funcionárias, uma jovem, vá ser vítima de uma injustiça... Ou das circunstâncias... A menos que se faça alguma coisa.

— Mas, senhor Perry... Sem dúvida, o senhor, como diretor de sua corporação, é sua fonte de justiça... Ou será o contrário? Insinuou Wolfe. Perry sorriu.

— De maneira alguma. Apenas um monarca constitucional, Permita-me que me explique. Nossos escritórios executivos estão situados no trigésimo segundo andar de nosso edifício... O Seaboard Building. Nesse andar temos trinta salas particulares dos funcionários de categoria, chefes de departamento, etcetera. Na sexta-feira passada um dos encarregados tinha em sua mesa uma alta soma de dinheiro em espécie, que desapareceu em circunstâncias que o levaram a suspeitar de... Da funcionária antes mencionada. Não me comunicaram nada disso antes de sábado de manhã. O encarregado exige uma ação imediata, mas eu não me atrevo a acreditar que ela seja culpada. É... Quero dizer... Sempre foi merecedora da mais absoluta confiança. Apesar das aparências... Deteve-se e Wolfe perguntou:

— E quer que nós descubramos a verdade?

— Sim. Isso é o que desejo. Perry tossiu. — Mas também que considerem sua história de honradez e lealdade em todos os seus serviços. E gostaria de pedir, que ao discutir este assunto com o senhor Muir, o façam compreender que foi encarregado de tratar deste assunto como qualquer investigação similar. Além disso, desejo que me informem de tudo pessoalmente.

— Certo. Wolfe havia entrecerrado os olhos. — Parece um tanto complexo, e quero evitar a possibilidade de um mal-entendido. Vamos esclarecer. Você não nos pede que descubramos as provas que demonstrem a culpa dessa funcionária, nem tampouco que inventemos outras que manifestem sua inocência. A única coisa que deseja é que descubramos a verdade.

— Sim. Perry sorriu. — Mas creio que a verdade provará sua inocência.

— Que assim seja. E quem vai ser nosso cliente, você ou a Seaboard Products Corporation?

— Pois... Não pensei nisso. Creio que a companhia. Será melhor.

— Bem. Wolfe me olhou. — Archie, faça o favor. E se reclinando em sua cadeira e entrelaçando os dedos sobre o enorme abdômen, fechou os olhos. Eu me virei com a caneta em riste. — Em primeiro lugar o dinheiro, senhor Perry. Qual era o valor?

— Trinta mil dólares em notas de cem.

— Da folha de pagamento?

— Não. Vacilou. — Bem, sim; pode chamar assim.

— Seria melhor que soubéssemos de tudo.

— É necessário?

— Necessário, não. Conveniente. Quanto mais saibamos, menos teremos que descobrir.

— Pois... Já que ficou entendido que isto é estritamente confidencial... Vocês já sabem que em relação com nosso negócio precisamos de certos privilégios em alguns países estrangeiros. E nos contatos com os representantes desses países algumas vezes precisamos empregar dinheiro em espécie.

— De acordo. Esse senhor Muir que você nomeou, é o encarregado de efetuar os pagamentos?

— O senhor Ramsey Muir é o vice-presidente da corporação e costuma se encarregar desses contatos. Nesta ocasião, na sexta-feira passada, tinha convidado para almoçar um cavalheiro de Washington. O cavalheiro perdeu o trem e lhe telefonou dizendo que chegaria mais tarde, se apresentando em nosso escritório às cinco e meia. Quando o senhor Muir abriu a gaveta de sua mesa, o dinheiro havia desaparecido.

— Quando o colocou ali?

Wolfe nos interrompeu. Havia se erguido na cadeira, em seguida se dispôs a levantar olhando para Perry.

— Você me perdoará, senhor. É a hora do meu exercício e em seguida devo cuidar das minhas plantas. Se quiser, quando terminar com o senhor Goodwin, suba ao terraço para vê-las, ficarei encantado em mostrá-las. Dirigiu-se para a porta, de onde se voltou. — Creio que seria aconselhável que o senhor Goodwin realizasse algumas investigações preliminares antes de empreender definitivamente a missão que acaba de nos propor. Pelo visto apresenta algumas dificuldades. Bom dia, senhor. E saiu. O tabuleiro dos dardos naquela manhã havia sido transferido para seu quarto, já que era dia de trabalho.

— Um homem prudente. Perry me sorriu. — Claro que sua excepcional habilidade lhe permite ser. Vi que Perry estava doído pela cor que apareceu em suas faces. Disse-lhe:

— Sim. Quando o colocou ali?

— Quê? Oh, sim! O dinheiro havia sido trazido do Banco e colocado na mesa do senhor Muir naquela manhã, mas ele olhou a gaveta ao voltar depois do almoço, lá pelas três, e o dinheiro estava intacto. Às cinco e meia havia desaparecido.

— Ele esteve ali todo o tempo?

— Oh, não! Entrava e saía. Por uns vinte minutos ele permaneceu comigo em minha sala. Foi uma vez ao lavabo, e passou mais de meia hora, desde as quatro até às quatro e meia, na sala da diretoria reunido com outros diretores e o senhor Savage, nosso conselheiro de relações exteriores.

— A gaveta estava fechada à chave?

— Não.

— Então qualquer poderia ter apanhado. Perry meneou a cabeça.

— A encarregada do departamento de recepção tem a mesa colocada de modo que domina todo o corredor e nisso consiste seu trabalho, em saber onde está todo o mundo a qualquer momento para facilitar as entrevistas. Ela sabe quem entrou no escritório do senhor Muir e quando.

— Quem entrou?

— Entraram cinco pessoas. Um mensageiro com o correio, outro vice-presidente da companhia, a taquígrafa do senhor Muir, Clara Fox, e eu.

— Vamos eliminando. Suponho que você não o apanhou...

— Não. Quase desejaria tê-lo feito. Quando o mensageiro entrou, Muir também estava ali. O senhor Arbuthnot, o vice-presidente, fica descartado. E quanto à taquígrafa de Muir, ainda continuava ali quando já haviam ido para suas casas... E insistiu em que revistassem seus pertences. Tem uma pequena sala contígua a sala de Muir e não havia saído dela. Além disso, está a onze anos trabalhando a seu lado e ele confia nela.

— De modo que só resta Clara Fox.

— Sim. Perry aclarou a garganta. — Clara Fox é a encarregada das comunicações... Um cargo de muita responsabilidade. É ela quem traduz e decifra todos os cabos e telegramas. Foi na sala de Muir as quatro e quinze, durante sua ausência, com uma mensagem cifrada, e aguardou ali enquanto a funcionária de Muir ia na sua salinha copiá-la a máquina.

— Está há muito tempo com vocês?

— Três anos. Talvez um pouco mais.

— Sabia que o dinheiro estava ali?

— É provável que soubesse que estava na sala de Muir. Dois dias antes havia recebido um cabo em que davam instruções para o pagamento.

— Mas você não acredita que ela o pegou.

Perry abriu a boca voltando a fechá-la. Eu o olhei. Não parecia indeciso, mas procurava as palavras adequadas. Aguardei e voltei a olhá-lo. Possuía olhos de um cinza-azulado, inteligentes e cautelosos; mandíbula talvez um tanto muito quadrada; cabelos grisalhos, ainda que não mais que o comum, considerando que devia ter passado dos sessenta; fronte alta com um lunar na face direita e uma cútis sã e bem conservada. O conjunto não era desagradável, mas naquele momento eu não o observava com muita benevolência, já que suspeitava que naquele assunto havia algo estranho; e além disso eu não tenho boa opinião de um indivíduo que logo em seguida a pedir que o ajude a resolver um quebra-cabeça tenta ocultar uma das peças principais. Perry por fim falou.

— Apesar das aparências, minha opinião pessoal é que Clara Fox não apanhou esse dinheiro... Representaria um grande golpe para mim saber que ela o fez, e a prova teria que ser inexpugnável.

— O que ela diz de tudo isto?

— Não foi interrogada. Nada foi dito, exceto a Arbuthnot, a senhorita Vawter... A encarregada do departamento de recepção... E a funcionária de Muir. Também devo lhe dizer que nesta manhã Muir queria chamar a polícia e eu o contive.

— Talvez a senhorita Vawter o pegasse.

— Está há dezoito anos na casa. Antes suspeitaria de mim mesmo. Além disso, constantemente passa gente pelo corredor. Se tivesse saído só um minuto haveriam notado.

— Que idade tem Clara Fox?

— Vinte e seis anos.

— Oh! Um pouco jovem, não, para um cargo de tanta responsabilidade? Casada?

— Não. É uma pessoa muito competente.

— Por acaso você conhece seus costumes? Coleciona diamantes? Perry me olhou assombrado e eu disse: — Aposto nas corridas de cavalos? Franziu o cenho.

— Não, que eu saiba. Não tenho intimidade com ela, nem a fiz vigiar.

— Quanto ganha e em que você acredita que emprega o dinheiro?

— Seu salário é de três mil seiscentos. Que eu saiba, vive sensata e honradamente. Tem um apartamento não sei onde e um pequeno automóvel... Já a vi dirigindo-o. Acredito que... Gosta de teatro.

— Ujum! Voltei uma página do meu bloco e repassei o escrito. — E esse senhor Muir que deixa a gaveta aberta com trinta pacotes dos grandes em seu interior... Não é possível que se encontrasse em um momento difícil economicamente e tivesse se apropriado do dinheiro? Perry meneou a cabeça sorrindo.

— Muir possui trinta e oito mil ações de nossa companhia, que na atualidade valerão uns dois milhões de dólares no mercado, além de outras propriedades. Costuma deixar a gaveta aberta em semelhantes circunstâncias.

Voltei a consultar meu bloco de notas e elevando meus ombros os deixei cair de novo com raiva, o que significava que havia sido ligeiramente provocado. Aquilo se apresentava muito enrolado, pouco apetitoso e não era de esperar nada no terreno da ação ou do benefício. Claro que o primeiro passo a dar, depois do dito por Wolfe, era dar uma olhada no trigésimo segundo andar do edifício

Seaboard e entabular conversas. Mas o relógio da parede marcava quatro e vinte. As seis nós esperávamos a atraente voz que ligara e o seu amigo de fora da cidade, e queria estar ali, coisa que não seria possível se imediatamente me lançava na caça daqueles trinta pacotes. Disse a Perry:

— De acordo. Suponho que amanhã de manhã você estará em sua sala. Estarei ali as nove em ponto para dar uma olhada. Quero ver tudo o...

— Amanhã de manhã? Perry franziu a sobrancelha. — Por que não agora?

— Tenho outra reunião.

— Cancele-a. A cor voltou a tingir suas faces. — É urgente. Sou um dos clientes mais antigos do senhor Wolfe, e tive o trabalho de vir pessoalmente...

— Sinto muito, senhor Perry. Não está bem amanhã? Minha reunião não pode ser cancelada assim.

— Envie outra pessoa.

— Não tenho ninguém a mão que pudesse resolver por mim...

— Isso é um ultraje! Perry se ergueu de sua cadeira. — Insisto em ver o senhor Wolfe! Movi a cabeça.

— Você sabe que não é possível. Sabe perfeitamente que é um excêntrico... Mas em seguida pensei: “Já vi indivíduos piores e este é um cliente e talvez não possa evitar de fazer parte dos Maiores Comitês. É possível que a ele seja fastidioso”. De modo que levantando de minha cadeira lhe disse: — Subirei e falarei com Wolfe, ele é o chefe. Se disser...

Abriu-se a porta do escritório e me voltei. Fritz se aproximou com a formalidade de sempre ao anunciar uma visita. Ainda que a esta não anunciou, já que ela vinha atrás dele lhe pisando os calcanhares, e eu sorri ao ver que Fritz ignorava que estivesse ali quando começou a dizer:

— Um cavaleiro deseja...

— Sim, já o vi. Está bem.

Fritz deu meia volta e ao vê-lo piscou surpreso. Eu continuei observando o visitante, que era todo um exemplar. Teria um metro e noventa de estatura e vestia um traje azul de jeans muito usado sem paletó e de mangas algo curtas; usava um chapéu de aba larga creme, com um rosto que parecia como se tivesse estado saindo pela chaminé durante meio século e seu caminhar era uma combinação dos vaqueiros dos rodeios e das panteras dos zoológicos. Anunciou-me com voz lenta e pastosa:

— Meu nome é Harlan Scolvin. E se dirigindo a Antônio D. Perry lhe olhou com olhos semicerrados. Perry se removeu inquieto em sua cadeira parecendo irritado. O visitante lhe perguntou: — Você é Nero Wolfe? Eu intervim suavemente:

— O senhor Wolfe não está aqui. Eu sou seu ajudante, e estou ocupado com este cavaleiro. Se você quer nos dispensar... O recém-chegado concordou e se voltou de novo para olhar Perry.

— Então quem... Não será Mike Walsh? Diabos, não! Mike era um anão. Deixou Perry em paz e após dar uma olhada no aposento se dirigiu a mim. — Que faço agora, me sentar e pendurar o chapéu numa orelha? Sorri.

— Sim. Teste essa poltrona de couro. Dirigiu-se até ela com seu caminhar de pantera e eu comecei a andar para a porta olhando Perry por cima do ombro. — Não demorarei muito.

Acima, na estufa do terraço coberto de vidros, onde Wolfe guardava suas dez mil orquídeas, encontrei-o ante uns oncidiums fora de estação que estavam a ponto de florescer, enquanto Horstmann ia de um lado a outro com um balde cheio de carvão de lenha. Wolfe, claro, não me olhou, nem interrompeu sua tarefa; sempre que o interrompia na estufa simulava ser Joe Louis em seu campo de treinamento e que eu era um garoto que o olhava da cerca. Disse-lhe em tom bem alto para que não fingisse não ter me ouvido:

— Esse milionário que está lá em baixo diz que preciso ir ao seu escritório agora mesmo para começar a olhar debaixo do tapete para ver se encontro seus trinta pacotes, e tenho uma reunião aqui às seis. Eu já expressei a minha preferência em ir amanhã de manhã. Wolfe replicou:

— E se cair o lápis no chão e se lhe apresenta as alternativas de apanhá-lo do chão ou deixá-lo onde está, também precisaria me consultar?

— Está furioso.

— Eu também.

— Disse que é urgente, que estou lhe insultando e que é um antigo cliente.

— E é provável que tenha razão nas três coisas. Em particular me agrada a segunda conclusão.

Agora me deixe.

— Muito bem. Acaba de chegar outra visita. Chama-se Harlan Scolvin. É um homem curtido que olhou para Antônio D. Perry dizendo que não era Mike Walsh. Wolfe me olhou.

— Suponho que espera receber o salário no fim do mês.

— Está bem. Desejava pisar um de seus oncidiums, mas compreendi que não seria diplomático; de modo que saí.

Quando retornei ao nosso escritório, Perry já estava de pé com o chapéu na mão. Disse-lhe:

— Lamento tê-lo feito esperar.

— E bem?

— Terá que ser amanhã, senhor Perry. Não podemos postergar essa entrevista. De qualquer maneira, o dia está já está quase terminado e não poderia fazer grande coisa. O senhor Wolfe lamenta muito...

— Muito bem, atalhou Perry. — As nove, você disse?

— Estarei lá as nove em ponto.

— Venha a minha sala.

— De acordo. Fui lhe abrir a porta.

No escritório Harlan Scolvin continuava sentado na poltrona de couro junto da estante. Ao entrar vi que dormitava e que parecia velho e cansado, mas ao me ouvir se ajeitou e fixou em mim seus olhos brilhantes. Eu fiz girar minha cadeira para me sentar frente a ele.

— Você deseja ver Nero Wolfe? Assentiu.

— Essa era minha intenção. Sim, senhor.

— O senhor Wolfe estará ocupado até as seis e a essa hora tem outra reunião. Meu nome é Archie Goodwin. Sou o ajudante confidencial do senhor Wolfe. Talvez possa ajudá-lo?

— Escute-me, filho. Possuía uma voz suave apesar da idade e do rosto enrugado. Olhava-me com os olhos entreabertos. — Que tipo de homem é esse Nero Wolfe? Sorri.

— Um homem gordo. Moveu a cabeça com certa impaciência.

— Não vê que não é ocasião para brincar? Já viu que tipo de homem eu sou. Estou fora do meu condado. Piscou. — Diabos, vivo além das montanhas! Quem era esse homem que estava aqui quando cheguei?

— Só um homem. Um cliente do senhor Wolfe.

— Que tipo de cliente? Devem chamá-lo de alguma maneira.

— Suponho que sim. Da próxima vez que eu o vir vou perguntar. Posso lhe servir em algo?

— De acordo, filho, concordou. — Naturalmente que eu tive minhas suspeitas ao ver esse tipo de homem aqui e a esta hora, mas você já me ouviu comentar que não era Mike Walsh. E Deus sabe que não era a filha de Vic Lindquist. Obrigado por me deixar falar livremente. Pode me dar um pedaço de papel? Qualquer um.

Estiquei-lhe uma folha de papel de escrever a máquina que havia sobre minha mesa. Apanhou-a e segurando-a nas palmas de suas mãos e ante seu rosto se inclinou e deixou cair nela uma bola de tabaco mascado do tamanho de um ovo de galinha. Sou um bom observador, mas não havia suspeitado da sua existência. Embrulhou-a no papel e após ir jogá-la na lixeira voltou a ocupar seu lugar. Seus olhos me olharam piscando.

— Pelo visto não se ensina a cuspir na parte este do Mississippi. A mim não me importa, mas se John Orcutt estivesse aqui não teria tolerado. Mas você me perguntava se podia me ajudar em algo. Oxalá soubesse. Oxalá encontrasse um homem nesta cidade em quem poder confiar.

— Refere-se a um homem honrado, senhor Scolvin, sorri. — Deve ter formado essa ideia pelos filmes. Aqui há tantos como possa haver do outro lado das montanhas. Eu sou um deles. Sou tão honrado que a miúdo me custa acreditar. Nero Wolfe é quase tão bom como eu. Continue. Deve ter vindo aqui para soltar algo mais que esse mistura de tabaco.

Com os olhos fixos em mim levantou a mão direita passando seu dorso lentamente pelas abas de seu nariz, primeiro da esquerda para a direita e em seguida, após uma pausa, da direita para a esquerda. Fez um gesto de assentimento.

— Percorri cerca de dois mil quilômetros, desde Hiller County, Wyoming, para vir aqui por uma remota possibilidade. Vendi trinta reses para conseguir o dinheiro, e para mim, hoje em dia, são muitas reses. Até esta manhã não sabia que ia ver um homem chamado Nero Wolfe. Para mim é só um homem e um endereço escritos em um pedaço de papel que tenho em meu bolso. Tudo o que sabia é que ia ver Mike Walsh, a filha de Vic e a de Gilbert, e também era de supor que Jorge Rowley viesse e lhe afirmo que se o vejo e o que dizem for verdade poderei dispor de algumas cercas neste inverno onde prender algo mais que lagartixas e coiotes. De qualquer maneira você pode me dizer uma coisa. Ouviu falar de um tal Marquês de Clivers? Assenti.

— Li algo nos jornais referente a esse homem.

— Bom para você. Eu não leio muito. Uma das razões é que sou tão desconfiado que não acredito nem sequer no que leio, de modo que não creio que valha a pena ter alguma preocupação. Agora estou aqui porque suspeito. Deveria ter vindo as seis com os outros, mas como tinha tempo pensei que seria conveniente vir dar uma olhada. Quero ver esse Nero Wolfe. Você não tem aspecto de sair de noite para roubar cordeiros, mas quero ver Wolfe. O que me fez suspeitar na realidade, foi as duas filhas. Deus sabe como pode ser ruim um homem que não se conhece, mas duvido que

alguma vez se chegue a conhecer uma mulher o bastante para deixá-la solta por aí. A verdade é que nunca me preocupei porque não me pareceu que valesse a pena. Deteve-se e voltou a passar o dorso da mão pelas abas do nariz. Seus olhos brilharam. — Naturalmente que você deve pensar que falo muito. É verdade. Não vai lhe machucar, e é possível que lhe faça bem. Ali no Wyoming estive falando comigo mesmo como agora, no espaço de trinta anos, e se eu pude suportá-lo, você também poderá.

Tive a impressão de que teria que suportá-lo quisesse ou não, mas algo nos interrompeu: A campainha do telefone. Dei meia volta para atender a ligação e uma voz feminina me disse que não desligasse... E no momento seguinte outra voz chegava até mim.

— Goodwin? Antônio D. Perry. Acabo de chegar na minha sala e você deve vir em seguida. Cancele todos os compromissos que tiver, e se lhe ocasionar algum prejuízo eu o pagarei. Aqui a situação evoluiu. Em um táxi pode estar aqui dentro de cinco minutos.

Encantam-me essas pessoas que acreditam que o relógio para, a cada vez que eles exalam. Pelo tom de sua voz compreendi que era questão de dizer: Sim, sim, senhor, ou mandá-lo simplesmente ao diabo, mas eu sou um homem educado por natureza. De modo que lhe disse que bom.

— Virá em seguida?

— Disse-lhe que bom. Depositei o telefone e me voltei para o meu visitante. — Preciso deixá-lo, senhor Scolvin. Negócios urgentes. Mas se não ouvi mal, você foi convidado para a reunião que terá lugar aqui às seis, de modo que o verei novamente. Acertei? Assentiu.

— Mas escute, filho; quero perguntar...

— Sinto muito, preciso sair correndo. Uni a ação à palavra e o olhei da porta. — Não abrigue mais suspeitas a respeito desse homem chamado Nero Wolfe. É tão honrado quanto gordo. Até a vista.

Fui até a cozinha, onde Fritz tinha uns nove tipos de ervas espalhadas sobre o mármore, e lhe disse:

— Preciso sair. Voltarei às seis. Deixo a porta aberta para que possa ver a antessala. No escritório há um indivíduo que espera para a entrevista das seis, e se tiver tempo para lhe oferecer uma bebida e um prato de biscoitos, afirmo que ele merece. Se Wolfe descer antes que eu tenha voltado, diga que tem alguém no escritório.

Fritz concordou, mordiscando um pedacinho de estragão. Eu agarrei meu chapéu e saí.

* * *

Três

NÃO QUIS tomar um táxi, nem valia a pena apanhar o conversível, que estava junto a calçada como de costume, e em seguida ter que lutar para estacioná-lo. Da casa de Wolfe, situada no número trinta e cinco da Rua Oeste, perto do Hudson, onde ele havia vivido vinte anos e eu havia dormido no mesmo quarto durante oito, ao novo edifício Seaboard era só um pulo, já que também ficava junto ao rio. Eu o dei, considerando entretanto como era curioso o meu empreendimento. Por que Don Antônio D. Perry, presidente da Seaboard Products Corporation, tinha se incomodado de vir ao nosso escritório para nos dar conta de um roubo comum? Por que não telefonar? E se estava tão certo de que não havia sido Clara Fox, por acaso suspeitava que tentavam implicá-la... No quê?

Já tendo estado no edifício Seaboard, e inclusive, se quiserem acreditar, na sala do próprio presidente, soube encontrar o caminho. Lembrava-me do aspecto da encarregada do departamento de recepção do trigésimo segundo andar e por isso não esperei uma boa recepção, nem a tive. Também sabia que se chamava senhorita Vawter e assim me dirigi a ela, observando que suas orelhas formavam o mesmo ângulo de três anos antes. Esperava-me, e sem se preocupar em abrir seus finos lábios me indicou com um gesto o extremo do corredor.

Na sala de Perry, que era uma sala enorme, mobiliada segundo o estilo de O Escritório Ideal, com quatro janelas que permitiam ver o rio, me aguardava uma reunião. Ao entrar fechei a porta às minhas costas e olhei a todos. Perry se achava sentado atrás de sua mesa de costas para as janelas, com o cenho franzido e fumando um cigarro. Um homem ossudo de estatura mediana e cabelos um pouco mais grisalhos que os de Perry, olhos castanhos muito juntos e orelhas pontiagudas, estava sentado ao seu lado. De pé junto à mesa de Perry vi uma mulher de uns trinta e tantos anos, de nariz chato, que por seu aspecto poderia ter sido professora de escola. Pelo visto estivera chorando. Um pouco separada, e em outra cadeira, havia outra mulher que me dava as costas. Ao me aproximar a Perry pude ver seu perfil. Perry me dedicou um grunhido e disse aos outros:

— Este é o senhor Goodwin, do escritório de Nero Wolfe. E com diversas inclinações de cabeça foi me indicando sucessivamente a mulher sentada, a que estava em pé e ao outro homem: — A senhorita Fox. A senhorita Barish. O senhor Muir. Cumprimentei a todos e olhei para Perry.

— Você disse que o assunto evoluiu?

— Sim. Sacudiu a cinza de seu cigarro, e em seguida após olhar para Muir, voltou sua vista para mim. — Você conhece a maioria dos fatos, Goodwin. Vamos ao ponto. Quando retornei descobri que o senhor Muir havia chamado a senhorita Fox na sua sala, acusando-a de ter roubado o dinheiro e foi interrogada na presença da senhorita Barish. Isto era contrário às instruções dadas por mim. Agora insiste em chamar a polícia. Muir se dirigiu a mim em tom amável.

— Está presenciando uma discussão familiar, senhor Goodwin. Fixou os olhos em Perry. — Como já lhe disse, Perry, aceito todas as suas decisões em questões de negócios. Mas este é um assunto pessoal. O dinheiro foi roubado da minha sala. Eu era o responsável, sei quem o roubou, estou disposto a jurar ante um tribunal e tenho intenção de fazê-lo. Perry susteve seu olhar.

— Oh, bem! Disse-lhe que minha autoridade engloba todos os assuntos que se ventilam nestas salas. Seu tom teria podido servir para gelar um sorvete. — Pode estar disposto a jurar ante a autoridade e se expor a que o processem por falsa acusação, mas eu não consentirei que um vice-presidente desta companhia corra esse risco. Tive o cuidado de contratar o melhor homem da cidade de Nova Iorque, Nero Wolfe, para que investigue. Inclusive havia tomado medidas para que a senhorita Fox ignorasse que se suspeitava dela, antes que se levasse a cabo a investigação. Admito que eu não acredito que seja uma ladra. Essa é minha opinião, e se a evidência chegar a demonstrar que estou errado, então é porque estou.

— Evidência? Muir apertou as mandíbulas. — Um homem inteligente como Nero Wolfe tanto pode descobrir como encobrir, não é? Não sabemos para o que você lhe paga. Perry procurou sorrir.

— Você é um idiota, Muir, ao dizer uma coisa semelhante. Sou o presidente desta companhia, e comete uma estupidez ao dizer que eu posso trair seus interesses, sejam importantes ou triviais. O senhor Goodwin ouviu minha conversa com seu chefe. Pode lhe dizer para que o contratei.

— Não duvido de que poderia me dizer o que você lhe disse que me diga.

— Estou me cansando, Muir. Perry continuava sorrindo. — O tipo de insinuações que está fazendo podem se converter em algo sério. Não pode bravatear sem levar em conta a possibilidade de começar uma verdadeira luta, e eu não considero que deseje brigar por uma trivialidade semelhante.

— Trivialidade? Muir começou a tremer. Vi que a mão que tinha sobre o braço da poltrona se crispava. Afastou a vista de Perry para pousá-la em Clara Fox, sentada a certa distância, e seu olhar indicou que as trivialidades estavam fora de lugar. Claro que eu não sabia se a odiava por haver roubado os trinta pacotes o por tê-lo pisado num calo, mas de onde eu estava, me pareceu que era por algo muito mais importante que qualquer dessas duas coisas. Se os olhares matassem, ela já devia ser pelo menos uma moribunda. Ao se voltar para mim precisou controlar a voz. — Não lhe peço que repita a conversa que ouviu, senhor Goodwin, mas já que receberam instruções e insinuações do senhor Perry, eu também posso dá-las. E se pondo de pé veio se colocar na minha frente: — Imagino que uma parte importante de sua investigação será seguir os movimentos da senhorita Fox, para descobrir, se for possível, o que fez com o dinheiro. Quando você vê-la entrar em um teatro ou em um restaurante de luxo com o senhor Perry, não acredite que o estará gastando assim. Será o senhor Perry quem pagará. Ou se vir o senhor Perry entrar em seu departamento uma noite, não será para ajudá-la a se desfazer das provas. Sua visita obedecerá a algo muito diferente.

E dito isto, saiu da sala sem se apressar, fechando a porta após si sem ruído. Eu não o vi, ouvi; estava olhando para os demais. A senhorita Barish olhou para a senhorita Fox e ficou muito pálida. A única reação visível do senhor Perry foi apagar o cigarro no cinzeiro e em seguida afastá-lo. O primeiro movimento foi por parte da senhorita Fox, que se colocou de pé. Ocorreu-me pensar que devido à emoção provavelmente naquele momento estava mais bonita que o normal, mas ainda descontando um pouco, seria muito atraente. Apesar de minha imparcialidade, naquele instante me inclinei favoravelmente para ela, enquanto de pé se dirigia a Antônio D. Perry. Tinha o cabelo castanho, nem muito longo nem muito curto, uma auréola de cabelos penteados como descuidadamente, e seus olhos, também castanhos, davam a entender claramente que não diriam mais do que ela quisesse.

— Já posso sair, senhor Perry? Perguntou. — São mais de cinco horas e tenho uma reunião. Perry a olhou sem demonstrar estranheza. Sem dúvida a conhecia e respondeu:

— O senhor Goodwin vai querer falar com você.

— Eu sei. Não poderia ser amanhã de manhã? Preciso vir trabalhar amanhã?

— Claro. Dirija-se a Goodwin. É o encarregado deste assunto e é dele toda a responsabilidade. Movi a cabeça.

— Perdoe-me, senhor Perry. O senhor Wolfe disse que ele decidiria se levaria ou não este assunto adiante depois de realizar uma investigação preliminar. E no que se refere a senhorita Fox, amanhã de manhã me parece muito bom. Olhei-a: — As nove? Assentiu.

— Não é que tenha algo a dizer acerca do dinheiro, a não ser que eu não o apanhei e que nunca o vi. Já disse isso ao senhor Perry e ao senhor Muir. Então, posso sair? Boa noite.

Comportava-se com frieza e suavidade. Por seu modo de agir ninguém teria dito que tivesse a menor suspeita de que se encontrava em uma situação difícil. Em sua despedida incluiu a todos, e dando meia volta saiu da sala com a presteza e segurança de um gamo ignorante da escopeta e do dedo que aperta o gatilho. Quando a porta se fechou, Perry se voltou rapidamente para mim.

— Por onde quer começar, Goodwin? Serviriam de algo as impressões digitais que possa haver na gaveta de Muir? Movi a cabeça sorridente.

— Não preciso. Gostaria de conversar com Muir. Deve compreender que não é possível deter a senhorita Fox só por haver estado em sua sala. Talvez acredite saber onde está o dinheiro. Perry explicou:

— A senhorita Barish é a secretária do senhor Muir. Olhei a mulher de nariz chato que estava de pé, e lhe disse:

— Foi você quem copiou a máquina o cabograma enquanto a senhorita Fox estava na sala do senhor Muir? Você observou...? Perry interveio.

— Poderá falar com a senhorita Barish mais tarde. Olhou o relógio de parede, que marcava cinco e vinte. — Ou se preferir pode fazê-lo agora aqui mesmo. Fez girar a poltrona e se colocou em pé. — Se precisar de mim estarei na sala da diretoria, no outro extremo do corredor. Agora preciso assistir a uma reunião. Não demorarei muito. Direi a Muir que fique e também a senhorita Vawter se você deseja vê-la. Havia dado a volta na mesa e se deteve. — Quero dizer uma coisa referente a Muir, Goodwin. Aconselho-lhe que esqueça sua ridícula saída. Está crispado e nervoso e a verdade é que é muito velho para resistir à tensão a que deve se submeter hoje em dia um homem de negócios. Fará isso?

— Claro. Levantei a mão. — Deixe que delire. Perry franziu o cenho e saiu da sala.

A melhor cadeira visível era a que Perry acabava de se levantar, de modo que fui ocupá-la. A senhorita Barish permaneceu em pé com os ombros caídos, retorcendo o lenço e sem me olhar. Eu lhe disse em tom amistoso:

— Sente-se... Aí, onde estava Muir. De modo que você é a secretária do senhor Muir.

— Sim senhor. Sentou-se na ponta da cadeira.

— Tem sido sua secretária nos últimos onze anos.

— Sim, senhor.

— Não me chame de senhor. De acordo? Disse que Muir revisou seus pertences na sexta-feira passada e não encontrou o dinheiro? Seus olhos se ensombreceram.

— Claro que não encontraram.

— Bem. Revistaram sua salinha?

— Ignoro. Não me importo que o façam.

— Não se irrite. A mim tampouco importa. Depois que você copiou o cabograma e devolveu o original a senhorita Fox no escritório do senhor Muir, o que ela levava na mão quando saiu?

— O cabograma.

— Mas onde levava os trinta pacotes? Dentro dos sapatos? Não apareciam? A senhorita Barish apertou os lábios para demonstrar que não estava de humor para brincadeiras.

— Eu não notei que a senhorita Fox tivesse levado algo mais que o cabograma. Já disse ao senhor Muir e ao senhor Perry. Só levava o cabograma. Sorri.

— E agora está você dizendo ao senhor Goodwin que você não viu que a senhorita Fox levasse outra coisa que esse cabograma. De acordo. É amiga da senhorita Fox?

— Não. Uma verdadeira amiga, não. Não gosto dela.

— Isso é sinceridade. Por que não gosta?

— Porque é extremadamente atraente e eu não. Porque está a só três anos na casa e poderia se converter na secretária particular do senhor Perry agora mesmo se quisesse, e esse é o trabalho que eu tenho desejado desde que estou aqui. E também porque é mais inteligente que eu. Olhei para a senhorita Barish com mais interesse, surpreso por sua franqueza. Decidido a verificar até onde esta chegava, perguntei:

— Quanto tempo faz que a senhorita Fox é a amiga do senhor Perry? Baixando os olhos moveu a cabeça. Ao fim voltou a me olhar. Tentei por outro lado. — Então me diga isto: Quanto tempo faz que o senhor Muir tenta afastá-la de Perry?

Seus olhos voltaram a ensombrecer e seu rubor desapareceu. Olhou-me e por fim se colocou em pé retorcendo o lenço. Sua voz tremia, mas não parecia se importar.

— Não sei se isso é assunto seu, senhor Goodwin, mas com certeza não é meu. Não compreende...? Não se dá conta da tentação que representa para mim? Não poderia dizer que a vi sair levando algo daquela sala? Retorceu o lenço com mais fúria. — Pois... Não digo. Acaso não hei de conservar o respeito que devo a mim mesma? Não sei nada disto, mas não acredito que Clara Fox tenha sido amiga de alguém. Não tem necessidade e é muito esperta. Tampouco não sei nada desse dinheiro, mas se você deseja continuar me fazendo perguntas para ver se eu sei, adiante.

— A entrevista terminou, lhe disse. — Pode ir para sua casa. Talvez precise de você amanhã de manhã, ainda que duvide.

Ficou pálida com a mesma rapidez que antes havia enrubescido. Decididamente era uma criatura muito impressionável. Levantei-me da poltrona de Perry e fui até a porta, e a mantive aberta. Ela passou ante mim retorcendo o lenquinho e murmurando: “Boa noite”. Fechei a porta. Procurei um cigarro e ao ver que não tinha nenhum, fui até as janelas para ver a rua. Como havia suspeitado, aquilo não estava nada claro. Do ponto de vista do negócio, era evidente que o que convinha fazer era voltar e dizer a Nero Wolfe que se negasse a permitir que os dirigentes administrativos da Seaboard Products Corporation utilizassem nosso escritório como lavanderia onde lavar sua roupa suja. Mas algo me impedia, e era minha curiosidade profissional sobre Clara Fox: Se as ladras eram

tão frias e calmas quanto ela, havia chegado o momento de descobrir. E se não era, me repugnava instintivamente a ideia de que estivessem montando um complô contra ela e me resistia a deixá-la naquelas circunstâncias.

Estava bastante desgostoso, e agora aumentara meu desgosto. Depois de ficar olhando um tempo pela janela, procurei de novo um cigarro sem resultado. Andei pelo Escritório Ideal olhando tudo e em seguida saí ao corredor. Estava deserto. Claro que já não era hora de trabalho. Em toda sua extensão e largura não havia o menor movimento, e estava um pouco mais escuro do que quando entrei, já que não haviam acendido mais luzes e no exterior estava escurecendo. Em um de seus lados havia várias portas e do outro extremo a dupla porta fechada da sala da diretoria. Ouvei uma tosse e ao me voltar vi a senhorita Vawter, a encarregada do departamento de recepção, sentada em um canto, sob uma lâmpada e lendo uma revista. Disse-me com aspereza:

— Fiquei porque o senhor Perry disse que talvez você quisesse falar comigo. Era toda sentimento.

— Fique, por favor. Onde fica a sala do senhor Muir? Indicou-me uma das portas e eu me dirigi a ela. Estava já a ponto de abri-la quando ela gritou:

— Não pode entrar dessa maneira! O senhor Muir saiu.

— Se quiser interromper o senhor Perry na sua reunião, vá até lá e dê o alarma. Estou investigando, lhe respondi.

Entreí, fechando a porta atrás de mim, depois de procurar o interruptor da luz, acendi-o. Ao fazê-lo outra porta se abriu e apareceu a senhorita Barish, que se deteve sem dizer nada. Comentei:

— Achei ter dito que fosse para casa.

— Não posso. Não mudou de cor. — Quando o senhor Muir está aqui não posso sair até que ele me autorize. Está em uma reunião.

— É essa a sua sala? Posso entrar?

Passou para um lado para me deixar entrar. Era uma sala bonita e pequena com uma janela e a costureira máquina de escrever ao lado de um fichero. Deixei que meus olhos a percorressem em detalhe e em seguida perguntei:

— Importar-se-ia em me deixar aqui um minuto com a porta fechada enquanto você vai até a mesa do senhor Muir e abre e fecha um par de gavetas? Gostaria de ver o ruído que faz.

— Estava escrevendo a máquina, replicou.

— É verdade. Bem; esqueça. Venha me mostrar em que gaveta estava o dinheiro.

Começou a andar diante de mim e ao chegar na mesa de Muir abriu uma das gavetas, a segunda da parte superior direita. Em seu interior só havia um monte de envelopes. Eu a fechei, voltando em seguida a abri-la e fechá-la, sorrindo ao recordar a insinuação de Perry acerca das impressões digitais. Em seguida me afastei da mesa e dei uma volta pela sala. Era simplesmente o escritório de um vice-presidente, algo menor e mais modesto que o de Perry, mas magnífico. Observei um detalhe, ou melhor dito, três, que saíam um pouco do comum. Nas paredes não havia nenhum retrato de Abraham Lincoln, nem a cópia da Declaração da Independência, mas três fotografias distintas e de

bom tamanho de três mulheres atraentes. Voltei-me para a senhorita Barish, que continuava de pé junto a mesa.

- Quem são essas belas damas?
- São as esposas do senhor Muir.
- Não! Ante Deus? E morreram?
- Não sei. Nenhuma delas vive agora com ele.
- Que pena! Pelo visto ele é um sentimental.
- O senhor Muir é um libertino.

Voltava a falar com toda franqueza. Consultei meu relógio. Eram quinze para as seis. Restavam-me outros cinco minutos, que pensei poderia aproveitá-los falando com ela. Comecei a interrogá-la, mas apesar de parecer desejosa de se arriscar a conversar comigo não consegui nada de concreto. Todo o que descobri já sabia... Que não tinha motivos para supor que Clara Fox teria se apoderado do dinheiro, e se aquilo era um complô tramado contra ela, não tinha nada a ver com ele. Quando cinco minutos depois me dispus a ir embora a porta se abriu e Muir entrou. Ao nos ver, se deteve e em seguida se aproximou de sua mesa.

- Pode ir embora, senhorita Barish. Sente-se, Goodwin, se deseja falar comigo. A senhorita Barish desapareceu para sua salinha.
- Não vou entretê-lo agora, senhor Muir, atalhei-o. — Suponho que estará aqui de manhã.
- Onde iria estar se não aqui?

Esse tipo de comentário nunca me irrita. Sorri ao idoso e deixei-o com um: “Até amanhã.” Fora, no corredor, a poucos passos da sala do diretor havia um grupo de quatro ou cinco homens conversando. Vi que Perry estava entre eles e me aproximei. Ao me ver saiu ao meu encontro.

- Acabei por esta tarde, senhor Perry, disse. — Deixemos que Muir tenha ocasião de se acalmar. Informarei tudo a Nero Wolfe. Perry franziu o cenho.
- Pode telefonar para a minha casa a qualquer hora desta noite. O número está na lista.
- Obrigado. Direi a ele.

Ao passar ante a senhorita Wawter a caminho da porta, ainda continuava no mesmo canto com sua revista, e lhe disse com a boca ladeada:

- Verei-a no Salão Arco Íris.

* * *

Quatro

UMA VEZ na rua, caminhando na direção norte até a Rua Trinta e Cinco, deixei que meus pensamentos vagassem de uma coisa a outra, e concluí que a situação em que Clara se encontrava era mais que confusa. Haveria acendido o fogo ela mesma? Deixei a pergunta sem resposta. Cheguei a casa às seis em ponto, e sabendo que Wolfe não desceria antes de uns minutos fui ao escritório para ver se a maravilha do Wyoming havia imaginado novas suspeitas e se os seus colegas haviam chegado. O escritório estava vazio. Fui na sala contígua para ver se havia transferido para ali a sua base, mas tampouco tinha alguém ali. Entrei na cozinha e perguntei a Fritz, que sentado e sem sapatos lia um jornal em francês:

— Que fez com ele?

— Com quem? Ah, o monsieur... Fritz riu baixinho. — Perdoe-me, Archie. Refere-se ao cavalheiro que estava esperando?

— Sim, a esse.

— Recebeu uma ligação telefônica. Fritz se inclinou para calçar os sapatos. — Já é hora do senhor Wolfe descer!

— Telefonaram para aqui? Fritz concordou.

— Quase meia hora depois de você ir embora. Talvez mais. Espere. Foi até onde estava o telefone da cozinha e olhou a agenda. — Eram cinco e vinte e seis. Vinte e seis minutos depois das cinco.

— Quem era?

— Como vou saber, Archie? Um cavalheiro disse que desejava falar com o senhor Scolvin no caso de que se encontrasse aqui, e eu fui ao escritório e perguntei se ele era o senhor Scolvin; falou no telefone da mesa e em seguida pegou o chapéu e saiu.

— Deixou algum recado?

— Não. Eu havia voltado para a cozinha depois de fechar a porta do escritório para que falasse com tranquilidade, mas deixando esta aberta como você disse, mas ele saiu a toda pressa. Não disse nada. Eu dei de ombros.

— Voltará. Deseja ver um tal de Nero Wolfe. Qual é o menu de hoje?

Fritz me disse em que consistia, me deixando cheirar a frigideira fumegante que havia sobre o fogão; em seguida ouvi o elevador e retornei ao escritório. Wolfe, ao entrar, foi diretamente para sua cadeira; chamou para que lhe trouxessem cerveja, e por fim me dedicou um olhar.

— A tarde foi agradável, Archie?

— Não, senhor. Desastrosa. Fui ao escritório de Perry.

— De um homem de ação se deve esperar semelhantes decisões. Conte-me tudo.

— Bem, Perry saiu daqui enquanto eu descia, mas oito minutos depois telefonou, me dizendo que fosse para lá a toda pressa. Tendo em conta os interesses do meu chefe fui em seguida.

Fritz chegou com duas garrafas de cerveja. Wolfe destapou uma e se serviu um copo.

— Continue.

— Sim, senhor. Confio em sua inteligência, porque gostaria de lhe mostrar este retrato antes que cheguem as visitas, que por certo já estão atrasadas dez minutos. A propósito, o visitante que estava aqui já se foi. Disse fazer parte da reunião das seis e que esperaria, mas Fritz diz que recebeu uma ligação telefônica e saiu a toda pressa. Pode ser que a reunião se tenha desbaratado. De todas as maneiras aqui tem o quebra-cabeça de Perry...

Expus tudo do modo que ele gosta, com toda sorte de detalhes, não importa quanto triviais sejam. Contei-lhe qual era o aspecto de cada um deles, o que faziam e o que disseram palavra por palavra. Enquanto isso ele bebeu uma garrafa de cerveja e boa parte da segunda antes que eu terminasse. Eu me reclinei em minha cadeira e tomei um gole do copo de leite que havia trazido da cozinha. Wolfe coçou o nariz.

— Puf! Hienas! E quais são suas conclusões?

— Que talvez sejam hienas. Sim. Tomei outro gole. — Em principio Perry não me agrada, mas é possível que esteja empregando toda a decência que tenha lhe restado depois de uma vida infame. Você me proibiu utilizar a palavra piolho; de maneira que direi que Muir é um inseto. Clara Fox é o ideal de meus sonhos, ainda que não tanto para não acreditar que pode ter apanhado a grana, se bem que me surpreenderia. Wolfe concordou.

— Deve recordar que há quatro anos Perry colocou inconvenientes a uma fatura nossa por uma investigação das práticas comerciais de um de seus competidores. Presumo que agora quer que limpemos o barro de seus escritórios por doze dólares diários. Nem sempre é conveniente limpar o barro; há muito. De modo que por isso proporciona maior prazer limpá-lo quando se pode. Na atualidade nosso estrato bancário é agradável de contemplar. Puf! Esvaziou o seu copo e secou os lábios com o lenço.

— De acordo, concordei. — Mas há que levar em conta outra coisa. Perry deseja que você lhe telefone esta noite. Se você se encarregar do caso e o levar adiante, pelo menos cobriremos gastos; e se não, darão a Clara Fox cinco anos de cadeia por roubo em grande escala e eu precisarei me transferir a Ossining para ficar próximo dela e lhe levar chocolates nos dias de visita. Pese bem a limpeza do barro contra a perda dos meus serviços... Parece que chegaram as visitas. Mais tarde continuarei minha apelação.

Havia ouvido a campainha da porta, que fez Fritz acudir a antessala. Olhei o relógio. Seis e trinta, meia hora atrasados. Recordei a atraente voz que me falou por telefone, me perguntando se nos encontraríamos ante outra ninfa em apuros, fria e doce. Fritz entrou fechando a porta atrás de si e anunciou os recém-chegados. Wolfe concordou. Fritz retornou poucos instantes depois com um homem e duas mulheres. Apenas me fixei no homem e em uma das mulheres, porque estava muito ocupado contemplando a outra. Claro que era uma ninfa em apuros, doce e fria, e evidentemente havia ouvido falar bastante de Nero Wolfe para reconhecê-lo, já que após lhe dirigir só um rápido olhar se aproximou de sua mesa e lhe disse:

— Senhor Wolfe? Telefonei-lhe no sábado. Sinto ter me atrasado. Meu nome é Clara Fox. Voltou-se. — Esta é a senhorita Hilda Lindquist e o senhor Michael Walsh. Wolfe os cumprimentou com uma inclinação de cabeça.

— É minha corpulência o que me faz permanecer sentado, não a grosseria. Apontou-me com um dedo. — O senhor Archie Goodwin. Cadeiras, Archie. Obedeci enquanto Clara Fox dizia:

— Esta tarde conheci o senhor Goodwin, no escritório do senhor Perry.

Eu pensei: claro, e por não ter reconhecido sua voz deveriam me prender na cela contígua a sua quando a levem rio acima.

— Certo. Wolfe havia entreaberto os olhos, o que significava que não perdia detalhe. — A cadeira do senhor Walsh na direita, por favor. Obrigado. A senhorita Fox estava retirando as luvas.

— Em primeiro lugar quero explicar o porquê de nosso atraso. Disse por telefone que não podia marcar a reunião antes de segunda-feira porque esperava certa pessoa de fora da cidade que precisaria estar aqui. Era um homem do Oeste chamado Harlan Scolvin. Chegou esta manhã e eu o vi na hora do almoço e marcamos que iríamos apanhá-lo no seu hotel às cinco e quinze para trazê-lo aqui. Fui procurá-lo, mas não estava. Esperei e... Bem, quis fazer algumas averiguações. Em seguida me reuni com a senhorita Lindquist e o senhor Walsh, como havíamos marcado, e juntos regressamos novamente ao hotel do senhor Scolvin. Aguardamos até as seis e quinze e decidimos que seria melhor vir sem ele.

— É imprescindível sua presença?

— Eu não diria tanto. Pelo menos neste momento. Deixamos recado para que se reunisse aqui conosco quando chegasse. Deve vê-lo antes que possamos fazer alguma coisa. Devo adverti-lo, senhor Wolfe, que tenho uma história muito longa para contar.

Não havia me olhado nem uma só vez. Decidi parar de olhá-la e me dedicar aos seus companheiros. Eram tipos comuns. Claro que recordava Harlan Scolvin dizendo a Antônio D. Perry que não era Mike Walsh. Pelo visto era aquele pássaro. Um homenzinho magro como um arame, com mais de sessenta anos, vestindo roupas baratas ainda que limpas, sentado na metade de sua cadeira e fazendo viseira com a mão direita em seu ouvido. A senhorita Lindquist, de rosto quadrado, vestia um bom traje castanho, e tinha estatura, ainda que não podia se dizer que fosse maciça, em primeiro lugar porque só seria a metade da verdade, e em segundo porque podia ter me pegado. Adivinho que era uma mulher fina, algo mais apta para ter entre suas mãos uma xícara de café que um copo de champanha. Ao recordar além disso a Harlan Scolvin me parecia, que fosse qual fosse o jogo para o qual se preparava a senhorita Fox, estava escolhendo uns tipos um tanto estranhos para formar sua equipe. Wolfe havia lhe dito que quanto mais longa fosse a história, mais rápido devia começar e ela estava dizendo:

— Começa há quarenta anos atrás, em Silver City, Nevada. Mas antes de começar, senhor Wolfe, devo lhe dizer algo que deverá interessá-lo. Averigui o quanto pude a respeito de você e entendi que possui notáveis habilidades e formada opinião igualmente notável de seu valor efetivo para as pessoas para quem trabalha. Wolfe suspirou.

— Cada um de nós deve escolher seu sistema de ganhar a vida, senhorita Fox.

— Claro. Isso é o que eu fiz. Se conseguir nos ajudar e se tiver êxito, receberá cem mil dólares.

Mike Walsh se inclinou para diante e grunhiu:

— Dez por cento! Não é muito? Hilda Lindquist o olhou franzindo o cenho, e Clara Fox não lhe fez o menor caso. Wolfe disse:

— O valor é relativo. Não podem me contratar para que lhes alcance a lua. Ela começou a rir, e ainda que eu havia apanhado meu bloco de notas decidi olhá-la durante as pausas.

— Não será isso, disse. — Vai anotar tudo senhor Goodwin? Deixo bem entendido que se você decidir não nos ajudar, deverá me entregar todas as suas anotações? Prudente Clara. As rugas das faces de Wolfe se estiraram um tanto.

— Com certeza.

— De acordo. Alisou o cabelo. — Disse que começava há quarenta anos atrás, mas não começarei por ali. Mas sim quando eu tinha nove anos, em mil novecentos e dezoito, o ano em que meu pai foi morto na guerra, na França. Não me lembro muito de meu pai. Mataram-no em mil novecentos e dezoito mas antes enviou para minha mãe uma carta que ela não recebeu até um ano mais tarde, porque em vez de confiá-la ao correio do exército, entregou-a a outro soldado para que a trouxesse. Minha mãe a leu então, mas eu não conheci sua existência até sete anos depois, em mil novecentos e vinte e seis, quando ela me entregou em seu leito de morte. Eu tinha dezessete anos e amava profundamente minha mãe. Deteve-se.

Ficaria bem em qualquer filme porque naquele momento tinha os olhos úmidos e a voz quebrada, mas pelo visto só havia se detido para engolir saliva. Fez isso um par de vezes. Durante a pausa estive olhando-a. Em seguida continuou:

— Não li a carta até um mês mais tarde. Sabia que meu pai a havia escrito para minha mãe oito anos antes, e minha mãe não mais vivendo já não me parecia que pudesse ter importância para mim. Mas devido ao que minha mãe dissera um mês antes de morrer a li. Trouxe-a comigo e precisarei lê-la.

Abriu sua carteira de pele de lagarto e apanhou um papel dobrado. Depois de desdobrá-lo se voltou para Wolfe.

— Posso lê-la?

— Vejo que está escrita a máquina. Assentiu.

— Isto é uma cópia. O original está guardado. Afastou os cabelos do rosto com um gesto parecido ao dos pássaros. — Não está completa. É só... Só a parte que preciso ler.

De modo, queridíssima Lola, já que aqui um homem não pode dizer o que vai lhe acontecer nem quando, decidi lhe escrever para contar um pequeno incidente ocorrido na semana passada e fazer de modo que chegue até você com segurança, no caso de que eu nunca regresse para casa. Precisaré retroceder. Tenho lhe contado muitas loucuras dos dias vividos em Nevada. Esta também já lhe contei, mas vou repeti-la novamente. Aconteceu em Silver City, em mil oitocentos e noventa e cinco. Eu tinha vinte e cinco anos, de modo que foi dez anos antes que a conhecesse e fazia parte de uma quadrilha de menores da que vou lhe falar. Todos eram menores, exceto um. Não éramos amigos, porque ali não se conhecia a amizade. A maioria dos aproximadamente dois mil que habitavam o acampamento de Silver City naquela época eram muito mais velhos que nós, e por isso andávamos sempre juntos... Temporalmente. Tudo era temporal! O cabeça de nossa quadrilha era um garoto que chamávamos de "Rubber" (Borracha) pela facilidade com que se levantava quando o derrubavam com um soco. Seu nome era Coleman, mas nunca soube seu nome de batismo, ou se cheguei a saber não consigo lembrar, ainda que tenha tentado a miúdo. Já que "Rubber" era nosso chefe, alguém brincou certo dia de que deveríamos nos chamar de "A quadrilha de Rubber", e assim o fizemos. Em pouco tempo todo Silver City nos chamava assim. Um da quadrilha, chamado Jorge Rowley, disparou contra um homem e derrubou. Pelo que ouvi... Eu não presenciei... Tinha tanto direito a disparar como se fazia ali geralmente, mas o ruim do caso foi que o morto era membro do Comitê de Vigilância. Uma noite, vinte e quatro

horas depois, decidiram enforcá-lo. Rowley não teve o bom senso suficiente de cair fora, e por isso o prenderam até que ficasse de dia, colocando como guardião um irlandês. Como diria Harlan Scolvin... Nunca esquecerei Harlan... Era uma “espécie” de homem chamado Mike Walsh. Rowley foi até o guardião, Mike Walsh. Quero dizer que não parou de falar, e por fim, lá pela meia-noite, o convenceu para que fosse procurar Coleman, “Rubber”. Coleman falou com ele e com Mike. Em seguida estivessem conspirando e “Rubber” esteve conversando muito com Rowley. Nós estávamos reunidos na escuridão dos arbustos, atrás do John's Palace, em uma choça nas cercanias da cidade...

Clara Fox levantou os olhos.

— Meu pai sublinhou a palavra cidade.

— Muito apropriadamente sem dúvida, replicou Wolfe. Ela continuou:

...E havíamos bebido muito. Lá pelas duas “Rubber” apareceu outra vez e acendeu vários fósforos para nos mostrar um papel que Jorge Rowley havia assinado tendo por testemunhas ele e Mike Walsh. Não posso repetir palavra por palavra, mas isto é exatamente a essência do que dizia: Que seu verdadeiro nome não era Jorge Rowley, e que não queria dizer por escrito, mas que o disse a Coleman, “Rubber”. Dizia que pertencia a uma endinheirada família da Inglaterra, e que se saísse com vida de Silver City regressaria para lá e que algum dia teria sua parte da herança familiar... Que não seria muito grande, já que não era o filho mais velho. Em seguida acordava que fosse e o que fosse que conseguisse das suas relações familiares, haveria de nos dar a metade disso, se nós o retirássemos com vida de Silver City antes que chegasse a hora de enforcá-lo. Éramos jovens, e ainda que aventureiros, estávamos meio bêbados ou talvez mais que isso. Duvido que algum de nós pensasse em chegar a fazer parte nas riquezas da nobreza inglesa, com a possível exceção de Coleman “Rubber”, mas a ideia do resgate noturno de um membro de nossa quadrilha nos parecia suficientemente atraente. “Rubber” tinha preparado outro papel escrito, e encabeçado assim: PACTO DA QUADRILHA DE RUBBER e que todos assinamos. Já havia sido previamente assinado por Mike Walsh. Por ele nos comprometíamos a repartir equitativamente tudo o que nos viesse de Jorge Rowley, sem importar quem o recebesse ou quando. Todos nós estávamos sem dinheiro, exceto Vic Lindquist, que tinha uma bolsa cheia de ouro em pó. Foi coisa de “Rubber” que incluíssemos o “Tartaruga” no pacto. “Tartaruga” era um velho jogador que possuía o cavalo mais veloz de Silver City. Não é que tivesse categoria para ter esse tipo de cavalo; mas dava a casualidade de que o havia ganhado jogando pôquer poucos dias antes. Eu fui com “Rubber” na cabana de “Tartaruga”. Oferecemos-lhe o pó de Vic Lindquist em troca do cavalo, mas ele disse que não era suficiente. Isso nós já esperávamos. Então “Rubber” explicou o que acontecia lhe contando toda a história e oferecendo uma parte igual a de cada um de nós pelo cavalo, além do pó. “Tartaruga” estava ainda meio adormecido. Por fim compreendeu do que se tratava; piscou e de repente batendo nos joelhos começou a rir às gargalhadas dizendo que sempre havia desejado possuir parte da Inglaterra, e que de qualquer maneira era provável que perdesse o cavalo antes de ter a oportunidade de montá-lo. Coleman apanhou o PACTO DA QUADRILHA DE RUBBER e “Tartaruga” não quis que se adicionasse o seu nome, porque não queria ver seu nome escrito em alguma parte. Confiava em que nós haveríamos de entregar a sua parte. “Rubber” desenhou uma fatura da venda do cavalo, que “Tartaruga” também se negou a assinar; disse que eu estava ali como testemunha, que o cavalo era nosso e que isso bastava. Colocou as botas e nos levou ao curral de Johnson, onde montamos no cavalo, um alazão de cara branca e regressamos por detrás das choças e tendas ao longo do canal, até onde estava a quadrilha.

Resgatamos Jorge Rowley sem dificuldade. Já me ouviu contar... Como afrouxamos um par de tábuas e em seguida colocamos fogo na cabana onde estava preso. Aproveitando o alvoroço que se armou, ele conseguiu escapar e Mike Walsh, que não errava um tiro, esvaziou duas pistolas disparando contra ele sem acertá-lo. Rowley montou o cavalo e desapareceu antes que se dessem conta e ninguém se preocupou em persegui-lo, já que estavam muito ocupados apagando o fogo. A história veio à luz mais tarde pelo motivo da compra do cavalo de “Tartaruga”, mas naquela época a gente pensava em outras coisas, e de qualquer maneira a acusação maior contra nós era o ter colocado fogo na cabana embora não pudessem provar. Teria sido diferente se o homem que ajudamos a escapar tivesse feito algo realmente criminoso, como fazer trapaça no jogo ou roubar o ouro de outro. Que eu saiba, nenhum de nós voltou a ver ou saber alguma coisa de Rowley desde aquela noite. Já me ouviu dizer vinte vezes, quando você e eu passávamos mal, que gostaria de encontrá-lo para saber se me devia algo, mas sabe que nunca mais o vi. Mas recentemente aqui na França aconteceram duas coisas que me fizeram recordá-lo. A primeira é um pensamento que não se afasta da minha mente: se morrer aqui, o que vou deixar para você e a pequena? Minha querida filhinha Clara... Deus meu, como gostaria de vê-la... E a você! De que me serve dizer tudo isto quando é inútil? Mas me poria de pé e deixaria que os alemães me matassem com um tiro amanhã de manhã se pudesse vê-las neste mesmo momento. A resposta a minha pergunta é... Nada. Minha vida teria terminado mais inutilmente que começou, deixando minha mulher e a minha filha absolutamente sem nada.

A outra coisa é que vi Jorge Rowley. Foi na semana passada. É possível que tenha lhe dito que lhe faltava o lóbulo da orelha direita... Disse que o havia cortado na Austrália... Mas não o conheci por isso na realidade. É provável que em minha mente se gravasse a sua imagem e soube em seguida que era ele. Depois de vinte e três anos! Eu me encontrava em um destacamento de reconhecimento a um quilômetro das trincheiras da frente estendendo novas linhas de comunicação, quando se aproximou um grande

automóvel britânico. O carro se deteve. Nele iam quatro oficiais britânicos e um deles me chamou para me perguntar a direção do quartel general de nossa divisão. Eu a dei, e ele, olhando minha insígnia, me perguntou se nós os americanos permitíamos que nossos capitães cavassem trincheiras. Eu havia visto por sua insígnia que era General de Brigada. Sorrindo, lhe disse que em nosso exército todo o mundo trabalhava exceto os soldados rasos. Olhou-me mais detidamente e exclamou: Céus, mas é Gil Fox! Eu respondi: Sim, senhor. General Rowley? Assentiu com a cabeça e rindo disse ao chofer que continuasse. O carro arrancou e ele me cumprimentou com a mão.

De modo que está vivo, ou pelo menos estava na semana passada, e não precisamente em um asilo, ou como o chamem na Inglaterra. Procurei descobrir quem era, mas sem resultado. Talvez consiga depois. Entretanto, lhe escrevo para lhe contar tudo isto e dispor disso, já que, ainda que possa parecer loucura, o caso é que é a única coisa algo parecido a um legado que posso deixar para você e a Clara. Ao fim e ao cabo, naquela noite em Silver City arrisquei minha vida por um papel escrito, e se esse inglês está nadando na abundância não vejo razão para que não pague. Confio que fará todo o possível para que ele cumpra, não só por você, mas também por nossa filha. Isto talvez pareça um melodrama, mas as coisas que acontecem aqui fazem ser assim. Tão logo descubra quem é, pedirei que me envie esta carta para agregá-la.

Outra coisa. Se o encontrar e conseguir um bom bocado, não deve empregá-lo em pagar os vinte e seis mil dólares que devo a essa gente da Califórnia. Tem que prometer. Deve fazê-lo, querida Lola. Este legado deixo para você e para Clara; não a eles! Digo isto porque não ignoro que sabe quanto me preocupou essa dívida durante dez anos. Ainda que na realidade não fosse responsável por esse enredo, é certo que nada teria me satisfeito mais neste mundo que poder resolvê-lo, exceto vê-las, mas se morrer, esse assunto morrerá comigo. Claro que se conseguir tanto dinheiro que sobrasse... Mas milagres assim nunca acontecem. Se conseguir algo, deve ser repartido com o resto da quadrilha, se puder encontrá-los. Não sei nada de nenhum deles, excetuando Harlan Scolvin e estou sem saber dele há vários anos. O último endereço dele está anotado no livrinho vermelho que está na gaveta da sala. Uma das dificuldades é que não tenho o papel que Jorge Rowley assinou. De comum acordo Coleman "Rubber" o guardou junto com o PACTO DA QUADRILHA DE RUBBER. Talvez consiga encontrar Coleman. Ou pode ser que Rowley seja um indivíduo decente e lhe pague sem papel algum. As duas coisas me parecem improváveis. Diabos! É tudo uma ilusão. De qualquer maneira, tenho intenção de regressar para o seu lado sã e salvo, e se for assim, nunca lerá isto, a menos que o leve como recordação. Aqui tem os nomes de todos os que entrevistaram nisto: Jorge Rowley. Coleman. Ignoro seu nome de batismo. Victor Lindquist. Harlan Scolvin, já o conhece, procure-o primeiro. Mike Walsh, era um pouco mais velho, talvez tivesse uns trinta anos então; mas não era da quadrilha de Rubber. "Tartaruga" era muito mais velho, é provável que já tenha morrido, e só o conheço por este apelido. E o último, mas de nenhuma maneira o menos importante, seu amantíssimo, tanto que me custaria todo um ano lhe dizer, Gilbert Fox, quem assina a presente.

Clara Fox se deteve. Passou seus olhos de novo pela última frase e em seguida voltou a dobrar a folha e a guardá-la em sua carteira. Em seguida ajeitou o cabelo olhando para Wolfe. Ninguém disse nada. Por fim Wolfe suspirou.

— Bem, senhorita Fox. Ao fim das contas parece que quer você a lua. Ela moveu a cabeça.

— Sei quem é Jorge Rowley, e ele agora está em Nova Iorque.

— E esta senhorita, suponho... Wolfe a indicou com a cabeça, — Será a filha de Victor Lindquist. E este cavalheiro, assinalou-o também, — O senhor Walsh, que descarregou duas pistolas contra o senhor Rowley sem feri-lo.

— Poderia tê-lo acertado! Exclamou Mike Walsh.

— Acredito, senhor. E você, senhorita Fox, desejaria ardentemente ter esses vinte e seis mil dólares, com juros acumulados, para pagar as dívidas de seu falecido pai. Em outras palavras, você precisaria de mais ou menos uns trinta mil.

Ela olhou-o surpresa. Voltou os olhos para mim e em seguida novamente para Wolfe, a quem perguntou:

— Estou aqui como cliente, senhor Wolfe, ou como suspeita de roubo?

— No momento, nenhuma das duas coisas, e por favor não cometa a bobagem de se ofender. Se lhe exponho meu pensamento é só para economizar tempo e evitar desatinos. Acaso não estive escutando pacientemente por dez minutos apesar de que me desgosta que leiam em voz alta?

— Isso sim é que é um desatino.

— Claro. Creio que é, mas continuemos. Fale-me de Don Jorge Rowley.

Mas isso havia de ficar para mais adiante. Havia ouvido soar a campainha da porta, os passos de Fritz pela antessala e um murmúrio de vozes procedentes do exterior. Levantei a mão para deter Clara Fox enquanto me aproximava da porta do escritório, dando passagem a Fritz, que a fechou atrás dele.

— Chegou um homem que deseja vê-lo, senhor. Disse-lhe que estava você ocupado.

Pus-me de pé. Só há dois tipos de homens que Fritz não anuncia como cavalheiros: os que ele suspeita que tentam vender algo, e os policiais, estejam ou não de uniforme, que podia senti-los a um quilômetro de distância. De modo que me pus em pé de um salto e perguntei:

— É um policial?

— Sim, senhor. Voltei-me para Wolfe.

— Desde que vi hoje o senhor Muir olhando para a senhorita Fox não parei de pensar que ela devia levar um para-raios. Quer que a detenham aqui, ou na antessala?

— Está bem, Archie, replicou Wolfe. Eu me apressei a me apoiar contra a porta, que continuava fechada, e disse a Fritz em voz baixa apontando para a que dava para a sala contígua:

— Saia por ali e feche com chave a porta que separa essa sala da antessala. Obedeceu e eu me voltei aos outros: — Entrem lá e se sentem, e se não falarem, não os descobrirão. Walsh e a senhorita Lindquist me olharam com os olhos muito abertos. Clara Fox disse a Wolfe:

— Ainda não sou sua cliente.

— Nem tampouco suspeita, replicou ele. — Por aqui. Por favor obedecem ao senhor Goodwin.

Ela se levantou e os outros a seguiram. Fritz retornou e lhe disse que fechasse a porta e me entregasse a chave. Em seguida voltei a me sentar à minha mesa enquanto Fritz, a um sinal de Wolfe, ia na antessala a procura do recém-chegado. O policial entrou, e me surpreendi ao ver que o conhecia. Surpreendi-me, porque da última vez que soube de Slim Foltz, ele estava no Departamento de Homicídios, no escritório do promotor do distrito.

— Alô, Slim.

— Alô, Goodwin. Estava à paisana, e se aproximou de mim com o chapéu na mão. — Alô, senhor Wolfe. Sou Foltz, do Departamento de Homicídios.

— Boa noite, senhor. Sente-se. O policial deixou o chapéu sobre a mesa e se sentou. Colocando a mão em seu bolso apanhou um pedaço de papel.

— Há uma hora aproximadamente mataram um homem na rua. Cinco tiros. Assassinado. Este pedaço de papel estava em seu bolso com seu nome e este endereço escritos nele, junto com outros nomes. Sabe algo dele? Wolfe moveu a cabeça.

— Nada, exceto que morreu. Quer dizer, neste momento. Se conhecesse o nome talvez...

— Sim. O nome também estava no bolso em uma licença de caça do Estado de Wyoming. Harlan Scolvin.

— É possível que o senhor Goodwin possa ajudá-lo. Archie?

Eu pensava para mim: “Céus, menos mal que ao fim e ao cabo não veio com ela!” Mas ao mesmo tempo me alegrava que Clara não estivesse então na sala.

* * *

Cinco

S LIM FOLTZ me olhava.

— Harlan Scolvin? Disse. — Claro. Esteve aqui esta tarde. Foltz apanhou de seu bolso um pequeno bloco de notas e um lápis.

— A que horas?

— Chegou lá pelas quatro e meia, talvez um pouco antes, e saiu as cinco e vinte e seis.

— Que queria?

— Ver Nero Wolfe.

— Para quê? Movi a cabeça com pesar.

— Agora você me pegou, mister. Disse-lhe que precisaria esperar até as seis, de modo que ficou esperando.

— Deve ter dito algo.

— Claro que disse: que desejava ver Nero Wolfe.

— Que mais disse?

— Que pelo visto deste lado do Mississipi não se costumava cuspir e que desejava saber se deste lado das montanhas havia algum homem honrado. Não especificou para o que queria ver o senhor Wolfe. Nunca o havia visto, nem ouvido falar dele. Ah, sim, disse que acabava de chegar em Nova Iorque nesta mesma manhã vindo do Wyoming. A propósito... Só porque trazia essa licença no bolso... Era um homem de uns sessenta anos, de mais de um metro e noventa de estatura, vestindo um traje azul, de mangas muito curtas, de rosto vermelho e apergaminhado, chapéu de vaqueiro...

— Esse mesmo, grunhiu o policial. — Para que veio a Nova Iorque?

— Suponho que para ver Nero Wolfe. Sorri. — Essa é a resposta que conseguimos. Se quer dizer se ele nos deixou entrever para o quê queria vê-lo, não o fez.

— Viu Wolfe?

— Não. Já lhe disse que saiu às cinco vinte e seis. O senhor Wolfe nunca desce antes das seis.

— Por que não esperou?

— Porque recebeu uma ligação telefônica.

— Aqui?

— Nesta mesma sala. Eu não estava. Precisei sair e deixei esse pássaro esperando. Fritz Brenner, o cozinheiro do senhor Wolfe e orgulho da casa, atendeu a ligação. Quer vê-lo?

— Sim. Se não se importar.

Wolfe fez soar a campainha e Fritz entrou. Meu chefe lhe disse que devia responder às perguntas daquele cavalheiro, e Fritz, com um “Sim, senhor”, ficou em pé, muito erguido. Tudo o que Foltz conseguiu foi o mesmo que de mim. Havia anotado a hora da ligação telefônica seguindo as instruções de Wolfe para tratar com exatidão e detalhe as coisas da casa e do escritório. Foi um

homem quem ligou; não havia dado seu nome e Fritz não reconheceu a voz, nem ouviu a conversa. Harlan Scolvin havia saído imediatamente sem dizer nada. Fritz retornou para a cozinha. O policial franziu o cenho olhando o pedaço de papel.

— Não pensei encontrar este vazio. Vim aqui em primeiro lugar. Há outros nomes neste papel... Clara Fox. Michael Walsh. Michael está mal escrito. Hilda Lindquist, isso é o que parece dizer, e um tal marquês de Clivers. Suponho que você não... Intervi movendo a cabeça:

— Como lhe disse, quando esse Harlan Scolvin entrou aqui hoje às quatro e meia, nunca o havia visto. Nem a nenhum desses outros. Eram estranhos para mim. Estou certo de que também o são para o senhor Wolfe. Não é assim, senhor?

— Se os havia visto? Não. Mas creio ter ouvido falar de um deles. Não discutimos ontem sobre um tal Marquês de Clivers?

— Discutir? Ah, sim, senhor. Quando você deixou cair o dardo? Aquele pedaço de papel. Olhei para Foltz. — Ontem vinha um artigo no Times... Assentiu.

— Eu sei. O sargento me disse. Esse marquês está respaldado por uma potência estrangeira e é possível que nem sequer seja uma potência amiga. O sargento diz que neste assunto poderia haver um complô internacional. O capitão Devore irá ver esse tal marquês para adverti-lo ou protegê-lo.

— Esplêndido! Wolfe concordou com voz aprovadora. — A polícia merece a gratidão de todos nós. Se não fossem por eles, nós os investigadores particulares esperaríamos sentados e em vão a chegada de clientes.

— Sim. Foltz se colocou de pé. — Muito obrigado pela atenção, ainda que tenha sido a única coisa que levo. Quero dizer que não consegui grande informação. Só essa ligação telefônica que pode nos levar a alguma parte. Scolvin foi assassinado a só quatro quadras daqui, na Rua Trinta e Um, nove minutos depois de receber essa ligação, as cinco e trinta e cinco. Ia pela calçada e alguém que passava em um carro se aproximou dele crivando-o de balas. Morreu no ato. Estava bastante escuro, mas um homem que passava por ali perto viu o número da placa e o automóvel foi encontrado na Nona Avenida. Ninguém viu alguém descer dele.

— Bem, isso é alguma coisa, disse em tom amistoso. — Isso pode levá-lo a alguma parte.

— Provavelmente se tratará de um carro roubado. É o comum. O policial apanhou seu chapéu. — Parece obra de uma quadrilha. De qualquer maneira, obrigado.

Acompanhei-o a antessala para me despedir e em seguida fechei a porta principal com o ferrolho. Antes de voltar ao escritório me detive na cozinha para dizer a Fritz que eu atenderia todas as ligações que pudesse haver durante o resto da noite. Aproximei-me da mesa de Wolfe sorrindo.

— Ha, ha! Esteve aqui a maldita polícia. Wolfe olhou o relógio, que marcava sete e dez. Fez soar o timbre, e quando Fritz se apresentou, se reclinou exalando um suspiro.

— Fritz.

— Diga, senhor.

— Uma calamidade. Não poderemos jantar as oito como de costume. Quer dizer, não haverá jantar. Não há comida para todos, e suponho que teremos que servir algo. Você tem uns filés e molho Abano...

— Sim, senhor. Wolfe voltou a suspirar.

— Terá que servir em pedacinhos, para cinco pessoas. Pode fazer sopa. Abra uma lata de petit-pois húngaros. Há muita fruta? Arrume-se como puder. É uma contrariedade, mas não podemos

evitar.

— O molho é um grande êxito, senhor. Poderia dar aos outros frango com champignons...

— Céus, não! Se forem necessários sacrifícios, eu devo compartilhá-los. Isso é tudo. Traga-me um pouco de cerveja. Fritz saiu e Wolfe se voltou para mim: — Traga-me Clara Fox.

Abri a porta da sala contígua. Fritz não havia acendido a luz e esta estava na penumbra. As duas mulheres conversavam sentadas no divã; Mike Walsh em uma cadeira e piscou ao me ver como se tivesse estado dormindo. Eu disse:

— O senhor Wolfe quer falar com você, senhorita Clara Fox. Mike Walsh comentou:

— Tenho fome.

— Igual a todos nós, replicou Clara Fox.

— Primero só você. Por favor... Em seguida comeremos alguma coisa, senhor Walsh. Se tiver a bondade de esperar aqui.

Clara Fox vacilou, mas no fim se colocou de pé para me acompanhar. Fechei a porta e voltou a ocupar sua cadeira defronte a Wolfe, a que antes ocupara o policial. Wolfe já havia esvaziado o copo e voltava a enchê-lo.

— Quer um copo de cerveja, senhorita Fox? Ela moveu a cabeça.

— Obrigado. Mas não me agrada discutir isto a sós com você, senhor Wolfe. Os outros têm tanto direito...

— Sim, sim! Permita-me. Vão se reunir conosco em seguida. O caso é que quis que falássemos de outro assunto um momento. Você apanhou o dinheiro da mesa do senhor Muir? Ela lhe olhou fixamente.

— Não devemos nos confundir. Você age agora como o representante da Seaboard Products Corporation?

— Estou lhe fazendo uma pergunta. Você veio me consultar porque acredita que tenho faculdades. Tenho-as, e estou fazendo uso delas. Escolha entre responder às minhas perguntas ou procurar essas faculdades em outra parte. Você apanhou o dinheiro?

— Não.

— Sabe quem foi?

— Não.

— Sabe algo disto?

— Não. Tenho certas suspeitas, mas nada concreto acerca do dinheiro.

— Refere-se a que suspeita da atitude pessoal do senhor Perry e do senhor Muir para com você?

— Sim. Principalmente Muir.

— Bem. Agora me diga uma coisa: Você assassinou alguém esta tarde entre as cinco e as seis?

— Não diga bobagens. Wolfe bebeu um gole de cerveja, secou os lábios e se reclinou contra o respaldo da sua cadeira.

— Senhorita Fox. O evitar bobagens deveria ser a preocupação primeira e constante de toda pessoa inteligente. E é a minha. Algumas vezes consigo. Fixe-se, por exemplo, em sua declaração de que não roubou o dinheiro. Devo acreditar? Como filósofo, eu não acredito em nada. Como detetive, o suficiente para deixá-lo a minhas costas, mas estou disposto a olhar por cima de meu ombro. Como homem, acredito cegamente. Afirmo-lhe que a razão das perguntas que lhe faço não é

uma estupidez. Em primeiro lugar, observo seu rosto quando as responde. Tenha paciência; creio que chegaremos a alguma parte. Você matou alguém entre as cinco e as seis desta tarde?

— Não.

— E o senhor Walsh ou a senhorita Lindquist?

— O quê, matar alguém?

— Sim. Sorriu.

— Como filósofa, não sei, nem sou detetive. Como mulher, creio que não o fizeram.

— Se o fizeram, você saberia?

— Não.

— Bem. Você tem uma nota de um dólar?

— Suponho que sim.

— Me dê.

Ela moveu a cabeça, não se negando, mas sim demonstrando resignação e perplexidade ante aquela extravagância sem sentido. Procurou em sua carteira e ao encontrar, deu a Wolfe a nota solicitada. Este a apanhou e desdobrando-a entregou a mim.

— Dê entrada, Archie, por favor, como sinal da senhorita Clara Fox. E ligue por telefone ao senhor Perry. Voltou-se para ela. — Agora você é minha cliente. Clara não sorriu.

— Deixando entendido com certeza que eu posso...

— Renunciar? Enrugou o cenho. — Naturalmente. Sem o menor problema.

Encontrei o número de Perry e o disquei. Por fim consegui encontrá-lo e fiz sinal a Wolfe para que atendesse.

— Senhor Perry? Wolfe falou em tom suave. — Aqui Nero Wolfe. Recebi o relatório do senhor Goodwin de sua investigação preliminar. Sente-se inclinado a concordar com sua atitude a respeito da provável inocência de Clara Fox, e portanto acredita que poderemos prestar um bom serviço. Mas por uma curiosa casualidade a senhorita Fox veio nos ver nesta tarde... Está aqui agora... Para nos pedir que a representemos num assunto... Não, me permita, por favor... Bem, me pareceu aconselhável aceitar o seu sinal... Na verdade, senhor, não entendo que vá contra a ética...

Wolfe se aborrecia em discutir ao telefone e desligando o mais rápido possível se consolou com a cerveja. Em seguida se voltou para Clara Fox.

— Conte-me sobre suas relações pessoais com o senhor Perry e o senhor Muir.

Não respondeu imediatamente. Olhou-o com o cenho franzido. Era a primeira vez que a via fazê-lo e eu gostava dela mais sorridente. Por fim disse:

— Suponho que já aceitou se encarregar do caso a favor do senhor Perry. Tinha considerado que você era o melhor homem para nós... A senhorita Lindquist, o senhor Walsh, o senhor Scolvin e eu... E lhe telefonei o sábado para marcar esta reunião, antes de saber do roubo. Não soube até há um par de horas que o senhor Perry o contratara, e já que tínhamos marcado esta reunião achei que podíamos seguir adiante. Agora disse ao senhor Perry que trabalha para mim, não para a Seaboard e

que já lhe dei um sinal. Isso não é justo. Se você quer chamá-lo assim, será pelo assunto pelo que vim vê-lo, não por essa estupidez do roubo do dinheiro. Isso é uma idiotice. Wolfe lhe perguntou:

— O que a faz pensar que é uma idiotice?

— Claro que é. Ignoro a verdade, mas estou convencida de que é uma idiotice. Wolfe concordou.

— Estou de acordo com você. Por isso é perigoso.

— Perigoso? Em que sentido? Se se refere a que perderei meu emprego, não acredite. O senhor Perry é o verdadeiro chefe, sabe que sou mais competente, e não é possível que pense que eu roubei esse dinheiro. Se este outro assunto se resolver, e creio que teremos êxito, tampouco vou querer continuar trabalhando.

— Mas você vai querer sua liberdade. Wolfe suspirou; — E a verdade, senhorita Fox, é que estamos perdendo um tempo que pode ser precioso. Diga-me, por favor, tudo o que sabe dos senhores Perry e Muir. O senhor Muir insinuou nesta tarde que o senhor Perry tenta conquistá-la. É verdade?

— Claro que não. Franziu o cenho e em seguida sorriu. — Falando assim não fica tão ruim, não é verdade? Mas não é assim. Comecei a ir jantar e ao teatro com o senhor Perry com certa frequência pouco depois de começar a trabalhar para a Seaboard. Essa foi minha fase aventureira. Estava disposta a ser.

— E porque parou?

— A minha desilusão. Sempre tive intenção de chegar a alguma parte, mas não a uma em particular. Meu pai faleceu quando eu tinha nove anos e minha mãe tinha dezessete. Ela sempre me disse que eu era como meu pai. Pagou meus estudos costurando para senhoras obesas. Eu adorava minha mãe e me aborrecia com aquela vida monótona da qual não podia retirá-la.

— Não conseguiu encontrar Jorge Rowley?

— Não tentou com grande empenho. Pensava que era uma fantasia. Uma vez escreveu para Harlan Scolvin, mas devolveram a carta. Depois de sua morte tentei várias coisas, desde vendedora de chapéus até um curso de datilografia, e por três anos estudei idiomas em meus tempos livres porque queria percorrer o mundo inteiro. Por fim, tive a sorte de encontrar um bom emprego na Seaboard. Isso faz três anos. Pela primeira vez tinha dinheiro suficiente para poder gastar um pouco e procurar Jorge Rowley e os outros que meu pai relacionou em sua carta... Compreendi que precisaria encontrar alguns deles para que alguém reconhecesse Jorge Rowley. Suponho que minha mãe tinha razão ao dizer que eu era como meu pai; com certeza tenho ideias fantásticas e estou plenamente convencida de que sou uma pessoa pouco comum. Minha ideia naquela ocasião era conseguir o dinheiro de Jorge Rowley o mais rápido possível, para poder pagar a antiga dívida de meu pai na Califórnia, e em seguida ir para a Arábia. O motivo que me fazia desejar ir a Arábia... Interrompeu-se bruscamente sobressaltada para perguntar: — Em nome de Deus, por que comecei a falar disto?

— Não sei. Wolfe não se impacientou. — Está perdendo tempo novamente. Que me diz de Perry e Muir?

— Bem. Afastou os cabelos do rosto. — Pouco depois de começar a trabalhar na Seaboard, o senhor Perry começou a me convidar para ir ao teatro, dizendo que sua esposa estava há oito anos acamada e que a única coisa que desejava era companhia. Eu sabia que era multimilionário, e depois de pensar muito decidi a me converter em uma aventureira. Se lhe parece uma estupidez de criança, se engana. Para muitas mulheres é uma corrida excitante e satisfatória. Na realidade nunca pensei fazer muitas coisas com o senhor Perry, porque não me animava, mas esperava praticar com ele e ao mesmo tempo conservar meu emprego. E até andei de carro com ele! Pensei que também poderia

fazer com o senhor Muir, mas rapidamente me arrependi de haver despertado seu interesse.

Abateu um pouco os ombros, mas levantou-os em seguida com um gesto muito delicado.

— Foi o senhor Muir quem me curou de querer ser uma aventureira, quero dizer no sentido clássico. Claro que não ignorava que para ter êxito devia tratar com homens e que estes fossem ricos, e ao ver como era o senhor Muir, me fez olhar ao meu redor e compreender que era quase impossível encontrar um homem rico que fosse atraente e divertido. O senhor Muir ficou praticamente maluco depois de haver jantado um par de vezes comigo. Uma vez veio na minha sala com um enorme colar de pérolas no bolso. Claro que foi desagradável em certo sentido, mas divertido, porque nunca gostei de pérolas. Mas o pior do senhor Muir é sua teimosia. É escocês, e quando mete uma ideia na cabeça não consegue retirá-la... Wolfe interveio.

— O senhor Muir é um idiota?

— Pois... Sim, suponho que sim.

— Me refiro como homem de negócios. É idiota?

— Não. Nesse aspecto, não. Na realidade é muito esperto.

— Bem, aí tem você. Wolfe suspirou. — Você é muito ingênua, senhorita Fox. Sabe que o senhor Muir é um homem astuto, que está disposto a solicitar uma ordem de detenção contra você, acusando-a de roubo. Acha que o faria sem estar preparado? Por que ele insiste em agir rapidamente? Para que seus preparativos não sofram alterações expressamente ou por casualidade. Logo que apresentem a ordem de detenção, a polícia revistará todos os seus pertences, incluindo o lugar onde serão encontrados os trinta mil dólares. Não é possível que o senhor Muir os pegasse ele mesmo de sua mesa para colocá-los onde quisesse com as devidas precauções?

— Colocá-los...? Olhou-o estranhada. — Oh, não! Meneou a cabeça. — Isso seria descer muito baixo. Um homem não pode ser tão ruim para fazer uma coisa semelhante.

— Bem? Quem vai saber melhor que você, uma ex-aventureira, que a raça de homens ruins não foi exterminada ainda? Por Deus, senhorita Fox, onde você vive?

— Mas, senhor Wolfe... Nunca poderá me convencer...

— Não vou perder tempo tentando. Onde mora?

— Tenho um apartamentinho na Rua Sessenta e Um.

— E algum outro local? Podemos descartar a sua mesa do escritório, porque isso não seria muito convincente. Não tem alguma casinha no campo? Um baú num depósito? Um automóvel?

— Tenho um carrinho. Mas nada mais.

— Veio aqui nele?

— Não. Está em uma garagem na Rua Sessenta. Wolfe se voltou para mim.

— Archie, quer ir lá agora? Dei uma olhada no relógio.

— Estarei com Saul Panzer em dez minutos. Se Fred Durkin não foi ao cinema, com ele dentro de vinte minutos, e se foi, com Orrie Cather em meia hora.

— Apanhe-os. A senhorita Fox lhe dará a chave de seu apartamento e uma autorização para a garagem. Saul Panzer revistará o apartamento. Diga-lhe o que deve procurar, e se encontrar, que o traga para cá. Fred, que apanhe o automóvel e o leve para nossa garagem. Que o reviste bem e o deixe lá. Isto só nos custará vinte dólares, vinte vezes o valor do sinal da senhorita Fox. Tudo o que empreendemos hoje parece uma especulação. Fui até o telefone. Wolfe se dirigiu de novo a Clara Fox. — Pode perguntar para a senhorita Lindquist e ao senhor Walsh se querem se lavar antes do jantar? Estará pronto dentro de cinco minutos. Ela moveu a cabeça.

— Não precisamos comer. Em todo caso sairemos um pouco.

— Por todos os santos! Estava a ponto de explodir. — Não precisam comer! Em nome de Deus, são camelos, ou fazem como os ursos durante o inverno?

Clara se colocou de pé, e foi na sala contígua para avisá-los.

* * *

Seis

INTERROMPERAM meu jantar por duas vezes. Antes que tivesse terminado a sopa Saul Panzer chegou, e Fred Durkin quando estávamos no filé e nas verduras. Nas duas vezes fui ao escritório para lhes dar instruções e dizer que se apressassem. Wolfe tem por norma não falar de negócios na mesa, mas naquela ocasião continuamos com eles, já que interrogou Hilda Lindquist e Mike Walsh e deste modo descobrimos algumas coisas acerca deles. Ela era filha de Victor Lindquist, que agora contava oitenta anos e não estava em disposição de viajar, e morava com ele em sua fazenda em Nebraska. Pelo visto não manejava xícaras de café, mas sim debulhadoras. Clara Fox havia conseguido encontrá-la, ou melhor dito, encontrar seu pai por intermédio de Harlan Scolvin e ela viera ao Este para ver se havia oportunidade de conseguir dinheiro suficiente para pagar uma dezena de hipotecas, e talvez até um pouco mais, para comprar um trator novo ou pelo menos uma mula.

Walsh havia passado por várias cores antes de chegar na presente escuridão. Fez três investimentos em Nevada e na Califórnia perdendo quase tudo. Tentou se empregar como contratante de obras no Colorado no princípio do século. Levantou um edifício que veio abaixo quando seiscientos cavalos passaram por lá três dias depois de tê-lo terminado. Havia regressado ao Este tentando isto e aquilo, mas pelo visto sem que a sorte o acompanhasse. Na atualidade era vigilante noturno de uma empresa construtora em Madison, e se lamentava dos três dólares que perdera ao ter que pagar para vir na reunião de Clara Fox. Havia encontrado-o um ano atrás por meio de um anúncio. Wolfe fazia às vezes de anfitrião atento. Conseguiu que Mike Walsh bebesse dois copos de uísque e as damas uma garrafa de vinho branco; e como cavalheiro que era, ofereceu a Walsh dois filés a mais, bem cobertos com molho, pelos quais teria sido capaz de vender a alma. Mas não o deixou acender seu cachimbo quando chegou o café, dizendo que tinha asma, coisa que não é verdade. Estava irritado com Walsh por ter cedido os filés e se vingava daquele modo. Tínhamos voltado ao escritório, pouco depois das nove, e ocupado nossas cadeiras... Quando soou a campainha. Fui a abrir o ferrolho e a porta. Era Fred Durkin, parecia preocupado e lhe perguntei:

— Encontrou?

— Claro que sim.

— Que aconteceu?

— Pois é curioso. Wolfe está aqui? Talvez também lhe agrade ouvir. Fechei a porta e o levei ao escritório. Adiantou-se até se situar ante a mesa de Wolfe. — Encontrei o automóvel, senhor Wolfe. Está na garagem. Mas Archie não me disse que trouxesse também o policial, de modo que me desfiz dele. Apanhou um táxi e me seguiu. Quando deixei o carro na garagem e vim andando para cá, ele também o fez. Está do outro lado da calçada.

— Certo, disse Wolfe com voz débil. Desagradavam-lhe as complicações depois das refeições. —

E se nos apresentasse primeiro ao policial? Onde o encontrou?

Fred mudou o chapéu de mão. Nunca conseguia falar com Wolfe sem ficar nervoso, mas devo confessar que a miúdo tinha motivos para isso. Fred Durkin era claro como a luz do sol e o melhor sabujo que vi, mas nada brilhante em seus discursos.

— Bem, disse, — Fui na garagem e mostrei a autorização ao funcionário, que disse que esperasse que me traria o carro. Saiu e ao cabo de um par de minutos, apareceu um homem de boca grande, me perguntando se ia dar um passeio. Nunca o havia visto, mas teria adivinhado que se tratava de um policial ainda que só o tivesse tocado com o dedo mindinho e com os olhos fechados. Supus que estaria trabalhando em algum assunto e que perguntava só por perguntar, de modo que procurei responder amavelmente. Ele disse que se pensava em dar um passeio, que era melhor que procurasse um cavalo, porque o carro que eu tinha ido apanhar ia ficar ali no momento. Wolfe murmurou:

— De modo que lhe pediu desculpas e foi a uma loja telefonar para cá pedindo instruções. Fred pareceu se sobressaltar.

— Não, senhor, eu não fiz isso. Tinha ordem de trazer o carro e o trouxe. Aquele policial não tinha documentos nem nada... Na realidade não tinha mais que uma boca grande. Subi e ele veio atrás de mim. Quando o funcionário da garagem viu o tipo de problema que se apresentava, se limitou a desaparecer. Eu mesmo descii o automóvel no elevador e saindo para a rua rumei para o Este. O policial montou no estribo, mas quando eu me inclinei acidentalmente para retirar uma sujeira do para-brisa, ele caiu. Estávamos na Terceira Avenida. Ele pegou um táxi e me seguiu. Quando cheguei na Décima Avenida, e uma vez no interior de sua garagem, revistei o carro de cima abaixo, mas não encontrei nada mais que ferramentas, um lápis velho, uma correia de cachorro, meio maço de cigarros Omar e... Wolfe o deteve com um gesto de mão.

— E o policial está agora do outro lado da rua?

— Sim, senhor. Ali estava quando entrei.

— Esplêndido! Espero que não se escape na escuridão. Vá a cozinha e diga a Fritz que lhe dê um pouco de cianureto.

— Sinto muito, senhor, se é que...

— Vá! Nada de lanches. Espere na cozinha. Se tivermos complicações aqui, precisaremos de você.

Fred saiu. Wolfe se recostou em sua cadeira e cruzou sus mãos sobre o abdômen movendo os lábios. Por fim abriu os olhos o bastante para que Clara Fox viesse que a olhava.

— Bem. Chegamos muito tarde. Já lhe disse que estávamos perdendo tempo. Ela levantou as sobrancelhas.

— Demasiado tarde para quê?

— Para evitar que você vá para a cadeia. Não ficou claro? Que razão podia haver para que vigiassem seu automóvel? Esperar pescá-la tentando fugir com ele para alguma parte. É provável que a estivessem esperando se é que ainda não encontraram o dinheiro.

— Encontrá-lo, onde?

— Não sei. Talvez no mesmo carro. Não sou adivinho, senhorita Fox. Agora, antes que... Souo o telefone. Era Saul Panzer. Escutei sua breve história, e em seguida disse que não desligasse e me

voltei para a Wolfe:

— É Saul. Liga de um telefone público da Rua Sessenta e Dois com Madison. Ante a casa da senhorita Fox havia um policial. Revistou todo o apartamento sem encontrar nada. Acha que o policial continua ali, mas não está certo. É possível que o siga; se for assim, deve se desfazer do policial e vir para cá?

— Diga-lhe que venha, e que por nada do mundo sacuda o policial. Pode ser que conheça o que Fred trouxe, e nesse caso é possível que queira falar com ele.

Assim disse a Saul antes de cortar a comunicação. Wolfe continuava descansando com os olhos entrecerrados. Mike Walsh os havia fechado por completo, e sua respiração profunda se notava no silêncio. Hilda Lindquist tinha os ombros abatidos, mas os olhos brilhantes e o rosto ruborizado. Clara Fox apertava os lábios para adquirir uma expressão resoluta. Wolfe disse:

— Acorde, senhor Walsh. Uma vez atendido o mais urgente... Ainda que em vão... Agora podemos com tranquilidade encher algumas lacunas a respeito desse fantástico assunto da “Quadrilha de Rubber”. Senhor Walsh, um forte golpe com sua mão no pescoço o ajudará. Um pouco de água? Muito bem... Entendi bem, senhorita Fox, quando disse que havia encontrado Jorge Rowley? Ela concordou.

— Há um par de semanas.

— Conte-me como.

— Mas senhor Wolfe... Esses detetives...

— Esqueça. No momento esta casa é o seu berço. Aqui está a salvo. Voltaremos a nos ocupar desse pequeno problema. Fale-me de Jorge Rowley. Ela tomou alento.

— Pois... O encontramos. Faz muito tempo comecei a fazer o que podia, que não foi muito. Claro que não podia me permitir o luxo de ir a Inglaterra, nem enviar alguém ali. Mas reuni alguma informação. Por exemplo, descobri os nomes de todos os generais que haviam comandado brigadas no exército inglês durante a guerra, e ainda que a distância, comecei a eliminá-los. Havia centenas e centenas que ainda viviam e, naturalmente, eu ignorava se o que andava procurando ainda estava vivo. Fiz muitas coisas, algumas bastante engenhosas, apesar de ser tão idiota. Havia encontrado Mike Walsh por meio de um anúncio. Consegui muitas fotografias e as fui mostrando a ele. Claro que Jorge Rowley ter perdido o lóbulo da orelha direita foi uma ajuda. Em diversas ocasiões, quando sabia pelos jornais que um general ou ex-general inglês havia chegado à Nova Iorque, me ajeitava para dar uma olhada e algumas vezes Mike Walsh também. Duas semanas atrás chegou um, e na fotografia que apareceu na imprensa dava a impressão de que lhe faltava o extremo da orelha direita. Mike Walsh esperou uma tarde ante a porta de seu hotel para vê-lo, e era Jorge Rowley. Wolfe fez um gesto de aprovação.

— Deve ser o Marquês de Clivers.

— Como sabe?

— Claro que não por adivinhação. Não importa. Felicito-a, senhorita Fox.

— Obrigado. O Marquês de Clivers foi para Washington no dia seguinte, mas retornou. Tentei vê-lo aquela mesma tarde, mas não consegui chegar até ele. Telegrafei para um parente que tenho em Londres, e soube que o marquês é dono de grandes propriedades, fábricas, minas e um iate. Estivera me comunicando com Hilda Lindquist e Harlan Scolvin durante algum tempo e lhes telegrafei para que viessem, enviando o dinheiro para a viagem. O senhor Scolvin não quis aceitá-lo. Escreveu-me dizendo que nunca havia aceitado dinheiro de uma mulher e que não pensava em começar. Sorriu a

Wolfe. — Imagino que tenha medo das aventureiras. Disse que venderia alguns bezerros. No sábado de manhã recebi um telegrama que me dizia que chegaria aqui na segunda-feira, e por isso telefonei para o seu escritório solicitando uma reunião. Quando o vi ao meio-dia lhe mostrei duas fotografias do Marquês de Clivers e ele me confirmou que era Jorge Rowley. Custou-me trabalho evitar que saísse atrás do marquês naquele mesmo momento. Wolfe levantou uma mão para detê-la.

— Mas que a fez pensar que precisaria de mim? Até o momento não vi nenhuma dificuldade em todas as suas operações.

— Oh! Sempre pensei que precisaríamos de um advogado ao chegar o momento decisivo. Havia lido muito acerca de você, e o admirava.

— Eu não sou advogado.

— Isso não importa. Só conheço três advogados, e se os visse saberia por que escolhi você.

— Outra vez está dizendo bobagens. Wolfe suspirou. — Quer que acredite que me escolheu por meu aspecto físico?

— Não, com certeza. Isso seria... De qualquer maneira escolhi você. Quando lhe disse quais seriam seus honorários, não exagerei. Digamos que suas propriedades, minas e demais valham cinquenta milhões...

— De libras?

— De dólares, e se concordar em dividir metade, serão vinte e cinco milhões. Mas não consegui encontrar dois homens. Nem Coleman “Rubber”, o cabeça, nem ao que chamavam de “Tartaruga”. Tentei encontrar “Rubber”, já que tinha os papéis, mas não consegui. Se dos vinte e cinco milhões descontamos o dele, uma terça parte, nos restam dezesseis milhões. Pense em todo tipo de coisas... Separe, para não andar com misérias, quinze milhões. Resta-nos um milhão. Isso é o que lhe pedi há uma semana.

— A quem pediu? A Lorde Clivers?

— Sim.

— Você disse que não tinha conseguido falar com ele...

— Isso foi antes de ir para Washington. Quando retornou voltei a tentar. Havia feito amizade com certa pessoa... Anda com vários assessores em suas missões... Diplomatas e outros... Eu fiz amizade com um deles há um par de semanas e por seu intermédio pude chegar até o marquês pensando que poderia conseguir algo sem ajuda. Foi muito desagradável. Quando soube o que eu pretendia ordenou que fosse embora dizendo que não sabia do que eu estava falando, e quando quis mostrar a carta que meu pai havia escrito em mil novecentos e dezoito, nem sequer a olhou. Chamou um funcionário para que me acompanhasse até a porta.

Não havia terminado, mas a campainha da porta soou e eu fui a abrir. Pensei que se fossem dois, poderiam passar por mim e entrar e por isso deixei a corrente até ver que era Saul Panzer. Então abri, e fechando a porta voltei a passar a corrente. Saul é o detetive particular mais diminuto que vi, mas o de maior valia. Não pode puxar edifícios por carecer da força adequada, mas fora disso não havia nada que não fizesse para ganhar seu dinheiro. É difícil descrever seu aspecto, já que o nariz impede de ver seu rosto. Trazia uma grande caixa de papelão sob o braço. Levei-o ao escritório. Quando se aproximou da mesa de Wolfe dirigiu um rápido olhar ao seu redor, suficiente para que a imagem daquelas três pessoas ali sentadas se gravasse em sua mente até o fim de seus dias.

— Boa noite, Saul, cumprimentou Wolfe.

— Boa noite, senhor Wolfe. Eu suponho que Archie haverá lhe dado conta de minha ligação

telefônica. Não tenho muito a adicionar. Quando cheguei o detetive estava na calçada da frente. Chama-se Bill Purvil. O vi uma vez há quatro anos no Brooklyn, quando trabalhamos no caso Moschenden. Não me reconheceu. Mas quando entrei, ele me seguiu. Imaginei que era melhor seguir adiante. No apartamento havia um telefone. Se encontrasse o pacote poderia chamar Archie para que fosse ao pátio da Rua Sessenta e jogá-lo de uma janela dos fundos. Quando o detetive viu que eu entrava no apartamento com uma chave, me deteve para me interrogar e eu lhe respondi o que me ocorreu. Ele ficou no corredor e eu fechei a porta por dentro e revistei o apartamento. O dinheiro não está lá. Saí e o detetive me seguiu. Telefonei de uma loja. Não achei que tentaria me seguir, mas quis ter certeza de que se o fizesse não tivesse êxito.

— Bem. Wolfe fez um gesto de aprovação. — E essa caixa? Saul apanhou a caixa de debaixo do braço e a colocou sobre a mesa da sala.

— Imagino que sejam flores. Tem uma etiqueta com o nome Deumond, uma floricultura da Park Avenue. Estava no chão na frente da porta do apartamento. Pelo visto acabavam de enviá-la e está dirigida a senhorita Clara Fox. Só tinha ordem de revistar o apartamento, e por isso não me atrevi a abri-la, já que não estava dentro; mas tampouco quis deixá-la ali, pois talvez contenha o que anda procurando. Por isso a trouxe.

— Bem. Podemos abri-la, senhorita Fox?

— Claro. Eu me levantei para ajudar. Entre Saul e eu retiramos a tampa de fantasia cinzenta e a fita. Como estávamos de pé fomos os únicos que pudemos ver o interior. Eu exclamei:

— Uma dezena de rosas. Clara Fox se colocou em pé de um salto para olhar. Eu introduzi a mão na caixa e apanhei um envelope em cujo interior havia um cartão. A escrita era difícil e li em voz alta: — Francis Horrocks? Assentiu.

— É quem me ajudou para chegar ao Marquês de Clivers: Um jovem diplomata que conhece especialmente o longínquo Oeste. Não são bonitas? Olhe, Hilda. São muito bonitas. Mostrou-as a Wolfe. — Não é verdade que tem uma bela cor, senhor Wolfe? Olhou para Mike Walsh, mas este havia voltado a dormir, de modo que ela recolocou-as na caixa e foi sentar. Wolfe coçou o nariz que ela havia roçado com as rosas.

— Saul. Leve essas rosas para a cozinha e que Fritz as coloque na água. E fique lá. Precisa ver minhas orquídeas, senhorita Fox, mas isso pode esperar. Senhor Walsh! Archie, acorde-o, por favor. Aproximei-me de Walsh para sacudi-lo e ele me olhou sobressaltado, protestando:

— Faz muito calor aqui. Nunca tive tanto calor depois de jantar como aqui. Wolfe disse brandindo o dedo indicador:

— Faça-me o favor, senhor Walsh. A senhorita Fox nos deu alguns detalhes... Por exemplo, que você reconheceu o Marquês de Clivers. Entende o que estou dizendo?

— Claro. Walsh passou os dedos pelos olhos e por fim os abriu totalmente. — Que há com isso?

— Reconheceu o Marquês de Clivers como Jorge Rowley?

— Claro que sim. Quem disse o contrário?

— Até agora ninguém. Está certo de que era o mesmo homem?

— Sim. Já disse durante o jantar. Sempre estou certo.

— Isso você disse... Entre outras coisas. Você disse também, que, por um antigo costume de quando foi vigilante noturno, usa revólver. Que suspeitava que Harlan Scolvin era inglês e que todo o sangue inglês é ruim. Trouxe o revólver por casualidade? Poderia vê-lo?

— Tenho licença de armas.

— Com certeza. Poderia me mostrá-lo? Por favor.

Walsh resmungou algo entre dentes, mas após um momento de vacilação se inclinou para frente e levando a mão ao bolso apanhou uma pistola. Ficou olhando-a e em seguida passou a mão esquerda com muito cuidado pelo cano e a entregou a Wolfe, que em seguida deu a mim para que a inspecionasse. Era uma Folwell antiga. Estava carregada. O cilindro cheio de balas não cheirava a nada que me fizesse suspeitar que tivesse sido utilizada recentemente. Olhei para Wolfe, e ao ver que me fazia um sinal, devolvi a arma a Mike Walsh, que a acariciou antes de recolocá-la no bolso.

— Quem está perdendo tempo agora, senhor Wolfe? Disse Clara Fox. — Ainda não nos disse... Wolfe a conteve com um gesto.

— Não comece outra vez, senhorita Fox, por favor. Dê-me a oportunidade de ganhar a minha parte desse milhão, ainda que devo confessar que em minha opinião, todos vocês podiam vendê-la por uma nota de dez dólares e teriam feito uma boa inversão. Em que se baseiam para levar isto adiante? Em nada. O papel assinado por Jorge Rowley foi confiado a Coleman, a quem não conseguiram encontrar. A única base, fora desta, para fazer uma reclamação legal, seria que o homem chamado “Tartaruga” quisesse recuperar o valor do cavalo, e já que o senhor Walsh nos disse que “Tartaruga” tinha mais de cinquenta anos em mil oitocentos e noventa e cinco, é muito provável que já tenha morrido. Só há dois sistemas para poder conseguir algo do Marquês de Clivers; uma é tentar estabelecer uma reclamação legal por descumprimento de contrato, para o qual precisariam de um advogado e não de um detetive. Vocês já realizaram a contento o trabalho de detetive. O outro sistema é tentar atemorizar o marquês para que lhes pague, ameaçando-o em tornar público seu passado. É um método antigo que a miúdo dá resultado... Tecnicamente se conhece como chantagem. Não é... Ela o interrompeu, fria, mas resoluta:

— Não pode se considerar chantagem o querer cobrar o que um homem prometeu pagar. Wolfe concordou.

— É um belo ponto de vista. Moralmente deve, mas existe algum papel assinado? De qualquer maneira, me deixe terminar. Eu mesmo, me acho num aperto. Quando você me disse pela primeira vez a que se propunha, me senti inclinado a recusar sua oferta. Em seguida interveio outro elemento, que você ignora ainda, que lhe prestou um novo interesse. Claro que o interesse não é o bastante; antes resta a questão: quem vai me pagar? Esperarei... Mike Walsh exclamou:

— E os dez por cento? Clara Fox interveio:

— Eu lhe disse, senhor Wolfe...

— Permita-me. Não espero nada exorbitante. Deu-se a casualidade de que a minha conta no banco está em excelentes condições, e portanto minha avareza está relativamente adormecida. Não obstante, sinto profunda aversão a trabalhar por amor à arte. Senhorita Fox, eu a aceitei como cliente. Posso confiar em você? Clara concordou com impaciência.

— Claro que pode. Qual é o outro elemento que interveio e do qual não tenho notícia?

— Ah! Isso. Wolfe contemplou os três rostos com olhos entrecerrados. — As vinte para as seis desta tarde, portanto há menos de cinco horas, Harlan Scolvin foi assassinado a tiros na Rua Trinta e Um, próximo da Décima Avenida. Mike Walsh deu um pulo e olhou para Wolfe, que continuou: — Ia pela calçada e alguém disparou cinco vezes contra ele de um automóvel. Quando um transeunte chegou ao seu lado já estava morto. O automóvel foi encontrado, vazio. Clara Fox exclamou assombrada:

— Harlan Scolvin! Hilda Lindquist apertou os punhos e os lábios. Mike Walsh olhava para Wolfe e de repente exclamou:

— Você é um idiota! Claro que era um recorde que Wolfe se deixasse chamar de idiota duas

vezes em uma só tarde. Tomei nota para rir quando tivesse tempo. Clara Fox dizia:

— Mas, senhor Wolfe... Não é possível... Como pode...? Walsh continuava desafogando.

— De modo que você soube dos disparos e por isso quis cheirar meu revólver. Você é um estúpido!... Deteve-se bruscamente, e apoiando as mãos em seus joelhos entrefechou os olhos. Parecia muito desperto e competente para ser um idoso de setenta anos. — Ao diabo com tudo isso! Onde está Harlan? Quero vê-lo. Wolfe quis apaziguá-lo com um gesto.

— Refreie-se, senhor Walsh. Tudo no seu tempo. Como você vê, senhorita Fox, isto é uma complicação.

— Terrível. É... É horrível. Foi realmente assassinado? Hilda Lindquist falou de repente.

— Eu não queria vir aqui. Já lhe disse. Sempre pensei que era uma pretensão absurda. Meu pai me fez vir. Está velho e doente e desejava que viesse porque pensou que talvez assim conseguiríamos dinheiro suficiente para salvar a fazenda. Wolfe concordou.

— E agora, naturalmente... Hilda levantou seu queixo quadrado.

— Agora comemoro ter vindo. Ouvi meu pai falar muito de Harlan Scolvin. Teriam lhe assassinado igualmente se eu não tivesse vindo, e comemoro estar aqui para ajudar. Vocês terão que me dizer o que devo fazer porque não sei. Mas se esse marquês pensa que pode se negar a falar conosco e em seguida nos assassinar... Ele vai ver.

— Eu não disse que o marquês o assassinou, senhorita Lindquist.

— E quem foi? Por seu tom pensei que ia lhe dizer que não fosse estúpido, mas não o fez e se limitou a olhá-lo.

— Não sei dizer, repôs Wolfe. — Mas tenho mais detalhes para você. Nesta tarde Harlan Scolvin veio ao nosso escritório. Disse ao senhor Goodwin que viera antes da hora da reunião para ver que tipo de homem eu era. As cinco e vinte e seis minutos, enquanto esperava para me ver, recebeu uma ligação e saiu em seguida. Recordem que pouco depois que vocês chegaram nesta tarde, uma pessoa apareceu e lhes pedimos que passassem para a sala contígua. Era um detetive que nos informou do crime, descreveu o cadáver, e disse que em seu bolso fora encontrado um papel com meu nome e endereço, assim como também com os nomes de Clara Fox, Hilda Lindquist, Michael Walsh e o Marquês de Clivers. Scolvin fora assassinado só nove minutos depois de receber a ligação telefônica que o fez sair desta casa. Clara Fox disse:

— Eu o vi escrever esses nomes, enquanto almoçava comigo.

— Com certeza seria ele mesmo... Senhor Walsh. Telefonou para o senhor Scolvin as cinco e vinte e seis?

— Claro que não. Essa é uma pergunta estúpida. Eu ignorava que estivesse aqui.

— Imagino. Mas achava possível que Scolvin teria decidido se encontrar aqui com você. Quando Scolvin chegou, havia outro homem no escritório, um de meus clientes, e Scolvin se aproximou dele e lhe disse que não era Mike Walsh.

— Bem, e acaso era? Eu sou Mike Walsh, me olhe. A única reunião que tinha com ele seria as seis e com a senhorita Fox. Deixe disso de uma vez. Perguntei-lhe onde está Harlan. Quero vê-lo.

— No seu tempo, senhor... Senhorita Fox. Telefonou para o senhor Scolvin? Ela moveu a cabeça.

— Não. Oh, não! Achei que você havia dito que era um homem.

— Parecia. Mas é possível que Fritz se equivocasse. Foi você quem telefonou, senhorita Lindquist?

— Não. Não telefonei para ninguém em Nova Iorque, exceto a Clara.

— Bem. Wolfe suspirou. — Suponho que vocês estão vendo esta nova dificuldade. A pessoa que

telefonou, sabia que Scolvin estava em Nova Iorque e neste escritório. Quem sabia disso além de vocês três? Hilda Lindquist exclamou:

— O Marquês de Clivers sabia.

— Como sabia?

— Não sei. Vejo assim. Clara fora vê-lo e ele ameaçou prendê-la se ela continuasse molestando-o. Mandou segui-la e neste meio-dia os detetives viram-na com Harlan Scolvin, seguiram-no até aqui e em seguida avisaram o Marquês de Clivers. Então ele telefonou e...

— É possível, senhorita Lindquist. Admito que é possível. E se substituir o detetive por um membro do séquito do Marquês, inclusive, seria ainda mais. Mas supondo que aceitássemos essa ideia, o que acha que a polícia faria? Estou certo de que não iriam gostar. Mike Walsh exclamou:

— Ao diabo com os malditos policiais irlandeses. Clara Fox quis saber:

— O detetive que esteve aqui... Esse de que nos falou... E que lhe deu a notícia do crime... Se nossos nomes estavam no papel por que não quis nos ver?

— Sim ele queria. Mas observei que no papel não havia outro endereço além do meu, de modo que provavelmente custará a encontrá-los. Decidi não dizer que estavam aqui, porque desejava falar com vocês e sabia que teria lhes ocupado toda a noite.

— O detetive do meu apartamento... Pode ter estado ali... Por isto...

— Não tiveram tempo. Além disso, havia outro na garagem. Clara olhou-o e respirou fundo. — Parece que estou em uma boa trapalhada.

— Em duas, senhorita Fox, em duas. Wolfe chamou para pedir cerveja. — Mas é possível que antes de nos dar por vencidos as coisas se modifiquem.

* * *

Sete

SÓ OUVI a metade do estranho comentário de Wolfe. Parte de meu pensamento ia de uma coisa a outra sem encontrar onde situá-las. Para dizer a verdade, durante toda a noite fui me intranquilizando, desde que Foltz havia nos falado dos nomes escritos naquele papel e Wolfe o deixou ir embora, sem lhe dizer que três das pessoas que procurava, estavam sentadas na sala ao lado. Estava investigando um crime, e o fato de que o nome de um personagem como o marquês aparecesse no papel, significava que não iam deixar pedra sobre pedra. Mais cedo ou mais tarde encontrariam aquelas três pessoas, e quando soubessem onde estavam quando Slim Foltz nos visitou, se irritariam. Já existia um par de fiéis policiais que consideravam Wolfe um pouco encrenqueiro, e pelo visto aquilo ia aumentar esta opinião. Eu sabia muito bem como Wolfe trabalhava, e quando vi que deixava Foltz ir embora, supus que ia ter uma pequena conversa com o trio visitante e em seguida telefonar a alguém como Cramer, da Chefatura de Polícia, ou Dick Morley, da Promotoria. Mas notei que já passava das dez e continuava de conversa. Não gostava nada daquilo.

Reparei em seus estranhos comentários, das duas confusões e de acontecerem mudanças. Compreendi a ideia, e esse foi um dos pontos que ocuparam meus pensamentos. Vi a relação que podia existir entre o assunto da “Quadrilha de Rubber” e o tentar que Clara Fox parecesse a autora do roubo dos trinta pacotes. Ela fora a ver o britânico com aquela pretensão, e ele friamente a havia jogado na rua. Mas ficou preocupado. Inclusive poderíamos dizer assustado. Poucos dias depois pode ter tido a ideia de simular o roubo. Seria interessante descobrir se o Marquês de Clivers conhecia o senhor Muir e até que ponto. Clara Fox havia dito que Muir era escocês, de modo que alguém não podia se fiar nele tanto como nos ingleses, ou talvez um pouco menos. Como de costume, Wolfe me levava na dianteira. Entretanto tinha que escutar, já que a conversa continuava. Depois do comentário de Wolfe sobre as mudanças, Mike Walsh se colocou de pé de repente para anunciar:

— Vou embora. Wolfe o olhou.

— Ainda não, senhor Walsh. Sente-se. Mas ele permaneceu de pé.

— Preciso sair. Quero ver Harlan.

— O senhor Scolvin morreu. Peço por favor, senhor. Ainda resta um par de pontos por explicar.

— Não gosto disto, murmurou Walsh. Olhou para Wolfe, em seguida voltou seu olhar para mim e voltou a sentar na borda da cadeira. Wolfe disse:

— Está ficando tarde. Precisamos enfrentar três problemas distintos, e cada um deles apresenta dificuldades. Primeiro o assunto do dinheiro desaparecido dos escritórios da Seaboard Products Corporation. Até agora parece só um problema pessoal da senhorita Fox e discutirei isso com ela mais tarde. Segundo, seu propósito coletivo de cobrar certa soma de dinheiro do Marquês de Clivers, e terceiro, o perigo que vocês correm como consequência do assassinato de Harlan Scolvin.

— O perigo nós dividiremos, senhor. Walsh havia voltado a entrecerrar os olhos. — Igual ao dinheiro.

— Como preferirem. Mas consideremos em primeiro lugar o segundo problema. Não vejo razão para abandonar o ataque contra o Marquês de Clivers, porque o senhor Scolvin encontrou uma morte violenta. De fato, isso deveria nos impulsionar a continuar. Meu conselho é o seguinte... Archie, o bloco. Escreva uma carta para o Marquês de Clivers e que será assinada por mim. Cumprimente-o democraticamente:

Meu senhor:

Fui contratado pelo senhor Victor Lindquist e sua filha, a senhorita Hilda Lindquist, como seu representante para reaver certo valor que você lhes deve desde mil oitocentos e noventa e cinco. Nesse ano, em Silver City, Nevada, com seu conhecimento e anuência, o senhor Lindquist comprou um cavalo de um homem conhecido por "Tartaruga", e o encilhou para que você o utilizasse para realizar uma diligência particular e urgente. O senhor assinou um papel antes de partir confirmando a sua obrigação, mas com certeza a dívida continuaria sendo uma obrigação legal inclusive sem esse documento. Naquele lugar e naquela hora os cavalos eram escassos e muito valiosos; sem contar que por certas razões peculiares de sua situação, aquele cavalo era para você de um valor extraordinário naquele momento. A senhorita Lindquist, representando seu pai, declara que esse extraordinário valor pode se traduzir em uns cem mil dólares. Portanto, essa é o valor que o senhor lhes deve, com juros acumulados de seis por cento até a data. Confio em que pagará o valor devido sem demora e sem nos obrigar a recorrer a uma ação legal. Eu não sou advogado. Se preferir efetuar o pagamento através dos advogados que representem às duas partes, ficaremos satisfeitos em fazer um acordo.

Wolfe se reclinou em sua poltrona.

— Parece-lhe bem assim, senhorita Lindquist? Ela o olhava com o cenho franzido.

— Não pode remediar com dinheiro a morte de Harlan Scolvin.

— Claro que não. Mas cada coisa no seu tempo. Devo lhe dizer que esta reclamação não tem base legal, já que caducou com o tempo, mas o marquês não se atreverá a se agarrar a essa defesa. Estamos na borda da chantagem, mas nossa intenção é boa. Também devo explicar que a seis por cento de juros compostos, o dinheiro dobra no prazo de doze anos e que o valor atual da soma que eu reclamo nessa carta passa do milhão de dólares. Um preço um tanto elevado por um cavalo, mas só o utilizaremos como ponto de referência. Dá a sua aprovação, senhorita Fox? Clara Fox, com as mãos cruzadas sobre o regaço, já não parecia tão fria e doce como na tarde quando Muir havia declarado ante ela que era uma vulgar ladra.

— Não, respondeu. — Não creio que queiramos... Não, senhor Wolfe. Estou me dando conta... De que por minha culpa mataram o senhor Scolvin. Eu comecei tudo isto. Só por esse dinheiro... Não! Não envie essa carta. Não faça nada. Wolfe bebeu um gole de cerveja e voltou a largar o copo com a costureira lentidão.

— Depois de tudo, parece que o crime às vezes é proveitoso. Ela crispou as mãos.

— Proveitoso?

— Evidentemente. Sim, como parece provável, Harlan Scolvin foi assassinado por alguém implicado no assunto da "Quadrilha de Rubber". O criminoso fez isso por dois motivos: para retirar Scolvin do assunto e assustar o resto de vocês. Para desalentá-los, e pelo visto conseguiu. Deveria felicitá-lo.

— Não estamos assustados. Hilda Lindquist interveio, com o queixo erguido:

— Envie a carta.

— Senhorita Fox? Deu de ombros antes de concordar:

— De acordo. Envie.

— Senhor Walsh?

— Não conte comigo. Você disse que desejava explicar algo.

— Sim. Wolfe esvaziou seu copo. — Então enviaremos a carta. O terceiro problema permanece imutável. Devo chamar a sua atenção para estes fatores: Primeiro, a polícia está procurando os três neste momento... No seu caso, senhorita Fox, dois setores diferentes da polícia. Segundo, a polícia é capaz de chegar à conclusão de que o assassino de Harlan Scolvin é alguém que o conhecia ou sabia dele, e que esteve nesta tarde por esta vizinhança. Terceiro, é provável que em toda Nova Iorque não haja ninguém que tenha ouvido falar de Harlan Scolvin, fora vocês três e Clivers; ou, se tiver, não é provável que a polícia o descubra... A verdade é que não lhes ocorrerá essa ideia até que tenham esgotado todas as possibilidades de entrar em contato com vocês três. Quarto, quando os encontrem e interroguem, suspeitarão não só do assassinato de Scolvin, mas também de algum complô descabelado contra o Marquês de Clivers, já que seu nome aparecia no papel. Quinto. Quando os interrogarem, se apresentarão três caminhos a seguir. Podem dizer a verdade, em cujo caso a sua absurda e extravagante história reforçará as suspeitas e será suficiente para convencê-los de quase tudo, inclusive do crime. Ou podem variá-la um pouco, e lhes dizer só parte da verdade e ir inventando para recheiar os buracos, com o que os apanharão em mentiras e lhes acossarão mais que nunca. Ou se apegar aos direitos constitucionais e se negar a falar; se assim o fizerem os prenderão como testemunhas materiais, e sem fiança. Como vocês veem, é um dilema com três perspectivas e nenhuma atraente. Como bem disse a senhorita Fox, estão em um aperto, e nenhuma das três saídas lhes dará hors de combat para voltar a cobrar do Marquês de Clivers.

Hilda mantinha seu queixo ereto. Mike Walsh estava inclinado para frente com os olhos fixos em Wolfe. Clara Fox havia parado de retorcer as mãos e seus lábios estavam apertados. Abriu-os para dizer:

— De acordo. Você ganhou. Qual vamos escolher?

— Nenhuma. Wolfe suspirou. — Nenhuma dessas. Maldita seja, nasci romântico e nunca consegui me curar. Mas, como disse antes, espero receber. Espero já ter deixado bem claro que a polícia não vai encontrá-los, até que vocês estejam preparados para isso. As duas mulheres perguntaram ao mesmo tempo:

— E agora?

— Pois... Archie, traga o Saul.

Eu me levantei pelo costume de obedecer e não porque sentisse entusiasmo. Estava irritado. Não gostava daquilo. Encontrei Saul na cozinha, bebendo vinho do porto, enquanto contava historietas a Fred e Fritz, e o levei ao escritório.

— Diga, senhor, disse quando estava ante a mesa de Wolfe. Wolfe falou, mas sem se dirigir a ele.

— Senhorita Lindquist, este é Don Saul Panzer. Eu confiaria nele mais do que pode se considerar prudente. É solteiro, mas tem conhecidos que se casaram e possivelmente amigos, com a correspondente moradia... Um apartamento ou uma casa... Você tem algo a dizer? Mas a jovem era algo lenta e não compreendeu. Clara Fox perguntou a Wolfe:

— Eu posso falar?

— Faça-o, eu lhe peço.

— A senhorita Lindquist quer se isolar uma temporada... Só uns dias... Não sabe exatamente quantos. Pensou que talvez você soubesse de algum lugar... Talvez algum de seus amigos... Saul

concordou.

— Claro, senhorita Lindquist. Voltou-se para Wolfe. — Deram ordem para prendê-la?

— Não. Ainda não.

— Devo informar o endereço a Archie?

— De maneira nenhuma. Se eu precisar entrar em contato com a senhorita Lindquist posso fazê-lo por meio de Envios Gerais. Ela pode me notificar por telefone em que seção.

— Sairemos pela parte de trás que dá para a Rua Trinta e Quatro?

— Ia sugerir isso. Quando voltar a ficar livre, retorne para aqui. Nesta mesma noite. Wolfe piscou, se dirigindo em seguida para a jovem. — Há algo de valor na bagagem que deixou no hotel, senhorita Lindquist?

— Não muito. Não.

— Tem dinheiro?

— Tenho trinta e oito dólares e a passagem de volta para casa.

— Bem. Isso é opulência. Boa noite, senhorita Lindquist. Que durma bem.

Clara Fox também já havia se colocado em pé e se aproximando da jovem lhe colocou as mãos sobre os ombros e a beijou.

— Boa noite, Hilda. As coisas vão mal, mas... Mantenha a cabeça erguida. Hilda Lindquist disse em voz baixa:

— Boa noite a todos.

E dando meia volta seguiu Saul Panzer para fora da sala. Em poucos segundos pude ouvir seus passos na escada que leva ao porão, aonde há uma porta que dá no pátio posterior. Todos nós olhávamos para Wolfe que estava destapando mais uma garrafa de cerveja. Eu estava pensando: suponho que agora enviará a senhorita Fox para Budapeste com a mãe. Parecia-me adivinhar seu pensamento. Wolfe olhou para Mike Walsh.

— Agora, senhor, toca a você. Observo suas caretas de desgosto, mas estamos fazendo tudo o que podemos. Na cozinha há um homem chamado Fred Durkin, a quem você já viu. Dentro de sua capacidade merece sua confiança e a minha. Sugiro...

— Não quero nenhum Durkin. Walsh voltava a estar em pé. — Não quero nada de você. Vou embora.

— Mas, senhor Walsh. Wolfe o deteve com um gesto de mão. — Acredite-me, não lhe dará resultado ser tão obstinado. Não sou alarmista por natureza, mas há certos aspectos deste assunto...

— Isso eu já notei. Walsh se aproximou da mesa. — E Isso é o que eu não gosto. Olhou para Clara Fox, em seguida a mim e a Wolfe, para demonstrar seu desgosto. — É possível que não esteja na primavera da vida, mas ainda não estou na caixa. Que tipo de maquinações iria fazer um pobre velho como eu, hem? Quer que vá embora e me esconda. Por que hei de fazê-lo? Posso fazer um par de perguntas?

— Agora já são três. Wolfe suspirou. — Adiante. Walsh se voltou para mim.

— Você, se chama Goodwin, não é? Foi você quem atendeu ontem ao telefone, quando ligaram para Harlan Scolvin?

— Não, sorri. — Não estava aqui.

— Onde estava?

— Nos escritórios da Seaboard Products Corporation, onde trabalha a senhorita Fox.

— Ah! Verdade? Então não estava aqui. E suponho que poderia ser você quem telefonou para Harlan.

— É verdade que pude fazê-lo, mas não o fiz. Escute, senhor Walsh...

— Já escutei muito. Andei escutando Clara Fox durante um ano todo e olhando seu rosto bonito. Não tinha razão para duvidar dela, e o que resultou de tudo isto? Ajudei o meu velho amigo Harlan Scolvin encontrar a morte em uma emboscada. Meu velho amigo Harlan. Deteve-se bruscamente apertando os lábios, e enquanto nos olhava, uma grossa lágrima brotou de cada um de seus olhos, deixando um sulco brilhante em suas faces enrugadas. Continuou: — Eu jantei com você. Convidou-me para comer e para três doses. Talvez queira devolver algum dia. Pode ser que seja como parece, mas sei que há alguém que não é e eu vou descobrir. Que é isso de que vão perseguir a senhorita Fox por roubar dinheiro? Também posso descobrir isso. E se quero cobrar algo desse inglês, marquês ou o que seja, eu posso cobrar sozinho. Boa noite a todos. E dando meia volta se dirigiu a porta. Wolfe gritou:

— Detenha-o, Archie!

Lembrando-me do revólver que levava em seu bolso, saquei o meu e o segurei por detrás. Deu um grunhido e depois de me dar um par de pontapés nas canelas, teve o bom senso suficiente para se dar conta de que não lhe serviria de nada. Estremeceu-se um pouco e em seguida permaneceu imóvel, ainda que eu continuasse segurando-o.

— Não me deixa ir embora, hem? Wolfe falou desde o outro extremo da sala.

— Você me chamou de idiota, senhor Walsh. Eu lhe devolvo o cumprimento. Mas você é pior, é um obcecado. Mas também é um velho, e por isso lhe devo respeito. Pode ir para onde quiser, mas devo adverti-lo que cada passo que dê pode ser perigoso. Além disso, quando falar, cada palavra pode ser perigosa não só para você, mas também para a senhorita Fox e a senhorita Lindquist. Aconselho-o que tome todas as precauções...

— Eu sei me cuidar.

— Mike! Clara Fox se aproximou dele com a mão estendida. — Mike, não pode pensar... O que o senhor Wolfe diz é verdade. Não nos abandone agora. Solte-o, senhor Goodwin. Walsh meneava a cabeça.

— Não o viu me segurar, e só porque queria sair por meus próprios pés? Odeio detetives como sempre odiei. E o que estava fazendo em seu escritório? E se for minha inimiga, Clara Fox, que Deus a proteja, e se não, poderá ser minha amiga. Agora não. Quando ele me soltar vou embora.

— Solte-o, Archie. Boa noite, senhor Walsh. Eu afrouxei a pressão dos meus braços e dei um passo atrás. Mike Walsh levou a mão aos quadris, voltou a me olhar e em seguida disse a Wolfe:

— Mas não sou estúpido. Mostre-me a saída posterior. Clara Fox lhe suplicou:

— Não se vá, Mike.

Não respondeu. Eu comecei a andar para a cozinha e ele me seguiu depois de apanhar chapéu e paletó na antessala. Disse a Fred que o acompanhasse ao pátio, até a passagem que dava para a Rua Trinta e Quatro, e acendi a luz do porão. Fiquei vendo-o ir embora. Aquele assunto não me importava muito, e agora ainda tinha pior aspecto por culpa daquele idoso irlandês que ia na procura da resposta a suas perguntas. Mas não havia tentado dissuadi-lo, porque conheço o tipo. Quando retornei ao escritório, Clara Fox continuava de pé, e perguntou:

— Se foi de verdade? Assenti.

— Você acredita que sentia verdadeiramente o que disse? Ela se voltou para Wolfe.

— Eu não acredito que sentisse. Estava só furioso, assustado e triste. Sei o que sentia. Lamenta que Harlan Scolvin tenha morrido assassinado, porque nós começamos este assunto e agora não quer ir embora e se esconder. Eu tampouco. Não quero sair.

— Então é uma sorte que você não tenha que fazê-lo.

Wolfe esvaziou o copo e o colocou de novo na bandeja. Aquilo significava que bebera bastante cerveja por aquele dia e que por conseguinte não era provável que abrisse mais de uma garrafa antes de ir para cima, contando que fosse agora. Suspirou.

— Compreenda, senhorita Fox, que isto é algo sem precedentes. Há muito anos que não dorme nenhuma mulher sob este teto. Não é que eu as desaprove, exceto quando querem fazer as vezes de animais domésticos. Mas quando se dedicam às vocações que melhor lhes cabem, tais como se enfeitar, adular, enganar, a malandragem e o mimo, algumas vezes se tornam esplêndidas criaturas. De qualquer maneira... Encontrará seu quarto, que fica precisamente em cima do meu, muito cômodo. Devo adicionar que sou terrivelmente aficionado às boas fazendas, o colorido e aos materiais finos, e que tenho muito bom gosto nessas questões. É um prazer olhá-la. Você possui uma beleza inusitada. Participo-lhe que ainda que a ideia de que uma mulher durma debaixo do meu teto me é insuportável, mas neste caso estou disposto a transigir com muito gosto.

— Obrigado. Então, devo me esconder aqui?

— Sim. Deve permanecer em seu quarto com as cortinas fechadas. Será necessária muita prudência; em seguida lhe daremos mais detalhes. O senhor Goodwin cuidará disso. Se sua estadia se prolongar, é possível que possa se reunir conosco na mesa nas horas das refeições; comer em uma bandeja é um insulto para quem come e para a comida; e nesta casa o almoço é servido pontualmente a uma e o jantar às oito. Mas antes que se retire para descansar há uma ou duas coisas que preciso saber; por exemplo, onde estava você, a senhorita Lindquist e o senhor Walsh entre cinco e seis desta tarde?

— Foi por isso me perguntou se havia matado alguém, e eu achei que havia ficado maluco. Já lhe disse que estávamos procurando Harlan Scolvin.

— Vamos por partes. Anote, Archie. O senhor Goodwin me informou que você havia saído dos escritórios da Seaboard às cinco e quinze. Clara me olhou.

— Sim, mais ou menos. Nessa hora esperava me encontrar com Harlan Scolvin em seu hotel da Rua Quarenta e Cinco, e não cheguei ali antes das cinco e meia. Não estava. Olhei pela rua, e fui até um hotel que há na quadra seguinte pois poderia não ter entendido bem, e ao não encontrá-lo voltei ao primeiro, mas tampouco estava. Disseram-me que havia passado toda a tarde fora. Hilda se hospedava em um hotel da Rua Trinta, e eu havia dito a Mike Walsh que estivesse no vestíbulo quinze para as seis, que eu iria apanhá-los. Claro que cheguei tarde, já eram seis horas quando fui para lá, e decidimos passar pelo hotel de Harlan Scolvin uma vez mais, mas tampouco o encontramos. Esperamos uns minutos e por fim resolvemos vir sem ele, por isso chegamos aqui às seis e meia. Deteve-se e se mordeu o lábio inferior. — Já estava morto... Então. Enquanto nós o procurávamos. E eu que projetava... Que pensava...

— Acalme-se, senhorita Fox. Não podemos ressuscitá-lo. De modo que você não sabe nada do que fizeram a senhorita Lindquist e o senhor Walsh entre as cinco e as seis... Acalme-se, eu lhe peço.

Não volte a me dizer que sou um estúpido ou acabarei por acreditar. Só tento formar uma imagem, ou melhor, um esboço. Talvez seja melhor que nos deixe agora e vá se deitar. Lembre-se que deve permanecer em seu quarto para sua própria tranquilidade e para me evitar sérias complicações. O senhor Goodwin...

— Eu sei. Olhou-me franzindo o cenho. — Pensei nisso quando você me disse que devia ficar aqui. Você me considera cúmplice pelo fato...

— Não diga bobagens. Wolfe se endireitou e a mão se dirigiu automaticamente para o lugar onde estivera o copo. Olhou-me para ver se eu havia reparado em seu gesto e em seguida voltou a apoiar as costas contra a cadeira. — Estou agindo convencido de que você não está implicada no roubo, nem no crime. Se estiver, diga e vá embora. Se não, vá se deitar. Fritz lhe mostrará seu quarto. Apertou o timbre. — O que decide?

— Irei me deitar. Afastou os cabelos do rosto. — Ainda que acredite que não conseguirei dormir.

— Espero que durma, ainda que agora não tenha vontade. De qualquer maneira não ande muito, porque eu durmo precisamente debaixo de você. A porta se abriu e Wolfe se voltou para olhar. — Fritz. Faça o favor de acompanhar a senhorita Fox ao quarto sul, coloque toalhas limpas e demais. De manhã leve suas rosas com o desjejum, mas antes que Theodore lhes corte os talos... E a propósito, senhorita Fox, você não trouxe nada consigo. Terá que passar sem seus artigos de toucador, mas creio que poderemos lhe proporcionar uma roupa para dormir. O senhor Goodwin tem um pijama de seda muito bonito que sua irmã enviou de Ohio como presente de aniversário. É atrevido, mas bonito. Estou certo de ele não se importará. Fritz, suponho que o encontrará na gaveta da cômoda que fica próxima da janela. A menos... Que prefira ir procurá-lo você mesmo, Archie.

Gostaria de jogar algo na cabeça dele. Sabia perfeitamente o que eu pensava daquele pijama. Estava tão irritado que deve ter se refletido nas minhas faces, já que vi Fritz morder o lábio inferior. Custou-me me recompor mais que o normal, ainda que nunca tenha sido muito rápido, mas naquele instante soou a campainha da porta, o que foi uma sorte para Wolfe. Pus-me de pé passando ante eles para me dirigir a antessala. Não tive cuidado por duas razões. Em primeiro lugar, dava por certo que era Saul Panzer que regressava de acompanhar Hilda Lindquist ao seu lugar de reclusão, e o motivo para que desse algo por certo quando não devia fazê-lo, já que sempre é prejudicial em nossa profissão, foi que continuava pensando na tentativa de Wolfe de se fazer de engraçado. De qualquer maneira sigo reconhecendo que fui imprudente. Puxei o ferrolho e retirando a corrente abri a porta.

Quase me jogam no chão e a borda da porta me bateu em um ombro. Eram dois e pelo visto tinham pressa. Joguei-me para atrás e bati num no estômago com o joelho e no outro retorci um braço. Começou a cambalear, mas não me preocupei com isso; peguei ao que havia detido com o joelho e o utilizei como vassoura confiando na rapidez e em meus oitenta quilos. O resultado deixou limpa a antessala. Saímos a tal velocidade que o primeiro indivíduo caiu de bruços, e eu, deixando cair o que trazia nos braços, me apressei a fechar a porta. Então fiz soar a campainha três vezes. O indivíduo que havia caído, o que quis me golpear, estava já de pé e se aproximara dizendo:

— Somos oficiais.

— Cale-se! Ouvi passos no interior e gritei através da porta fechada: — Fritz? Diga ao senhor Wolfe que apareceram um par de cavalheiros e que eu vou mantê-los na varanda para conversar. E escute! Aquilo está na última gaveta.

Oito

EU DISSE:

— O que quer dizer com oficiais? Do Exército ou da Marinha? Olhou-me. Era um pouco mais alto que eu e se ergueu para exagerar a diferença. Sua voz foi dura o suficiente para assustar uma colegial até o ponto de fazê-la perder as calcinhas.

— Escute, garotão. Já ouvi falar de você. Gostaria de tirar uma boa sonequinha em alguma cela?

O outro policial também já havia ficado de pé, mas era muito mais baixo e estava furioso. Eu me apressei a acalmar as turbulentas águas. Normalmente teria gostado de uma boa discussão, mas desejava descobrir algo e em seguida voltar a entrar na casa. Adotei um sorriso amistoso.

— Como diabos eu ia saber que eram policiais? Está bem, obrigado, sargento. Só vi que a porta se abria e entrava um ciclone. É esse o modo de inspirar confiança?

— Certo; agora já sabe quem somos. O sargento havia virado sua gola para me mostrar sua insígnia. — Deixe-nos entrar. Queremos ver Nero Wolfe.

— Sinto muito, mas ele está com enxaqueca.

— Nós curaremos. Escute. Um amigo meu me preveniu uma vez contra você. Disse que chegaria um dia em que haveriam de abaixar sua crista. Talvez tenha vindo aqui para isso. Mas no momento é questão da Lei. Abra essa porta ou a abrirei eu mesmo. Quero ver o senhor Wolfe por um assunto policial.

— Não existe nenhuma lei para isso. A menos que tenha um mandado de busca.

— De qualquer maneira você não conseguiria ler. Deixe-nos entrar. Eu estava me impacientando.

— Para que perder tempo? Não podem entrar. Acabaram de encerar o chão, e de qualquer maneira Wolfe não iria recebê-los a esta hora da noite. Diga-me o que desejam como cavalheiros e policiais, e verei se posso ajudá-los.

Olhou-me, e colocando a mão no bolso interior de seu paletó retirou um documento enquanto eu notava uma estranha sensação em meus joelhos, como se fossem dançar o Charleston. Se fosse um mandado de busca a brincadeira terminaria ali. Desdobrou-o para que eu o visse, e mesmo sob a escassa luz de um poste da rua um olhar me bastou para recobrar a respiração. Era só uma ordem de prisão. Dei-lhe uma olhada e entre outras coisas vi a assinatura de Ramsey Muir e fiz um gesto de assentimento. O sargento grunhiu:

— Vê o nome? Clara Fox.

— Sim, é um bonito nome. Lembro-me de...

— Vamos entrar para apanhá-la. Abra. Levantei as sobrancelhas.

— Aqui? Estão malucos.

— De acordo, estamos malucos. Abra a porta. Movi a cabeça e apanhando um cigarro, acendi e disse:

— Escute, sargento. É inútil perder tempo repetindo as coisas. Você sabe perfeitamente que tem tanto direito a entrar por essa porta como o que outra pessoa qualquer possa ter, a menos que traga um mandado de busca. Normalmente, o senhor Wolfe está mais que disposto a cooperar com vocês; se não sabem, perguntem ao inspetor Cramer. E eu o mesmo. Diabos, alguns de meus melhores amigos são policiais! Nem sequer estou irritado porque tentaram entrar a força e se os empurrei foi porque os tomei por ladrões. Mas casualmente neste momento não desejamos companhia de nenhum tipo.

— Clara Fox está aqui? Disse após dar um grunhido.

— Que pergunta! Sorri. — Ou não está, em cujo caso a resposta é não, ou está e eu não quero que vocês saibam, acreditam que ia dizer que sim? Poderia fazê-lo se estivesse em qualquer outra parte para que não fosse ali buscá-la.

— Está aqui? Limitei-me a menear a cabeça. — Está protegendo uma fugitiva da justiça.

— Eu não sonharia em fazer semelhante coisa. O policial baixinho que eu havia varrido da antessala interveio com voz de tenor:

— Prenda-o por resistir à autoridade.

— O sargento sabe que não pode fazê-lo, reprovei-o. — Sabe que não me prenderiam, ou se o fizessem, li em certa ocasião que um homem processou-os e ganhou por falsa prisão.

O mais alto me olhou uns instantes e em seguida descendo os degraus da varanda foi para a rua. Não sei se esperava ver ali o exército russo, ou ia a procura de um bar para beber algo. Gritou ao seu companheiro.

— Fique aí, Esteban. Vigie essa porta. Vou telefonar e é provável que enviem alguém. Quando esse pássaro se virar para entrar na casa, lhe dê um bom pontapé onde você já sabe. Saudei-o com a mão.

— Boa noite, sargento. Fiz soar a campainha três vezes, apanhei a chave do meu bolso e abri a porta para entrar em casa. Se aquele tenor me desse o tal pontapé lhe afundava o nariz. Passei o ferrolho. Fritz estava na metade da antessala com minha automática na mão, e lhe disse: — Cuidado, está carregada. Estava muito sério.

— Eu sei, Archie. Pensei que podia precisar dela.

— Não, obrigado. É apenas um jogo.

Fritz me entregou a pistola rindo e foi para a cozinha. Eu me dirigi ao escritório. Clara Fox já havia se retirado, e eu imaginei que estaria se olhando no espelho com o meu pijama vestido. Provei-o uma vez, mas nunca me atrevi a usá-lo. Não havia feito mais que entrar no escritório quando souo o timbre. Quando voltei à antessala e abri a porta, sem retirar a corrente, me perguntei se seria o tenor que me chamava para dar o tal pontapé, mas desta vez era Saul Panzer. Quando o vi perguntei pela janelinha:

— Encontrou-a?

— Não. Perdi a pista.

Abri para deixá-lo entrar e acompanhei-o ao escritório. Wolfe se achava descansando em sua poltrona com os olhos fechados. A bandeja havia voltado a sua posição habitual e nela se via um copo cheio de espuma e duas garrafas. Estava comemorando as complicações.

— Saul está aqui, anunciei.

— Bem. Seus olhos permaneceram fechados. — Correu tudo bem, Saul?

— Sim, senhor.

— Satisfatório. Pode dormir aqui?

— Sim, senhor. Parei apenas para apanhar minha escova de dentes.

— Muito bem. Archie, coloque-o no quarto norte, o que fica em cima do seu. Diga a Fred que o esperamos às oito da manhã e mande-o para casa. Se tiver fome, Saul, vá para a cozinha; se não, apanhe um livro e espere na sala contígua. Em breve darei instruções.

Fui para cozinha e fazendo Fred Durkin levantar de sua cadeira acompanhei-o até a porta, depois de adverti-lo para que não tropeçasse com os obstáculos que pudesse encontrar na varanda. Mas o policial havia saído da entrada e se achava na calçada apoiado em um hidrante. Ergueu-se para olhar Fred, e eu esperava que fosse bastante idiota para acreditar que era Clara Fox de calças compridas, mas seria esperar muito. Voltei a trancar a porta e retornei ao escritório. Saul se achava na sala ao lado enfrascado na leitura de um livro. Wolfe continuava na sua sala. Quando transcorreram um par de minutos sem que Wolfe desse sinais de vida, disse em tom indiferente:

— A comoção que houve na antessala há pouco foi porque o Prefeito e o Comissário de Polícia vieram a procura da liberdade da cidade sitiada. Cortei-lhes a cabeça e as joguei na lata de lixo.

— Um momento, Archie. Não me atrapalhe.

— Está bem. Vou tomar leite. É provável que seja o último prazer inocente de que disfrute antes que nos metam na cadeia. Lembro-o que uma vez você me disse que não há nenhum momento na vida de um homem demasiado vazio para ser dramatizado. Pelo visto pensa que é uma desculpa para encher a vida com...

— Maldito seja! Wolfe suspirou e vi seus olhos brilharem. — Muito bem. Quem esteve na antessala?

— Dois da polícia secreta, um nada menos que sargento, com uma ordem de prisão contra Clara Fox assinada por Ramsey Muir. Queriam nos apanhar de surpresa e eu joguei-os na rua com minhas mãos e meus pés. Satisfatório? Wolfe deu de ombros.

— Concedo que em certas ocasiões não há tempo para cortesias. Ficaram?

— Um está lá fora apoiado num hidrante. O sargento foi telefonar. Querem cobrir a parte de trás. É uma sorte que Walsh e Hilda Lindquist já tenham saído. Imagino que... Soou o telefone. Virei-me para atendê-lo, e pousei meu copo de leite. — Alô. Aqui é do escritório de Nero Wolfe. Alguém me disse que esperasse, e outra voz adicionou:

— Alô. Wolfe? É o inspetor Cramer. Disse-lhe que não desligasse e me voltei para Wolfe.

— É Cramer. Acordado a esta hora da noite...

Enquanto Wolfe levantava o telefone que havia em cima de sua mesa, me fez sinais de que não desligasse o meu, e eu me apressei a apanhar bloco e lápis. Cramer estava furioso, um tanto assustado e também ressentido. Contou uma história lamentável. Pelo visto o sargento Heath, um dos melhores homens da sua divisão, durante o cumprimento de seu dever para realizar uma prisão, havia

tentado entrar no escritório de Nero Wolfe para consultá-lo e haviam lhe negado a entrada. De fato, foi impedido à força. Que tipo de cooperação era aquela? Wolfe também ficou surpreso por seus protestos. Quando seu ajudante, o senhor Goodwin, havia jogado os intrusos na rua com as próprias mãos, ignorava que fossem policiais; e quando descobriu suas identidades, sua atuação havia demonstrado suas intenções amistosas sem lugar a dúvida. Wolfe imaginava que era um mal-entendido. Cramer grunhiu:

— Está bem. É inútil tentar escapular. O que pretende? Ganhar tempo? Quero a garota, e o quanto antes melhor.

— Certo. Wolfe não se imutou. — Quer a garota?

— Já sabe disso. Goodwin viu a ordem de prisão.

— Sim, ele me contou que viu uma ordem de prisão. Por roubo, creio que me disse. Mas não é um pouco estranho, senhor Cramer? É quase meia-noite, e você, um inspetor, está frenético por um roubo...

— Não estou frenético. Mas quero encontrar essa garota e sei que você a tem aí. É inútil, Wolfe. Faz menos de meia hora que recebi uma ligação telefônica me dizendo que Clara Fox estava em seu escritório naquele momento.

— Custa só cinco centavos ligarem por telefone. Quem era?

— Isso é assunto meu. O caso é que está aí. Sejam diretos. Se Heath voltar agora ao seu escritório, poderá trazê-la? Sim ou não?

— Senhor Cramer. Wolfe aclarou a garganta, — Serei direto. Em primeiro lugar, nem Heath, nem ninguém que apareça terá permissão para entrar na minha casa sem um mandado de busca.

— Como diabos quer que consiga um mandado de busca à meia-noite?

— Não saberia lhe dizer. Em segundo lugar, a senhorita Clara Fox é minha cliente, e ainda que deseje ardentemente defender seus interesses, nem por isso espero violar a Lei. Terceiro, no momento não responderei a mais nenhuma pergunta, não importa qual seja, que se refira a seu paradeiro.

— Não, hem? E a isso chama de cooperação?

— Em absoluto. Chamo-lhe senso comum. E não há por que discuti-lo. Uma larga pausa e ao fim Cramer voltou a dizer:

— Escute, Wolfe. Isto é mais importante do que você imagina. Pode vir ao meu escritório em seguida?

— Senhor Cramer! Wolfe estava apavorado. — Você sabe que não me é possível.

— Quer dizer que não quer. Esqueça por uma vez. Eu não me moverei daqui. Digo-lhe que é importante.

— Sinto muito, inspetor. Como sabe você, raras vezes deixo a minha casa e só impelido por exigências pessoais. A última vez que saí foi em um táxi conduzido por Dora Chapin e para salvar a vida do meu ajudante, o senhor Goodwin. Cramer grunhiu um pouco.

— Não virá?

— Não.

— Eu posso ir a sua casa?

— Eu creio que não, dadas as circunstâncias. Como lhe disse, não poderá entrar sem um mandado de busca.

— Ao diabo com o mandado de busca! Preciso vê-lo. Quero dizer só vê-lo e falar com você.

— Só falar? Não está escondendo nada?

— Não. É a verdade. Estarei aí dentro de dez minutos.

— Muito bem. Vi que Wolfe desenrugava as faces. — Tentarei conter o senhor Goodwin.

Desligamos. Wolfe pressionou a campainha para chamar Fritz. Eu, fechando o bloco, coloquei-o sobre a mesa e apanhei o copo para beber um gole. Em seguida, consultei o relógio, e vendo que já era meia-noite decidi que o melhor era me armar de paciência. Fui até o armário para me servir um copo de borgonha. Desceu bem; de modo que enchi outro copo. Fritz havia trazido mais cerveja para Wolfe, que já estava chegando ao destino.

— Diga-me onde está Mike Walsh, disse, — E irei quebrar a crista dele. Deve ter entrado na primeira loja e telefonado para a polícia. Deveríamos ter pedido que Fred o seguisse. Wolfe meneou a cabeça.

— Você sempre pula na praia mais próxima, Archie. Algum dia baterá numa pedra e abrirá a cabeça.

— Sim? Não foi Walsh quem telefonou?

— Não tenho a menor ideia. Não estou disposto a pular. Talvez o senhor Cramer nos proporcione uma pista. Diga a Saul que vá se deitar e que esteja no meu quarto às oito da manhã para receber instruções.

Fui à sala contígua para dar conta do programa a Saul, e após desejar boas noites, retornei de novo a minha mesa. Sobre ela vi um cartão branco que havia caído de minha agenda onde o colocara horas antes, esquecendo-o depois. Apanhei para lê-lo. Francis Horrocks.

— Pergunto-me que grau de intimidade Clara Fox terá com esse novo amigo dela, disse. — Esse jovem diplomata que enviou as rosas. Foi ele quem conseguiu a reunião com o chefe. Onde imagina você que intervém?

— Que intervém em quê? De modo que isso era o que pensava. Alcei uma mão compreensivamente.

— Oh, na vida. Já sabe, o mistério do Universo. A trama de todas as coisas.

— Afirmo que não sei. Pergunte a ela.

— Claro que farei isso. Só que achei que primeiro devia perguntar a você. Não seja tão reservado. O caso é que estou desfeito. Esse Harlan Scolvin que foi assassinado era um bom homem. Teria gostado dele; disse que ninguém podia conhecer muito bem uma mulher para deixá-la solta por aí. Ainda que suponho que você agora terá mudado de opinião, já que há uma mulher dormindo em sua cama e...

— Alto lá!... Minha cama...

— Você dorme em todas as camas da casa exceto na minha, não é? Claro que é sua. Fechou a porta à chave?

— Sim. Dei ordem para abrir somente para Fritz ou você.

— Bem. Assim posso ir lá a qualquer momento. Há algo que queira me dizer antes que Cramer chegue? Por exemplo, quem matou Harlan Scolvin, onde estão os trinta pacotes e o que acontecerá quando pegarem o Mike Walsh e ele contar de nossa reunião desta tarde? Você se deu conta de que Walsh estava aqui quando Saul levou Hilda Lindquist? Não vê que Walsh pode estar neste momento no escritório de Cramer? Não compreende que...?

— É suficiente, Archie. Definitivamente. Wolfe se serviu de mas cerveja. — É muito para mim. Como disse ao senhor Walsh, não sou alarmista, mas entendo que a senhorita Fox corre um perigo

mais iminente que algum de meus anteriores clientes correu; se não o perigo de perder a vida, mas o de arruiná-la por completo. Por isso aceitei o risco de ocultá-la aqui. E quanto à morte de Harlan Scolvin, meus pensamentos apontam para a mesma direção, mas isso é pouco para minha própria satisfação e totalmente insuficiente para a segurança da senhorita Fox ou para demandas legais. Pode ser que averiguemos algo por meio do senhor Cramer, ainda que duvide. Precisaremos dar certos passos sem a menor demora. Orrie e Johnny Kems poderiam estar aqui amanhã às oito?

— Vou trazê-los. É possível que precise retirar Johnny da cama.

— Faça isto. Procure que estejam aqui às oito se for possível, e leve-os ao meu quarto. Suspirou. — Precisaremos incomodar muita gente, mas não pode se evitar. Você precisará ficar em casa. Antes de nos retirar devemos discutir alguns acordos a respeito da senhorita Fox. E a propósito, a carta que ditei em benefício de nossa cliente, a senhorita Lindquist, deverá ser enviada registrada antes que recolham o correio da manhã. Envie Fritz para que a coloque no correio.

— Então será melhor que a copie a máquina, antes que Cramer chegue.

— Como quiser.

Voltei-me, destampeei a máquina e abrindo meu bloco me dispus a copiá-la. Sorri ante o “Meu senhor”, mas me contive ao pensar que se Wolfe não tivesse dito que fosse democrático, teria me visto em um apuro e talvez escrevesse algo assim como: “Senhor Marquês...”. Pelo artigo que havia lido no dia anterior soube onde se hospedava: no Hotel Portland. Wolfe assinou-a e em seguida entreguei-a a Fritz o acompanhei até a porta e esperei que regressasse. O policial baixinho continuava esperando. Quando retornei ao escritório, e antes que tivesse tempo de sentar, soou a campainha da porta. Não quis correr o menor risco, já que Fred fora para casa e Saul já estava dormindo em cima. Abri a portinhola e quando vi que Cramer viera sozinho abri a porta. Ele passou ao interior e uma vez fechada a porta apanhei seu chapéu e seu casaco. Olhei-o com bons olhos porque sabia que estivera defendendo a Lei por trinta anos. Murmurou:

— Olá, garotão. Wolfe está no escritório?

— Sim. Entre.

* * *

Nove

WOLFE E O INSPETOR se cumprimentaram. Cramer sentou e sacando um charuto, do qual mordeu a ponta, acendeu-o com um fósforo. Wolfe apertou o nariz entre seus dedos indicador e polegar para previr suas membranas contra o que se avizinhava. Eu estava na mesa com o bloco sobre os joelhos sem me preocupar em ocultá-lo.

— Sabe no que estava pensando quando vinha para cá? Soltou Cramer. Wolfe moveu a cabeça.

— Não consigo adivinhar.

— Já vi que não adivinha. Decidi que era uma destas duas coisas: ou bem resolveu ocultar aqui a senhorita Fox para ganhar tempo, e esperar o dia para levá-la a outra parte, ou bem a enviou a outra parte e está nos enganando, fazendo acreditarmos que ela está aqui para que não nos coloquemos sobre sua pista. A propósito, suponho que não foi Goodwin quem telefonou para o meu escritório às onze e meia...

— Eu creio que não. Foi você, Archie?

— Não, senhor. Palavra de honra.

— Muito bem. Cramer encheu os pulmões de ar e tossiu. — Sei que é inútil jogar pôquer com você, Wolfe. Renunciei a isso há anos. Vim para colocar algumas cartas na mesa e pedir que faça o mesmo. A verdade é que o comissário diz que não pedimos, mas que exigimos. Não queremos correr o...

— O comissário de polícia? O senhor Hombert? Wolfe levantou as sobrancelhas.

— O mesmo. Estava no meu escritório quando lhe telefonei. Já lhe disse que isto é mais importante do que você imagina. Você está enrolado.

— Não diga isso. Wolfe suspirou. — Estava certo de que o faria mais cedo ou mais tarde.

— Oh, não estou tentando impressioná-lo. Também já renunciei a isso. Só lhe exponho os fatos. Como já disse ao comissário, você é manhoso e difícil de manejar, mas nunca soube que tenha descido até ao ponto se sujar na lama. Aparte de certas concessões, você foi sempre um bom cidadão.

— Obrigado. Continuemos.

— Bem. Cramer aspirou seu charuto e sacudiu a cinza. — Disse que ia mostrar algumas cartas. Em primeiro lugar há que considerar o fundo da questão, e será melhor que eu o mencione. Já sabe o que está acontecendo hoje em dia, todo o mundo ataca os demais e a metade ficou maluca. Quando um barco alemão atraca em nosso porto, um grupo de judeus vai ali, arranca a bandeira e arma um rebuliço infernal. Se um professor fugido da Itália tenta dar uma aula, uma quadrilha de fascistas vai lá e lhe dá uma surra. Quando se tenta alimentar as pessoas sem trabalho, viram comunistas e querem promover uma revolução. Chegou-se ao ponto de que quando alguns presidentes de banco vão jantar na Casa Branca, os criados revisam todo o chão à procura de cascas de banana que possam ter colocado ali para fazê-los cair. Todo o mundo ficou maluco. Wolfe concordou.

— Sem dúvida alguma você tem razão. Eu não saio muito, mas tudo isso me parece assustador.

— E é. Para ir a um caso mais concreto, quando algum estrangeiro proeminente nos visita, devemos vigiá-lo de perto. Não queremos que aconteça algo. Por exemplo, você se surpreenderia com as precauções que tomamos quando o embaixador da Alemanha vem a Washington para participar de um banquete. Você pensaria que já explodiu a guerra. E, para dizer verdade, é assim! Ninguém está disposto a isso, mas todos querem bater primeiro. Quem quer que desembarque neste porto hoje em dia, pode estar certo de que terá alguém esperando.

— Seria melhor que todo o mundo ficasse em sua casa.

— Sim? Oh, isso é assunto deles. De qualquer maneira, exponho a situação. Há um par de semanas chegou um homem vindo da Inglaterra chamado Marquês de Clivers.

— Eu sei. Li nos jornais.

— Então já sabe ao que veio. Wolfe concordou.

— De um modo geral. Por uma alta missão diplomática... Questões do Oriente.

— Talvez. Não sou político, mas policial. Sou há trinta anos e continuo sendo. Mas o Marquês de Clivers é tão importante como qualquer outro. Soubemos de sua chegada pelo Ministério de Estado. Quando desembarcou aqui há um par de semanas lhe prestamos nossa proteção até que partiu para Washington, e quando retornou, há oito dias, fizemos o mesmo.

— O mesmo? Você quer dizer que seus homens o acompanharam constantemente? Cramer moveu a cabeça.

— Constantemente não. Só nas aparições públicas e vigiando-o de um modo geral. Empregamos homens especializados. Se observarmos ou ouvimos algo que desperte nossas suspeitas, nos pomos a trabalhar. Para isso é que vim. As cinco e vinte e seis desta tarde um homem foi assassinado a poucas quadras daqui. Em seu bolso encontraram um papel... Wolfe levantou uma mão.

— Sei de tudo isso, senhor Cramer. Conheço o nome desse indivíduo, que havia saído de meu escritório poucos minutos antes de ser assassinado e que no papel aparecia o nome do Marquês de Clivers. O detetive que esteve aqui, creio que se chama Foltz, me mostrou.

— Oh! Mostrou? E aí?

— Pois... Vi os nomes nele escritos. O meu estava entre eles. Mas, como já expliquei ao senhor Foltz, eu não vi aquele homem. Chegou aqui inesperadamente e sem se anunciar, e o senhor Goodwin teve que...

— Sim. Cramer retirou o charuto da boca e se inclinou para frente. — Escute, Wolfe, não quero discutir com você, pois reconheço que você é melhor que eu. Falei com Foltz e sei o que lhe disse. Esta é a minha posição: em nossa cidade há um homem que representa um governo estrangeiro em um assunto de importância e eu sou o responsável por sua segurança e de evitar que seja importunado. Um homem é assassinado a tiros em plena rua e em um papel que encontramos em seu bolso aparece o nome do Marquês de Clivers entre outros. Naturalmente não me importaria saber quem matou Harlan Scolvin, mas ter encontrado esse nome faz com que se trate de algo mais que de um homicídio vulgar. Qual é a relação que existe e o que significa? O comissário diz que devemos descobrir a toda pressa ou é possível que nos encontremos com um conflito indesejável. Já cometemos um erro. Como um estúpido novato, o capitão Devore foi esta noite ver o Marquês de Clivers sem consultar previamente a Chefatura.

— Quer um copo de cerveja, senhor Cramer?

— Não. O marquês se limitou a olhar para Devore como se se tratasse do mais vil dos animais, dizendo que o morto devia pertencer a uma agência de seguros e que aquele papel seria uma lista de possíveis clientes. Mais tarde, o próprio comissário telefonou ao Marquês, que naquele momento se lembrou que há oito dias foi visitá-lo uma tal de Clara Fox, contando uma história absurda para

tentar conseguir dinheiro e que ele a havia despachado. De modo que existe uma relação. Sem dúvida alguma é uma espécie de complô e já que é bastante importante para que alguém tenha se incomodado de despachar Harlan Scolvin, não pode dizer que é uma bobagem. Seu nome aparecia no papel. Sei o que você disse a Foltz. Muito bem. O que preciso fazer é encontrar esses outros três, e deveria estar na cama há já duas horas. Primeiro me permita fazer uma pergunta muito simples: Você sabe que relação existe entre Clara Fox, Hilda Lindquist, Michael Walsh e o Marquês de Clivers? Wolfe balançou a cabeça lentamente.

— Isso não lhe serviria de nada, senhor Cramer.

— Isso eu vou decidir. Me responderá? Cramer mordeu o charuto com força. Wolfe voltou a negar com a cabeça.

— Claro que não... Permita-me, por favor. Enfoquemos a questão, agora de outro ponto diferente, assim: O que me contaram a respeito das relações existentes entre essas quatro pessoas poderia, ou resolver o problema da morte de Harlan Scolvin, ou ameaçar a segurança pessoal do Marquês de Clivers, ou fazê-lo vítima de perseguições ilegais e imerecidas? Quer aceitá-lo como pergunta? Cramer olhou-o com o cenho franzido.

— Repita. Wolfe obedeceu e Cramer disse: — Então... Responda.

— A resposta é, nada.

— Hem? Eu estou perguntando, Wolfe... Wolfe deteve-o com um gesto de mão e dizendo em tom seco:

— Basta. Terminamos. Admito que tem direito a me visitar, como cidadão que desfruta das oportunidades e privilégios da cidade de Nova Iorque, e que não devo colocar obstáculos... Mas sim ajudá-lo até certo ponto... Em seus esforços para defender um distinto hóspede estrangeiro contra o perigo e impertinentes incômodos. Também compreendo seus esforços para resolver um crime. Mas deve levar em conta duas coisas: Primeira, que é possível que suas duas empresas sejam incompatíveis. Segunda, que pelo que a mim respeita, no momento, essa será minha resposta a sua pergunta. Pode ser que tenha outras a me fazer às que não me importe de responder. Quer que tentemos? Cramer olhou-o mordiscando o charuto.

— Sabe uma coisa, Wolfe? Algum dia você cairá e vai se machucar.

— Você me disse essas mesmas palavras nesta sala, há oito anos.

— Não me surpreende que o fizesse. Cramer deixou o resto de seu charuto no cinzeiro e apanhou outro. — Aí vai uma pergunta: O que quer dizer com “incompatível”? Suponha que foi o Marquês de Clivers que apagou Harlan Scolvin. É só uma ideia.

— A mim também me ocorreu essa ideia. Poderia ser. Tem álibi?

— Não sei. Acredito que o comissário se esqueceu de perguntar. Você tem alguma prova?

— Não. Em absoluto. Wolfe fez um gesto. — Mas vou lhe dizer uma coisa. Para mim também é importante resolver a morte de Harlan Scolvin no interesse de um cliente. Bem, melhor dito, de dois.

— Oh! Você tem clientes?

— Tenho. Já lhe disse que há várias perguntas às que poderia responder se você se preocupasse em me fazê-las. Por exemplo, sabe quem estava sentada na cadeira que você ocupa agora, só há três horas? Clara Fox. E nessa outra? Hilda Lindquist. E naquela? Michael Walsh. Creio que fica coberta a lista desse famoso papel, com a exceção do Marquês de Clivers. E sinto dizer que ele estava ausente. Cramer havia se inclinado para frente, e voltou a posição anterior dizendo:

— Você está me enganando.

— Falo muito sério. Cramer olhou-o enquanto retirava da língua uma partícula de fumo. Por

fim disse:

— De acordo. O que devo perguntar agora?

— Pois... Nada acerca do tema de nossa reunião, já que se trata de um assunto particular. Pode me perguntar onde Michael Walsh se encontra agora, e irei responder que não tenho a menor ideia. Nem tampouco do paradeiro da senhorita Lindquist. Saiu daqui há um par de horas. O encargo que recebi dela é um assunto puramente civil, que não roça em nada a lei do crime. Meu outro cliente é Clara Fox. Seu caso sim, tem a ver com a lei do crime, mas não se trata de nenhum. Como já lhe disse por telefone, no momento não quero responder a nenhuma pergunta a respeito de seu paradeiro.

— Muito bem. Que mais?

— Agora talvez me permita que seja eu quem faça uma pergunta. Você disse que desejava ver essas pessoas pela morte de Harlan Scolvin e em seu desejo de proteger o Marquês de Clivers. Mas o detetive que enviou aqui e a quem o senhor Goodwin recebeu de um modo tão estranho, trazia uma ordem de prisão por roubo. Estranho de que estivesse, e esteja, algo desconfiado de sua boa fé?

— Bem. Cramer olhou a ponta de seu charuto. — Se recolhesse toda a boa fé que há agora nesta sala, não encheria nem uma colherzinha de café.

— Muito mais, inspetor, se incluísse a minha. Wolfe abriu totalmente os olhos. — A senhorita Fox é acusada de roubo. Como você sabe se justa ou injustamente? Você imaginava encontrá-la em minha casa. Tem alguma razão para dizer que eu ajudaria uma pessoa suspeita de roubo a escapar do tribunal da lei? Não. Se você pensava encontrá-la aqui, não poderia me telefonar e solicitar que a retivesse em custódia até amanhã de manhã, em que eu poderia colocá-la em liberdade sob fiança? Precisava tentar assaltar a minha casa e insultar a minha dignidade enviando seus homens para que jogassem a minha porta abaixo e levassem uma jovem encantadora para a cadeia em plena noite? É uma vergonha, inspetor. Wolfe se serviu outro copo de cerveja. Cramer moveu lentamente a cabeça de um lado a outro.

— Céus, você é terrível. Sabe muito bem, Wolfe, que a mim não me interessa nenhum roubo. Queria falar com ela do crime e desse condenado marquês.

— Bah. E depois de ter falado com ela, a teria encarcerado?

— Suponho que sim. Diabos, muitas pessoas inocentes passam uma noite na cadeia, e às vezes muito mais.

— As pessoas que me contratam para que eu o evite, não. Se o que você desejava era falar com ela, por que a ordem de prisão? E por que essa entrada hostil e violenta? Cramer concordou.

— Isso foi um erro. Admito. Direi-lhe a verdade. O comissário estava presente exigindo ação imediata. E chegou a ligação telefônica. Ignoro quem a fez. Só disse que Clara Fox se achava em sua casa, e que a mesma Clara Fox estava sendo denunciada por roubo pela Seaboard Products Corporation. Pus-me em contato com outro departamento e soube que havia sido emitida uma ordem de prisão contra ela na última hora da tarde. Foi ideia do comissário utilizá-la para mandar nossos homens aqui e levá-la.

Continuei traçando sinais anotando o que diziam, mas meu pensamento estava em outra parte... Com Mike Walsh. Era evidente que Wolfe havia cometido um erro ao permitir Walsh de ir embora sem ser vigiado, considerando que Nova Iorque está cheio não só de telefones, mas também de metrô, trens e múltiplos lugares onde poder se esconder. E pela primeira vez considerei seriamente se Walsh não poderia ter uma razão para se desfazer de seu antigo amigo Harlan Scolvin. Ao ver que Wolfe movia os lábios com um gesto muito característico, suspeitei que pensava o mesmo

que eu. Cramer estava dizendo:

— Vamos, Wolfe, esqueça. Já sabe como são todos os comissários de polícia. Não são agentes. Acham só o que tem a fazer é mostrar a insígnia e deste modo o homem mais forte começará a chorar. Coopere e me ajude desta vez. Quero ver a senhorita Fox. Acredito em sua palavra no referente a Walsh e na senhorita Lindquist, mas me ajude com Clara Fox. Se a tem aqui faça-a sair, e se não, me diga onde posso encontrá-la. Se a deixou ir embora, me dê sua pista. Pode ser que ela seja sua cliente, mas eu não brinco ao lhe dizer que o melhor que pode fazer por ela agora, e rapidamente, é me deixar vê-la. Não me importa nada esse roubo... Wolfe o interrompeu.

— A ela sim, e a mim também. A acusação de roubo continua seu curso e é coisa do escritório do promotor; você não tem autoridade para ignorá-la em um sentido ou em outro. Eu sei. E quanto ao Marquês de Clivers, não precisa protegê-lo de Clara Fox. E da morte de Harlan Scolvin, ela sabe tanto quanto eu. Quer dizer, menos inclusive, já que é possível que eu saiba quem o matou. Cramer exalou uma nuvem de fumaça sem afastar os olhos de Wolfe. Por fim disse:

— Bem. Trata-se de um crime. Eu sou o encarregado do Departamento de Homicídios. Sou todo ouvidos.

— Isso é tudo. Essa foi a minha cooperação. Cramer pareceu chateado.

— Não é possível. É muito, muito pouco. Você disse o bastante para se converter em testemunha essencial. E já sabe o que podemos fazer com as testemunhas essenciais se quisermos.

— Sim, eu sei. Wolfe suspirou. — Mas você não irá me prender, porque então não estaria em liberdade para poder desentranhar este mistério para o meu cliente... E para você. Disse, que é possível que eu soubesse... Ergueu-se de repente. — Remotamente possível, inspetor! Deus nos defenda a todos! Dos marqueses que precisam proteção, das hienas das finanças, dos mantenedores do poder para perseguir e difamar. E não confunda esta explosão como um desabafo de indignação moral; é meramente o protesto simples de um homem de negócios que vê seus assuntos obstaculizados pela ignorância e a estupidez. Espero cobrar de meu cliente, a senhorita Fox. Para isso preciso apresentar uma reclamação em seu nome por dívida legal, desvirtuar essa falsa acusação de roubo e temo que, além disso, precisarei descobrir quem matou Harlan Scolvin. Essas são necessidades legítimas e as levarei adiante. Se você deseja proteger o seu precioso marquês, faça-o, em nome do céu! Rodeie-o de um círculo de ferro e aço, ou submerja-o em gelatina antisséptica! Mas não me atrapalhe quando tento trabalhar! Já passou da uma hora e preciso me levantar pouco depois das seis, e ainda nos resta muito o que fazer, ao senhor Goodwin e a mim. Tenho pleno direito de aconselhar a senhorita Fox que evite todas as conversas. Se desejar vê-la, procure-a. Já lhe disse que não responderei a nenhuma pergunta que se relacione com seu paradeiro, mas lhe direi uma coisa: se se propõe a invadir esta casa com um mandado de busca, não a encontrará aqui.

A cerveja do copo de Wolfe já estava quente, mas ele nem se deu conta, Bebeu o que restava e em seguida enjugou os lábios com um lenço que havia retirado do bolso.

— Bem, inspetor? Cramer deixou o charuto no cinzeiro e após esfregar as mãos uns instantes, puxou o lóbulo de uma de suas orelhas e se colocou em pé olhando a Wolfe.

— Sabe que gosto de você. Sabe muito bem. Mas este assunto está além do meu alcance. O comissário esteve falando esta tarde com o Palácio de Justiça. É como estão as coisas. É possível que venham procurá-lo. É uma advertência amistosa.

— Obrigado, inspetor. Já vai? O senhor Goodwin o acompanhará até a porta.

Assim o fiz. Fui na antessala, entreguei seu casaco e chapéu, e antes de abrir a porta dei uma olhada pela janelinha. Ele riu baixo e me deu uma palmada nas costas, coisa que não me fez desejar abraçá-lo precisamente. Claro que ele sabia muito bem quando uma fruta está muito alta para alcançá-la sem escada, e com certeza é inútil deixar que um indivíduo adivinhe que alguém está disposto a sacudi-la a menos que se esteja disposto a sair correndo. Vi que seu enorme automóvel, com o chofer correspondente, estava estacionado junto à calçada, e um estranho que passava por ali.

Regressei ao escritório e me sentei bocejando. Wolfe estava descansando em sua cadeira com os olhos muito abertos, o que significava que tinha sono. Olhamo-nos e eu lhe disse:

— De modo que se eles vierem com um mandado de busca não a encontrarão aqui. É alentador. E também que Mike Walsh tenha sido de uma ajuda tão grande... Você sabe quem matou Harlan Scolvin, como eu sei quem colocou sal no mar... E que estamos atados de pés e mãos, tendo ataçado o comissário contra nós. Bocejei. — Me parece que amanhã ficarei na cama lendo e fazendo palavras cruzadas.

— Amanhã, não, Archie. Apanhe o bloco.

Apanhei-o e também o lápis. Wolfe começou a ditar:

— A senhorita Fox tomará o café-da-manhã comigo em meu quarto às sete. Qualquer atraso poderá ser perigoso. Você não deve sair da casa. Deve enviar ao meu quarto imediatamente Saul, Fred, Orrie e Kems conforme forem chegando e separadamente. Esta noite marque uma reunião para amanhã às oito e meia com o escritório de Hitchcock em Londres. Descubra por meio da senhorita Fox onde Walsh mora e onde trabalha como vigilante noturno. Tão rápido quanto for possível ligue para Morley e eu falarei com ele. Faça que Fritz me traga uma cópia do que estou ditando quando acordar às seis e meia. Por meio de Saul complete a informação que a senhorita Lindquist nos deu de seu pai, seu estado de saúde, se pode viajar de avião, seu endereço e número de telefone em Nebraska. Telefone para a “Murgers”.... Abrem às oito e meia.... Para pedir exemplares das Metropolitan Biographies, de todos os anos disponíveis. Explique a Fritz e Theodore o comportamento a seguir com respeito à senhorita Fox, do seguinte modo...

Continuou com o murmúrio monótono que empregava sempre que me dava um plano de trabalho. Eu caía de sono, mas ia escrevendo. Algumas coisas me soavam como se ele tivesse alucinações, ou tentava me fazer acreditar que sabia coisas que eu ignorava. Quase troquei um bocejo por um sorriso ao ouvi-lo explicar o comportamento a seguir com a senhorita Fox.

Depois de copiar a máquina suas ordens, dar uma cópia a Fritz e algumas outras instruções, fui ao porão dar uma olhada na porta traseira. Olhei pela principal para dirigir um hurra ao incansável vigilante. Uma vez de volta, subi até o terceiro andar para dar uma olhada na porta do quarto sul, mas não quis confirmar se estava fechada, por temor de despertá-la. Quando descí de novo, e já em meu quarto, olhei na cômoda para ver se Fritz havia remexido ao apanhar o pijama. Estava tudo em ordem.

Dez

QUANDO deixo o meu despertar nas mãos dos caprichos da Natureza, nunca posso predizê-lo antecipadamente. Por isso na terça-feira às seis e meia saltei da cama e fui parar o despertador que berrava sobre a minha mesinha-de-cabeceira. Em seguida me lavei e me vesti. Quando terminei, o brilhante sol de outubro dourava a parte superior das casas do outro lado da rua, e disse para mim mesmo que seria uma lástima passar um dia tão bonito na cadeia. Às sete e meia, em um canto da cozinha, tomei o café-da-manhã composto de presunto, pastéis e mel que Wolfe recebia da Síria... E muito café. As rodas já haviam começado a girar. Clara Fox, que disse a Fritz que havia dormido como uma pedra, estava tomando o café-da-manhã com Wolfe em seu quarto. Johnny Kems havia chegado muito cedo e ele e Saul Panzer também estavam na cozinha devorando pastéis. Por telefone retirei da cama Dick Morley, da Promotoria, e Wolfe já havia falado com ele. Aquele Morley teria perdido o emprego e talvez algo mais se não fosse por Wolfe, que o retirou de um bom aperto três anos antes no assunto Banister-Schurman.

Enquanto comia fui lendo as histórias que apareciam nos jornais da manhã a respeito do assassinato de Scolvin. Não lhe deram grande importância, mas os relatos eram quase completos. O melhor dizia que era um gangster de Chicago, o que me arrancou um sorriso, já que Harlan se parecia tanto com um gangster como uma prima donna. O mais essencial aparecia ali, supondo que fosse verdade: não fora encontrada a arma e o automóvel fora roubado de um inocente vendedor de perfumes que o havia estacionado na Rua Vinte e Nove. A testemunha ocular mais próxima era um homem que caminhava a uns trinta metros de distância de Harlan Scolvin e que foi quem anotou mentalmente o número da placa, antes de procurar refúgio quando as balas começaram a voar. Na escassa luz do crepúsculo não conseguiu ver bem o motorista, mas estava certo de que era um homem de chapéu e casaco escuro com a gola levantada, e também que estava sozinho. O automóvel saiu a toda velocidade pela Rua Trinta e Um e virou ao chegar na esquina. Não encontraram ninguém que o visse estacionar na Nona Avenida, onde foi encontrado. Não haviam encontrado impressões digitais... Nem mais nada.

Terminei a segunda xícara de café e a partir de então fiquei mais ocupado que um batedor de carteiras na noite de Ano Novo. Quando Fred e Orrie chegaram os fiz entrar, e depois de ter recebido instruções de Wolfe dei o dinheiro para os gastos e os acompanhei de novo até a porta. Continuava a vigilância. Agora eram dois os policiais que estavam na calçada, um deles parecido com Charles Laughton. Consegui a ligação com Londres e Wolfe falou do seu quarto com Ethelbert Hitchcock. Telefonei para a “Murger's” e pedi os exemplares das *Metropolitam Biographies*, e quando me enviaram ao fim de quinze minutos levei-as para a estufa, já que Wolfe havia dito que estaria lá depois das nove. Quando já ia saindo, parei onde Theodore Horstmann estava trocando de vaso algumas antigas Cattleyas triande e sussurrei:

— Vão lhe dar um tiro no estômago. Dou minha palavra que ele ficou pálido.

Telefonei para Henry H. Barber, o advogado com que se pode contar para tudo, menos para dividir os honorários, para ter certeza que estaria disponível a qualquer momento durante todo o dia, e para dizer que podia se considerar contratado por nosso intermédio, pela senhorita Clara Fox, para realizar duas coisas: Um pleito para cobrar uma dívida do Marquês de Clivers, e outro por danos e prejuízos por falsa prisão contra Ramsey Muir. E no primeiro caso, também pela senhorita Hilda Lindquist. Parecia-me que podia dispor de um minuto, de modo que subi ao quarto sul e após bater com os nós dos dedos dei meu nome. Ela me disse que entrasse. Achava-se sentada em uma cadeira rodeada de revistas e livros, mas nenhum estava aberto. Talvez tivesse dormido como uma pedra, mas os olhos denotavam cansaço. Olhou-me franzindo o cenho e eu lhe disse:

— Não deveria se sentar tão próxima da janela. Se a querem tão mal, poderiam vê-la desde a Rua Trinta e Quatro. Clara olhou ao seu redor.

— Eu não acho, com essas cortinas...

— São muito finas. Permita-me que coloque a cadeira em outro lugar. Ela se levantou e eu levei a cadeira e a mesa até a cama. — Geralmente não fico tão nervoso, mas este caso é muito perigoso. Ela voltou a se sentar.

— Não lhe agrada, não é, senhor Goodwin? Ontem noite me dei conta de que não aprova. Nem eu tampouco aprovo. Sorri.

— Mas que importa isso? Nero Wolfe está fazendo uma representação e nós temos o nosso papel. Atenha-se ao roteiro, não o esqueça.

— Eu não posso considerar uma representação. Havia voltado a franzir o cenho. — Um homem foi assassinado por minha culpa. Não quero me esconder, nem desejo. Preferiria... Estendi as mãos.

— Esqueça. Você veio a Wolfe procurando ajuda, não é? Pois o deixe ajudá-la. Talvez seja difícil, mas você tem sorte que ele tenha visto brilhar a inocência em seus olhos, ou se veria em um bom apuro neste momento. Porte-se bem. Por exemplo, se esse telefone que está aí for uma tentação... Ela moveu a cabeça.

— Se for, eu resistirei.

— Bem, de qualquer maneira para que deixá-lo aqui? Fui desconectá-lo e após recolher o fio retornei com ele debaixo do braço. — No colégio me ensinaram o que são os impulsos femininos... Está tocando o telefone no escritório. Não abra a porta nem se aproxime das janelas.

Desci os degraus de dois em dois. Era Dick Morley quem ligava. Ofereci-me para transferi-lo a Wolfe, que continuava na estufa, mas ele disse que não precisava, que podia me dar o recado. Tivera algumas dificuldades. A acusação de roubo contra Clara Fox estava com um ajudante da Promotoria, chamado Frisbie, a quem Morley conhecia muito bem, mas Frisbie não havia se mostrado especialmente inclinado a confiar, mas Morley conseguiu alguns dados. Na última hora da tarde da segunda-feira fora expedida uma ordem de prisão contra Clara Fox e outra de revista de seu apartamento. Este não fora revistado porque os detetives que trabalhavam sob a direção de Frisbie foram primeiro na garagem onde ela guardava o automóvel, e haviam encontrado, envoltos em um jornal, debaixo do assento posterior, um maço de notas de cem dólares que somavam trinta mil, e o caso foi considerado terminado. Os homens de Frisbie já não tinham o mandado de busca, pois fora

entregue ao inspetor Cramer a petição do comissário de polícia. Após agradecer a Morley, desliguei e subi até a estufa para contar a Wolfe a triste história. Encontrei-o na seção de plantas tropicais retirando folhas secas. Quando terminei me disse:

— Estávamos errados, Archie. Não são hienas. As hienas se cevam nos cadáveres. Ligue para o senhor Perry, transfira para cá a ligação e anote tudo.

Desci de novo ao escritório. Não foi fácil encontrar Perry. Sua secretária se fez de morosa, ou talvez ele, ou os dois, mas ao fim consegui e passei a ligação para Wolfe, ao mesmo tempo em que abria o bloco numa página em branco. Perry disse que estava muito ocupado e esperava que Wolfe fosse breve. Meu chefe respondeu que esperava ser, e que a primeira coisa que desejava saber era se entendera Perry mal na segunda-feira à tarde. Havia imaginado que ele acreditava na inocência da senhorita Fox, que era contrário a toda ação precipitada e que desejava uma investigação cuidadosa e completa. Perry disse que estava certo. Então Wolfe adquiriu um tom agressivo.

— Mas só soube depois das sete da noite de ontem que eu não ia trabalhar para você neste caso, e a ordem de prisão contra a senhorita Fox foi expedida uma hora antes. Não chama a isso de se precipitar? Perry pareceu confuso.

— Pois... Sim foi precipitado... Um pouco precipitado. Foi... Sim... Compreenda... Você me perguntou ontem se não sou eu quem administra a justiça nesta organização. Até certo ponto, sim. Mas sempre existe... Bem... O elemento humano. Não sou um czar nem de fato, nem de temperamento. Quando você me telefonou ontem, deve ter pensado que eu era muito irritável... E para dizer a verdade pensava em ligar para me desculpar. A verdade é que estava ofendido e profundamente chateado. Então soube que fora solicitada uma ordem de prisão pelo senhor Muir. Estou certo que entenderá a minha posição. O senhor Muir é um alto funcionário da companhia. Quando soube mais tarde que o dinheiro fora encontrado no carro da senhorita Fox, fiquei perplexo... Não podia acreditar... Mas o que eu podia fazer? Estava assombrado...

— Você já recuperou o dinheiro. Tem intenção de levar adiante este assunto?

— Não precisa adotar esse tom, Wolfe. Perry se crispou um pouco. — Digo-lhe que há de contar com o elemento humano. Não sou um czar. E Muir é uma amostra disso. Falo-lhe com toda a sinceridade. Não posso despedi-lo. Ainda assim, supondo que eu pudesse despedir o primeiro vice-presidente se quisesse, você acredita que o faria? Depois de tudo, ele tem a Lei do seu lado...

— Então está você com ele? Houve uma pausa.

— Não. Não... Estou. Eu... Eu sinto a maior simpatia por Clara... Pela senhorita Fox. Gostaria que tivesse muito mais... Algo muito mais humano que a justiça. Por exemplo, se há alguma dificuldade para pagar a fiança estou disposto a...

— Obrigado. Vamos conseguir. Você me pediu que fosse breve, senhor Perry. Primeiro, sugiro que procure retirar a acusação contra a senhorita Fox imediatamente. Segundo, desejo informá-lo que nossa intenção é de que não faça isso. Amanhã às dez da manhã farei com que a própria senhorita Fox se submeta a prisão e no mesmo instante a porei em liberdade sob fiança. Então iniciará um processo contra Ramsey Muir e a Seaboard Products Corporation para cobrar um milhão de dólares de indenização por falsa prisão. De agora em diante só falaremos de milhões. Creio que temos provas suficientes para realizar nossa ação. Se a eles prenderem antes, tanto melhor. Será posta em liberdade e...

— Mas como?... Isso é absurdo... Se você tem provas...

— Isso é tudo, senhor Perry. Fui breve. Adeus.

Ouvi que Wolfe cortava a comunicação. Perry continuava protestando, mas eu cortei a minha também. Deixei o bloco, e colocando as mãos nos bolsos comecei a caminhar de um lado a outro. É possível que falasse sozinho enquanto pensava: Se Wolfe conseguir o que se propõe é porque é melhor do que ele se imagina, se isso fosse possível. Superficialmente parecia como se o seu louco orgulho tivesse invadido seu cérebro detendo por completo seus processos mentais; mas havia um detalhe que fazia que essa suposição fosse improvável: E era que ele gastava dinheiro. Tinha quatro homens correndo em táxis e já havia marcado uma reunião com Londres como se estivesse na esquina; portanto, existiam mil probabilidades contra uma de recuperá-lo. Não obstante, ainda devia realizar outro gasto imediato, como soube quando voltou a soar o telefone. Sentei-me para atender a ligação com a esperança de que fosse Perry que ligasse para oferecer uma trégua. Mas o que ouvi foi a rouca voz de Fred Durkin e parecia nervoso.

— É você, Archie?

— Sim. O que conseguiu?

— Nada. Menos que isso. Escute. Estou falando da Delegacia da Rua Quarenta e Sete.

— Da... O quê? Por quê?

— Por que diabos você imagina? Prenderam-me. Fiz uma careta. E tomei alento.

— Bravo! Disse em tom festivo. — É uma grande ajuda. Homens como você são a sustentação deste país. Continue.

— E podia evitar? Pegaram-me na garagem quando fui fazer perguntas. Disseram que cometi não sei qual crime quando levei o carro ontem à noite. Creio que estão dispostos a me levar para alguma parte... Suponho que para a Central. O que diabos podia fazer? Não estaria ligando se não fosse por um amigo meu que por casualidade encontrei aqui.

— Está bem. Se o levarem para a Central fique com os ouvidos bem abertos e se restrinja ao pouco que sabe. Nós continuaremos.

— Será o melhor.

Eu afirmei que o veria logo e desliguei. Estive coçando o nariz por um minuto e em seguida subi a escada. Pelo visto ficar em casa não me privaria de fazer exercício. Wolfe continuava com as plantas tropicais. Continuou cortando os talos secos e me escutando, mas sem olhar ao seu redor. Dei-lhe conta dos acontecimentos e ele disse:

— Estas interrupções são abomináveis.

— Está bem, repliquei. — Deixe que ele apodreça numa masmorra. Wolfe suspirou.

— Telefone agora ao senhor Barber. Pode localizar Kems? Não, não pode. Quando souber dele faça com que fale comigo.

Fui para baixo de novo e telefonei ao escritório de Barber pedindo que enviasse alguém que fizesse o possível para que Fred dormisse em casa naquela noite. Não tinha ideia de quando saberia algo de Johnny Kems. Todos eles haviam recebido instruções diretamente de Wolfe, e como sempre ele procurava manter minha cabeça afastada de toda obstrução desnecessária. Quando abri a porta para Orrie Cather quando ele foi embora, havia dito indiretamente que era o único electricista de Nova Iorque que atendia os escritórios dos diretores, e com certeza eu sabia que Saul Panzer iria ficar

em contato com Hilda Lindquist, mas fora disto seus programas estavam fora de meu alcance. Imaginei que Fred tivesse voltado à garagem para ver se descobria algo, e com certeza Wolfe estivera falando com Clara Fox quase uma hora naquela manhã. Para mim tudo estava muito confuso. Pelo visto Frisbie ou alguém pertencente à Promotoria trabalhava com ardor num roubo vulgar do qual já tinham provas, e por isso deixaram um policial na garagem; mas aquilo provavelmente era parte da rede que estavam estendendo para Clara Fox. Inclusive poderia ser um dos homens de Cramer.

Continuei me fazendo de telefonista. Um pouco antes das dez Saul Panzer ligou e Wolfe esteve escutando em cima, enquanto eu anotava os detalhes que havia recolhido de Hilda Lindquist, a respeito de seu pai e de sua vida em Nebraska. Segundo ela, se ao ele subir num avião não lhe ocasionar a morte, pelo menos teria um susto mortal. Pelo visto Saul tinha mais instruções, já que Wolfe lhe disse que continuasse. Um pouco mais tarde Orrie telefonou e o que disse a Wolfe me deu a primeira visão de um novo aspecto que não me havia ocorrido. Apresentando-se como eletricitista havia conseguido entrar no escritório do diretor da Seaboard Products Corporation e descobrir que, além da dupla porta do extremo do corredor, havia outra que dava ao vestíbulo. Estava fechada à chave, mas podia ser aberta por dentro, e o próprio Orrie havia saído por ali atravessando o vestíbulo até os elevadores. Wolfe disse a Orrie que esperasse e falou para mim.

— Não escreva isso a máquina, Archie. E tudo o que anotar guarde em seguida no cofre. Deixa que Orrie continue falando comigo e mantenha a outra linha livre. Estou esperando uma ligação que não chega. Quando Kems ligar falarei com ele, mas primeiro devo dar instruções a Orrie e Fred.

Compreendendo a indireta, desliguei ao ver que não queria que eu escutasse as ordens que dava a Orrie. Guardei algumas anotações no cofre. Em seguida me dispus a encher a caneta de Wolfe, tarefa que não pudera levar a cabo antes... Porque minha mente estava distraída seguindo uma nova pista. Não tinha a menor ideia do que colocara Wolfe sobre a nova pista. Apresentava bonitas possibilidades, sem dúvida alguma, mas uma possibilidade contra cem é também uma bonita possibilidade em uma grande competição, e quantas vezes se acerta? Depois de meditar um pouco, a proporção subiu a uma contra um milhão, e é provável que fosse aumentando a cifra se não tivesse sido interrompido pela campainha da porta, e eu ainda era o encarregado de abri-la. Fui na antessala e observei pela janelinha, tendo uma surpresa. Era a primeira vez que confundiam a casa de Wolfe com uma igreja, porque não havia outra explicação. Aquele indivíduo na entrada estava vestido a propósito para um casamento ou eu estava a muitos anos vivendo enganado. Os dois detetives continuavam na calçada olhando para aquele homem como se fosse um problema muito difícil para eles. Abri a porta uns dez centímetros deixando a corrente colocada e disse com meus melhores modos:

— Bom dia.

— Ouça, disse me olhando, — Manter a corrente colocada me parece pouco adequado, na verdade. Tinha uma voz bem timbrada, ainda que um tanto aguda.

— Sinto muito. Mas este é um bairro ruim, e precisamos ter cuidado. Em que posso lhe servir?

— É esta a casa de Nero Wolfe?

— Sim.

Vacilou se voltando para os dois policiais que o olhavam da maneira mais indiscreta. Em seguida

se aproximou mais, e introduzindo a cabeça pela porta entreaberta disse quase sussurrando:

— Venho de parte de Lord Clivers. Desejo ver o senhor Wolfe.

Após um momento de reflexão, abri o ferrolho e a porta. Quando ele entrou voltei a fechá-la e a colocar a corrente. Quando terminei o vi com a bengala debaixo do braço, retirando as luvas. Media aproximadamente um metro e oitenta de altura, deveria ter a minha idade, e era louro de olhos azuis. Encaminhei-o até o escritório, onde levou um tempo para depositar cuidadosamente o chapéu sobre a mesa de Wolfe antes de ocupar uma cadeira. Entretanto eu o fiz saber que o senhor Wolfe estaria ocupado até as onze e que eu era seu ajudante confidencial e que me colocava à sua disposição. Continuou sentado me olhando como se quisesse se dar conta de minha existência antes de passar adiante.

— Você é o senhor Goodwin? Talvez tenha adivinhado algo pelo que lhe disse na porta. Quer dizer... A verdade é que precisaria ver o senhor Wolfe sem perda de tempo. Sorri-lhe.

— Você se referiu ao Marquês de Clivers. Fui eu que escrevi a carta, e sei tudo referente a este assunto. Não será possível ver o senhor Wolfe antes das onze, mas posso lhe dizer que você está aqui...

— Se tiver a bondade... Faça-o. Meu nome é Horrocks... Francis Horrocks.

Olhei-o. De modo que aquele era o indivíduo que comprava rosas com talos de um metro de comprimento. Fiz girar a poltrona e entrei em contato com a estufa. No minuto seguinte estava falando com Wolfe.

— Aqui há um cavalheiro que deseja vê-lo, o senhor Don Francis Horrocks. Da parte do Marquês de Clivers... Sim, no escritório... Não perguntei... De acordo. Voltei a me encarar com ele. — O senhor Wolfe diz que poderá atendê-lo as onze, se não quiser conversar comigo. E lhe sugere este último.

— Preferiria ver o senhor Wolfe. Os olhos azuis me escudrinhavam. — Apesar de que unicamente venho trazer uma mensagem. Ainda que primeiro... Er... Talvez deva explicar... Estou aqui por dois motivos. É algo confuso. Vim por... Um assunto pessoal... E também semioficialmente. Talvez seja melhor que primeiro lhe transmita a mensagem de Lord Clivers.

— Muito bem. Dispare.

— Como diz? Oh, compreendi! Lord Clivers quer saber se o senhor Wolfe poderia ir vê-lo no seu hotel. Se puder acordar uma hora...

— Posso responder a isso sem lugar a dúvidas. O senhor Wolfe nunca visita ninguém.

— Não? Levantou as sobrancelhas. — Não... Não estará doente, não é?

— Não, só que nunca sai. Não gosta do que existe fora da porta. Nunca visitou alguém, nem o fará.

— Isso não se sabe. Bem. Lord Clivers deseja vê-lo. Você disse que escreveu a carta? Assenti.

— Sim. Sei tudo o referente a ela. Suponho que o senhor Wolfe ficará encantado de falar com o marquês pelo telefone...

— Ele prefere não falar deste assunto pelo telefone.

— De acordo. Ia adicionar, o marquês pode vir aqui. Naturalmente, da parte legal o nosso advogado é que tratará. O jovem diplomata cruzou os braços me olhando.

— Contrataram um advogado?

— Claro. Se nós chegamos a um julgamento, coisa que esperamos não haja necessidade, não queremos perder tempo. Temos entendido que o marquês passará outra semana em Nova Iorque, de modo que devemos estar preparados para terminar logo. Assentiu. Mordeu o lábio ladeando um pouco a cabeça.

— Parece que cheguei ao fim. Sua posição está bem clara. Darei conta dela, é tudo o que posso fazer. Aclarou a garganta. — Agora, se não se importa, falarei do meu assunto particular. Disse-lhe que vim com algo pessoal. Meu nome é Francis Horrocks.

— Sim. Esse também é seu nome pessoal.

— Exato. E gostaria de falar com a senhorita Fox. Com a senhorita Clara Fox. Dei-me conta de que tensionava os músculos do rosto e esperei que ele não tivesse notado.

— Não posso reprová-lo, disse. — Conheço a senhorita Fox. Franziu o cenho.

— Se tivesse a bondade de lhe dizer que estou aqui. Sei que vai passar reclusa uns dias, mas tudo bem. Quando me telefonou esta manhã, insisti em que me desse o endereço. A verdade é que a obriguei. Confesso que confiou que eu não viria vê-la, mas não me comprometi. E não vim aqui para vê-la, mas sim semioficialmente. Traga-a aqui, desejo vê-la, o que nada tem de particular. Havia conseguido dominar meu rosto passada a primeira impressão e disse:

— Claro que não tem nada de particular, me refiro a pedir. Vê-la é outra coisa. Deve ter entendido mal o endereço ou talvez tenha lhe telefonado em sonhos.

— Oh, não! É verdade. Voltou a cruzar os braços. — Escute, senhor Goodwin, abreviemos. Devo ver a senhorita Fox. Como amigo, compreende? E por motivos puramente pessoais. E estou completamente decidido.

— Muito bem. Procure-a. Aqui não deixou nenhum endereço.

— É inútil, afirmo, é inútil. Ela me telefonou. Encontra-se em alguma dificuldade? Eu ignoro. Preciso vê-la. Se você for amável de lhe dizer... Pus-me de pé.

— Sinto muito, senhor Horrocks. Espero que encontre a senhorita Fox. Diga ao Marquês de Clivers... Continuou sentado muito direito e franzindo a sobancelha.

— Maldito seja! Na verdade, não gosto disto. Eu nunca o havia visto. Nem tampouco o senhor Wolfe. Não é possível que a senhorita Fox estivesse sob coação quando me telefonou? Você compreende, não é? Gostaria de ficar tranquilo vendo que não lhe aconteceu nada. Se você me despachar, me verei obrigado a dizer a esses policiais que esperam aí fora, que a senhorita Fox me telefonou esta manhã, as nove, deste endereço, e também precisarei tomar a precaução de repetir a informação na Delegacia.

Olhei-o, compreendendo que era muito para mim. Não sei se estava desesperado ou decidido.

— Espere aqui, disse. — O senhor Wolfe precisa saber. Peça-lhe que permaneça nesta sala.

Deixando-o fui na cozinha dizer a Fritz que permanecesse no vestíbulo, e que se visse sair um inglês do escritório, que avisasse. Em seguida subi de dois em dois os degraus até o quarto sul, bati suavemente e ao ouvir girar a chave na fechadura, abri a porta e entrei. Clara Fox estava de pé e, jogando os cabelos para trás, me olhou entre alarmada e esperançosa.

— A que horas você telefonou para esse Francis Horrocks? Perguntei. Olhou-me surpresa e a vi engolir em seco.

- Mas eu... Ele me prometeu...
- De modo que telefonou. Muito bonito. Esqueceu de mencionar isso quando perguntei há pouco.
- Mas você não me perguntou se eu havia telefonado.
- Oh! Não? Que descuido. Levantei as mãos. — Para o diabo! Suponhamos que me diga para que telefonou. Espero que não seja um segredo.
- Não, não é. Aproximou-se de mim. — Por que esse sarcasmo? Não foi por nada... Só uma ligação pessoal.
- Como por exemplo?
- Na realidade por nada. Claro que... Enviou-me as rosas. Em seguida... Iria jantar com ele na segunda-feira e quando o senhor Wolfe me disse a hora, tive que cancelar o encontro com o senhor Horrocks, e quando este insistiu, pensei que três horas bastariam para falar com o senhor Wolfe; de modo que lhe disse que iria dançar com ele em qualquer lugar lá pelas dez. Provavelmente iria ao meu apartamento e estaria me esperando não sei até quando, e nesta manhã imaginei que continuaria indo lá, e ao não obter resposta, e como tampouco poderia me encontrar no escritório... Além disso não havia agradecido pelas rosas... Levantei uma mão.
- Já entendi. Início de um romance. Seria ainda mais romântico se ele viesse vê-la na sua reclusão. Você é uma aventureira, apesar de sua idiotice. Suponho que não saberá que segundo um artigo ontem do Times, este Horrocks é sobrinho do Marquês de Clivers e o próximo sucessor do título.
- Oh, sim! Ele me explicou... Quero dizer... Eu sabia. Senhor Goodwin, não gosto...
- Discutiremos seus gostos em outra ocasião. Há uma coisa que você ignora. Horrocks está lá em baixo no escritório dizendo que ou a vê ou vai avisar a polícia.
- Não é possível.
- É. Lá em baixo há um homem, e por seu aspecto estou disposto a admitir que se trata de Horrocks e...
- Mas ele não deveria... Prometeu-me... Diga-lhe que vá embora!
- Não irá. Se não a ver irá à procura de um policial. Acha que você se encontra aqui pela força e que precisa ser resgatada... Essa é a sua idiotice. Você é uma boa cliente. Com os riscos que Nero Wolfe está correndo por você tem que ser. De qualquer maneira, não há meio de descobrir se ele veio de boa fé ou não. Não temos escapatória. Vou fazê-lo subir aqui, e pelo amor de Deus, seja breve e faça-o voltar para o lado do tio.
- Mas eu... Céus! Ajeitou os cabelos. — Não quero vê-lo. Agora não. Diga-lhe... Claro que poderia... Sim, é isso... Descerei para lhe dizer...
- Não vai descer. Em seguida iria querer sair para dar uma voltinha com ele pelo quarteirão. Você fica aqui.

Uma vez fora do quarto, vacilei sem saber se subia para contar a Wolfe da reunião que estávamos organizando, mas decidi que não havia razão para isso. Voltei para baixo, fazendo um sinal a Fritz ao passar pela antessala, e encontrei o jovem diplomata sentado no escritório com os braços ainda cruzados. Ao me ver levantou as sobrancelhas. Disse-lhe que me acompanhasse e o deixei passar primeiro. Subindo atrás ele pude observar que tinha pernas ágeis. Ao chegar, abri a porta, o fiz entrar, e entrei atrás dele. Clara Fox saiu ao seu encontro e ele esticou a mão com um sorriso enternecedor, mas ela meneou a cabeça.

— Não. Não quero apertar sua mão. Não tem vergonha? Você prometeu não vir. Ocasionalmente tantos problemas ao senhor Goodwin!...

— Vamos, não fique assim. Sua voz estava completamente diferente da anterior... Agora era doce e concentrada... Cheia de idiotice. — Depois de tudo, entenda, era alarmante... Você desaparecida e tudo isto... Não conseguia saber do seu paradeiro... E está com mau aspecto... Esses olhos...

— Muito obrigado. De repente começou a rir. Eu não a havia ouvido rir até então... Mostrava os dentes e suas faces se coloriram. Eu deveria ter feito algum comentário. Por fim lhe estendeu a mão. — O senhor Goodwin disse que você veio me resgatar. Já lhe adverti que deixasse em paz as garotas americanas... Já viu ao que leva... Com sua enorme ele mão apertou a da jovem olhando-a nos olhos.

— Você sabe que tenho razão. Refiro-me aos seus olhos. De verdade, você está bem? Não podia esperar que eu...

Intervi porque precisava fazê-lo. Deixara a porta aberta e se ouvia perfeitamente a campainha. Olhei para Francis Horrocks decidindo que se fosse um traidor, pelo menos teria o prazer de ver quanto tempo permaneceria deitado no chão, depois de um bom direto antes que saísse da casa. Voltei-me bruscamente para Clara.

— Calem-se! A campainha. Vou fechar esta porta para descer e atendê-la, e seria uma boa ideia que não fizessem nenhum ruído até que eu volte. Voltou a soar a campainha. — De acordo? Clara Fox concordou. — De acordo, senhor Horrocks?

— Claro. O que a senhorita Fox quiser.

Saí fechando a porta atrás de mim. Algum sujeito impaciente estava apertando direto o botão da campainha, que continuava soando enquanto eu descia a escada. Fritz estava na antessala com ar irritado; se aborrecia com as pessoas que chamam com tanta insistência. Aproximei-me da porta e olhei para o exterior sentindo que um calafrio percorria a minha espinha dorsal. Eram quatro. Só quatro, e o tenente Rowcliff em primeiro plano. Era ele sem lugar a dúvidas. Fazia tempo que não tinha um sobressalto semelhante. Abri a porta tudo o que a corrente permitia. Rowcliff gritou:

— Bem! Não somos formigas. Vamos, abra.

— Calma, disse eu. — Só sou o garoto dos recados.

— Sim? Aqui está o recado. E desdobrou um papel que trazia na mão. Como havia visto outras vezes mandatos de busca, não precisei de lente de aumento. Olhei-o através da porta entreaberta. Rowcliff disse: — O que está esperando? Quer que conte até dez?

* * *

Onze

— Acalme-se, tenente, lhe disse. — Se o que deseja está aqui não poderá sair, já que suponho esteja vigiando o telhado e a parte de trás. Esta não é minha casa, pertence a Nero Wolfe e ele está lá em cima. Espere um minuto, voltarei em seguida.

Subi os degraus de três em três, sem prestar atenção aos gritos de Rowcliff, para me dirigir ao quarto sul. Estavam de pé, e eu disse a Clara Fox:

— Estão aqui. Apresse-se. Leve Horrocks, e se ele tiver algo a ver com isto vou matá-lo. Horrocks começou a protestar:

— Na verdade...

— Cale-se! Vá com a senhorita Fox. Pelo amor de Deus...

Portou-se como uma autêntica aventureira... Apanhou a bolsa e o lenço, e agarrando Horrocks por uma mão o arrastou atrás dela. Eu dei uma rápida olhada para ter certeza de que não deixara o batom nem o rouge; coloquei a mesa junto da janela para que parecesse mais natural e saí. No patamar parei um segundo para me recompor. Ouviam-se os gritos que Rowcliff dava. Horrocks e Clara Fox haviam desaparecido, e descendo para o térreo abri o ferrolho e a porta:

— Bem-vindos! Disse sorridente. — O senhor Wolfe diz que quer guardar esse mandado de busca como lembrança. Entraram em tropel atrás de Rowcliff, que grunhiu:

— Onde está Wolfe?

— Lá em cima com as plantas até as onze. Disse-me que lhe falasse isto: que vocês tem o direito legal para revistar a casa toda, mas que as autoridades pagarão até o último centimo dos danos que ocasionarem, ainda que ele precise ir em pessoa cobrar na Prefeitura.

— Não! Não me diga. Vamos, rapazes. Aonde dará por aqui?

— A sala contígua ao escritório. Apontei com o braço estendido. — O escritório. A cozinha. A escada do porão. A porta posterior é lá em baixo, e dá para um pátio.

— Escute, Goodwin, me disse, — Por que não economizamos tempo? Por que não traz essa senhorita aqui? Evitaríamos ter que revistar tudo.

— Bah! Não é por você, tenente; sei que tem ordens. Nem pelo inspetor Cramer, e pode transmitir a ele. É que vão rir quando souberem em Bath Beach. Acredita que Nero Wolfe é tão idiota para esconder uma mulher debaixo de sua cama? Continue brincando de “Onde estão as chaves?” e em seguida saiam daqui.

Lançou um grunhido e se dirigiu com seus homens para a porta do porão. Segui-os. De qualquer maneira queria vigiá-los e fora disto, havia decidido irritá-lo. Wolfe havia me dito que

empregasse minha inteligência, e eu sabia que era o melhor meio de colocar um pássaro como Rowcliff no estado de ânimo que eu desejava. De modo que desci atrás dele, e enquanto reviravam todo o porão, levantando as cortinas que cobriam as estantes, abrindo baús, e olhando as caixas de papelão vazias, eu não deixei a minha língua descansar. Rowcliff tentou me responder um par de vezes e em seguida fez que não me ouvia. Abri a porta do aposento onde guardávamos as garrafas, e não lhes tirei o olho de cima como se esperasse surpreendê-los tomando um gole do uísque. Terminaram dando uma olhada no pátio exterior, e depois de fechar a porta de novo os acompanhei ao primeiro andar. Rowcliff deixou um de seus homens ante a escada do porão e em seguida passaram a cozinha para continuar a revista. Eu os segui grudado em seus calcanhares dizendo:

— Cuidado aqui, agora andem com precaução. Este lugar está cheio de armadilhas. E quando ele involuntariamente olhou para o chão, não pude conter uma gargalhada. No escritório perguntei: — Quer que abra o cofre? Há um pedaço de garota lá dentro. Assim é como fazemos, as cortamos em pedaços e os dividimos por aí.

Quando começamos a percorrer o segundo andar ele estava furioso, ainda que não quisesse demonstrar, E quase convencido. Deixou outro de seus homens no corredor e fomos ao quarto de Wolfe. Fritz viera também para ter certeza de que não quebrassem nada, pensando que talvez eu tinha a cabeça em outra parte, e ali havia muitas coisas. Confesso que não quebraram nada, ainda que revistassem tudo conscienciosamente. O colchão duplo de Wolfe se sobressaía muito sob a colcha de seda negra e um deles a levantou para olhar. Rowcliff revistou as estantes de livros na procura de um armário secreto, e no lugar em que Wolfe guardava seu alvo e seus dardos, após um biombo, retirou-o para ter certeza. Durante todo o tempo eu não cessava de fazer todos os comentários que podia. No meu quarto, enquanto Rowcliff revistava o fundo do meu armário, eu disse:

— Escute. Vou lhe fazer uma proposta. Colocarei uma luva que ganhei em uma rifa e você me levará a Cramer e lhe dirá que sou Clara Fox. Ele é muito tonto para notar a diferença. Parou de olhar atrás de meus ternos e se virou para me dizer:

— Feche a boca, certo? Ou o levarei a um lugar, e não será a Cramer. Sorri-lhe.

— Não seja infantil, tenente. Ah, espere! Nena, espere que vá embora.

Saiu ao corredor e se dirigiu a outro quarto com as mãos nas costas. Confesso que estava um tanto intranquilo quando entramos no quarto sul; é difícil permanecer dez horas em um lugar e não deixar o menor rastro; mas eles não andavam procurando rastros, mas sim uma mulher de carne e osso... De qualquer maneira, ela havia seguido as instruções de Wolfe ao pé da letra e tudo estava em perfeita ordem. Ficaram só um par de minutos e o mesmo no quarto norte, onde dormira Saul Panzer. Quando voltaram a sair ao corredor abri a porta que dava para a estreita escada do terraço.

— Estufas... Quarto e último andar. E afirmo que se derrubarem alguns vasos de orquídeas vão ter mais trabalho do que o que trouxeram consigo. Rowcliff estava desfeito. Não dizia e tentava dissimular, mas estava. Resmungou:

— Wolfe está lá em cima?

— Sim.

— Bem. Vamos Jack. Os outros dois esperem aqui. Nós três subimos em fila indiana e ao entrar vimos que o elevador estava parado ali com a porta aberta. Rowcliff abriu a porta da escada e gritou:

— Eh, Al! Suba, ponha em marcha o elevador e reviste a roda do cabo. Em seguida se reuniu conosco.

Aquelas estufas foram consideradas impressionantes por homens melhores que o tenente Rowcliff... Por exemplo, entre muitos outros, por Pierre Fracard, presidente da Sociedade Horticultural da França. Eu entrava e saía delas dez vezes ao dia e ainda me impressionavam, mesmo que ante Theodore Horstmam dissimulasse. Claro que seu aspecto era melhor em fevereiro do que em outubro. Mas Wolfe e Horstmann empregavam uma técnica que lhes obrigava a serem dignos de admiração em qualquer época. No interior da primeira estufa onde estavam os híbridos *Odontoglossums*, *Oncidium*s e *Miltonias*, Rowcliff e o policial pararam. Os suportes de ferro pintados de prata resplandeciam e nos bancos e estantes aproximadamente trezentos vasos de orquídeas mostravam seus verdes, azuis, amarelos e vermelhos. Para mim, não era surpresa, já que os havia visto em todo o seu esplendor, mas não era coisa desprezível.

— Bem, disse, — Acham que se encontram em uma exposição de flores? Aqui não se paga para entrar. Movam-se... Rowcliff avançou sem sair do corredor central. Uma vez parou para olhar debaixo de um dos bancos. Eu deixei escapar uma gargalhada. Mas me segurando lhe pedi desculpas: — Perdoe-me, tenente; já sei que tem um dever a cumprir. Endireitou os ombros antes de seguir adiante, mas compreendi que havia perdido o interesse pela caça.

Na sala contígua, cheia de *Cattleyas*, *Laelias*, híbridos e demais. Theodore Horstmann se achava inclinado colocando fertilizante em uma fileira de *Cymbidium*s, e Rowcliff olhou-o, mas não disse nada. O policial que estava entre nós se inclinou para enfiar o nariz em um enorme híbrido Lila e eu lhe disse:

— Não. Se sentir o cheiro de algo doce, sou eu.

Passamos a área de plantas tropicais, onde fazia muito calor, pois o sol batia a pleno e continuamos até os plantios. Havia bastante espaço livre para se mover e também para seus habitantes. Francis Horrocks se achava de pé apoiado contra uma grade de ferro falando com Nero Wolfe, que estava utilizando o pulverizador à pressão. Havia duas tábuas postas em cima de uma grande caixa larga de madeira cheia de samambaias, e sobre as ditas tábuas havia trinta e cinco ou quarenta vasos de *Laeliocattleya Lustre*. Wolfe as estava pulverizando e todo o lugar transpirava humidade. Horrocks estava dizendo:

— A verdade é que me parece um trabalho endiabrado.

— Que? Claro que já se sabe, cada indivíduo tem direito a...

Rowcliff olhou ao seu redor. Ali havia areia, carvão, e centenas de vasos amontoados. Rowcliff avançou para eles e Wolfe parou o pulverizador.

— Conheço-o, senhor? Perguntou se voltando. Apressei-me a apresentá-lo.

— Don Nero Wolfe, o tenente Rowcliff. Wolfe inclinou a cabeça só uns centímetros.

— Como você está? Dirigiu seu olhar para a entrada onde estava o policial. — E o seu companheiro? Empregava um tom indiferente que ficava bem. Rowcliff replicou:

— É um de meus homens. Estamos aqui cumprindo o nosso dever.

— Isso eu entendi. Apresente-o, se não se incomodar. Gosto conhecer os nomes das pessoas que entram em minha casa.

— Sim? Chama-se Loedenkrantz. Wolfe voltou a inclinar a cabeça ligeiramente.

— Como você está? O policial respondeu sem se mover:

— Contente em conhecê-lo. Wolfe se voltou para Rowcliff.

— Então você é o tenente Rowclif. Tem a medalha do mérito? Incrível! Sua voz ficou mais profunda e rápida. — Quer levar uma mensagem ao senhor Cramer da minha parte? Diga-lhe que Nero Wolfe o declara o príncipe dos manequins e idiota arrematado. Bah! E colocando de novo em marcha o pulverizador, que dirigiu às orquídeas, disse a Francis Horrocks: — Mas meu querido amigo, já que toda a vida é trabalho, a única coisa que se deve fazer é conseguir uma posição onde poder selecionar variedades... Eu disse a Rowcliff:

— Aqui ao lado ficam os aposentos do jardineiro. Não o passe por alto.

Foi comigo ver o interior enquanto eu comentava que tinha a cara dura suficiente para olhar debaixo da cama e dentro do armário. Saiu de novo vencido. Mas quando se dirigia a porta me perguntou:

— Por onde se vai ao terraço?

— Não se vai. A estufa cobre tudo. De qualquer maneira você o vigia. Não é verdade? Não me diga que esqueceu esse detalhe.

Regressamos por onde havíamos vindo e eu voltei a caminhar atrás dele. Não me respondeu, nem o senhor Loedenkrantz parou para cheirar mais orquídeas. Em meu interior a risada lutava para sair, mas eu a ia advertindo:

— Ainda não, querida, ainda não foram embora. Deixamos as estufas e descemos ao terceiro andar, onde Rowcliff disse ao par que havíamos deixado ali:

— Vamos. Um começou a dizer:

— Me pareceu ouvir um ruído...

— Cale-se!

Segui-os até em baixo. Depois de tudo o que andara falando não me pareceu prudente ficar calado de repente, de modo que procurei fazer um par de comentários durante a descida. Uma vez na antessala do andar térreo, e antes de abrir a porta, me enquadrei ante Rowcliff para lhe dizer:

— Escute. Tenho a língua um pouco solta, mas é que hoje é meu dia. Todos nós o temos de vez em quando. Dou-me conta de que você não tem culpa disto. Mas como bom tenente era duro e implacável.

— Muito obrigado por nada. Abra a porta.

Obedeci e saíram. Na calçada se uniram aos companheiros que haviam deixado ali. Fechei a porta, o ferrolho e voltei de novo ao escritório. Rara vez eu bebo algo antes de escurecer, mas a ideia de um gole de Borgonha me pareceu agradável, e por isso fui ao armário e o tomei. Era muito bom senti-lo na garganta. Em minha opinião, era pouco provável que Rowcliff tivesse energia suficiente

para tentar uma segunda revista, mas voltei à porta e fiquei olhando o exterior por um minuto. Não se via ninguém que tivesse a menor aparência com um funcionário público; assim fui diretamente para as estufas... Melhor dito, para os plantios. Wolfe e Horrocks continuavam ali, e o primeiro me olhou interrogador. Levantei uma mão.

— Já se foram. Tudo certo. Wolfe pousou o pulverizador em seu lugar correspondente e gritou:
— Theodore!

Hortsmann veio correndo. Entre ele e Wolfe levantaram os vasos de *Laeliocattleyas* que Wolfe estivera regando... E as foram colocando sobre um banco. Em seguida retiraram as madeiras de cima da grande caixa de samambaias; Horrocks levantou a tampa e Wolfe disse:

— Já pode sair, senhorita Fox.

A jovem se levantou respingando água, que salpicou nossas calças. Começamos a retirar pedaços de musgo que haviam se aderido ao traje de Clara Fox, que afastando os cabelos do rosto exclamou:

— Agradeço a Deus porque não sou uma sereia! Horrocks tocou a manga de seu vestido.
— Está empapada! Na verdade, acho... Eu cortei-o sem contemplações:
— Creio que deve ir embora agora. Fritz atenderá a senhorita Fox... Se você não se importar.

* * *

Doze

A O MEIO-DIA Wolfe e eu estávamos sentados no escritório. Fred Durkin fora até cozinha para comer costeletas de porco e torta de abóbora. Aparecera vinte minutos antes com as costeletas de porco numa bolsa para que Fritz as cozinhasse. E a história de que haviam ultrajado sua inocência. Um dos funcionários de Barber havia o encontrado em uma cela da Chefatura, onde fora levado para purgar seus pecados, depois de passar uma hora tentando demonstrar sua ignorância ante o inspetor Cramer. O advogado havia conseguido libertá-lo sem grandes trabalhos e ele se dirigiu rapidamente para a Rua Trinta e Cinco. Wolfe não se preocupou em vê-lo.

Acima, na estufa destinada às plantas tropicais, se via o vestido de Clara Fox, assim como outras roupas, estendidos para secar enquanto ela se cobria no quarto sul com o quimono que Wolfe me presenteara no Natal há quatro anos antes. Eu não a havia visto, mas Fritz lhe levou o quimono. Pelo visto, se ela não saísse rapidamente da casa, eu não precisaria mais colocá-lo. Francis Horrocks havia ido embora, aceitando o meu pedido sem mais “por quês”. Não explicamos nada. Wolfe, eu imaginava, não estava ajudando Clara Fox tão abertamente por amor a arte, mas era fácil compreender que era uma das poucas mulheres a quem teria ajudado sem razão aparente, pelo modo como falava dela. Contou-me que quando ela e Horrocks subiram correndo para a estufa, havia se metido imediatamente na caixa que já estava preparada, e que fixando os olhos no jovem diplomata, havia lhe dito: “Não faça perguntas, nem comentários e obedeça em tudo ao senhor Wolfe. Entendeu?” e Horrocks ficou com a boca aberta enquanto ela entrava na caixa e Horstmann ia amontoando sobre ela musgo e gravetos, enquanto Wolfe preparava o pulverizador. Em seguida ele também ajudou a colocar as tábuas e os vasos.

Wolfe bebia cerveja, ainda que só fosse meio-dia, fazendo todos os comentários em que pensava. Observou que, já que o inspetor Cramer estava disposto a ofendê-lo, invadindo sua casa com um mandado de busca, era muito possível que também resolvesse tomar outras medidas, tais como interceptar as linhas telefônicas, e que por conseguinte devíamos tomar precauções. Declarei que havia cometido uma estupidez ao deixar Mike Walsh ir embora na segunda-feira antes de fazer certa pergunta, já que ele havia formado uma conjetura que, se fosse verdadeira, resolveria o problema por completo. Ele disse que era uma lástima que Lindquist não tivesse telefone na sua casa de Nebraska, já que isso significava que o pobre velho precisaria suportar os rigores de uma viagem de nove quilômetros até o povoado mais próximo para falar ao telefone; e que esperava que pudesse fazer isso até à uma hora como ficara combinado; também confiava que Johnny Kems conseguisse encontrar Mike Walsh para trazê-lo ao escritório sem complicações, já que algumas palavras com Walsh e a conversa com Victor Lindquist o colocaria em condições de esclarecer aquele assunto. Mais cerveja... Era demais. Deixei-o falar pensando que se cansaria rapidamente, mas não foi assim. Soou o telefone. Apanhei-o e escutei a voz de Kems. Detive-o antes que começasse a falar.

— Não consigo ouvi-lo, Johnny. Não fale tão perto do telefone.

— O quê?

— Digo que não se aproxime tanto.

— Ah! Está melhor assim?

— Sim.

— Bem... Vou informar dos meus progressos. Encontrei a velha em bom estado de saúde e estive cuidando dela um par de horas, mas em seguida foi atropelada por um táxi castanho escuro e foi levada para o hospital.

— Quanto sinto! Espere um minuto. Tapei o auricular e me volvei para Wolfe. — Johnny encontrou Mike Walsh e o seguiu por duas horas, mas um policial o deteve e o levou para a Chefatura.

— O Johnny?

— Não. Walsh. Wolfe franziu o cenho e mordeu os lábios.

— Esses malditos intrometidos. Suspirou. — Diga-lhe que venha para cá.

— Venha e depressa, disse pelo telefone, e desliguei.

Wolfe se reclinou em sua cadeira com os olhos fechados e eu não quis incomodá-lo. A situação era para dar um infarto a qualquer um e não me sentia com ânimo para aguentar o falastrão. Se suas observações fossem algo mais que tiros ao azar, aquele era um momento difícil, já que, se Mike Walsh tivesse se confessado com Cramer, não é necessário dizer que tomariam todas as precauções necessárias para proteger o Marquês de Clivers de qualquer complô sinistro. Nada disse, e retirando o fichário das plantas da gaveta simulei revisá-lo. Quinze para uma soou a campainha da porta e fui abrir para Johnny Kems. Eu continuava me fazendo de porteiro, porque com Cramer nunca se sabe o que pode acontecer. Johnny, com sua cara lavada, que é a única coisa que tinha contra ele, me seguiu até o escritório e se sentou sem esperar a que eu convidasse.

— Que tal me sai com o código? Não de todo mal, não é? Perguntou.

— Uma perfeita maravilha, resmunguei. — És um portento. Onde encontrou Walsh? Cruzou as pernas.

— Não custou nada. Próximo da Rua Sessenta e Quatro Este, onde se hospeda. As instruções eram para não me aproximar dele até que tivesse uma pista ou em caso de necessidade; de modo que descobri, após judiciosas pesquisas, que estava ali e em seguida me limitei a ficar pelos arredores. Saiu quinze para as dez na direção da Segunda Avenida e em seguida virou para o sul. Prosseguiu pela Rua Cinquenta e Oito Oeste até o Park. Do Park... Wolfe interveio.

— Suprima o itinerário. Johnny concordou.

— Na Rua Cinquenta e Seis entrou no hotel Portland. Ficou ali mais de uma hora. Ligou pelo telefone e em seguida subiu no elevador, mas eu permaneci no vestíbulo, porque o detetive do hotel que me conhece, me viu, e compreendi que não teria consentido. Sabia que Walsh podia escapar porque há dois pares de elevadores, mas tive que esperar ali até às onze e quinze, quando o vi descer e sair para a rua. Dirigiu-se ao sul, virou na Rua Cinquenta e Cinco Oeste, e atravessando a Madison entrou em uma casa em construção na Rua Sessenta e Quatro. Esse é o lugar que você me disse que ele trabalha como vigilante noturno. Aguardei, pensando que se entrasse poderiam me deter, com a esperança de que não saísse por outro lugar. Mas em dez minutos voltou a sair, agora acompanhado. Um policial o havia detido, e ao chegar ao Park tomaram um táxi. Eu tomei outro por minha conta e

os segui até a Rua Central, onde entraram pela porta grande e eu procurei um telefone. Wolfe, se reclinando de novo, voltou a fechar os olhos.

Johnny Kemps, ajeitando o nó de sua gravata, pareceu muito satisfeito de si mesmo. Joguei meu bloco de notas com todo o relatório sobre a mesa, e tentei dizer algum comentário que expressasse o que sentia. Então soou o telefone. Eu atendi. Uma voz me disse que o inspetor Cramer desejava falar com o senhor Goodwin. Enquanto respondia que podia transferir, fiz sinal a Wolfe para que escutasse no seu telefone.

— Goodwin? Disse o policial. — É o inspetor Cramer. Quer me fazer um favor?

— Você já sabe que sim. Procurei falar com calor. — Sinto-me homenageado.

— Sim? É muito simples. Pegue o seu carro e venha em seguida ao meu escritório. Olhei para Wolfe que estava escutando, mas ele não fez o menor gesto, e eu disse:

— Talvez pudesse, a não ser por uma coisa. Aqui me precisam para atender às visitas, por exemplo, as que vêm com mandatos de busca. Você não tem ideia de como nos aborrecem. Cramer começou a rir.

— Muito bem, pode vir tranquilo. Não haverá mandatos de busca enquanto você estiver fora. Preciso-lhe para algo. Diga a Wolfe que estará de regresso dentro de uma hora.

— De acordo. Lá vou eu. Desliguei e me dirigi a Wolfe. — Por que não? É melhor que ficar aqui com os braços cruzados. Fred e Johnny estão na casa e eles dois valem por cinco como eu. Talvez queira que o ajude a encontrar Mike Walsh. Wolfe concordou.

— Gosto disto. Há algo que me agrada. Talvez esteja errado, mas preste bem atenção. Estiquei as pernas, coloquei meu bloco de notas e as fichas das plantas nas gavetas correspondentes e fui para a antessala. Johnny veio atrás de mim para passar o ferrolho de novo quando eu saísse.

Não havia saído ao exterior durante quase vinte e quatro horas e era agradável. Enchi os pulmões de ar, cumprimentei com a mão o Tony que passava com um carrinho pelo outro lado da rua e fui em a direção à garagem. O automóvel se inclinou sob meu peso, o fiz descer pela rampa e o me pus rumo à cidade, sentindo renascer meu bom humor por todos os poros. Estacionei e fui na direção do elevador. Enviaram-me diretamente ao reduzido escritório de Cramer que estava vazio, com a exceção de um funcionário de uniforme, e me sentei para esperar. No minuto seguinte Cramer entrou. Achei que teria a virtude de se mostrar um tanto violento, mas não foi assim; vinha mascarando um charuto e parecia contente. Não foi até sua mesa, se limitando a permanecer de pé. Achei que não se incomodaria e por isso perguntei:

— Ainda não encontrou Clara Fox? Meneou a cabeça.

— Não. Clara Fox não, mas a encontraremos. Agora tenho aqui o Mike Walsh. Levantei as sobrancelhas.

— Não me diga. Felicito-o. Onde o encontrou? Cramer franziu o cenho.

— Não vou tentar enganá-lo, Goodwin. Seria perder tempo. Por isso pedi que viesse... Por Mike Walsh. Você e Wolfe tem se portado muito mal até agora, mas se me ajudar nisto, esqueceremos. Quero que me diga quem é Mike Walsh. Não é necessário que se apresente ante ele, pode olhar pela janela.

— Não compreendo. Achei que o tinha detido.

— Maldito seja! Cramer mordeu o charuto. — Detemos oito.

— Oh! Sorri-lhe com simpatia. — Oito Mikes Walsh! Foi uma sorte que não se chamasse Bill Smith ou Abe Cohen.

— Vai me indicá-lo?

— Não gostaria de fazer isso. Reprimi minha vacilação. — Eles mesmos não podem se identificar?

— Não podem. Não temos nada em que nos basear, só sabemos que Harlan Scolvin trazia seu nome escrito em um papel e que ontem noite esteve no escritório de vocês. Não podemos empregar o terceiro grau com todos eles ainda que quiséssemos. O último foi trazido há menos de uma hora, e é pior que qualquer dos outros. É vigilante noturno, tem setenta anos, e diz que não sabe nada de nosso condenado assunto, e eu me sinto inclinado a acreditar. Escute, Goodwin. Este Walsh não é cliente de Wolfe. Você não lhe deve nada e de qualquer maneira não vamos fazer nada a menos que ele mereça. Vamos lhes dar uma olhada e você me diz quem é. Meneei a cabeça.

— Sinto muito. Gostaria de ajudá-lo, mas não posso. Cramer retirou o charuto da boca e me apontou com ele.

— Peço-lhe mais uma vez. Quer fazê-lo? Limitei-me a negar com a cabeça.

Deu a volta na mesa e foi ocupar a sua cadeira, de onde me olhou como se lamentasse algo. Por fim disse:

— É muito, Goodwin. Desta vez é muito. Vou fazer com que o prendam por obstrução a justiça. Está tudo preparado para a ordem de prisão. Ainda que me doa mais do que me dói agora, vou lá em cima para pedi-la. E apertou o botão da campainha que havia sobre a mesa. Eu disse:

— Adiante. E em seguida, rapidamente, lamentará durante um ou dois anos, ou talvez mais. Abriu-se a porta e entrou um agente. Cramer se voltou para ele.

— Terá que soltá-los, Nick. Faça com que sigam a todos exceto a esse jovem que vai viajar, e o cantor do rádio. Ficam descartados. Empregue bons homens. Se algum se perder tem os endereços para voltar a localizá-lo.

— Sim, inspetor. Esse do Brooklyn, do Club McGrue, está armando um verdadeiro escândalo.

— Muito bem. Deixe-o ir embora. Mais tarde telefonarei a McGrue. O agente saiu e Cramer tentou acender o charuto.

— E pelo que me respeita, eu disse, — Ao diabo com o comissário! Como ele sabe se Wolfe se opõe ou não a justiça? Que me diz do inválido Paul Chapin e do pássaro Bowen? Acaso fez obstrução a justiça então? Se quiser que lhe diga a minha opinião, creio que tem muita tranquilidade ao me pedir que viesse aqui. Opomo-nos a justiça ao procurar por essas criaturas? Você inclusive caçou uma delas debaixo de minha cama e da de Wolfe. Wolfe e eu somos policiais que recebem o pagamento do Estado no primeiro e no décimo-quinto dia de cada mês? Não somos. Cramer grunhiu.

— Devo pedir essa ordem.

— Bem! Você está doído. Assim são todos os policiais e jornalistas; não podem suportar que alguém saiba uma coisa e não a diga. Olhei meu relógio de pulso, e vi que eram quase duas horas. — Onde vou comer, aqui ou fora?

— Pouco me importa que você coma ou não, replicou Cramer. — Caia fora!

Pus-me de pé de um salto, e descendo a toda pressa no elevador, retornei para onde havia deixado meu automóvel. Olhei ao meu redor pensando que no raio de uns poucos quarteirões, oito Mikes Walsh iam se afastando em todas as direções, seis vigiados, e eu pelo menos teria dado algo

para saber aonde se dirigia um deles. Mas ainda que tivesse passado junto a mim naquele momento, eu não teria me atrevido a lhe dizer nada, já que deste modo teria indicado quem era o homem que procuravam; de modo que subi no carro e parti rumo ao norte.

Quando cheguei em casa, Wolfe e Clara Fox estavam tomando café. Achavam-se tão ocupados que só tiveram tempo para me dedicar uma inclinação de cabeça, quando eu me sentei em um extremo da mesa e Fritz me trouxe a comida. Ela usava o meu quimono com as mangas arregaçadas e um par de sapatos de Fritz sem as meias. Wolfe recitava poesias húngaras, verso por verso, que Clara ia repetindo; ele parecia satisfeito, ainda que dissimulasse, enquanto ela se inclinava para frente com os olhos fixos em seus lábios e fazendo perguntas como se de verdade se interessasse. “Quer repetir outra vez? Mais devagar, por favor”. O quimono amarelo não lhe assentava mal, mas eu tinha fome. Devorei um prato de rins de cordeiro com pimentões verdes e outro de escarola, e quando Fritz me apresentou um bom pedaço de torta, comentei:

— Se terminaram de tomar café e tiverem algum tempo disponível, poderiam escutar as novidades que trago. Wolfe suspirou.

— Suponho que não há outra solução. Mas não aqui. Colocou-se em pé. — Fritz quer servir o café de Archie no escritório? E você, senhorita Fox... Para o seu quarto.

— Oh, Deus meu! Devo me recluir outra vez?

— Claro. Até as horas das refeições. Wolfe se inclinou... Uns dois centímetros e saiu. Clara Fox se aproximou de onde eu estava.

— Servirei-lhe o café.

— Muito bem. Com dois torrões. Ela estranhou.

— Com todo esse creme de leite que tem aí? Muito bem. Sabe senhor Goodwin, esta casa representa o insulto mais insolente aos direitos da mulher que um homem tenha podido conceber. Aqui nenhuma mulher intervém para nada, mas a ordem é perfeita, a comida esplêndida, e a limpeza impecável. Nunca fui empregada doméstica, mas não posso passar por alto este fato. Vou me casar com o senhor Wolfe, e conheço uma garota que é ideal para você. Nossas amizades entrarão e sairão desta casa com frequência, e claro, este lugar receberá algumas reformas. Olhei-a. A ponta do quimono amarelo arrastava pelo chão, a gola aberta deixava a descoberto sua garganta e era interessante observar a curva de seus ombros e como sua cor fazia ressaltar os cabelos.

— Já nos transtornou bastante, lhe disse. — Vá para cima e se porte bem. Wolfe tem três esposas e dezenove filhos na Turquia.

— Não acredito. Sorrindo me pus de pé.

— Obrigado pelo café. Talvez consiga convencer Wolfe para que a deixe descer no jantar.

Em uma mão segurei o prato e a xícara do café, enquanto com a outra abria a porta para que passasse. Em seguida, indo para o escritório, me sentei à minha mesa e comecei a tomá-lo. Wolfe tinha a gaveta entreaberta e ia contando as chapinhas das garrafas para ver quanta cerveja havia bebido desde o domingo de manhã. Por fim fechou-a com um resmungo.

— Não acredito nem por um momento. Bah! As estatísticas são sempre absurdas. Tive por telefone uma conversa muito satisfatória com o senhor Lindquist e estou mais que ansioso por trocar umas palavras com o senhor Walsh. Encontrou-o?

— Não. Rechacei o convite.

Contei-lhe minha reunião com Cramer com todos os detalhes, quase textualmente, como ele gosta. Wolfe me escutava, pensativo.

— Então o senhor Walsh voltou a ficar em liberdade.

— Sim. Está de novo na rua, mas não vejo como poderemos nos aproximarmos dele, já que o vigiam. No mesmo momento em que fizermos isso saberão que é ele e voltarão a detê-lo.

— Imagino. Wolfe suspirou. — Seria inútil tentar iludir a polícia. São caçadores ideais, como devem ser. E quanto a Walsh, é imprescindível que o veja... Ou que você o veja. Chame o Kems.

Fui no aposento dianteiro da casa onde Johnny estava jogando damas com Fred Durkin e falei que Wolfe queria vê-lo. Sentou-se ante a mesa e meu chefe lhe disse apontando com o dedo:

— Johnny, isto é importante. Não mando o Archie porque preciso dele aqui, e Saul não está disponível.

— Sim, senhor. Dispare.

— Esse Michael Walsh, a quem seguiu esta manhã, já foi posto em liberdade pela polícia porque ignoram que ele é o homem que procuram. Vigiam-no, de modo que seria perigoso se aproximar dele, ainda que pudesse fazê-lo. É muito importante que Archie entre em contato com ele. Já que ante a polícia finge não ser quem andam procurando, existe a possibilidade de que continue levando a sua vida normal; quer dizer, que esta noite vá trabalhar. Mas se fizer isso o seguirão até ali e colocarão um detetive de vigilância ante a porta durante toda a noite; portanto Archie não poderá entrar por ali para vê-lo. Dou-lhe todos estes detalhes para que saiba exatamente o que queremos. É verdade que quando se constrói uma casa se levanta uma vala na parte que dá para a calçada, mas e nos outros lados onde há edifícios? Eu creio que é assim; pelo menos algumas vezes. Muito bem, quero que investigue por que meio Archie pode entrar na construção, diremos... As sete desta noite. Segundo me disse a senhorita Fox, que esteve ali na quinta-feira passada para falar com o senhor Walsh, acabavam de começar a colocar as vigas de ferro. A senhorita Fox também me disse que o senhor Walsh começa a trabalhar às seis. Desejo saber se hoje entrará a essa hora. Pode vigiar a porta a essa hora, ou talvez encontre um lugar melhor de observação. Utilize seu bom juízo e sua inteligência. Se telefonar para cá use o código sempre que for possível. Informe às seis e meia.

— Sim, senhor. Johnny se colocou de pé. — Se precisar subornar alguém dos edifícios próximos para poder entrar, precisarei de algum dinheiro.

Wolfe concordou e me fez um sinal. Apanhei no cofre quatro notas de cinco dólares que Johnny guardou no bolso. Depois o acompanhei até a antessala para abrir a porta. Fui em seguida para a minha mesa. Preenchi um par de cheques e repassei umas faturas da Richardt. Wolfe bebia cerveja e eu o observava com o rabo do olho. Eu estava tranquilo e sabia por quê... Por Wolfe. Cem vezes havia tentado descobrir o que me dava a entender tão claramente que ele estava a ponto de encontrar a solução. Umas vezes me parecia que seria só seu modo de sentar... Um pouco mais inclinado para frente. E em outras eu diria que eram seus movimentos; não que fossem mais rápidos, porém mais seguidos, e não obstante, em certas ocasiões, teria pensado em qualquer outra coisa. Talvez fosse como uma corrente elétrica que passava por ele e eu a percebia. Senti isso naquele dia enquanto ele enchia o copo, esvaziava e voltava a enchê-lo. E me senti intranquilo porque eu estava de braços cruzados e porque sempre havia o perigo de que Wolfe saísse com alguma extravagância

enquanto guardava as coisas para. Ele somente. Por isso ao fim me atrevi a fazer um comentário:

— E eu preciso ficar aqui sentado? Acha que esses gorilas vão voltar? Eu não. Nem sequer vigiam a entrada. Por que não deixar Fred e Johnny aqui? Eu teria ido na Rua Cinquenta e Cinco fazer as explorações por minha conta. Isso seria o mais razoável se é que deseja que eu veja Mike Walsh às sete. Tudo o que peço é que conversemos amistosamente. Ouvi você confessar que tem muitos defeitos; mas o pior de todos é seu costume de conseguir dados estranhos com ligações telefônicas e outros meios parecidos quando eu dou as costas e em seguida espera de mim... Levantei as mãos.

— Diabos! Respondeu Wolfe, — Quando esperei de você algo que estivesse além de sua capacidade?

— Nunca. Mas por exemplo, se é tão importante que eu veja Mike Walsh, seria conveniente para mim saber o por quê, a menos que deseje que o embrulhe e traga. Wolfe meneou a cabeça.

— Creio que isso não lhe direi. Informarei a seu devido tempo, Archie. Fez soar a campainha e em seguida afastou a bandeja com um suspiro. — E quanto ao porque enviei Johnny deixando-o aqui, é porque posso precisar de você. Enquanto estava fora, o senhor Muir telefonou perguntando se podia vir às duas e meia. Compreendeu agora... ?

— Diabos! Muir?

— Sim. Don Ramsey Muir. E quanto a mantê-lo na ignorância dos fatos, é porque já andou se intrometendo com tanta insistência em meus processos mentais, que me sinto inclinado a não lhe proporcionar mais temas para suas estranhas elucubrações. No presente caso conhece a situação geral tanto quanto eu. O que o incomoda é a sua falta de paciência, e a muita que eu tenho. Sim eu sei quem matou Harlan Scolvin... E soube depois da ligação para o senhor Lindquist... Por que não ajo em seguida? Em primeiro lugar porque preciso de confirmação, e em segundo porque nosso principal interesse neste caso não é a solução de um crime, mas sim o recebimento de uma dívida. E se espero a confirmação de que preciso do senhor Muir, por que não apanhá-lo, assegurá-la, e em seguida deixar que a polícia o detenha? Porque o curso que provavelmente tomariam em seguida, depois de arrancar a história dele, tornaria difícil a cobrança de Lorde Clivers e complicaria de grande maneira o assunto da liberação da senhorita Fox da acusação de roubo. Temos três metas distintas para alcançar, e que será necessário chegar simultaneamente às três... Mas a campainha está tocando. O senhor Muir chegou com três minutos de atraso.

Fui até a antessala e dei uma olhada pela janelinha para ter certeza. Claro que era Muir. Abri a porta e o deixei entrar. Pelo seu modo de dizer que desejava ver Nero Wolfe, compreendi que estava enlouquecido. Usava um paletó cinzento, cortado por um alfaiate muito acima das minhas possibilidades, mas que era vinte e cinco anos mais jovem para ele, e pelo visto não pensava em retirá-lo. Fiz que ele entrasse diante de mim para dirigi-lo ao escritório e me permiti um sorriso ao ver que não apertava a mão de Wolfe. Aproximei-lhe uma cadeira e ele sentou colocando o chapéu sobre os joelhos. Wolfe disse:

— Sua secretária, quando ligou, pelo visto ignorava para o que você desejava me ver. Supus que seria por sua acusação contra Clara Fox. Você compreenderá que eu sou o representante da senhorita Fox.

— Sim. Compreendo.

— E bem?

Os pômulos do senhor Muir pareciam querer atravessar suas faces; manteve os lábios apertados e sua mandíbula ia de um lado a outro como se toda aquela emoção fosse muito para seus anos. Recordei como havia olhado para Clara Fox no dia anterior e pensei que era notável que pudesse fazer bem a digestão com tudo o que devia haver em seu interior.

— Eu vim, anunciou, — Devido à insistência do senhor Perry. Sua voz tremia, e quando parou apertou as mandíbulas. — Quero que compreendam que sei que ela apanhou o dinheiro. É a única que poderia fazê-lo e foi encontrado em seu automóvel. Fez uma pausa para se dominar. — O senhor Perry me falou de sua ameaça de processo por perdas e danos. Essa insinuação em si já é deplorável. Que tipo de tratante é você para proteger uma ladra e lançar calúnias contra pessoas que... Que estão acima de toda suspeita? Apertou os lábios enquanto Wolfe murmurava:

— Bem, continue. Não respondo a perguntas que contêm uma ou duas insinuações infundadas. Não creio que Muir o ouvisse; só escutava a si mesmo e tentava não explodir.

— Estou aqui por uma só razão, disse, — Como representante da Seaboard Products Corporation. E tampouco por sua vil ameaça. Não é a Seaboard Products Corporation quem tem algo a esconder. Sua voz voltou a tremer. — A não ser o presidente da sociedade, que precisa satisfazer suas necessidades pessoais salvando uma vulgar ladra do que tem a merecer! Por isso ela pode rir de mim! E por isso se respalda em suas ameaças! Porque, o que Perry deseja, e sabe como...

— Senhor Muir! Gritou Wolfe. — Eu em seu lugar não falaria assim. É inútil. Sem dúvida alguma você não terá vindo aqui para me convencer de que o senhor Perry tenha necessidades pessoais.

Muir fez um movimento e o chapéu resvalou de seus joelhos e caiu no chão, mas ele não prestou atenção. Retirou do bolso de seu paletó um envelope quadrado, do qual apanhou uma fotografia de tamanho reduzido que estendeu a Wolfe.

— Aí tem, disse. — Olhe isso.

Wolfe assim fez, e em seguida me passou. Era um instantâneo de Clara Fox e Antônio D. Perry sentados em um conversível. Coloquei-a em cima da mesa e Muir voltou a guardá-la no envelope.

— Tenho mais de trinta, disse. — Consegui-me um detetive. Perry ignora que eu as tenho. Quero deixar bem claro que ela merece... O tem dominado... Wolfe levantou uma mão.

— Lamento ter que interrompê-lo de novo senhor Muir. Não me agradam as fotografias de automóveis. Você disse que o senhor Perry insistiu para que viesse aqui. E eu insisto em perguntar por que veio.

— Mas você compreenderá...

— Não! Não escutarei. Compreendo muito. Talvez seja melhor que lhe faça um par de perguntas. É verdade que recuperaram todo o dinheiro desaparecido?

— Você sabe que sim. Encontraram debaixo do assento posterior do automóvel dela.

— Mas se seu carro é o da fotografia, não tem assento posterior.

— Comprou um novo em agosto. Essa fotografia foi tirada em julho. Suponho que Perry ajudou-a a comprar. Ela tem o salário mais alto que qualquer outra mulher de nossa companhia.

— Esplêndido! Mas voltemos ao dinheiro. Se o recuperou, por que está tão resolvido a levá-la

ante os tribunais?

— E por que não? É culpada! Apanhou-o da minha mesa sabendo que Perry a protegeria! Com seu tipo, sua beleza e seus atrativos...

— Não, senhor Muir! Wolfe havia voltado a levantar a mão. — Por favor. O que quero saber é se está decidido a levar adiante este assunto. Muir apertou os lábios e por fim disse:

— Estávamos. Eu estava.

— Estava? E continua estando? Não teve resposta. — Continua estando, senhor Muir?

— Eu... Não. Wolfe entornou os olhos.

— Está disposto então a retirar a acusação?

— Sim... Sob certas condições.

— Que condições?

— Quero vê-la. Muir parou, pois a voz voltava a tremer. — Prometi a Perry que retiraria a acusação se conseguia vê-la a sós e dizer eu mesmo. Essa é... Essas são as condições... Wolfe olhou-o um momento e em seguida voltou a se reclinar contra o respaldo de sua cadeira com um suspiro.

— Creio que pode ser conseguido. Mas primeiro você deve assinar uma declaração reabilitando-a.

— Antes de vê-la?

— Sim.

— Não. Verei-a primeiro. Devo vê-la e dizer. Se assinasse uma declaração, ela não iria querer... Não. Não farei isso.

— Mas você não pode vê-la antes. Wolfe adotou um tom paciente. — Existe uma ordem de detenção contra ela, solicitada por você. Eu não imagino que queira traí-la, mas me limito a proteger a minha cliente. Você disse que prometeu ao senhor Perry retirar a acusação. Faça-o. O senhor Goodwin escreverá a máquina sua declaração, você a assina e eu marcarei uma reunião com a senhorita Fox na última hora do dia. Muir meneava a cabeça, murmurando:

— Não. Não... Não quero. De repente ficou muito mais furioso do que estava no escritório de Perry o dia anterior. Colocando-se de pé em um pulo deu um forte golpe sobre a mesa de Wolfe. — Digo-lhe que quero vê-la! Maldito tratante, você a tem aqui! Para quê? O que conseguirá de tudo isto? O que você e Perry andam tramando...?

Tive intenções de lhe dar uma bofetada, mas era muito velho e muito insignificante. Wolfe abriu os olhos para olhá-lo e em seguida os fechou de novo. Muir continuava gritando. Eu me levantei e fui pedir que sentasse, e ele começou a gritar que já havia reparado na minha forma de olhá-la no dia anterior no escritório de Perry. Tive a impressão de que ia ter um ataque, de modo que o segurei com força pelos ombros obrigando-o a sentar. Calou-se tão bruscamente como havia começado a gritar e retirando um lenço do bolso secou o rosto com mãos trêmulas.

Soou a campainha da porta novamente. Não me atrevia a deixar a Wolfe a sós com aquele maluco, mas ao ver que não me movia, ele me fez um sinal de modo que fui ver quem era o visitante. Olhei pela janelinha. Era um indivíduo de aspecto bruto, de mediana idade, vestindo um terno de tweed muito folgado. Suas faces eram ruborizadas, suas sobrancelhas retas e seus olhos cinzentos, de olhar cansado. Faltava-lhe o lóbulo da orelha direita. Mesmo sem esse detalhe o teria reconhecido pela fotografia do Times. Abri a porta e perguntei o que desejava, ao que respondeu em tom ofendido:

— Gostaria de ver Don Nero Wolfe. Sou Lorde Clivers.

* * *

Treze

A SSENTI.

— Muito bem. Entre.

Dispus-me a ordenar minhas ideias. Antes de seguir adiante devo fazer uma confissão. Até aquele momento não havia abrigado seriamente a ideia de que o Marquês de Clivers assassinara Harlan Scolvin. E por que não? Porque, como a maioria das pessoas, e talvez especialmente os americanos, me repugna pensar que os homens que ostentam títulos nobiliários poderiam fazer coisas semelhantes. Além disso, aquele indivíduo acabava de estar em Washington e almoçar na Casa Branca com o presidente, o que provava que não era um assassino. De qualquer maneira, ao ver aquele personagem de carne e osso e ao recordar que trazia um revólver, que sabia como utilizá-lo e que tinha seus motivos, e que já que Harlan Scolvin havia tido suspeitas suficientes para visitar antecipadamente Nero Wolfe, poderia facilmente ter feito o mesmo com o Marquês de Clivers. Retifiquei algumas de minhas opiniões anteriores. Agora enxergava tudo muito claramente.

Tudo isto passou pela minha cabeça como um relâmpago e também, enquanto recolhia seu chapéu, bengala e luvas, me perguntava se não seria conveniente confrontá-lo com Muir, mas não quis decidir por mim mesmo. Então o deixando na sala contígua ao escritório e em seguida de lhe dizer que Wolfe se achava ocupado, fui de novo na antessala, onde escrevi em um papel: “É o velho Clivers”, e indo até o escritório o entreguei a Wolfe. Wolfe leu e depois me piscou um olho. Sentei-me. Muir estava falando muito mais calmo, mas com a mesma determinação. Transcorreram um par de minutos sem que conseguissem chegar a um acordo, até que Wolfe falou:

— É inútil, senhor Muir. Diga ao senhor Perry que levarei adiante o plano que lhe anunciei esta manhã. É definitivo. Só aceitarei a total e incondicional entrega do valor que minha cliente reclama. Bons dias, senhor; uma visita me espera.

Muir ficou de pé. Não tremia e a mandíbula estava no lugar, mas seu aspecto era tão amistoso quanto o de Mussolini ao se dirigir ao mundo. Não disse nada. Olhou-me primeiro e em seguida a Wolfe durante um minuto sem pestanear. Depois se agachou para apanhar o chapéu e começou a andar para a porta. Acompanhei-o e fiquei olhando da entrada enquanto se afastava pela calçada. Ia tropeçando, e não é que estivesse cego, mas sim que se sentia tão indignado que pouco se importava com tudo. Meneei a cabeça com mais nojo que compaixão e em seguida ao retornar ao escritório disse a Wolfe:

— Diria que desta vez você acertou o prego. Está furioso. Wolfe concordou distraído, enquanto eu continuava: — Mostrei-lhe o papel porque pensei que talvez considerasse conveniente deixar que

Clivers e Muir se enfrentassem. Sendo inesperado, poderia ter sido interessante. É o meu instinto social.

— Não duvido. Mas este é o escritório de um detetive, não um salão de moda. Nem uma casa de feras... Já que o senhor Muir é uma hiena repulsiva. Faça lorde Clivers entrar.

Passei pela porta de comunicação indo até a sala onde Clivers esperava e este me olhou surpreso ao me ver entrar por outra direção. Colocou-se de pé no ato. Indiquei-lhe que me seguisse e parou no umbral da porta olhando ao seu redor antes de se aventurar a entrar. Em seguida entrou na sala, e Wolfe, olhando-o com os olhos muito entornados, lhe dedicou uma inclinação de cabeça.

— Como está? Wolfe indicou a cadeira que Muir acabara de se levantar. — Sente-se.

Clivers deu a volta lentamente, tomando nota das estantes de livros, dos mapas das paredes, das reproduções de Holbein, mais estantes, o globo terrestre de três pés, o desenho de Brilat-Savarin, mais estantes de livros, e o retrato de Sherlock Holmes que eu tinha sobre a minha mesa. Por fim se sentou e me olhando com o cenho franzido perguntou:

— E este jovem?

— É meu ajudante confidencial, replicou Wolfe. — O senhor Goodwin. Seria inútil lhe dizer para sair, porque iria ao lugar que temos preparado para escutar e anotaria tudo o que ouvisse. Clivers deu três gargalhadas secas, e se esqueceu de mim para se dirigir a Wolfe.

— Recebi a carta na qual me fala de um cavalo. É absurdo. Wolfe fez um gesto de assentimento.

— Estou de acordo com você. Todas as dívidas são absurdas. Representam o passado que aperta, com seus dedos frios, a garganta do presente.

— Hem? Clivers olhou-o com os olhos muito abertos. — Do que você está falando? Bobagens! O que quero dizer é que duzentas mil libras por um cavalo é muito, e além disso incobrável.

— Por certo que não. Wolfe suspirou, se inclinando para frente para tocar a campainha, e em seguida voltou a posição anterior. — O melhor argumento contra você é sua presença nesta casa. Se for incobrável, por que veio? Quer tomar um copo de cerveja?

— Que tipo de cerveja?

— Americana.

— Provarei. Vim porque meu sobrinho me deu a entender que se quisesse encontrá-lo teria que vir aqui. E queria vê-lo porque desejo saber se é você um chantagista ou um incauto.

— Meu querido amigo. Wolfe levantou as sobrancelhas. — Não há nenhuma outra alternativa?... Outro copo e outra garrafa, Fritz, disse ao ver Fritz que acorria ao toque. Abriu a sua e se serviu. — Você me parece um homem direito. Não nos entretenhamos com desatinos. Com franqueza, me sinto aliviado. Temia que pudesse chegar a discutir a questão de sua identidade criando incômodos desnecessários.

— Discutir a identidade? Clivers abriu muito os olhos. — Por que diabos iria fazer isso?

— Por nada, mas achei que o faria. Há quarenta anos em Silver City, Nevada, você era conhecido como Jorge Rowley?

— Claro que sim. Obrigado, servirei a mim mesmo.

— Bem. Wolfe deu um gole e secou os lábios. — Creio que podemos continuar. Dei-me conta de que a reclamação do senhor Lindquist não tem apoio legal, devido ao tempo transcorrido. E o mesmo acontece com as reclamações dos demais... Caducaram; além disso, o papel que você assinou e

que o fazia válido não foi encontrado. Mas é uma obrigação moral razoável e demonstrável, e calculei que antes que se dê a conhecer em um julgamento público, você preferiria pagar. Seria um caso pouco comum e que despertaria grande interesse. Você não só é um par de Inglaterra, mas também se acha neste país para realizar uma missão diplomática importante e delicada, e por conseguinte, tal publicidade não seria de desejar. Não preferiria pagar o que deve, ou, pelo menos uma parte, antes de permitir essa publicidade? Eu creio que sim. Pareceu-lhe tolerável a cerveja? Clivers pousou o copo depois de haver bebido.

— Sim. Secou os lábios e olhou Wolfe. — É possível que pense fazer isso?

— É verdade, senhor.

— Sim, céus, pode fazê-la. Vou lhe dizer o que pensei. Achei que você baseava a reclamação no cavalo pretendendo que fosse adicional à obrigação que contrai ao assinar o papel. Não é má ideia e uma excelente base para chantagem. Não é muito agradável, não é? E naturalmente, isso é o que estão vocês fazendo, reclamar um preço extra por esse cavalo. Mas é absurdo. Duzentas mil libras por um cavalo? Pagarei mil. Wolfe meneou a cabeça.

— Não gosto de regatear, nem sou seu amigo. Está em jogo a reclamação total e você sabe. Eu represento não só ao senhor e a senhorita Lindquist, mas também a filha de Gilbert Fox; e indiretamente ao senhor Walsh; e teria representado o senhor Scolvin, se ele não tivesse sido assassinado na noite passada. Voltou a menear a cabeça. — Não, lorde Clivers. Em minha carta baseei a reclamação no cavalo só porque o documento que você assinou não está disponível. Estamos discutindo a dívida total, que falando francamente, isso representaria a metade de toda a sua fortuna. Como lhe disse, meus clientes estão dispostos a aceitar só uma parte. No rosto de Clivers apareceu uma nova expressão enquanto olhava para Wolfe. Por fim disse:

— Já entendi. De modo que é um jogo sério, não é? Teria pago mil libras pelo cavalo e possivelmente outras mil pelo copo de cerveja. Mas você está à procura de uma bolada ao me ameaçar em trazer a público tudo isto e comprometer minha posição atual aqui. Vá para o diabo! E dito isto se colocou de pé. Wolfe não perdeu a paciência.

— Permita-me. Não se trata de dar um milhão ou dois de libras por um cavalo. Moralmente você deve a essas pessoas a metade de sua fortuna. Se eles estão dispostos...

— Bah! Não lhes devo nada! Você sabe perfeitamente que já lhes paguei. Wolfe quase fechou os olhos.

— Como diz? Que pagou?

— Claro que sim, e você sabe. E eles me deram um recibo e o papel que eu assinei. Clivers voltou a sentar. — Escute. Você tem aqui o seu homem e eu estou só; por que não falar claro? Não me importa que você seja um pilantra. Já tratei com pilantras antes de agora e com muitas mais pretensões que as suas. Você tem uma boa base para chantagem, admito. Pagarei as mil libras por esse cavalo em troca de um recibo dos Lindquist. Wolfe tamborilava com os dedos sobre o braço de sua cadeira e seus olhos eram apenas estreitas ranhuras. Ao fim de um momento disse:

— Ruim. Isto traz a questão da credulidade. Levantou um dedo. — Muito ruim, senhor. Como vou saber se pagou realmente? E se o fez, como vai saber se eu ignorava e se obro de boa fé? Tem alguma ideia? Apertou a campainha. — Preciso de mais cerveja. Quer me acompanhar?

— Sim. É muito boa. Quer dizer que ignorava que eu já tinha pago?

— Sim, ignorava. Ainda que deveria ter me ocorrido essa possibilidade. Estava muito certo do terreno que pisava. Interrompeu-se para destampar as garrafas, entregar uma a Clivers e encher seu copo. — Você diz que pagou. A quem? Quando? Quanto? Com quê? Deram-lhe algum recibo? Conte-me tudo.

Clivers tomou um tempo e antes esvaziou o copo. Depois de enjugar os lábios, olhou para Wolfe pensativo. Por fim se decidiu a falar:

— Não o conheço, mas você é inteligente. Quer dizer que se demonstrar que paguei, lhe mostrando o recibo, abandonará este descabelado assunto e retirará a reclamação se eu pagar as mil libras pelo cavalo?

— Com provas satisfatórias? Wolfe concordou. — Abandonarei por nada.

— Pagarei essas mil libras. Entendi que os Lindquist estão com problemas financeiros. As provas serão satisfatórias e poderá vê-las amanhã de manhã.

— Preferiria vê-las hoje.

— Não é possível. Não as tenho. Chegarão esta noite no Berenfaria. Minha mala chegará esta noite, mas estarei ocupado. Venha ao meu hotel amanhã a qualquer hora a partir das nove.

— Nunca saio. Fico ocupado da manhã à noite. Pode me trazer essas provas aqui quando quiser a partir das onze. Clivers olhou-o e de repente deu suas três gargalhadas. — Você pode vir ao meu hotel. Não é um inválido. Wolfe conservou a calma.

— Se você não as trouxer aqui ou as enviar, eu não as verei e apresentarei a demanda pelo pagamento do cavalo. E a propósito, como se deu a casualidade de chegarem pelo Berenfaria?

— Porque mandei trazê-las. Há oito dias, na segunda-feira da semana passada, uma mulher foi me ver. Conseguiu a reunião por meio do meu sobrinho... Pelo visto se conheceram em alguma reunião da sociedade. Apresentou-se como a filha de Gilbert Fox e foi logo exigindo o dinheiro. Eu não quis discutir com ela. Achei que tentava uma vulgar chantagem e a expulsei do hotel. Era muito bonita para ser honesta, mas considerei que valia a pena telegrafar a Londres e pedir aqueles documentos no caso de que se apresentassem novos acontecimentos. Eles chegarão nesta noite.

— E esse pagamento... Quando foi efetuado?

— Em mil novecentos e seis ou sete. Não lembro exatamente quando. Não olhei esses papéis durante os últimos vinte anos.

— A quem foi feita a entrega do dinheiro?

— Tenho um recibo assinado por todos eles.

— Já disse isso. E tem também o papel assinado por você. O homem chamado Colemam “Rubber” é quem conservava o documento. Ele recebeu o dinheiro? Clivers abriu a boca e voltou a fechá-la, e por fim disse:

— Já respondi a muitas perguntas. Amanhã você verá o cheque assinado por mim, abonado ao portador, e pago. Olhou o copo vazio. — Não havia provado ainda a cerveja americana. É muito boa. Wolfe tocou a campainha.

— Então, por que não nos antecipamos umas horas? Não tento submetê-lo a um exame, lorde Clivers. Só desejo informação. Foi Coleman?

— Sim.

— Quanto lhe pagou?

— Duzentas mil libras e pouco. Um milhão de dólares. Veio me ver em... Julho creio... Coisa de um ano depois de ter tomado posse do título de minha família. Deve ter sido em mil novecentos e seis. Fez-me pedidos exorbitantes. Eu não podia converter a maioria de minhas propriedades em dinheiro. Por fim acordamos em que lhe entregaria um milhão de dólares. Claro que eu precisava tempo para reuni-lo. Retornou aos Estados Unidos e voltou ao cabo de um par de meses com um recibo assinado por todos eles. Além disso era o delegado, segundo o documento que me entregou.

Meu advogado queria que viessem para verificar as assinaturas, mas Colemam disse que havia lhe custado muito trabalho persuadi-los para que aceitassem aquele valor e que temia voltar a tratar da questão, e eu lhe paguei.

— Onde Coleman está agora?

— Ignoro. Não voltei a vê-lo desde então, nem soube mais dele. Não me interessava; era um capítulo encerrado. E agora tampouco me interessa. Se os enganou e guardou o dinheiro, eles não deviam ter confiado dando suas assinaturas. Clivers vacilou e por fim se dispôs a continuar. — A verdade é que quando a senhorita Fox veio me ver há uma semana, a tomei por uma chantagista, mas quando Harlan Scolvin foi me procurar ontem tarde tive minhas dúvidas. Scolvin era um homem direito, nasceu assim e não creio que nem sequer estes quarenta anos transcorridos o teriam feito mudar. Quando soube pela polícia que fora assassinado, não tive dúvida de que algo andava mal, mas não me era possível lhe dizer o que ignorava, e o que sabia era assunto meu.

— De modo que Harlan Scolvin viu-o ontem? Wolfe esfregou o nariz. — Isso não é...

— Não me viu. Eu havia saído. Quando retornei, na última hora da tarde, me disseram que estivera ali. Clivers bebeu um gole de cerveja. — Esta manhã recebi sua carta e tive certeza que voltava a se tratar de chantagem. Estando o assunto complicado com um crime, me pareceu que a publicidade seria inevitável se chamasse a polícia oficialmente. A única coisa que me cabia fazer era falar com você. Tudo o que me pedia era dinheiro e eu ainda tenho um pouco apesar dos impostos. Nem por um momento pensei que pudesse estar disposto a abandonar pelo mero fato de mostrar as provas de que já havia pago. Você quer dinheiro. Por seu aspecto adivinho que não desanima facilmente. Apontou com o dedo. — Olhe esse globo terrestre, é o melhor que vi, não pode ter custado menos de cem libras. É duas vezes maior que o que tenho na minha biblioteca. Paguei as mil libras a Lindquist pelo recibo do cavalo. Wolfe suspirou.

— Já voltaremos às mil libras. Sinto muito, senhor, mas você insiste em me tomar por um tratante, que eu quero somente dinheiro. Esse globo foi feito por Gouitard e há muito poucos iguais. De repente se endireitou. — A propósito, foi o senhor Walsh quem lhe disse que os Lindquist andam com problemas financeiros? Clivers se sobressaltou.

— Como diabos sabe disso? Olhou ao seu redor. — Walsh está aqui?

— Não, não está aqui. Eu não sabia, por isso perguntei. Sei que o senhor Walsh foi vê-lo no hotel Portland nesta manhã; de modo que falou com ele. Você não foi totalmente franco, lorde Clivers. Você sabia quando veio aqui que o senhor Walsh nunca cobrou nada desse dinheiro, e possivelmente que nunca assinou o tal recibo.

— Sei que ele negou.

— Você não acreditou?

— Eu não acredito em ninguém. Sei muito bem que sou um mentiroso. Sou diplomata. Voltou a dar suas três gargalhadas; — Escute. Esqueça-se de Walsh; eu mesmo tratarei com ele. Preciso esclarecer este assunto, pelo menos enquanto estiver neste país. Eu tratarei com Walsh. Scolvin morreu, que descanse em paz. Deixe que a polícia se arrume como puder. E quanto aos Lindquist, pagarei as mil libras pelo cavalo, e você terá a sua parte. A senhorita Fox pode cuidar de si mesma; as mulheres jovens e bonitas como ela não precisam do meu dinheiro. Pelo que a mim respeita, isto está bem claro. Se conseguir encontrar Colemam e fazer que confesse, faça-o, mas lhe dará trabalho. Era duro e arreiro, e aposto sem temor de perder que continua sendo. Você poderá ver os documentos amanhã de manhã, mas não os enviarei. Se não puder ir, então envie alguém que os examine em seu nome. Eu o receberei, e poderemos resolver o pagamento dos Lindquist e do recibo. Na atualidade, mil libras seriam suficientes por um cavalo, não é?

Wolfe meneou a cabeça, e se reclinando cruzou as mãos sobre seu abdômen. Os que não o conheciam podiam pensar que adormecera. Clivers olhou-o com o cenho franzido. Eu voltei a página do meu bloco me perguntando se teríamos que assegurar o dinheiro de Clara Fox para cobrar nosso pagamento. Por fim Wolfe levantou as pálpebras o bastante para que soubéssemos que não adormecera.

— Teriam evitado muitas complicações, murmurou, — Se o tivessem enforcado em mil oitocentos e noventa e cinco. Não é verdade? Tal como estão as coisas, lorde Clivers, desejo afirmar de novo que trabalhei em completa boa fé neste assunto, e lhe sugiro que posterguemos a discussão até que tenham sido examinadas as provas de ter sido efetuado o pagamento. Até amanhã, então. Olhou-me. — Maldito seja, Archie! Preciso agradecê-lo por essa complicação inútil.

Era uma ideia nova, mas a compreendi. Quis dizer que ele havia quebrado sua espada na defesa de Clara Fox, porque eu havia lhe dito que ela era o ideal de meus sonhos. Imagino também que deve ter sido eu quem andou recitando poesias húngaras...

* * *

Quatorze

QUANDO Wolfe desceu das estufas para o escritório depois das seis, Saul Panzer e Orrie Cather já estavam esperando. Fred Durkin, que havia passado a maior parte da tarde na cozinha comendo, foi para casa pouco depois das cinco e eu o adverti para que cruzasse a rua se visse algum tira. Não havia acontecido grande coisa, exceto que Antônio D. Perry telefonara pouco depois de Fred ir embora, para dizer que desejava passar por nosso escritório as sete para falar com Wolfe. Como nessa hora eu devia sair para procurar me aproximar de Mike Walsh, perguntei se não seria possível vir as seis, mas respondeu que tinha outros compromissos. Tentei fazer um par de perguntas, mas ele se irritou dizendo que seus assuntos iria tratá-los unicamente com Nero Wolfe. Era de esperar que Saul estivesse em casa, ou talvez Johnny Kems, de modo que ficamos de acordo para as sete.

Não sabíamos nada de Johnny. O acontecimento mais importante daquela tarde foi a chegada de outra enorme caixa de rosas enviada por Horrocks, que teve o atrevimento de colocá-las em meu nome e no interior um cartão com as palavras: “Obrigado, Goodwin, por entregá-las”; de modo que agora além de me fazer de porteiro e de fornecedor de roupas de segunda mão para senhoras, pelo visto esperavam que me transformasse em um vulgar mensageiro.

Havia perdido sessenta centavos. Antes, as vinte para as quatro, poucos minutos depois de Clivers ter ido embora, Wolfe me sugeriu que; já que não havia saído, não cairia mal um pouco de exercício. Não fez comentários a respeito das notícias que Clivers trouxera, e pensando que pudesse fazê-lo então, me decidi a acompanhá-lo. De modo que subi a escada enquanto ele pegava o elevador e nos encontramos em seu quarto. Ele retirou o paletó e o colete exibindo uns dois metros quadrados de uma camisa amarelo-canário e apanhou os dardos de plumas amarelas que eram seus favoritos. Na primeira jogada consegui um ás e duas damas. As quatro, hora em que subira para as estufas, eu havia perdido sessenta centavos e não consegui lhe arrancar nada, já que estava muito concentrado no jogo para falar.

Fui ao quarto sul, e ali permaneci quase uma hora. Tinha três razões para isso: primeira, Wolfe havia me ordenado que colocasse Clara Fox ao corrente das visitas de Muir e Clivers; segunda, ela estava impaciente e precisava um pouco de disciplina, e terceira, que eu não tinha outra coisa para fazer. Havia voltado a vestir suas roupas. Disse que Fritz lhe emprestara um ferro de passar, mas o vestido não parecia haver se beneficiado grande coisa dele. Disse-lhe que eu imaginava que as aventureiras passavam roupa um pouco melhor. Quando falei de Muir se limitou a fazer uma careta sem parecer disposta a mais comentários, mas os fez de Clivers. Achava que estava mentindo. Disse que era considerado um dos melhores diplomatas britânicos e era de esperar que utilizasse seu talento, tanto nos assuntos particulares quanto nos públicos. Eu lhe expliquei que não havia observado nele nada de particular a não ser que esvaziava os copos de cerveja com a mesma velocidade que Nero

Wolfe; que ainda que não fosse tão estúpido como seu sobrinho Francis Horrocks, me parecia bastante primitivo, inclusive para ser um indivíduo que havia passado a maior parte de sua vida em uma pequena ilha. Respondeu-me que isso era só uma apreciação superficial, que ela no princípio também considerara Horrocks estúpido, mas que eu mudaria de opinião quando o conhecesse melhor, e que não tinham que ser necessariamente idiotas por não serem americanos apesar de todas as suas tradições. Eu lhe disse que não falava de tradições, mas sim de idiotas, e segundo meu parecer aquilo nada tinha a ver com raça, nacionalidade ou religião. Continuei falando até que ela se dispôs a aproveitar o convite de Wolfe para ir olhar as orquídeas.

Quando Wolfe desceu, eu estava sentado à minha mesa despachando um copo de leite, já que não sabia quando ia retornar da minha excursão à cidade. Comuniquei-lhe a ligação telefônica de Perry. Ele foi à sala contígua para receber os relatórios de Saul e Orrie, o que me irritou como de costume, e quando retornou para sentar na cadeira e disposto a beber cerveja, não fiz o menor esforço para animá-lo a falar porque não me deu oportunidade. Tendo enviado Orrie para casa e a Saul para a cozinha, estava disposto a descobrir a natureza da missão que me levava a me aproximar de Mike Walsh. Não era isso precisamente o que havia esperado, mas supus que o fazia para dar a impressão de naturalidade. Bebeu um bom gole de cerveja e após secar os lábios me disse:

— Sinto muito, Archie, se isto o irrita.

— Oh, já esperava, repus. — É só questão de rotina.

Piscou-me um olho e eu me volvei para apanhar o copo de leite e deste modo não ter que sorrir, quando soou o telefone. Era o inspetor Cramer. Perguntou-me por Wolfe e eu lhe passei a ligação sem desligar o meu. Cramer disse:

— E Clara Fox? Vai enviá-la para cá, ou me dizer onde posso encontrá-la?

— Que é isto, senhor Cramer? Replicou Wolfe pelo aparelho. — Uma nova tática? Não compreendi.

— Escute, Wolfe! Cramer parecia furioso. — Primeiro nos diz que a escondeu porque queríamos acusá-la de um roubo que ela não cometeu. E agora que foi retirada a acusação, não acredito que você vai...

— O quê? Wolfe lhe interrompeu. — Retiraram a acusação de roubo?

— Claro. Não finja que ignora, já que sabe disso muito bem, ainda que eu não saiba como descobriu. Você emprega os truques mais absurdos.

— Não duvido. Mas por favor me diga como soube disso.

— Pelo Frisbie da Promotoria. Parece que um indivíduo chamado Muir, um vice-presidente da Seaboard, onde ela trabalha, é amigo do Frisbie. Foi ele quem apresentou a denúncia. Agora se retratou e a acusação foi retirada. Portanto desejo ver essa senhorita Fox e ouvi-la dizer que nunca ouviu falar de Harlan Scolvin como todos os Mike Walsh que encontramos. Claro que tudo isto é novidade para você.

— E como é. Wolfe me olhou levantando uma sobrancelha. — E muito agradáveis. Vejamos. Suspeito que será difícil convencê-lo de que não sei nada do paradeiro da senhorita Fox, de modo que nem sequer tentarei. Agora são seis e meia e precisarei fazer algumas averiguações. Onde posso encontrá-lo às oito?

— Oh, pelo amor de Deus! Cramer parecia desgostoso. — Oxalá tivesse permitido que o

comissário o detivesse, como desejava. Não preciso lhe dizer como me aborreço ao trabalhar contra você, mas tenha coração. Envie-a para cá, não vou mordê-la. Esta noite pensava ir ao teatro.

— Sinto muito, senhor Cramer. Wolfe adotou um tom suave que sempre me fazia desejar bater nele. — Primeiro preciso verificar se é verdade que retiraram a acusação e em seguida entrar em contato com a senhorita Fox. Você estará aí até as oito? Cramer lançou um bufido e cortamos a comunicação.

— Ótimo. Larguei meu bloco de notas. — Agitação na Seaboard Products Corporation. Mas onde diabos estará Johnny?... Ah! Só preciso falar seu nome e já está batendo na porta.

Fui na antessala para abrir. Uma só olhada em seu ar de satisfação foi suficiente para compreender que tudo havia saído perfeito. Para dizer a verdade, Johnny Kems tinha uma ideia fixa em sua mente... Ainda continua tendo... De que seria muito conveniente para o bem do mundo que ele conseguisse ocupar meu posto, e do que eu não me preocupo nem um pouco, porque sei que Wolfe não seria capaz de contratá-lo. Usa fixador de cabelo, polainas e não acredito que algum dia conseguisse alcançar a habilidade de manejar Wolfe adequadamente. Ele me paga muito bem para isso, ainda que jamais fui capaz de decidir se Wolfe sabe que eu sei. Levei Johnny ao escritório, e ao sentar ele começou a retirar papéis do bolso. Desdobrou-os anunciando:

— Pensei que seria melhor fazer uns desenhos. Claro que poderia ter informado Archie verbalmente, mas além da taquigrafia que aprendi eu... Wolfe interveio.

— O senhor Walsh está lá agora?

— Chegou poucos minutos antes das seis, disse Johnny. — Eu estava observando da parte posterior de um restaurante que dá na Rua Cinquenta e Seis porque sabia que o vigiavam e não quis correr o risco de ser visto, já que muitos policiais me conhecem. A propósito, a única entrada da obra fica na Rua Cinquenta e Cinco. Estendeu os papéis a Wolfe. — Encontrei outros nove lugares por onde entrar. Alguns não podem ser utilizados, mas num par deles, um restaurante e uma loja de animais domésticos que fica aberta até as nove, é possível. Em vez de apanhar os papéis, Wolfe me fez um sinal.

— Entregue-os ao Archie. Há mais alguém lá, fora o senhor Walsh?

— Não acredito. A maioria dos trabalhadores agora está colocando as vigas de ferro e terminam às cinco. Claro que já era de noite quando saí e não é muito iluminado. Há uma cobertura de madeira de um lado com um par de mesas e um telefone. Havia um homem de pé falando com Walsh, um capataz, mas parecia estar indo embora. O motivo de ter me atrasado depois de sair dali é que fui na Rua Cinquenta e Cinco para ver se o detetive ainda vigiava, e ele continuava lá. Descobri-o com facilidade. Estava de pé do outro lado da rua falando com um taxista.

— Muito bem. Satisfatório. Explique os desenhos a Archie.

Johnny me explicou os esboços e tive que lhe dar razão. Eram magníficos. Descartei cinco, já que quatro deles eram lojas que estariam fechadas e o outro era do Club Oriente e não seria fácil entrar nele. Dos quatro restantes, um era a loja de animais domésticos, outro um cinema com escada de incêndio e dois restaurantes. Depois de escutar a detalhada descrição das relativas vantagens e desvantagens, escolhi um dos restaurantes como primeiro objetivo. Parecia-me um trabalho muito complicado só para ver um indivíduo e fazer uma pergunta, mas considerando que aquela pergunta estava nos planos mentais de Wolfe, achei que valeria a pena alguma preocupação. Quando terminamos de examinar os planos de campanha de Johnny faltavam só uns minutos para as sete, e

eu segui meu costume de guardar as coisas nas gavetas, conectar todos os telefones da casa, e, apanhando a minha automática, dei uma verificada nela antes de guardá-la no bolso. Uma vez feito isto me pus de pé e arrumei a cadeira.

— Pode ficar um par de horas mais? Perguntei a Johnny.

— Se tiver jantar, sim.

— De acordo. Na cozinha encontrará o Saul. Esperamos uma visita as sete e ele abrirá a porta. Você ficará lá. É possível que o senhor Wolfe deseje que pratique sua taquigrafia. Johnny saiu da sala. Eu ia segui-lo, mas me voltei para perguntar a Wolfe: — Encontrarei a reunião aqui quando retornar?

— Não poderia dizer. Wolfe tinha a mão apoiada sobre a mesa na espera de que eu fechasse a porta às minhas costas para chamar Fritz e pedir mais cerveja.

— Preciso telefonar?

— Não.

— Certo. Voltei-me para sair, mas o telefone soou.

A força do costume me fez me aproximar da minha mesa para atender a ligação, ainda que tenha visto que Wolfe havia levantado o dele. De modo que nós dois ouvimos uma voz muito longínqua, mas tensa e crispada pela excitação.

— Nero Wolfe! Nero...

— Sim, exclamei. — É ele.

— Peguei-o! Venha aqui... Na Rua Cinquenta e Cinco... Sou Mike Walsh... Está encurralado... Venha...

Foi cortada pelo som de um tiro... Que soou tão próximo do meu ouvido que poderia ter sido um canhão. Em seguida, o silêncio. Eu disse: Alô... Walsh! Várias vezes sem obter resposta. Desliguei e me voltei para Wolfe.

— Bem. Você ouviu?

— Sim. E não compreendo.

— Isso é um recorde. Qual é o plano, eu ir até lá? Wolfe havia fechado os olhos e seus lábios se moviam. Eu fiquei observando e por fim ele me disse:

— Se Walsh atirou contra alguém, quem seria? Mas se alguém o matou, por que precisamente agora? Por que não ontem ou há uma semana atrás? De qualquer maneira pode ir ver o que aconteceu. Talvez fosse só uma viga de aço ao cair; fez muito ruído.

— Não. Foi um tiro.

— Muito bem. Averígue... Ah! A campainha da porta. Abra-a primeiro. O senhor Perry é muito pontual.

Quando cheguei na antessala Saul Panzer saía da cozinha e o fiz voltar a ela. Antes de abrir observei pela janelinha, porque já havia adquirido o costume, e ver se seria Perry. Abri-lhe e ao entrar deixou o chapéu e as luvas sobre a mesinha. Segui-o até o escritório.

— Boa tarde, senhor, disse Wolfe. — Archie, estive pensando que quanto alguém menos se

mete nas coisas, menos se vê complicado. Pode pedir a Saul que telefone ao hospital dizendo que aconteceu um acidente... Oh, não, senhor Perry, não se trata de nada sério; obrigado. Fui na cozinha e disse a Saul Panzer:

— Vá ao Allen's na Rua Trinta e Quatro e telefone para Chefatura dizendo que acredita ter ouvido um tiro no interior do edifício em construção na Rua Cinquenta e Cinco próximo da Madison. Se eles quiserem saber quem fala, diga que é o Rei Jorge da Inglaterra. Apresse-se.

Aquilo foi brincar com a sorte, mas então eu não sabia.

* * *

Quinze

PERRY me deu um olhar de rabo de olho enquanto me sentava e abria o bloco de notas.

— Não me lembro de nada que tenha me irritado tanto, disse. — Suponho que estou ficando velho. Você não deve pensar que estou de má vontade; se prefere representar a senhorita Fox, está no seu direito. Mas deve admitir que o ajudei; já que, pelo que eu saiba, não existe a mais leve sombra de evidência em que você pudesse basear a sua ameaça. Sorriu. — Claro, você acredita que o... Meu... Respeito pessoal pela senhorita Fox influiu nas minhas atitudes me obrigando a fazer pressão sobre Muir. Confesso que teve muito a ver. É uma jovem encantadora e também uma funcionária competente. Wolfe concordou.

— E minha cliente. Naturalmente me alegrei ao saber que havia sido retirada a acusação de roubo.

— A polícia já lhe disse? Eu esperava ser o portador da boa nova.

— O Inspetor Cramer me informou. Wolfe já tinha ante si a cerveja. Bebeu um gole e continuou. — O senhor Cramer me disse que o senhor Frisbie, um ajudante da Promotoria já havia lhe dito. Parece ser que o senhor Frisbie é amigo do senhor Muir.

— Sim. Conheço-o, e também Skinner, o promotor, e muito. Perry tossiu observando como Wolfe esvaziava o copo e em seguida se dispôs a continuar: — Está visto que não trago novas notícias. Mas... Sorriu. — Esse não era o principal motivo de minha visita.

— E qual seria, senhor?

— Pois... Creio que você me deve algo. Vou explicar. Ao me ameaçar com procedimentos judiciais que teriam reportado uma publicidade desastrosa para a minha companhia, exigiu que eu exercesse a minha autoridade, obrigando Muir a deixar o cargo. Muir não é um funcionário a mais; é o que ocupa o cargo de maior importância depois de mim e tem ações do negócio. Não foi simples. Perry, se inclinando para frente, adquiriu um tom irritado. — Submeti-me a você, e agora tenho direito a saber ao que fui submetido. A única interpretação possível de sua ameaça seria que a senhorita Fox era vítima de uma fraude e não teria se atrevido a fazer semelhante ameaça, sem ter alguma prova de isso. Reclinou-se de novo e concluiu lentamente: — Quero saber quais são essas provas.

— Mas, senhor Perry. Wolfe o ameaçou com o dedo. — A senhorita Fox ainda é minha cliente. Você não.

— Ah! Perry sorriu. — Quer que lhe pague por isso? Pagarei uma soma razoável.

— Qualquer que seja a informação que tenha recolhido em benefício da senhorita Fox, não está a venda para ninguém.

— Oh, não! Ela já lhe serviu. Agora não precisa mais dela. Inclinou-se de novo para frente. — Escute, Wolfe. Não preciso falar de Muir, você já o viu. Se ele ficou tão magoado a ponto de tentar acusar falsamente uma jovem, por despeito de velho ou por vingança, você não acha que devo saber?

É nosso vice-presidente mais antigo. O que pensarão os nossos acionistas?

— Ignoro o que pensarão os acionistas. Wolfe suspirou. — Mas a resposta para a sua primeira pergunta é: sim, senhor, deveria saber. Mas não saberá por mim. Deixemos de perder tempo, senhor Perry. Isto é definitivo: tenho evidências suficientes para apoiar a minha ameaça, mas sob nenhuma circunstância, conseguirá de mim alguma prova que pudesse usar contra o senhor Muir. De modo que é inútil continuar este assunto. Se há alguma outra coisa...

Perry continuou insistindo. Foi franco. Em sua opinião ele estava velho e seus serviços não mais interessavam a companhia. Desejava tratar Muir nobremente, mas antes de tudo o seu dever principal era a empresa e os acionistas. Desde o princípio teve suspeitas de que havia algo estranho no desaparecimento dos trinta mil dólares e insistia em seu direito de saber o que Wolfe havia descoberto a respeito daquele assunto. Wolfe o deixou falar, mas por fim se colocou de pé com um suspiro e com determinação anunciou que não podia fazer nada. Perry, resolvido a conservar a calma, mordeu os lábios, me olhou, e sem se levantar voltou os olhos para Wolfe.

— Alguma coisa mais, senhor? Perguntou Nero. Perry vacilava, mas por fim concordou.

— Sim, há. Mas não creio... Desejo ver a senhorita Fox. Wolfe deu ligeiramente de ombros.

— Parece que é um desejo universal. Você sabia que a polícia continua procurando-a? Querem interrogá-la acerca de um crime. Perry levantou o queixo.

— Um crime? Que crime?

— Um crime vulgar. Um homem que morreu na rua com cinco balas no corpo. Eu pensei que Frisbie tivesse lhe contado.

— Não. Muir disse que Frisbie estivera falando de algo... Não me lembro do quê... Mas isto parece sério. Como é possível que ela tenha algo a ver com isto? Quem foi a vítima?

— Um homem chamado Harlan Scolvin. Os assassinatos costumam ser sérios. Mas não creio que deva se preocupar com a senhorita Fox; na realidade ela nada teve a ver com isso. Compreenda, continua sendo minha cliente, e no momento está inacessível; de modo que se você pudesse me dizer para que quer vê-la...

Vi que Perry mudava de cor e pensei que era o quarto homem que havia visto ficar afetado naquele dia pelo nome ou presença de Clara Fox. Não era uma mulher, mas uma epidemia, e pelo visto Perry não estava disposto a repetir a cena de Muir. Observei como ia desaparecendo seu rubor e por fim disse a Wolfe com calma:

— Está nesta casa, não é?

— A polícia revistou-a sem encontrá-la.

— Mas você sabe onde está?

— Claro. Wolfe franziu o cenho. — Se você tem algum recado para ela, o senhor Goodwin levará.

— Pode me dizer quando e onde poderei vê-la?

— Não. Sinto muito. No momento não é possível. Amanhã, talvez... Perry se levantou de sua cadeira. Ficou olhando para Wolfe e de repente sorriu.

— Não posso dizer que minha visita tenha sido muito proveitosa, mas não me queixo. Todo homem tem direito a empregar seus próprios métodos. Como você me propôs, esperarei até amanhã; talvez então pense de outro modo. E lhe estendeu a mão. Wolfe olhou sua mão estendida, e em

seguida, abrindo totalmente os olhos para Perry, meneou a cabeça.

— Não, senhor. Compreenderá perfeitamente que em vista do... Do ocorrido, não sou seu amigo.

Perry voltou a enrubescer, mas nada disse, e dando meia volta foi para a porta. Eu o segui, e quando cheguei na antessala já havia apanhado as luvas e o chapéu. Ao abrir a porta vi que um carro o esperava, um dos últimos modelos Weathershield conversível. Subiu nele e eu só entrei na casa quando desapareceu da minha vista. Parei na cozinha o tempo suficiente para saber se Saul havia telefonado para a Chefatura, e que não conseguira convencê-los de que era o Rei Jorge e portanto teve que desligar. No escritório, Wolfe continuava com os olhos entreabertos e movendo os lábios de dentro para fora. Depois de me sentar, e apanhar o bloco, que guardei em uma gaveta, fiz o seguinte comentário:

— É um homem inteligente. Não tive resposta e continuei: — E mais que você. Como tampouco soube se havia me ouvido, esperei um pouco e continuei falando: — O pobre velho daria o que fosse, para evitar uma publicidade desagradável da Seaboard Products Corporation. Pense no que sacrificou! Passou a maior parte de sua vida levantando esse negócio, e aposto que sua parte nos benefícios não é mais que um triste um milhão de dólares por ano. Mas o que desejo saber...

— Cale-se, Archie. Wolfe abriu os olhos. — Posso passar sem isso. Fez uma careta ao ver o copo vazio. — Me sinto terrivelmente incomodado. Já é muito irritante ter que trabalhar com informações inadequadas, que é o que se tem no momento, para que, quando me sento para pensar me roube as ideias... É algo insuportável. Talvez tivesse sido melhor que você fosse para a Rua Cinquenta e Cinco. Com prudência. De qualquer maneira podemos tratar com o senhor Cramer. Disse-lhe que ligaria as oito, e só faltam dez minutos. Sinto ter que incomodá-lo a esta hora. Suponho que já saiba que vamos jantar Peru à Brasileira. Tente se comunicar com o senhor Cramer.

Aquilo resultou numa árdua tarefa. Pelo visto Cramer tinha a linha sempre ocupada. Depois de cinco ou seis tentativas por fim consegui e alguém me disse que Cramer não estava lá... Que havia saído pouco depois das sete sem dizer aonde ia e sem deixar nenhuma ordem para quando recebessem o recado de Nero Wolfe. Este escutou a notícia de pé, já que Fritz havia aparecido para anunciar o jantar. Dei-lhe conta da ausência de Cramer e adicionei:

— Por que não vou para a cidade e vejo se o ruído foi produzido por algo que caiu no chão?

— Não. Wolfe moveu a cabeça. — A polícia já está lá, e se houver algo importante saberemos mais tarde quando localizarmos o senhor Cramer e sem nos expor. Dirigi-se para a porta. — Não há necessidade que Johnny permaneça sentado na cozinha cobrando um dólar e meio por hora. Mande-o para casa. Saul pode ficar. Traga a senhorita Fox. Eu fui cumprir suas ordens.

Uma vez na mesa, os negócios ficariam esquecidos, com certeza. Nada foi dito a Clara Fax da ligação de Mike Walsh, nem da visita de Perry. Apesar de trazer uma rosa presa no ombro, estava triste e não fazia o menor esforço para ser atraente, mas ainda assim, e analisando-a friamente, compreendi que representava um problema para qualquer homem que fosse impressionável. Estivera nas estufas com Wolfe de cinco às seis, e durante o jantar ele continuou uma conversa, que pelo visto começara lá, sobre bailes regionais e demais. Inclusive contou um par de piadas depois de haver comido o peru, e eu tive que me conter para começar não rir. E isso, porque era menos engraçado

que quando tentava assoviar, já que só conseguia produzir um ruído muito estranho. Quando tomávamos o café ele informou-a que havia sido retirada a acusação de roubo. Ela abriu muito os olhos e a boca.

— Não! Verdade? Então já posso sair! Deteve-se e colocando uma mão sobre a manga de Wolfe disse enrubescendo: — Oh, não quero dizer... Foi terrível, não foi? Mas já sabe o que penso... Precisar me esconder...

— Perfeitamente. Wolfe concordou. — Mas temo que precisará nos suportar um pouquinho mais. Ainda não pode ir embora.

— Por que não?

— Porque, em primeiro lugar, poderiam matá-la. É muito possível, ainda que, com certeza, eu não considere provável. Em segundo lugar, devemos aguardar um acontecimento. Precisa confiar em mim, já que Archie lhe contou a declaração feita por Lorde Clivers dizendo que havia pago...

Não ouvi o final, porque naquele momento soou a campainha da porta e não me atrevi a me entreter. Estava sobre brasas e não demoraria a arder se não tivesse ocorrido algo que colocou as coisas claramente. Era Johnny Kems, a quem enviara para casa uma hora antes. Deixei-o entrar, me perguntando que diabos o trazia ali. Disse:

— Viram? E apanhando um jornal do bolso me mostrou. — Me dirigia a um cinema na Broadway quando ouvi gritarem edição extraordinária, e como não estava longe daqui pensei que era melhor vir do que telefonar... Eu li a manchete e lhe disse:

— Vá para o escritório. Não, para a cozinha. Bom trabalho.

Fui até a mesa de refeições e afastando a xícara de café que Wolfe tinha ante si, estendi o jornal sobre a mesa.

— Aí está, disse. — Aí tem o acontecimento que estava esperando. E sem me sentar li em voz alta enquanto Clara Fox nos olhava surpresa.

MARQUÊS, PRESO!

**O ENVIADO BRITÂNICO É ENCONTRADO JUNTO AO CADÁVER DE UM HOMEM ASSASSINADO!
O JORNALISTA DA GAZETTE TESTEMUNHA UM DRAMA SEM PRECEDENTES!**

As sete e cinco desta noite, o Marquês de Clivers, enviado especial da Grã Bretanha neste país, foi encontrado por um detetive no interior de um edifício em construção da Rua Cinquenta e Cinco, Manhattan, de pé junto ao cadáver de um homem que acabava de receber um tiro na parte posterior da cabeça. A vítima era Michael Walsh, o vigilante noturno. E o detetive, Purley Stebbins do Departamento de Homicídios.

Às sete horas o jornalista da Gazette, que caminhava pela Avenida Madison, ao ver uma multidão na Rua Cinquenta e Cinco, parou para observar. Ao descobrir que se tratava só de dois automóveis com os para-lamas amassados devido a uma batida, continuou caminhando em direção a Rua Cinquenta e Cinco. Não muito longe da esquina viu um homem que descia a calçada para atravessar a rua. Reconheceu naquele homem Purley Stebbins, um detetive e seus passos pareciam levá-lo a um fim determinado. Deteve-se, ao ver que Stebbins abria a porta de uma cerca de madeira que rodeia um edifício em construção. O jornalista atravessou a rua por sua vez, impulsionado pela curiosidade e entrou no mesmo lugar que o detetive. Aventurou-se um pouco mais e viu Stebbins segurando por um braço um homem elegantemente vestido, e este que forcejava para se libertar. Em seguida o detetive viu algo mais: o cadáver de um homem estendido no chão. Avançou o bastante para ver o rosto do homem bem vestido, e reconhecendo-o no ato, exclamou: Lord Clivers! O homem replicou: “Quem diabos é você?”.

O detetive estava revistando-o a procura de uma arma e pediu ao jornalista que telefonasse para a Chefatura e avisasse o Inspetor Cramer. O cadáver estava em tal posição que o jornalista teve que passar por cima dele para chegar até o telefone que havia na parede de uma cobertura de madeira. Enquanto isso Stebbins fez soar seu apito e em pouco tempo apareceu um policial de uniforme e um carro-patrulha. Stebbins falou com ele, e o policial, depois de se inclinar sobre o cadáver, exclamou: “É o vigilante noturno, o velho Walsh!”.

Após ter telefonado para a Chefatura de polícia, o jornalista se aproximou de Lorde Clivers para conseguir uma declaração. Mas foi rechaçado por Stebbins, que ordenou que fosse embora. Como o jornalista insistisse, Stebbins ordenou ao policial que o expulsasse dali e ele teve que renunciar pela força. O capataz da obra, que chamaram por telefone, disse que o nome do vigilante noturno era Michael Walsh, e que ignorava que existisse alguma relação entre Walsh e um membro da nobreza britânica.

No Hotel Portland, onde Lorde Clivers está hospedado, não se obteve nenhuma informação adicional. Às sete e meia, o inspetor Cramer e vários membros do Corpo de Polícia chegaram ao lugar do crime, mas não foi permitido a alguém entrar no recinto, nem que se obtivessem mais informações.

Publicava-se uma fotografia de Clivers, tirada na semana anterior enquanto descia a escadaria da Casa Branca. Eu estava furioso. Poderia estar lá! Olhei para Wolfe soltando chispas:

— Sejam prudentes! Não precisamos nos expor! Poderia estar lá dez minutos depois daquela ligação telefônica! Por Deus e todos os santos! Senti que me puxavam a manga e vi que era Clara Fox.

— O que aconteceu? O quê...?

— Oh, pouca coisa! Só que outro de seus companheiros de jogo foi eliminado. Já não lhe sobra muita equipe. Mike Walsh foi assassinado com um tiro na cabeça, e Clivers estava de pé ao seu lado...

— Mike Walsh... Oh não! Colocou-se de pé muito pálida. — Deixe-me ver. Wolfe havia se reclinado em sua cadeira com os olhos fechados e seus lábios entraram em movimento. Apanhei o jornal e entreguei-o a Clara.

— Tome, leia, e espero que se divirta. Ao se inclinar sobre o jornal a ouvi conter a respiração, e adicionei: — De todas as condenadas mulheres maravilhosas...

— Archie! Wolfe me cortou em seco.

— Que vão todos para o inferno! Disse me sentando em uma cadeira e movendo a cabeça com pesar. Tudo estava claro, e eu, em vez de estar onde deveria ter estado, fiquei comendo Peru à Brasileira enquanto escutava Wolfe contar piadas. E não só isso; tudo havia acontecido no pior momento, e Nero Wolfe se via no ridículo. Se eu tivesse ido lá, chegaria antes de Cramer ou de qualquer outro... Wolfe abrindo os olhos disse tranquilamente:

— Leve a senhorita Fox para cima e em seguida venha ao escritório. E se levantou de sua cadeira. Clara Fox o imitou. Colocou-se em pé com o rosto mais pálido que antes e olhou para os dois, antes de anunciar:

— Não vou subir... Não penso ficar aqui... Vou embora... Vou... Wolfe levantou as sobrancelhas.

— Para onde?

— Como vou saber para onde? Exclamou ela. — Não vê que... Que preciso fazer alguma coisa? De repente se deixou cair de novo na cadeira e começou a tremer enquanto retorcia as mãos. — Pobre Mike Walsh!... Por quê, em nome de Deus...? Por quê...? Wolfe se aproximou dela e colocou uma das mãos em seu ombro.

— Escute, disse. — Ainda estranha que eu prefira ter na minha casa mil orquídeas em vez de uma mulher? Ela levantou os olhos até ele e estremeceu.

— E foi você quem deixou o Mike ir embora, quando sabia...

— Sabia muito pouco. Agora sei menos ainda... Archie, me traga o Saul.

— Johnny está aqui...
— Não. Saul. Fui até cozinha para chamá-lo e quando o trouxe Wolfe perguntou:
— Quanto tempo demoraria para trazer Hilda aqui? Saul pensou uns instantes.
— Quinze minutos, se telefonar, ou uma hora e meia se for buscá-la.
— Bem. Telefone. Será melhor que lhe diga que Mike Walsh foi assassinado, já que se comprar uma Gazette pelo caminho é possível que fraqueje também. Há alguém ali que possa acompanhá-la?
— Sim, senhor.
— Utilize o telefone do escritório. Diga-lhe que não se atrase desnecessariamente, mas que tampouco venha com muita pressa. E limpe essa mancha de gordura da parte esquerda do nariz.
— Sim, senhor. Saul saiu apanhando um lenço do bolso. Clara Fox disse já mais calma:
— Eu não fraquejei. Afastou os cabelos do rosto com uma mão que ainda tremia. — Minha intenção não era... Quando disse que havia deixado Mike ir embora...
— Claro que não. Wolfe não se abalou. — Não estava em condições de ofender ninguém. E ainda não está. Archie e eu temos que fazer um par de coisas. Você não pode sair desta casa, pelo menos por agora. Quer subir e esperar que a senhorita Lindquist chegue? E não seja tão orgulhosa para se acreditar responsável pela morte de Michael Walsh. Quer subir e ter paciência?
— Sim. Colocou-se de pé. — Mas quero... Que se alguém me telefone me deixem falar. Wolfe concordou.
— Muito bem. Ainda que imagino que o senhor Horrocks estará muito ocupado com o que aconteceu ao seu chefe para seguir seus impulsos emocionais.

Mas Wolfe não estava num bom dia; voltou a errar, já que quinze minutos depois recebemos uma ligação telefônica de Horrocks perguntando por Clara Fox. Neste ínterim Wolfe e eu tínhamos ido para o escritório, onde Saul nos informou que havia falado com Hilda Lindquist e que ela estava a caminho. Wolfe se sentou em sua cadeira, para esvaziar outra garrafa de cerveja e rechaçar todas as minhas sugestões. Horrocks não falou de como se encontrava o nobre tio; se limitou a perguntar por Clara Fox, e eu enviei Saul para que dissesse a ela que podia falar com ele do quarto de Wolfe, já que no dela não havia telefone. Deveria ter escutado alguma coisa da conversa, mas não o fiz, nem Wolfe me ordenou. Por fim Wolfe se colocou de pé com um suspiro.

— Tente encontrar o senhor Cramer.

Assim o fiz sem resultado. Responderam-me que Cramer devia se encontrar no Canadá caçando raposas. Wolfe voltou a suspirar.

— Archie. Alguma vez já se encontrou em uma confusão mais intrincada que esta?

— Não, senhor. Se tivesse ido...

— Não volte a repetir isso, ou o enviarei para cima para ficar com a senhorita Fox. E por acaso assim teríamos organizado esse caos? É ridículo, e me obriga a tomar medidas não menos ridículas. Teremos que investigar todos os movimentos do senhor Muir desde as seis desta tarde, confiar ao senhor Cramer pelo menos a metade do que sabemos, considerar de novo os motivos e atividades de Lorde Clivers, descobrir como pode um homem estar em dois lugares diferentes ao mesmo tempo e fazer outra ligação para Nebraska. Creio que não existe revólver que acerte a uma distância de cento e cinquenta quilômetros, mas pelo visto nos enfrentamos com uma determinação e ingenuidade capaz de quase tudo, e antes que termine este assunto é possível que precisemos do senhor Lindquist.

Encontrou o número dessa casa? O nome é Donvaag...

Assenti e me pus a trabalhar. Naquela hora da noite, eram cerca das dez, as linhas telefônicas estavam livres e antes de dez minutos fizeram a ligação com Pleinview, Nebraska. Era uma ligação pessoal e se ouvia perfeitamente; a voz rouca de Ed Donvaag de sua fazenda situada nas pradarias do Oeste chegou aos meus ouvidos com tanta clareza como a de Francis Horrocks do Hotel Portland. Wolfe apanhou o telefone.

— Senhor Donvaag? Nero Wolfe... Lembra-se que falei consigo nesta tarde e você teve a amabilidade de ir avisar o senhor Lindquist para que viesse falar comigo?... Sim, senhor. Preciso pedir outro favor. Está me ouvindo bem? Esplêndido. Será necessário que vá chamar de novo o senhor Lindquist nesta noite ou amanhã na primeira hora. Diga-lhe que existem motivos para suspeitar que alguém poderia atentar contra a sua vida... Sim. Não sabemos como. Diga-lhe que seja prudente... E ande com muito cuidado. Ele costuma comer doces? É possível que receba pelo correio uma caixa de bombons envenenados. Ou até uma bomba. Qualquer coisa. Talvez receba um telegrama dizendo que sua filha morreu... Com a esperança de que a notícia acabe com ele... Não, absolutamente. Sua filha está bem e não precisa temer por ela... Bem, é uma situação um tanto peculiar; sem dúvida saberá de tudo mais tarde. Diga-lhe que tenha cuidado e receie de tudo... Pode ir em seguida? Bem. Você é um bom vizinho, cavalheiro. Boa noite.

Wolfe desligou e em seguida, suspirando, apertou a campainha para pedir mais cerveja.

— Esse idiota precisará responder por muitas coisas. Outros quatro dólares... Três? Ah, a tarifa noturna... Traga-me outra, Fritz... Archie, dê a Saul os dados necessários do senhor Muir e mande-o para a rua. Queremos saber onde esteve nesta tarde das seis às oito.

Fui na cozinha dar as novas instruções. Johnny Kems estava ajudando Fritz a lavar os pratos e Saul estava ante a mesa de refeições com o restante de um prato de azeitonas pretas. Não precisava anotar as coisas, nem nunca o fez. Dirigiu para mim seu longo nariz e uma vez assimilado sua tarefa, lhe dei vinte dólares para os gastos. Recolheu as azeitonas restantes em um punhado, e estava pronto para ir embora.

De novo no escritório, perguntei a Wolfe se queria que tentasse outra vez de falar com Cramer, mas me disse que não com um gesto. Reclinou-se com os olhos fechados e pelo ligeiro movimento de seus lábios compreendi que estava se reunindo com ele mesmo. Eu me sentei e pus os pés sobre a mesa. Em poucos minutos me levantei e fui até o armário me servir um gole de Borgonha, cheirei-o e voltei a colocá-lo na garrafa. Não era álcool o que eu queria. Fui até a cozinha e enquanto fazia mais algumas perguntas a Johnny sobre o ocorrido na Rua Cinquenta e Cinco, bebi um copo de leite.

Eram dez horas quando Hilda Lindquist chegou. Viera um homem com ela, mas quando lhe disse que Saul não estava, não quis entrar. Disse-lhe que Saul acertaria com ele mais tarde e ele foi embora. O rosto quadrado de Hilda e seu vestido marrom não tinha pior aspecto depois de vinte e quatro horas de ausência, mas seus olhos pareciam graves e resolutos. Disse que, com certeza, tudo havia terminado, já que haviam detido o Marquês de Clivers e o executariam por assassinato, e que seu pai teria uma grande decepção, porque era velho e perderiam a fazenda; de modo que pensava

apanhar as malas que deixara no hotel para ir embora para casa no primeiro trem. Eu lhe disse que esperasse, que ainda nos ficavam alguns trunfos para jogar, mas por seu modo de olhar compreendi que podia se converter em um sério problema, e deixando-a na sala contígua ao escritório, pedi que aguardasse um minuto. Corri ao quarto sul e disse a Clara Fox:

— Hilda Lindquist está lá em baixo e vou lhe dizer que suba. Acha que tudo terminou e que deve retornar para casa, para o lado de seu pai com as mãos vazias, e pelo seu aspecto compreendi que será necessário algo mais que a diplomacia britânica para evitar que tome o primeiro trem. Nero Wolfe vai resolver este assunto. Ignoro de que modo e talvez não seja neste preciso momento, mas o fará. Nero Wolfe é inclusive melhor do que eu penso, e isso não é pouco. Você escreveu a música para este fragmento e a metade de sua orquestra foi assassinada. A você corresponde manter a outra metade intacta. O que me responde?

Estava sentada em sua cadeira com os lábios apertados e as mãos crispadas. Olhou-me.

— Certo. Farei isso. Peça para ela subir.

— Pode dormir aqui com você, ou no quarto da frente. Já sabe como chamar Fritz.

— De acordo. Desci de novo e disse a Cara Quadrada que Clara Fox desejava falar com ela. Acompanhei-a e as vi se abraçar do corredor.

No escritório reinava o silêncio. Wolfe continuava em reunião com ele mesmo. Teria tentado chamar sua atenção se só estivesse sonhando com perus trufados ou pernas de porco, mas seus lábios se moviam, o que indicava que continuava trabalhando. Fiquei zanzando por ali, repassei os desenhos de Johnny de novo, relacionando-os com uma ideia que acabava de me ocorrer, assim como os relatórios de Theodore que anotei no fichário. Voltei a ler o parágrafo da Gazette em que falava dos acontecimentos da Rua Cinquenta e Cinco. Sentia-me tão inútil, que as onze em ponto explodi.

— Se isto continuar mais dez minutos, alcançarei Westschmerz! Wolfe abriu os olhos.

— De onde retirou isso? Levantei as mãos em desespero ao ver que fechava os olhos de novo.

Neste preciso momento soou a campainha da porta. Sabia que não era Johnny Kems com outras notícias extraordinárias, porque ele estava na cozinha com Fritz, já que não consegui que Wolfe me autorizasse a mandá-lo para casa. Provavelmente seria Saul Panzer com o relatório de Muir. Mas não era ele; soube logo quando a campainha voltou a soar antes que eu chegasse na antessala. Continuava soando, de modo que com toda calma olhei pela janelinha e quando vi que eram quatro os que tocavam, outro quarteto, acendi a luz da entrada para olhá-los direito. Um deles, vestido cerimoniosamente, era o que tocava a campainha. Reconheci todos. Dei meia volta e me dirigi ao escritório.

— Quem diabos está tocando desse modo? Perguntou Wolfe. — Por que não...? Interrompi-o sorrindo.

— É o Comissário de Polícia Hombert. Acompanham-no o Inspetor Cramer, o Promotor Skinner e o meu velho amigo Purley Stebbins, do Departamento de Homicídios. É muito tarde para receber visitas? Wolfe coçou o nariz e suspirando falou:

— Deixe-os entrar.

Dezesseis

ENTRARAM como um furacão. Quando Purley passou pelo meu lado lhe pisquei um olho, mas estava muito impressionado com seus acompanhantes para corresponder, coisa que não o reprovei, já que sabia muito bem que ao terminar aquele assunto o mesmo conseguiria uma promoção às avessas. Da porta vi um enorme automóvel negro estacionado ante a casa e atrás dele dois carros da polícia com vários agentes. “Bem, bem”, pensei para mim mesmo enquanto fechava a porta, “Isto parece que está ficando feio”. Cramer havia me perguntado se Wolfe estava no escritório e para ali se dirigiram sem parar, e eu fui atrás eles fechando a marcha.

Aproximei cadeiras. Cramer apresentou Hombert e Skinner, mas este e Wolfe já se conheciam. A pedido de Cramer, levei Purley Stebbins para a cozinha e lhe disse que jogasse damas com Johnny Kems. Quando retornei Hombert estava falando aos gritos do que significava desafiar a Lei, e me sentando ante a minha mesa abri o bloco de notas. Cramer parecia mais preocupado que nunca. Skinner, o promotor do distrito, estava afundado na cadeira como se estivesse ali toda a tarde. Hombert continuava gritando.

— ...E você é o responsável! Se nos tivesse entregado essas três pessoas na noite passada isto não teria acontecido! Cramer diz que estavam aqui... Neste escritório! Walsh esteve aqui! Esta tarde estávamos na Chefatura e o seu ajudante não quis nos dizer qual era! É você direta e legalmente responsável por sua morte! O comissário de polícia deixou cair com força a mão sobre o braço de sua cadeira. Cramer olhava-o movendo ligeiramente a cabeça.

— Este ataque é insolente, murmurou Wolfe. — Se legalmente eu sou responsável pela morte do senhor Walsh, me detenha. Mas por favor não grite...

— Certo! Você quis assim! Hombert se voltou ao inspetor. — Prenda-o! Cramer replicou com calma:

— Sim, senhor. Sob que acusação?

— Qualquer uma! Como testemunha essencial! Veremos se fala ou não! Cramer se colocou de pé.

— Talvez deva adverti-lo, senhor Hombert, disse Wolfe, — Que se me prender, eu não falarei. E se não falar, não terá possibilidade nenhuma de resolver o problema que tem ante si. Ameaçou-lhe com um dedo. — Não gosto de gritos, mas nunca digo nada que não cumpra. Adiante, senhor Cramer. Cramer permaneceu imóvel. Hombert olhou-o, e em seguida se voltou de novo para Wolfe.

— Você falará ou vai para a cadeia!

— Então com certeza irei para a cadeia. Wolfe voltou a ameaçá-lo com o dedo. — Permita-me uma sugestão, senhor Hombert. Por que não vai para casa dormir e deixe que o senhor Cramer maneje este assunto, porque é um policial experiente, e o senhor Skinner, um advogado inteligente? Provavelmente você possuirá algumas habilidades, mas são pouco apropriadas para o caso presente. O

querer me prender é criancice. Não quebrei lei alguma e sou um cidadão respeitável para que me detenham somente para interrogatório. Maldito seja, não pode ir sair por aí perdendo as estribeiras desta maneira, é insuportável! Você está ante uma séria dificuldade, e eu sou o único homem que pode livrá-lo dela! Aí vem aqui e começa a me lançar loucas ameaças gritando! É por acaso que este tipo de conduta que vai ganhar minha simpatia?

Hombert olhou-o. Ia dizer algo já que abriu a boca, mas a fechou de novo para olhar para Cramer. O promotor do distrito, Skinner, afogou uma risadinha. Cramer disse a Hombert:

— Não lhe disse que era um osso duro? Deixe-me manejá-lo. Wolfe concordou gravemente.

— É uma boa ideia, senhor Cramer. Maneje-me você. Hombert nada disse e voltou a se sentar cruzando os braços. Cramer olhou para Wolfe.

— De modo que você sabe de Walsh. Wolfe concordou.

— Pela Gazette. Foi uma desgraça que o jornalista estivesse lá.

— Não me diga, observou Cramer com ironia. — Claro que o marquês não está preso. Não se pode prendê-lo simplesmente. Imunidade diplomática. Em Washington estão furiosos porque apareceu nos jornais, e se existisse algum meio neste mundo de sumir com a notícia daquela página, o fariam. Levantou uma mão com gesto de desgosto. — É isso. O comissário tem razão. Você é o responsável. Já lhe disse ontem que isto era importante e que seu dever como cidadão era nos ajudar a proteger ao Marquês de Clivers. Wolfe levantou as sobancelhas.

— Você não estará um pouco confuso, senhor Cramer? Ou sou eu que estou? Entendi que desejava proteger Lorde Clivers para que não recebesse algum dano. Foi ele quem recebeu o dano nesta noite?

— Claro, interveio Hombert. — Esse Walsh o fazia vítima de uma chantagem! Cramer disse:

— Quer deixar isto comigo?

— Lorde Clivers disse isso? Perguntou Wolfe.

— Não, grunhiu Cramer. — Não disse nada, exceto que conhecia Walsh há muito tempo e que nesta tarde foi vê-lo, pois tinham marcado uma reunião e o encontrou ali morto. Mas não viemos aqui para responder suas perguntas, mas para descobrir o que você sabe. Poderíamos tê-lo feito ir a Chefatura, mas decidimos que o mais rápido era vir aqui. É hora de falar claro. O que sabe de tudo isto?

— Suponho que sim. Wolfe suspirou. — Com franqueza, me parece que está errado. Creio que vocês podem ter alguma informação que a mim serviria de ajuda e eu não tenho nenhuma que possa ajudá-los. Mas disso falaremos mais tarde. A relação que eu tenho com este assunto começam com meu compromisso com dois clientes, duas jovens mulheres para fazer uma reclamação em seu nome. E também para defender uma delas de uma falsa acusação de roubo apresentada por um alto funcionário da Seaboard Products Corporation. Já tive êxito na acusação de roubo, já que a retiraram... O promotor do distrito, Skinner, despertou, e disse com sua voz profunda:

— Não divague tanto. O que isso tem a ver? Vá direto ao ponto.

— Interrupções só servem para me fazer perder tempo, pois me obriga a começar as frases de novo. Bom, já que tive êxito na acusação de roubo, que retiraram, e já que elas não podem ser suspeitas de cumplicidade na morte do senhor Walsh, estou disposto a apresentá-lo às minhas clientes, ficando entendido que somente serão interrogadas aqui e não sairão desta casa. Não estou disposto...

— Ao diabo! Hombert parecia a ponto de voltar a explodir. — Você não pode nos ditar... Mas o tom autoritário de Wolfe e seus modos haviam produzido impressão suficiente de modo que ao

levantar a mão Hombert parou.

— Não estou ditando nada, exclamou. — Maldito seja, a continuar assim vamos passar toda a noite aqui. Estava dizendo que não estou disposto que as vidas de minhas clientes corram algum risco afastando-as de minha própria proteção. Por que ia fazê-lo? Posso ir buscá-las e podem interrogá-las ao seu prazer...

— Está bem, está bem. Cramer conveio com impaciência. — Não as levaremos, de acordo. Quanto tempo demorará para trazê-las aqui?

— Um minuto, se é que ainda não se deitaram. Archie? Faça o favor.

Levantei-me sorrindo ao ver a surpresa de Cramer; passei por cima dos pés de Skinner e após subir a escada bati na porta do quarto sul.

— Entre. Entrei. As duas jovens estavam sentadas como se se sentissem muito desgraçadas para se deitar. Disse:

— Caramba, isso parece um funeral. Vamos, ânimo! Wolfe deseja que desçam ao escritório. Lá há alguns homens que querem fazer algumas perguntas. Clara Fox se endireitou.

— Interrogar-nos... Agora? Hilda Lindquist apertou os lábios e começou a assentir com a cabeça.

— Sim. Procurei que soasse como algo definitivo. — Mais cedo ou mais tarde era de se esperar que viessem. Não se preocupem, eu estarei ali, e contem tudo o que desejam saber. São três. O que está bem vestido e tem a boca grande é Hombert o Comissário de Polícia; o de nariz feio e olhos de rato é Skinner, o Promotor do Distrito, e o gigante que olha com franqueza e simpatia ainda que não sinta isso, é o Inspetor Cramer.

— Céus! Clara Fox afastou os cabelos do rosto e se colocou de pé.

— Muito bem. Vamos. Abri a porta e as segui até em baixo.

Quando entramos no escritório os três visitantes se voltaram para nos olhar. Skinner, ao ver Clara Fox, se colocou de pé primeiro; em seguida Hombert e todos começaram a aproximar as cadeiras. Eu as fui ordenando enquanto Wolfe fazia as apresentações. Havia pedido cerveja durante minha ausência. Vi que não tinha lenço e fui apanhar um.

— De modo que você é Clara Fox, disse Cramer. — Onde esteve nesta manhã? Olhou para Wolfe, que lhe fez um gesto de assentimento.

— Aqui.

— Nesta casa? Toda a manhã?

— Sim, a noite passada e todo o dia de hoje. Cramer dirigiu a Wolfe um olhar glacial.

— O que você fez com Rowcliff? Subornou-o?

— Não, inspetor. Wolfe moveu a cabeça. — O senhor Rowcliff fez o que pôde, mas a senhorita Fox não permitiu ser descoberta facilmente. Peço-lhe que não culpe seus homens. É necessário que saiba que nós estamos dispostos a declarar sob juramento que a senhorita Fox esteve aqui constantemente, para deixar bem claro que ela não tem relação alguma com o assassinato do senhor Walsh.

— Devo estar maluco. E a outra?

— A senhorita Lindquist veio para cá nesta noite às dez horas, mas esteve reclusa em outra parte da cidade. Portanto deve se limitar a interrogá-la acerca de acontecimentos que tenham ocorrido

antes das seis e meia de ontem à tarde. Posso fazer uma sugestão? Comece por pedir a senhorita Fox que conte a história que ontem contou para mim nessa hora ante a presença da senhorita Lindquist e do senhor Walsh.

— Pois... Certo. Cramer olhou para Clara Fox. — Adiante.

Ela repetiu a história. No princípio estava nervosa e suas frases eram entrecortadas, e pude observar que cada vez que vacilava dirigia seus olhos para a figura de Wolfe que permanecia imóvel com as mãos cruzadas sobre seu abdômen e os olhos quase fechados. Olhava-o e em seguida continuava falando. Não a interromperam, nem para fazer perguntas. Leu a carta do pai e quando terminou, Cramer esticou a mão para que a entregasse. Voltou a olhar para Wolfe. Wolfe concordou e ela entregou. Em seguida continuou falando inclusive com mais detalhes que quando contou para nós. Falou de suas primeiras cartas dirigidas a Harlan Scolvin e Hilda Lindquist, e de seu primeiro encontro com Mike Walsh. Em seguida passou a relatar o reconhecimento do Marquês de Clivers por Walsh, quando saía de seu hotel, quinze dias atrás. A partir de então foram fazendo perguntas. Cramer não muito, mas Hombert e Skinner, especialmente este último, começou a mostrar sua habilidade fazendo perguntas astutas, tais como onde sua mãe guardou a carta do pai porque repentinamente pode mostrá-la em seu leito de morte. Sua destreza consistia em se mostrar cortês e amável e ir de uma coisa a outra e de repente voltar à primeira. Clara Fox já não estava mais nervosa e por isso não se confundiu. Recordei como estava fria e doce no dia anterior ante a mesa de Perry. De repente Skinner começou a perguntar sobre a acusação de roubo. Ela continuou respondendo; mas ao cabo de uma dezena de perguntas Wolfe se ergueu abrindo totalmente os olhos e ameaçou o promotor com o dedo.

— Permita-me, senhor Skinner. Está perdendo tempo. Essa acusação de roubo com certeza é pertinente ao assunto principal, mas existem pouquíssimas probabilidades de que você descubra o porquê. A verdade é que a pista que você seguiu desde o princípio é absurda.

— Obrigado, replicou Skinner secamente. — Se como você diz é pertinente, por que há de ser absurda?

— Porque está dando voltas num círculo, disse Wolfe. — Tem a ideia fixa de que é um instrumento da justiça, por ser promotor, e que seu dever consiste em encurralar a tudo o que vê. Essa ideia não só é uma idiotice perigosa, mas, além disso, no caso presente, diretamente contrária ao seu verdadeiro interesse. Por que se encontra em minha casa esta distinta multidão? Apontou aos congregados com a mão. — Porque trinta mil dólares tenham desaparecido e dois homens assassinados? De maneira nenhuma. É porque Lorde Clivers se viu desagradavelmente implicado, o fato foi publicado e você está irritado. Perdeu trinta minutos tentando pegar a senhorita Fox em algum deslize que indicasse que o senhor Walsh, o senhor Scolvin e a senhorita Lindquist tramavam um complô chantagista contra Lorde Clivers; inclusive insinuou que a carta que seu pai escrevera para sua mãe dezessete anos atrás, da qual agora o senhor Cramer tem uma cópia em seu bolso, foi inventada por ela. É possível que não compreendeu qual é o seu verdadeiro problema?

— Obrigado, replicou Skinner em tom mais seco ainda.

— Mas me permita... Não, maldito seja, estou falando! Deixe que lhe oriente um pouco. Aqui está o seu problema. Um personagem eminente, um enviado da Grã Bretanha, foi descoberto a sós com um homem assassinado e o fato foi publicado. Inclusive ainda que queira, não pode detê-lo devido a sua imunidade diplomática. Então, para evitar muitas complicações oficiais e internacionais, por que não esquece tudo e o deixa ir embora? Porque não se atreve; se ele realmente matou o senhor

Walsh, você precisará pedir ao seu Governo que o entregue, e lutar para consegui-lo se for necessário, ou os jornais farão com que precise abandonar o cargo. Você está sobre um barril de dinamite, e pode se dizer o mesmo do senhor Hombert, e vocês sabem. Imagino com que desgosto se vê você obrigado a se esforçar para fazer com que o Marquês de Clivers confesse o assassinato. Vejo as complicações; e o ruim é que neste momento não tem a menor ideia se ele o matou ou não. Sua história de que foi ver o senhor Walsh e o encontrou já morto é possível que seja verdadeira. De modo que, já que a tentativa de levar Lorde Clivers ante os tribunais, acusado de assassinato e fazer que confesse, não só criaria um problema internacional, mas, além disso, poderá ser desastroso para você pessoalmente. Qual deveria ser a sua primeira e imediata preocupação? Parece evidente. Apressar-se a explorar a possibilidade de que não seja culpado. Existe alguém mais que desejasse a morte de Harlan Scolvin e Michael Walsh? E se fosse assim, onde está? Eu só conheço seis pessoas que poderiam ajudá-lo a prosseguir essa investigação. Um deles é o assassino, outro um velho fazendeiro de Nebraska e as outras quatro estão nesta sala, e ao interrogar uma delas, o que você faz? Dá uma exibição de habilidade nos interrogatórios em seu esforço por inferir que Lorde Clivers era vítima de chantagem, apesar de que ele teve várias oportunidades de fazer semelhante acusação e não as fez. E de novo, esgrime a arma de sua astúcia para atacar a senhorita Fox, quando volta para a acusação de roubo, ainda que essa acusação tenha sido retirada pelo homem que a fez. Bah! Wolfe olhou ao seu redor. — Estranham agora de que não lhes tenha feito participes de minha confiança neste caso, cavalheiro? Estranham de que tampouco tenha intenção de fazê-la inclusive agora?

Cramer grunhiu olhando o charuto que havia retirado do bolso cinco minutos antes. Skinner, coçando uma orelha, olhou de soslaio para Clara Fox. Hombert deu um Ah! E socando o braço de sua cadeira exclamou:

— De modo que esse é o seu jogo! Não vai falar, é? Vamos ver se não falará!

— Oh, falarei! Wolfe suspirou. — Saberão tudo o que for possível lhes dizer. O senhor Scolvin esteve nesta sala ontem à tarde e foi assassinado pouco depois de sair daqui. O senhor Goodwin falou com ele e lhes repetirá a conversa se assim o desejarem. Podem ouvir dos lábios da senhorita Fox e da senhorita Lindquist tudo o que eu ouvi; e da senhorita Fox referente ao senhor Walsh. Podem saber que apresentei a reclamação sobre o pagamento de uma dívida para Lorde Clivers representando a senhorita Lindquist e seu pai, e que ele se comprometeu a saldar. Mas há certas coisas que não devem saber, pelo menos por mim; por exemplo, os detalhes de uma extensa conversa que tive com Lorde Clivers quando estive aqui nesta tarde. Pode lhe dizer...

— Como é isso? Skinner se ergueu. Hombert abriu muito os olhos. Cramer, que por fim havia conseguido acender o charuto, elevou-o com o lábio inferior fazendo que a cinza caísse no tapete. Skinner continuou: — O que está dizendo? Clivers veio vê-lo hoje?

— Esteve aqui cerca de uma hora. Talvez não deveria ter dito hoje, porque já é uma da madrugada de quarta-feira. Sim, Lorde Clivers veio me ver. Bebemos oito garrafas de cerveja, e ele adorou enormemente esse globo terráqueo que você vê ali. Sem retirar o charuto da boca, Cramer resmungou:

— Devo estar ficando maluco. Hombert continuava com os olhos muito abertos. Skinner observou:

— Nunca ouvi dizer que fosse um mentiroso, Wolfe; mas isso você está inventando.

— Inventando? Wolfe me olhou. — Isso quer dizer que minto, Archie?

— Não, sorri: — É mera retórica. Wolfe fez soar a campainha e em seguida se reclinou de

novo.

— De modo que já viram, cavalheiros, que não só tenho um conhecimento superior neste assunto, mas que veio de uma fonte superior. Lord Clivers me proporcionou informações muito interessantes que não me considero liberado para revelá-las. Voltou seus olhos para o comissário de polícia. — Entendi que o senhor Hombert, o senhor Devore, o senhor Cramer e você estivessem em contato com ele, protegendo-o no assunto da morte do senhor Scolvin. É uma pena que ele não se sentisse inclinado a fazê-los participantes de suas confidências. Talvez faça agora, se se insinuarem adequadamente.

— Não acredito, exclamou Hombert. — Mas verificaremos.

— Faça-o. Wolfe destapou sua garrafa e encheu o copo. — Querem cerveja, cavalheiros? Não? Água? Uísque? Senhorita Fox? Senhorita Lindquist?... Não perguntaram nada para a senhorita Lindquist.

— Eu tomarei um uísque, disse Skinner.

— Ótimo... Fritz, sirva o que pedirem.... Por que ia ser tão idiota para inventar semelhante história? Atrevo-me a sugerir que permitam que as senhoritas se retirem.

— Bem... Skinner olhou para Hombert que deu de ombros. O promotor se voltou perguntando de improviso:

— Seu nome é Hilda Lindquist? O rosto quadrado demonstrou um ligeiro sobressalto ante a inesperada pergunta, mas em seguida levantou o queixo.

— Sim.

— Ouviu o que Clara Fox disse. Está de acordo?

— O que quer dizer... Se eu estou de acordo?

— Quero dizer, que, pelo que você sabe, considera verdadeiro.

— Claro que é.

— Onde você mora?

— Em Plainview, Nevada. Próximo dali.

— Quando chegou à Nova Iorque?

— Na quinta-feira passada... À tarde.

— Obrigado. Isso é tudo. Mas entenda que não deve sair da cidade...

— Meus clientes permanecerão nesta casa até que eu tenha esclarecido este assunto, interveio Wolfe.

— Procure que assim seja. Skinner apanhou o copo. — De modo que você vai esclarecê-lo. Que Deus o acompanhe. Se eu tivesse o seu tempo seria o dono da ilha de Manhattan. E esvaziou o copo.

As jovens se puseram de pé para ir embora. Eu as acompanhei até a antessala quando soou a campainha da porta. Era Saul Panzer. Fui com ele até cozinha para receber seu relatório, que não foi longo. Johnny Kems estava ali com a cadeira apoiada na parede, meio adormecido, Purley Stebbins noutro canto lendo um jornal. Servi-me um copo de leite, tomei um par de goles e levei o restante para o escritório. Hombert e Cramer bebiam uísque e Fritz estava preparando outro para Skinner. Disse a Wolfe:

— Saul voltou. O sujeito saiu do escritório poucos minutos antes das seis e apareceu em seu apartamento depois das sete e quinze, onde se vestiu para o jantar. Saul não pode seguir a pista dele entre essas duas horas. Precisarás continuar vigiando nesta noite?

— Não. Mande-o para casa. Que venha amanhã às oito da manhã.

— Johnny também?

— Sim... Não, espere. Wolfe se voltou. — Senhor Cramer. Talvez possa simplificar uma coisa. Sei que está irritado. Sem dúvida alguma haverá descoberto que existem vários meios para se entrar na obra da Rua Cinquenta e Cinco, e suponho que haverá inspecionado todos. Também é possível que saiba que nesta tarde um homem foi ali para explorá-los. Cramer o olhava surpreso.

— Alguém me disse, mas como sabe? Sim, e temos uma boa descrição dele... Vinte homens andam procurando-o.

— Já me parecia que poderia lhe economizar trabalho. Wolfe concordou. — Deveria ter dito antes. Esse homem está na cozinha. Foi enviado ali por mim. Parecia que iam saltar os olhos de Cramer.

— Mas Deus santo! Isso foi antes que Walsh fosse assassinado! Pousou o copo. — Que tipo de...?

— Queríamos falar com Walsh, e sabíamos que vocês teriam um homem na entrada. Esteve ali para procurar um lugar por onde entrar. Saiu poucos minutos depois das seis e ficou aqui das seis e meia até as oito. Podem falar com ele se quiserem, mas seria perder tempo. Dou-lhes a minha palavra. Cramer olhou-o primeiro para ele e em seguida para mim. Levantou o copo.

— Ao diabo.

— Mande Johnny para casa, disse Wolfe. E Cramer adicionou:

— E peça a Stebbins que saia e diga a Rowcliff que pare o alarme e que faça os homens voltarem.

Fui cumprir os encargos; e depois de abrir a porta, deixei-a destrancada dizendo a Purley que a trancasse quando voltasse a entrar. De qualquer maneira o inimigo já estava dentro, de modo que não existia razão para manter a barricada. De novo no escritório encontrei Skinner e Hombert bombardeando Wolfe. Estava divertido. Clivers era o pássaro que andaram protegendo a todo custo, que queriam evitar que ele se visse envolvido num crime e agora estavam aqui suplicando a Wolfe, que lhes contasse o que Clivers havia lhe dito depois de oito garrafas de cerveja. Sentei-me sorrindo para Cramer e ele teve o atrevimento de me piscar um olho. Pensei que me pedia outro uísque e o fui buscar. Skinner com a mão estendida dizia quando voltei:

— Mas, céus, por que não podemos trabalhar juntos? Admito que erramos, mas como íamos saber que Clivers esteve aqui nesta tarde? Não quis nos dizer nada e pelo que a mim respeita gostaria de lhe dar um chute na bunda e lançá-lo do outro lado do Oceano Atlântico. E tampouco podemos obrigá-lo a que nos dê essa informação vital que você diz que recebeu de Clivers, mas somente pedi-la, e a pedimos. Você sabe quem eu sou. Não é desprezível a minha amizade neste município, sobretudo para um detetive. O que Clivers é para você, de qualquer maneira? Por que diabos precisa protegê-lo?

— Isto é impressionante, murmurou Wolfe. — Ontem à noite o senhor Cramer me disse que deveria ajudá-lo a proteger um distinto hóspede estrangeiro e agora você me pede o contrário.

— Está bem, se divirta, resmungou Skinner. — Mas pelo menos nos diga uma coisa. Clivers disse algo que indicasse que estava prevenido contra Mike Walsh? Wolfe franziu a sobrancelha e ao cabo de uns instantes se voltou para mim.

— Apanhe o bloco, Archie. Encontrará a pergunta que fiz a Lorde Clivers: “Não acredita? Me referia ao senhor Walsh. Por favor leia a resposta de Lorde Clivers. Eu havia apanhado o bloco e o

folheava. Passei demasiadas páginas e tive que voltar atrás. Por fim a encontrei e li em voz alta:

— Clivers: “Eu não acredito em ninguém. Sei muito bem que sou um mentiroso. Sou diplomata. Escute. Esqueça-se de Walsh; eu mesmo tratarei com ele. Preciso esclarecer este assunto, pelo menos enquanto estiver neste país. Eu tratarei com Walsh. Scolvin morreu, que descanse em paz. Deixe que a polícia se arrume como puder. E quanto aos Lindquist...”. Wolfe me deteve com um gesto de mão.

— É suficiente, Archie. Guarde o bloco.

— Não guarde! Hombert voltou a golpear o braço da cadeira. — O que diz aí? Queremos...

Deteve-se para olhar Skinner que havia lhe dado com o pé na canela. Skinner estava disposto a ser todo amabilidade e seu tom foi tão doce como o de Romeu na cena do balcão.

— Escute, Wolfe, trabalhe conosco. Deixe-nos ver isso. Seu ajudante pode copiá-lo a máquina ou ditar suas anotações e um de nossos homens escreverá. Clivers viajará para a Europa de navio no domingo. Se não terminamos este assunto vamos ter problemas.

Wolfe fechou os olhos e ao cabo de um momento voltou a abri-los. Todos o olhavam, Cramer mascando lentamente o charuto, Hombert se contendo para não explodir, e Skinner com ar inocente e amistoso. Wolfe disse por fim:

— Quer me fazer uma concessão, senhor Skinner? Permita-me fazer algumas perguntas. Em seguida, considerando as respostas, farei o que puder por vocês. Creio que será mais que provável que considerarão proveitosas as minhas ajudas. Skinner franziu o cenho.

— Que tipo de perguntas?

— Já as ouvirá. Uma pausa.

— De acordo. Adiante. Wolfe se voltou bruscamente ao Inspetor.

— Senhor Cramer. Você fez com que um de seus homens seguisse o senhor Walsh a partir do momento em que o deixou em liberdade nesta tarde e esse homem se achava postado na entrada do edifício em construção da Rua Cinquenta e Cinco. Gostaria de saber o que o fez cruzar a rua e entrar na obra, como a Gazette declara: Ouviu um tiro?

— Não. Cramer retirou o charuto da boca. — Esse homem está na cozinha. Quer ouvi-lo?

— A única coisa que quero é saber a resposta.

— Bem, eu posso dá-la. Stebbins abandonou seu posto uns minutos, ele confessou. Acontecera uma batida de dois táxis na esquina de Madison e ele foi dar uma olhada, coisa muito natural. Disse que só ficou ausente um par de minutos, mas bem que podem ter sido uns dez. Já sabe o que são essas coisas. De qualquer maneira, por fim retornou à Rua Cinquenta e Cinco e ao olhar a entrada da obra viu que a porta se abria lentamente e o rosto de um homem aparecia e olhava para o exterior. Não era Walsh. Passavam alguns transeuntes e o homem retirou a cabeça e a porta se fechou de novo. Stebbins se ocultou atrás de um automóvel que estava estacionado. No minuto seguinte voltou a aparecer a mesma cabeça e como passava um homem, se retirou novamente. Stebbins julgou que era hora de descobrir o que acontecia e atravessando a rua entrou na obra. Teve a má sorte de que esse maldito jornalista o visse. Era Clivers com certeza, e o corpo de Walsh jazia no chão...

— Eu sei. Wolfe suspirou. — Estava estendido ante o telefone. De modo que o senhor Stebbins não ouviu nenhum tiro.

— Não. Claro que estava na esquina e havia muito ruído.

— Para ter certeza. Encontraram a arma em poder de Lorde Clivers?

— Não. Cramer parecia irritado. — Isso é um dos detalhes mais curiosos. Não encontramos arma alguma, exceto um revólver no bolso de Walsh que não fora disparado. Ainda há ali um grupo de homens procurando-a. Também há cerca de mil vigas de aço que são a base do edifício e pode ser que alguma tivesse caído.

— É possível, murmurou Wolfe. — Bem... Nenhum disparo, e nenhuma arma. Olhou para todos. — Não posso deixar de observar, cavalheiros, que estas notícias me aliviam extraordinariamente. Portanto, creio que tem direito a saber que o senhor Goodwin e eu ouvimos o disparo. Todos me olharam e Skinner perguntou:

— Vocês? De que diabos está falando? Wolfe se voltou para mim.

— Explique, Archie.

— Esta noite, comecei a dizer, mas em seguida me corrigi. — Na noite passada... O senhor Wolfe e eu nos encontrávamos neste escritório. Faltando dois minutos para as sete soou o telefone e se deu a casualidade de que nós dois pegamos nossos aparelhos respectivos quase ao mesmo tempo. Uma voz disse: “Nero Wolfe!” Parecia muito longe, e muito excitada... Soava... Bem, nada natural. Eu disse: “Sim”, no aparelho, e a voz respondeu: “Peguei-o! Venha aqui. Na Rua Cinquenta e Cinco. Sou Mike Walsh. Está encurralado. Venha.”. A voz foi afogada pelo som de uma explosão muito forte, como se o disparo tivesse sido feito muito próximo do telefone. Chamei Walsh várias vezes pelo nome, mas não houve resposta. Avisamos imediatamente a polícia pelo telefone.

Olhei ao meu redor respeitosamente na procura de aprovação. Skinner parecia reflexionar, Hombert, como sempre disposto a explodir e Cramer desgostoso. Ao inspetor não custava muito ficar desgostoso e gritou a Nero Wolfe:

— O que mais sabe você? Primeiro me diz que o homem, que toda a força policial anda procurando, pensando que é uma testemunha importante, é um de seus homens que agia como sombra. Agora me fala de uma ligação telefônica que tentamos localizar... Com o que custa agora esses malditos discos... Onde nos disseram que havia se ouvido um disparo, e também me diz que você a fez. Enfiou o charuto na boca e quase o parte em dois com uma mordida.

— Mas senhor Cramer, protestou Wolfe, — Acaso é culpa minha que o Destino goste deste endereço? Não avisamos em seguida? E inclusive não impedi o senhor Goodwin, que se apressava a ir para o local do acontecido porque sabia que vocês não iriam gostar que ele se intrometesse? Cramer abriu a boca, mas lhe faltaram as palavras. Skinner disse;

— Escutaram o tiro no telefone faltando dois minutos para as sete. Isso coincide. As sete e cinco Stebbins encontrou Clivers ali. Olhou ao seu redor abatido, como que tivesse descoberto algo que não desejava descobrir. — Isso também parece coincidir. Resmungou, se dirigindo a Wolfe. — Por que o alivia tanto que não encontramos o revólver e o que Stebbins não tenha escutado o disparo, se você mesmo o ouviu?

— Tudo a seu devido tempo, senhor Skinner. Wolfe tamborilava com seus dedos sobre o braço de sua cadeira e eu me perguntei por que estava tão impaciente. — Se não se importa, me permita continuar. O jornal diz que o senhor Stebbins revistou Lorde Clivers na procura de uma arma. Encontrou-a?

— Não, grunhiu Cramer. — Teve o descaramento de nos dizer que costuma sempre levar uma pistola, mas nunca quando se veste de gala.

— Mas já que Lorde Clivers não havia saído da obra e já que não conseguiu encontrar arma

alguma, como é possível que ele tenha sido o assassino?

— Encontraremos, afirmou Cramer lugubrememente. — Existem ali mil lugares onde esconder uma arma, e teremos que nos meter entre essas vigas. Ou talvez a tenha jogado por cima da cerca. Encontraremos a arma. Ele o matou, maldito seja! Você arruinou as únicas pistas existentes que tinha... Wolfe levantou uma mão.

— Anime-se, senhor Cramer. Diga-me uma coisa, por favor. Já que o senhor Stebbins seguiu o senhor Walsh toda à tarde, suponho que conhecerá seu itinerário. Qual foi? Skinner rugiu;

— Não comece a por obstáculos, Wolfe. Vamos...

— Não ponho obstáculos, senhor. Senhor Cramer? O inspetor deixou o charuto no cinzeiro.

— Walsh parou para comer em uma cafeteria próxima da Broadway. Não parava de olhar ao seu redor, mas Stebbins acredita que não o viu. Em seguida pegou um ônibus até a Rua Vinte Sete e em seguida fez o resto do caminho a pé. Entrou no edifício da Seaboard e subiu de elevador até o trigésimo segundo andar, onde ficam as salas dos altos funcionários da empresa. Stebbins aguardou no vestíbulo. Walsh ficou ali quase uma hora. Voltou a pegar o elevador para descer e Stebbins, que não quis descer no mesmo, quase o perde de vista. Caminhou para o Este e entrou em uma loja para usar o telefone. Em seguida pegou o metrô e foi para a casa de hóspedes da Rua Sessenta e Quatro, onde morava, e de onde voltou a sair pouco depois das cinco e meia para se dirigir ao seu trabalho na Rua Cinquenta e Cinco, chegando ali pouco antes das seis.

Wolfe havia se recostado em sua cadeira com os olhos fechados. Todos o olhavam. Cramer apanhou outro charuto, mordeu uma de suas pontas e em seguida foi retirando da língua os pedacinhos de fumo. Hombert perguntou:

— Ele adormeceu? Wolfe não se moveu, mas disse:

— Com respeito à visita que o senhor Walsh fez a Seaboard Products Corporation, sabe com quem ele se encontrou ali?

— Não, como vou saber? Stebbins não entrou. Inclusive ainda que ali tivesse havido algum motivo... O escritório já estava fechado quando recebi o relatório de Stebbins. Que diferença pode haver?

— Não muita. O tom de Wolfe era amável, mas eu, que tão bem o conhecia, percebi a ligeira excitação de sua voz. — Não, não muita. Em certos casos as conjeturas são tão boas quanto os fatos... E algumas vezes, melhores. De repente se ergueu e abrindo os olhos disse com presteza: — Isto é tudo, cavalheiros. Passam das duas e o senhor Goodwin está bocejando. Amanhã saberão de mim... Melhor dito, hoje. Skinner moveu a cabeça, contrariado.

— Oh, não, não, não. Com sinceridade, Wolfe, é você capaz de acabar com a paciência de qualquer um. Ainda fica muito por fazer. Posso tomar outro uísque? Wolfe suspirou.

— É que vamos a começar a conversar outra vez? Apontou com o dedo ao promotor do distrito. — Ofereci-lhe uma oportunidade, senhor. Disse-lhe que se conseguisse respostas a umas perguntas em seguida veria o que podia fazer por vocês. Acham que posso considerá-las propriamente a esta hora da noite? Afirmo-lhes que não. Não procuro nenhuma escapatória. Fui muito mais longe que os senhores na solução deste problema, e enfrento uma dificuldade que deve se resolver antes de poder seguir adiante. Quando ficará resolvida? Não sei. Talvez encontre a solução dentro de dez minutos, quando tirar a roupa para me deitar, ou talvez requeira extensas investigações e muito trabalho. Maldito seja, não se dão conta de que começará a amanhecer dentro de quatro horas? Ontem à noite passavam das três quando me deitei. Apoiou as mãos na tampa de sua mesa e afastou

sua cadeira. Colocou-se de pé esticando as pontas do paletó por onde aparecia uma franja de sua camisa amarelo-canário. — A luz do dia nos iluminará melhor. Basta por esta noite, deixemos de nos atormentar. Saberão de mim. Cramer se colocou em pé também, dizendo a Hombert:

— Sempre é assim. Seria mais simples atravessar a pele de um rinoceronte com um alfinete.

* * *

Dezessete

AS NOVE E QUINZE da manhã da quarta-feira quando eu subi para as estufas com um recado, pensei que o gênio de Wolfe terminara para sempre e que havia ficado maluco. Encontrava-se na sala dos vasos, junto ao banco com um pedaço de madeira, de uns doze centímetros de largura por trinta e cinco de comprimento, em cada mão. Quando entrei não me deu a menor atenção, e separando as mãos as juntou rapidamente, fazendo com que as duas madeiras se chocassem produzindo um forte barulho. Fez isso várias vezes. Por fim moveu a cabeça e largando uma das madeiras começou a golpear coisas com a outra, o assento do banco, uma de suas pernas, uma cadeira, a palma da mão, e em seguida um monte de papel de embalar, etc., movendo a cabeça sem cessar. Por fim se decidiu a reconhecer minha presença e largando a tábua me olhou com feroz hostilidade.

— E bem? Perguntou-me.

— Cramer voltou a ligar, disse em tom resignado. — Esta é a terceira vez. Disse que o promotor do distrito, Skinner, saiu daqui embriagado e agora está em seu escritório com uma forte ressaca e cortando a cabeça de todo o mundo. Pelo que a mim respeita, estou a duas noites dormindo só quatro horas e a cabeça me dói. Falou que o editor da Gazette disse ao Ministro que fosse para o inferno. Agora deseja saber se lemos os jornais da manhã. Disse que dois homens de Washington estão no escritório de Hombert com cópias dos telegramas de Londres. Disse que Hombert viu Clivers em seu hotel há meia hora e que lhe perguntou pela visita ao nosso escritório de ontem à tarde, e Clivers respondeu que era um assunto particular, e que faria um dia esplêndido se não chovesse. Além disso, a senhorita Fox e a senhorita Lindquist andam discutindo porque seus nervos já mandam mais que elas. Fritz anda procurando briga porque Saul e Johnny revolucionaram muito a cozinha e Johnny comeu uns mariscos que ele preparava para o almoço. Além de tudo isto, ainda não consegui que você me diga se irei ao Hotel Portland para olhar os documentos de Clivers que chegaram no Berenfaria... Parei para tomar alento e Wolfe me disse:

— Cansa-me com todas essas minúcias. Olhe... Apanhou a madeira e voltou a dar um golpe com ela. — Estou sacrificando minhas horas de prazer para procurar esclarecer o único nó que ficou por desfazer. E você vem me preocupar com essas idiotices. O ministro foi para o inferno? Se for assim, direi aos demais para irem fazer companhia a ele.

— Certo. Digo-lhe que todos virão outra vez, e não poderei contê-los.

— Passe o ferrolho na porta. Que não entrem. Não me deixarei prender!

E fez meia volta dando o assunto por terminado. Eu levantei as mãos voltando a descê-las em um gesto que expressava meu desânimo. Quando descia, parei um momento ante a porta do quarto sul, e ouvi as vozes das duas mulheres que continuavam discutindo. Na antessala me aproximei da porta da cozinha e pude perceber que Fritz continuava uma fúria. Aquilo se transformara num

hospício.

Wolfe andava impossível desde as sete da manhã quando subi ao seu quarto pela primeira vez, já que não havia atendido o telefone quando tentei informá-lo da primeira ligação de Cramer. Nunca o havia visto com tão mau gênio, mas realmente não me importei, sabendo que só estava irritado consigo mesmo porque sua cabeça não trabalhava ao seu gosto. Já o que andava me tirando do sério era, em primeiro lugar, uma dor de cabeça. Havia começado há duas horas e ainda continuava. Em segundo, que Fritz e os clientes tivessem que descarregar sua raiva em mim; e em terceiro, que não gosto dos insultos de estranhos ao telefone.

Depois de tomar outra aspirina e fazer algumas coisas pelo escritório, me sentei ante a minha mesa, apanhei as fichas das plantas e anotei nelas várias observações retiradas dos relatórios de Theodore do dia anterior; em seguida repassei algumas faturas. No correio da manhã chegaram umas circulares de Richard e Hoehn, como também um par de catálogos da Inglaterra que deixei de lado depois de dar uma olhadela. Houve uma ligação telefônica de Harry Foster da Gazette, que havia descoberto não sei como que nós sabíamos de algo, e eu levei na brincadeira e desliguei. Em seguida, pouco depois das dez voltou a soar o telefone e me encontrei falando pessoalmente com o Marquês de Clivers. Tive intenção de avisar a Wolfe, mas por fim decidi anotar o recado e depois de desligar apanhei as circulares e catálogos, prendendo-os com um elástico e subi para as estufas. Wolfe estava de pé na terceira sala olhando com a sobrelanceira franzida, uma fileira de plantas de sementeira em seu segundo ano. Tinha um aspecto francamente ameaçador e Horstmann, a quem encontrei na seção de plantas tropicais, pelo visto fora vítima de seu furor. Dispus-me a enfrentar o temporal. Mostrei-lhe o monte de catálogos e prospectos dizendo:

— Aqui estão as listas de Richard e também algumas de Hoehn, e uns catálogos da Inglaterra. Os quer os deixe na sala dos vasos? Clivers acaba de ligar. Disse que acabaram de chegar os documentos e se você quer ir vê-los ou me mandar até lá. Não disse nada da pequena complicação que teve ontem noite com a polícia.

Parei porque Wolfe não me escutava. Seus lábios se franziram de repente enquanto os olhos se fixavam no pacote que eu tinha na mão. Permaneceu assim um bom tempo e eu me calei para observá-lo. Por fim murmurou:

— É isso. Maldito seja, Archie, já sabia? É por isso pelo que o trouxe aqui?

— Ficou maluco? Perguntei cortesmente.

— Mas claro que não, replicou sem me fazer caso. — É o destino outra vez. Fechou os olhos suspirando profundamente ao mesmo tempo em que murmurava: — Colemam “Rubber”. A “Quadrilha de Rubber”. Claro. Abriu os olhos e me olhou com eles brilhando. — Saul está lá em baixo? Diga-lhe que suba imediatamente.

— E Clivers?

— Aguarde no escritório, me gritou em tom imperioso. — Envie-me Saul.

Sabendo que era inútil continuar perguntando, fui para a cozinha e disse a Saul que viesse à antessala onde lhe disse:

— Wolfe quer que suba. Pelo amor de Deus, vigie todos os seus passos, porque ele acaba de encontrar o tesouro escondido. E já sabe o que esperar quando ele está assim. Se lhe encarregar de algo extravagante me consulte.

Voltei para a minha mesa. Depois de acender um cigarro apanhei meu revólver da gaveta, revisei-o, e voltei a guardá-lo, e em seguida dei um pontapé na lixeira, que ficou caída. Ouviram-se passos na escada e a voz de Saul chegou até a mim vindo da porta:

— Abra a porta, Archie. Preciso ir trabalhar.

— Abra você. Está com medo?

Enfiei as mãos nos bolsos e esticando as pernas o quanto pude me apoiei contra o respaldo da cadeira com o cenho franzido. Dez minutos depois de Saul sair soou o telefone. Soltei um par de maldições enquanto atendia pensando que iria receber novas queixas, mas foi a voz de Saul que soou em meu ouvido.

— Archie? Deixe-me falar o senhor Wolfe. Pareceu-me um trabalho muito rápido, e apertando uma tecla transferi a linha. Não tardou a se ouvir a voz de Wolfe.

— Nero Wolfe.

— Sim, senhor. Saul. Estou pronto.

— Bem. Archie? Não é necessário que tome nota disto.

Desliguei dando um suspiro. Aquele tipo de coisa realmente não me incomodava, porque Wolfe não me dizia tudo o que pensava fazer. Ele sabia muito bem que na metade das vezes eu lhe dava provas de que aquilo não podia ser feito, o que representava uma contrariedade para ele, já que tentava fazê-lo de qualquer maneira. Num sujeito que considera que tem razão porque é muito inteligente para errar, é de esperar que peça absurdos a alguém. Cinco minutos depois da ligação telefônica de Saul começou a diversão. Wolfe me chamou.

— Telefone para Lorde Clivers.

Liguei para o hotel Portland, e quando tive Clivers no aparelho, passei a comunicação a Wolfe.

— Bom dia, senhor, disse Wolfe. — Recebi seu recado... Sim, entendi... Não, não posso ir... Se você for amável... Um momento... Houve um acontecimento muito importante e não quero entrar em detalhes pelo telefone. Você deve lembrar que ontem tarde o senhor Walsh lhe falou por telefone de certa pessoa a quem ele acabava de ver... Sim, está desesperado e é perigoso; além disso está encurralado, e só existe um caminho aberto para que você possa evitar a publicidade mais desagradável e completa deste assunto... Eu sei. Por isso desejo que venha ao meu escritório em seguida. Não, senhor, eu lhe dou a minha palavra, será inútil, precisa expô-lo imediata e publicamente... Sim, senhor... Bem. Isso é ser razoável. Assegure-se de que traga consigo os papéis. Espero-o dentro de quinze minutos...

Clivers cortou a comunicação, mas Wolfe permaneceu ao telefone.

— Archie. Ligue para o senhor Muir. Atendeu-me a senhorita Barish e quando transferiu para Muir passei a comunicação a Wolfe. — Senhor Muir? Bom dia, senhor. Aqui Nero Wolfe... Um momento, senhor, eu lhe peço. Soube com grande pesar que ontem cometi um ato de injustiça e desejo retificá-lo... Sim, sim, com certeza, eu compreendo... Prefiro não falar pelo telefone, mas afirmo que ficará tão satisfeito como merece se vier ao meu escritório esta manhã às onze e meia. Traga também o senhor Perry... Não, sinto muito, não posso fazer isso. A senhorita Fox estará aqui... Sim, está aqui agora... Não, às onze e meia, antes não, e será necessária a presença do senhor Perry... Oh! Com certeza que não, tem demonstrando tanto interesse... Sim, está a tão pouca distância... Ouvi que Muir desligava e disse a Wolfe:

— Com isso conseguirá que esse velho maluco venha trotando sem parar, nem para avisar Perry, nem sequer para apanhar o chapéu, por que você não...

— Obrigado, Archie. Ligue para o senhor Cramer. Pus-me em contato com a Chefatura, e quando o funcionário avisou a Cramer, Wolfe continuou: — Bom dia, senhor Cramer... Sim, com certeza, recebi seus recados, mas estive ocupado por uma boa causa... Entendi isso, mas acaso podia evitar? Pode vir ao meu escritório às onze e meia? Nessa hora estarei disposto a recebê-lo... A verdade é que minha intenção é não só informá-lo, mas entregar a solução do caso... Certamente, se desejam vir traga-os, ainda que acho que seria conveniente que o senhor Hombert voltasse a usar lenços... Sim, às onze e meia... Cramer desligou e eu disse:

— Preciso chamar o Ministro?

— Não, obrigado. Wolfe parecia satisfeito. — Quando Lorde Clivers chegar faça-o subir em seguida.

* * *

Dezoito

QUANDO Saul Panzer voltou, eu abri a porta. Já não existia razão alguma para que eu continuasse fazendo às vezes de porteiro, tarefa que normalmente correspondia a Fritz, mas me pareceu mais prudente dar tempo para que se acalmasse um pouco; além disso, se o deixava entregue as suas próprias discussões mais um tempo sem interrompê-lo, haveria a possibilidade de que enfiasse uma panela na cabeça de Johnny como chapéu, coisa que aos dois não teria feito bem.

De modo que deixei Saul entrar e o instalei na sala contígua ao escritório, e em seguida, um pouco mais tarde, fui abrir para o Marquês de Clivers. Tive uma grata surpresa, já que vinha acompanhado do sobrinho. Pelo visto hoje também iria a algum casamento; Horrocks parecia robusto devido ao seu magnífico traje que lhe caía como um sonho, e eu o olhei com tal interesse que quase me esqueço de que quem estava em seu interior era ele. Perguntei-lhe se queria passar ao escritório e em seguida me dirigi a Clivers.

— O senhor Wolfe deseja vê-lo lá em cima. Há três andares. Quer subir a pé ou de elevador?

Parecia pensativo e amargurado. Disse que a pé, e eu o acompanhei até as estufas, deixando-o na presença de Wolfe. Quando desci, Horrocks continuava de pé no vestíbulo.

— Se vai esperar, lhe disse, — No escritório há um lugar que sustentará sua parte posterior... Já sabe, uma cadeira.

— Minha o quê? Surpreendeu-se até que por fim entendeu. — Ah! Muito obrigado. Mas eu... Eu acho que a senhorita Fox tomou um bom banho. Não é verdade?

— Sim, se empapou toda.

— Suponho que ainda estará aqui? Era questão de uma destas duas coisas: ou deixá-lo esperando um tempo mais ou solucionar o problema de uma vez. Decidi-me por este último e disse:

— Espere aqui, e voltei a subir a escada. Pelo visto reinava o silêncio no quarto sul. Depois de bater na porta, disse a Clara Fox: — Um jovem diplomata está lá em baixo e quer vê-la. Vou fazê-lo subir. Entretenha-o aqui. Vamos ter trabalho no escritório e sua presença me tira do sério.

Foi procurar a bolsa para retocar a maquiagem e eu fui de novo até a antessala para dizer a Horrocks que ele já conhecia o caminho. Eram onze e dez. Agora era só me sentar e cruzar os braços. Havia uma coisa que gostaria de lembrar a Wolfe antes que começasse a reunião, mas ignorava sua importância, e de qualquer maneira não tinha ideia de como ele pensava fazer a representação. Cabia inclusive a possibilidade de que só se tratasse de um ensaio geral, um sinal, para ver o pânico que produziria, ainda que isso não fosse próprio dele. A única coisa que se dignou a me comunicar pelo telefone interior foi que desceria com Clivers depois que os outros chegassem e que não deveria

mencionar a presença de Clivers. Fui ver se estava falando com Saul, mas não era assim, de modo que voltei a me sentar.

Os dois contingentes, o oficial e o da Seaboard, fizessem sua aparição com três minutos de diferença. Deixei-os entrar. O oficial chegou primeiro. Levei-os ao escritório onde já tinha as cadeiras preparadas. Skinner parecia furioso, Hombert cansado, e Cramer relativamente sério. Quando viram que Wolfe não estava no escritório começaram a se impacientar, e eu os acalmei com algumas frases bem escolhidas. Então voltou a soar a campainha e fui abrir para a segunda fornada. Muir e Perry entraram juntos. Perry me dedicou um sorriso forçado, ao me dar bom dia, mas Muir não estava para cumprimentos; vi que a mão tremia quando me entregou o chapéu. Por mim poderia ficar completamente inválido sem que me caísse uma lágrima. Com uma inclinação de cabeça convidei-os a entrar. Pararam na porta do escritório ao ver o trio oficial. Muir pareceu assombrado e furioso; Perry só surpreso. Ele olhou a todos e em seguida se voltou para mim.

— Achei... Wolfe marcou onze e meia, Muir me disse isso... Se esses cavalheiros...

— Está bem. Sorri-lhe. — O senhor Wolfe preparou uma pequena reunião. Sentem-se. Conhecem o senhor Hombert, o Comissário de Polícia? O inspetor Cramer? O senhor Ramsey Muir e Don Antônio D. Perry.

Apanhei o telefone interior de cima de minha mesa e liguei para a estufa. Wolfe atendeu e eu lhe disse:

— Já estão todos aqui.

Os dois grupos de eminentes cidadãos estavam dando uma exibição de maus modos; nenhum esperava encontrar o outro. Cramer foi observando lentamente um a um e em seguida me olhou com olhos relampagueantes. Hombert cochichava com Perry, e Skinner se voltou para exclamar:

— Que tipo de brincadeira é esta?

Limitei-me a menear a cabeça e ouvi o ruído do elevador. No momento seguinte a porta se abriu dando passagem a Wolfe e a outro visitante que nenhum deles esperava ver. Aproximaram-se. Wolfe parou inclinando a cabeça.

— Bom dia, senhores. Creio que alguns de vocês já conhecem Lorde Clivers. Não é, senhor Perry? Não. Senhor Muir. O senhor Skinner, nosso promotor. Quero agradecer a todos por sua pontualidade...

Eu estava vendo várias coisas. Primeira, que Clivers olhava fixa e diretamente para Perry, me fazendo lembrar como Harlan Scolvin havia me olhado dois dias antes, e que Clivers havia colocado a mão direita no bolso lateral de seu paletó e não retirado. Segunda, Perry sustentava o olhar com os olhos entrecerrados e apertando as mandíbulas. E terceira, que o inspetor Cramer estava sentado com todo o peso de seu corpo inclinado para frente e os pés recolhidos sob o assento para poder chegar rapidamente a qualquer parte. Eu fiz girar minha cadeira e abrindo a gaveta ostentadamente, apanhei a minha automática e a deixei sobre a mesa na altura do meu cotovelo. Hombert começou.

— Não sei, Wolfe, que tipo de procedimento acha que... Wolfe, que fora a ocupar sua cadeira detrás de sua mesa, levantou a mão.

— Por favor, senhor Hombert. Creio que é sempre aconselhável, quando factível, pegar o caminho mais curto. Por isso solicitei um favor à Lorde Clivers. Olhou ao aludido. — Sente-se, senhor, e nos diga se já viu o senhor Perry antes de hoje? Clivers, com a mão ainda no bolso, se dispôs a sentar entre Hombert e eu, sem afastar os olhos de Perry.

— Sim, disse asperamente. — Tinha razão. É Coleman. Colemam “Rubber”. Perry se limitou a olhá-lo. Wolfe perguntou em tom amável:

— Que diz a isto, senhor Perry?

Pudemos ver que tinha os dentes apertados. Seus olhos se afastaram do rosto de Clivers bruscamente e se fixaram em Wolfe e em seguida em mim. Seus ombros foram se elevando pouco a pouco e por fim os deixou cair com um suspiro. Por fim, olhando a Wolfe, exclamou:

— Não falarei. Pelo menos agora. Continue.

— Não o reprovo, senhor, disse Wolfe. — Custa muito se dar por vencido e renunciar a um antigo segredo. Seus olhos percorreram toda a plateia. — Cavalheiros, vocês recordarão, pela história que ontem nos contou a senhorita Fox, Que Colemam “Rubber” era o homem que dirigia a pequena quadrilha de libertadores há quarenta anos, e esse homem é o senhor Perry, aqui presente. Mas o que não sabem ainda é que, atendendo a uma obrigação, Lorde Clivers pagou a Coleman... O senhor Perry... A soma de um milhão de dólares no ano de 1906, quer dizer, há vinte e nove anos. E que Coleman-Perry, até a data, não dividiu essa soma como se comprometeu a fazer.

Cramer deu um grunhido e se inclinou ainda mais para frente. Skinner estava afundado em sua cadeira com os cotovelos apoiados nos braços da mesma e as mãos unidas, enquanto seus olhinhos iam de Wolfe a Clivers, deste a Perry e voltava a recomeçar. Hombert mordía o lábio enquanto observava Clivers. Muir gritou de repente:

— O que significa tudo isto? O que tem a ver com...? Wolfe atalhou-o.

— Cale-se! Você se acha aqui presente porque me pareceu o modo mais simples de trazer o senhor Perry, e porque pensei que devia saber a verdade a respeito de sua acusação contra a senhorita Fox. Se quiser ir embora, vá; mas se ficar, refreie a língua. Clivers interveio com brusquidão:

— Não estou de acordo que este homem fique aqui.

— Creio que deve deixar esta questão em minhas mãos, replicou Wolfe. — Depois de tudo, Lorde Clivers, foi você quem originalmente começou isto, e se a galinha veio para casa para ser assada e eu devo depená-la, pelo menos deve me permitir escolher o método. Voltou-se bruscamente. — Que me diz a isso, senhor Perry? Já teve alguns minutos para pensar. Você era Colemam “Rubber”, não é verdade?

— Não penso falar. Perry olhava-o e desta vez suas palavras saíram de seus lábios com toda facilidade. Tinha os lábios um tanto contraídos e talvez pensasse que estava sorrindo. — É muito possível que Lorde Clivers esteja errado. Tentou voltar a sorrir. — Inclusive é possível que... Compreenda seu erro. Olhou ao redor. — Você me conhece, senhor Skinner, e você também, senhor Hombert. Comemoro que se encontrem aqui. Posso apresentar provas de que esse homem, o senhor Wolfe, se comprometeu a destruir a minha reputação assim como a de meu vice-diretor e a da

empresa que dirijo. O senhor Muir pode corroborar. Voltou os olhos para Wolfe. — Vou lhe dar corda. Toda a que queira. Continue. Wolfe concordou com admiração.

— Superlativo. Apoiou-se contra o respaldo da cadeira e contemplou o grupo. — Cavalheiros, devo lhes pedir que me escutem e ficarão de acordo comigo. Chegarão a mesma conclusão que eu, se lhes descrever como cheguei a ela. Serei o mais breve possível. Começou há umas quarenta e cinco horas, quando o senhor Perry veio me visitar e pedir que investigasse um roubo de trinta mil dólares, soma esta que havia desaparecido da gaveta da mesa do senhor Muir. O senhor Goodwin foi aos escritórios da Seaboard e andou fazendo algumas perguntas. Esteve lá das quatro e quarenta e cinco às cinco e cinquenta e cinco, por trinta e cinco minutos, e das cinco e vinte às cinco e cinquenta e cinco, não viu, nem o senhor Perry, nem o senhor Muir, porque se encontravam assistindo a uma reunião na sala da diretoria. O caso apresentava alguns aspectos pouco convincentes e decidimos não nos encarregar de sua investigação. Creio que vou precisar de um pouco de cerveja.

Fez uma pausa para apertar o botão da campainha e voltou a se reclinar contra o respaldo da cadeira.

— Já sabem da visita de Harlan Scolvin a este escritório na tarde de segunda-feira. Pois bem, aqui encontrou o senhor Perry. Não só encontrou, mas olhou-o fixamente. Também conhecem a ligação telefônica das cinco e vinte e seis que levou o senhor Scolvin para a morte. Na segunda-feira à noite, aparte destas coisas, conheci também a história que a senhorita Fox nos contou, na presença do senhor Walsh e da senhorita Lindquist; e quando, tendo me comprometido a trabalhar em benefício da senhorita Fox, se fez necessário considerar o assassinato de Harlan Scolvin. Examinei as possibilidades tal como se apresentavam naquele momento. Supondo, até que se demonstre o contrário, que o assassinato de Harlan Scolvin estivesse relacionado com o assunto “Quadrilha de Rubber”. O primeiro suspeito, sem dúvida alguma, era o próprio Lorde Clivers, mas na terça-feira de manhã foi eliminado quando eu soube que o assassino estava sozinho no automóvel. Em um artigo do Times do domingo, que o senhor Goodwin tivera a amabilidade de me ler, se dizia que Lorde Clivers não sabia dirigir, e na terça-feira, ou seja ontem, comprovei através de um agente em Londres, junto com outras informações a respeito de Lorde Clivers. O segundo suspeito era Michael Walsh. Havia falado com ele, formando certa opinião de sua pessoa. Não tinha motivos aparentes, mas era suspeito. O mesmo vou dizer da senhorita Lindquist. A senhorita Fox ficava definitivamente eliminada, já que depois de muito considerar a aceitara como cliente.

Alguém exclamou “Ah!”. Hombert aventurou um comentário enquanto Wolfe se servia de cerveja e tomava um bom gole, mas ninguém lhe fez caso. Wolfe continuou depois de secar os lábios:

— Entre os outros suspeitos conhecidos, o mais prometededor era Antônio D. Perry. Devido a ligação telefônica que levou o senhor Scolvin a rua para morrer, era praticamente certo que seu assassino sabia que ele estava em nosso escritório; e já que o senhor Perry, segundo meus cálculos, era a única pessoa que sabia, me pareceu que valia a pena aceitá-lo como suspeito. Através das Metropolitan Biographies e algumas pesquisas feitas por um de meus homens, por fim consegui evidência negativa; e em seguida positiva ao telefonar para Nebraska, para o pai da senhorita Lindquist. Lembrava com bastante exatidão o aspecto físico, o rosto e a figura de Colemam, e ainda que não pudesse ter uma identificação verdadeira por telefone, ao fim de quarenta anos, não obstante era uma base. Pedi ao senhor Lindquist que me descrevesse todos os homens relacionados com o

assunto, pensando que pudesse haver alguma complicação, afora das mais evidentes, e era a do senhor Perry a descrição que mais se aproximava da de Coleman. Meu passo seguinte...

— Um momento, Wolfe. A voz de Skinner soou imperativa. — Não pode fazer isso. Assim não. Se você tem que solucionar um caso, eu sou o promotor do distrito. Se não tem... Perry interveio:

— Deixe-o que fale! Deixe que ele mesmo se condene. Hombert murmurou umas palavras ao ouvido de Cramer e o inspetor respondeu. Clivers tomou a palavra.

— Isto concerne a mim. Deixem Wolfe falar. Apontou com a mão esquerda para Perry, já que a direita continuava em seu bolso. — Esse homem é Coleman. Wolfe já sabe, não é verdade? Que diabos tem a fazer o resto de vocês? Perry dirigiu o olhar para o Marquês.

— Você está errado, Lorde Clivers. Arrepende-se-á disto. Wolfe havia aproveitado aquela oportunidade para esvaziar o copo e chamar pedindo outra garrafa. Em seguida olhou ao seu redor.

— Cavalheiros, não é possível que lhes pareça estranho que, se o senhor Perry não for Coleman, não expresse a menor indignação, nem se espante pelo que estou dizendo? Ah! Ele poderá explicar. Há muito tempo, pouco depois de entrar como funcionária na Seaboard, a senhorita Fox lhe contou a história que vocês ouviram ontem à noite. Sabe tudo da “Quadrilha de Rubber” por ela, e também seus esforços por encontrar os membros sobreviventes. E a propósito, e pelo que respeita a identidade... O senhor Walsh lhe telefonou às cinco da tarde de ontem, Lorde Clivers, para dizer que acabava de encontrar Coleman? Clivers concordou.

— Sim.

— Sim. Wolfe olhou para Cramer. — Como você me informou, imediatamente depois de sair dos escritórios da Seaboard, aonde fora por suspeitar da senhorita Fox e de mim, mesmo depois do assassinato de Harlan Scolvin, o senhor Walsh procurou um telefone. Vira o senhor Perry. Foi uma lástima que não me dissesse, já que neste caso continuaria ainda com vida; mas o que fez foi telefonar para Lorde Clivers, com quem já havia falado de manhã. Tinha ido ao hotel Portland e Lorde Clivers considerou aconselhável recebê-lo, e durante esta reunião o informou do pagamento que havia efetuado a Coleman muito antes, expressando sua intenção de lhe dar um respeitável valor. Agora bem, ao saber por Walsh e através da conversa telefônica que ele havia encontrado Coleman, Lorde Clivers compreendeu que devia entrar imediatamente em ação para evitar o escândalo, e disse isso ao senhor Walsh às sete daquela tarde, e que antes de ir a um jantar solene, passaria pelo lugar onde trabalhava o senhor Walsh e que ficava a pouca distância de seu hotel. Só conheci estes detalhes nestas últimas horas. São corretos, senhor?

— São, confirmou Clivers. Wolfe olhou para Perry, mas este tinha os olhos fixos em Clivers. Wolfe disse:

— De modo que para a identificação temos a descrição do senhor Lindquist, a ligação telefônica do senhor Walsh e o reconhecimento atual de Lorde Clivers. Porquê, ao fim de quarenta anos, o senhor Scolvin e o senhor Walsh tenham reconhecido Coleman, creio que é facilmente explicado. Devido às circunstâncias, suas mentes estavam cheias de lembranças vivas de um antigo acontecimento e alertas pela suspeita. Poderiam passar a seu lado na rua mais de cem vezes sem lhe dirigir um segundo olhar, mas a situação em que o viram fez com que em sua mente despertasse a lembrança. Voltou a olhar ao presidente da Seaboard, perguntou: — O que diz agora, senhor Perry? Não quer se dar por vencido? Perry olhou-o e disse.

— Ainda não estou disposto a falar. Escuto. De repente, espasmodicamente, se jogou para frente e houve um movimento em todo o círculo. Cramer ficou tenso. Skinner deixou cair as mãos. Clivers deu um pulo, e eu pus a mão sobre a pistola. Não creio que Perry observasse nada disto, já

que tinha os olhos fixos em Wolfe e voltando a apoiar as costas contra a cadeira com as mandíbulas apertadas disse com menos tranquilidade: — Continue. Wolfe meneou a cabeça.

— Você é um homem esperto, senhor Perry... Como havia começado a dizer, meu passo seguinte, ontem à tarde, foi me pôr em contato com o senhor Walsh para persuadi-lo de minha boa fé, mostrar a fotografia do senhor Perry, e reafirmar minha suspeita. Isto era duplamente importante e urgente depois da visita de Lorde Clivers, quando eu soube do pagamento que este havia feito a Colemam em mil novecentos e seis. Ocorreu-me a ideia de pedir a Lorde Clivers a descrição de Colemam, e inclusive considerei a possibilidade de mostrar a fotografia de Perry, mas a rechacei. Naquele momento não estava convencido absolutamente de sua devoção ao escrúpulo, e ainda que estivesse, não teria me atrevido a alarmá-lo, mostrando a iminência do descobrimento de Coleman... Primeiro precisava do senhor Walsh, de modo que enviei um homem na Rua Cinquenta e Cinco para que fizesse um reconhecimento. Claro que havia descoberto outras coisas. Por exemplo, um de meus homens visitou o escritório do diretor da Seaboard Products Corporation descobrindo que existe uma segunda porta que dá ao vestíbulo superior pela qual o senhor Perry poderia ter saído às cinco e vinte mais ou menos, na tarde da segunda-feira para efetuar alguma diligência, retornando meia hora mais tarde sem que o senhor Goodwin notasse. Perguntando aos sócios que estavam presentes, poderemos saber com certeza. Por outro lado, a senhorita Fox havia almoçado comigo de manhã... E lhe afirmo, senhor Skinner, que não perdi tempo com perguntas idiotas, como por exemplo onde sua mãe guardava as cartas há dezesseis anos. Combinando as informações com minhas conjecturas, formei uma ideia bastante exata das atividades do senhor Perry. Na primavera de mil novecentos e trinta e dois viu um anúncio em um jornal em que pediam notícias do paradeiro de Michael Walsh e de Colemam "Rubber". De um modo indireto pôde saber quem o havia insertado; e um mês mais tarde Clara Fox entrava como funcionária na Seaboard Products. Podia vigiá-la e assim o fez. Cultivou sua companhia, e ganhou sua confiança. Quando ela encontrou Harlan Scolvin e mais tarde Hilda Lindquist, assim como Michael Walsh, ele soube. Tentou convencê-la a desistir de suas tentativas, mas sem êxito. Em seguida, repentinamente, na quinta-feira passada, ao saber que havia encontrado Lorde Clivers, tomou suas medidas em seguida. É possível que inclusive lhe ocorreu a ideia do crime, mas a rechaçou; de qualquer maneira, decidiu que enviá-la a um presídio como ladra a desacreditaria por completo e já seria suficiente. Sua iniciativa pessoal era a única força que o ameaçava, e estando ela longe correria pouco perigo. Mas se lhe apresentou uma oportunidade providencial. Na sexta-feira à tarde ele mesmo apanhou os trinta mil dólares da mesa de Muir, e enviou a senhorita Fox para aquela sala com um cabograma para que o copiassem. Não sei... Muir havia saltado da cadeira e gritava:

— Céus, eu acredito! E todo o tempo estive maquinando contra ela! O muito porco... Sujo...

Cramer, se pondo em pé rapidamente, segurou Muir pelo ombro.

— Está bem, está bem, mas sente para que todos possam acreditar. Vamos, obedeça. Ajudou-o a se sentar enquanto Muir continuava tremendo.

— De modo que pensa isso, Muir, disse Perry mordendo os lábios, e com um movimento que fez com que eu voltasse a colocar minha mão sobre a pistola. — Wolfe, tudo isso que está inventando precisará engolir. E adicionou devagar: — E isso acabará com você. Wolfe meneou a cabeça.

— Oh, não, senhor, eu afirmo! Suspirou para continuar: — Ignoro quando e como o senhor Perry escondeu o dinheiro no automóvel da senhorita Fox, mas um de meus homens descobriu uma possibilidade que a polícia poderá verificar facilmente. De qualquer maneira é certo que o fez. Isso

agora não tem importância. Outra coisa que o impulsionou a agir foi que Clara Fox havia lhe dito que tendo ouvido falar favoravelmente das habilidades de Nero Wolfe, havia decidido contratá-lo para apresentar a reclamação da dívida. Pelo visto, o senhor Perry tinha em grande estima a minha competência, já que se preocupou em vir pessoalmente e fazer com que eu agisse, representando a Seaboard Products Corporation, o que teria me impedido de aceitar a senhorita Fox como cliente. Mas teve aqui uma desagradável surpresa. Estava sentado nessa cadeira, a mesma que ocupa agora, quando um homem entrou nesta sala e disse: “Meu nome é Harlan Scolvin” E ficou olhando fixamente para o senhor Perry. Não sabemos se o reconheceu definitivamente como Coleman, ou se o senhor Perry suspeitou que o havia feito. Em qualquer dos dois casos, foi suficiente para convencer o senhor Perry de que precisava algo mais enérgico do que uma falsa acusação de roubo, e porque evidentemente não havia pessoa alguma que pudesse ter a mais remota suspeita, de que existisse alguma relação entre Antônio D. Perry, presidente da companhia, diretor de um Banco, multimilionário, e cidadão eminente, e a “Quadrilha de Rubber”. Lord Clivers diz que há quarenta anos atrás Coleman era teimoso e de vontade firme, assim como rápido em atirar. Pelo visto conservou estas características. Foi para sua sala e imediatamente telefonou ao senhor Goodwin para que fosse até lá. Às cinco e vinte foi a sala dos diretores, e um momento mais tarde, se escusando ante seus sócios, saiu pela porta que dava ao vestíbulo superior, e descendo ao andar inferior telefonou para Harlan Scolvin dizendo o que só podemos imaginar, e marcando um encontro. Saiu à rua, e escolhendo um automóvel dos ali estacionados, foi até o lugar por onde Scolvin se aproximava do lugar do encontro, o assassinou, e em seguida largou o carro na Nona Avenida e retornou ao edifício Seaboard e para a sala da diretoria. Foi um ato admiravelmente executado e que teria menos de uma oportunidade contra um milhão de ser descoberto, a não ser porque a senhorita Fox teve a ideia de me escolher para reclamar em seu nome uma dívida fantástica. Wolfe fez uma pausa e se serviu de cerveja, enquanto Skinner dizia:

— Espero que tenha alguma prova, Wolfe. Queira Deus que a tenha, porque se não tiver...

Wolfe deixou o copo depois de esvaziá-lo.

— Eu sei. Posso ver as faces abertas das feras que aguardam. Apontou para Perry. — Esta é a primeira. Mas deixem que espere um pouco mais. Passemos para a noite de ontem. Isto é bem simples. Não nos preocupemos com os detalhes de como o senhor Walsh conseguiu ver o senhor Perry em seu escritório ontem à tarde: é suficiente saber que o fez, já que telefonou para Lorde Clivers e lhe disse que havia encontrado Coleman. Bem, ao senhor Perry só lhe restava uma coisa a fazer e a colocou em prática. Pouco depois das seis e meia entrou no edifício em construção por um dos lugares que conhecemos... Possivelmente seja sócio do Club Oriente, outro ponto que há de se descobrir... E surpreendendo Walsh, lhe disparou um tiro na parte posterior da cabeça, talvez afogando o ruído do disparo envolvendo a pistola em seu casaco ou algo desse gênero, transferiu o corpo até o telefone, se é que já não estava já lá, e saindo por onde havia entrado pegou o seu automóvel, e a toda pressa...

— Aguarde um minuto! Interrompeu Cramer. — Como foi isso? Conhecemos exatamente a hora do disparo: dois minutos para as sete, quando Walsh ligou para você. E você o ouviu. Já sabemos...

— Por favor, senhor Cramer. Wolfe conservou a calma. — Não estou lhe contando o que já sabe; isto é novo para você. Como ia dizendo, o senhor Perry se dirigiu a toda pressa para a cidade em seu automóvel, chegando a este escritório exatamente às sete. Hombert se ergueu dando um

grunhido. Cramer olhou para Wolfe meneando a cabeça e Skinner exclamou com o cenho franzido:

— Está maluco, Wolfe? Ontem você nos disse que havia ouvido o disparo que matou Walsh aos seis e cinquenta e oito. Agora diz que Perry atirou e em seguida chegou no seu escritório às sete. Lançou um grunhido. — Como pode ser?

— Precisamente. Wolfe o ameaçou com o dedo. — Lembre que ontem à noite lhe disse que tinha que fazer frente a uma dificuldade e resolvê-la antes de poder fazer algo? Era esta. Você acaba de apresentá-la... Archie, por favor, diga a Saul que pode começar.

Levantei-me e abri a porta que dava na sala contígua. Saul Panzer estava sentado ali e lhe gritei:

— Ei! O senhor Wolfe diz que pode começar. Saul se dirigiu a antessala e o ouvi fechar a porta da rua. Wolfe dizia:

— O senhor Perry foi muito engenhoso e ousado ao fazer com que o senhor Goodwin e eu cobríssemos o seu álibi. Ainda que, claro, e estritamente falando, não era um álibi o que ele tinha em mente, mas sim uma série de acontecimentos cronometrados que excluiriam do meu pensamento a possibilidade de que ele tivesse alguma relação com a morte do senhor Walsh. Semelhante relação não era de esperar que ocorresse a alguém, e menos que a alguém, a mim; porque é bem verdade que desde que chegou aqui hoje, o senhor Perry se sentia completamente certo de que ninguém tinha a menor suspeita de seu interesse neste assunto. Havia duas probabilidades contra ele: Harlan Scolvin podia ter falado com o senhor Goodwin, desde o momento em que o senhor Perry saiu daqui na segunda-feira e a hora que telefonou para pedir que o senhor Goodwin fosse ao seu escritório; ou o senhor Walsh podia ter entrado em comunicação comigo entre as cinco e as seis de ontem. Mas pensou que não acontecera assim, e se dispôs a assassinar os dois tão logo pudesse combiná-lo razoavelmente. De modo que preparou... Skinner exclamou:

— Continue. É possível que ele não pensasse em preparar um álibi, mas parece que o tem. Que me diz disto?

— Como lhe dizia, senhor, essa foi minha dificuldade, que ficará resolvida em breve. Achei conveniente... Ah!... Atenda, Archie. Era o telefone. Voltei-me para apanhá-lo e me encontrei trocando cumprimentos com o senhor Panzer. Disse a Wolfe:

— É Saul. Assentiu, agregando a toda pressa:

— Archie entregue sua cadeira ao senhor Skinner. Tenha a bondade de apanhar o telefone, senhor Skinner? Quero que ouça uma coisa. E você, senhor Cramer, sente... Aqui... O fio não é bastante longo... E não chega. Temo que precisará permanecer de pé. Peço-lhe que aproxime o aparelho do ouvido. Agora, senhor Skinner, diga ao telefone a palavra: “Pronto”, e será suficiente. Skinner grunhiu ao telefone: “Pronto”, e o que se seguiu em seguida foi muito divertido. Deu um pulo e se voltou para olhar Wolfe, enquanto que Cramer, com o aparelho de Wolfe, também dava um pulo e gritava ao telefone:

— Ei! Ei! Wolfe lhes disse:

— Podem desligar, cavalheiros, e se sentem... Senhor Skinner, por favor! Essa demonstração foi necessária. Vocês ouviram Saul Panzer de um telefone de uma loja situada na esquina. Tem cabine telefônica e com certeza o telefone está preso a parede, e o que fez foi isto.

Wolfe levou a mão ao bolso apanhando um grande elástico de borracha que colocou ao redor do telefone e que, em seguida, esticou e soltou de repente, deixando depois o telefone em seu lugar.

— Isso é tudo, anunciou. — Esse foi o disparo que o senhor Goodwin e eu ouvimos no telefone. O elástico, deve ser de uns dois centímetros de largura e muito duro, como pude descobrir após os experimentos realizados esta manhã. Claro, em um telefone como este, não é nada; mas em um público, com o golpe e a vibração simultânea, o efeito é surpreendente. Não lhe pareceu assim, senhor Skinner?

— Devo estar louco, resmungou Cramer. — Devo estar louco. Skinner exclamou:

— É extraordinário! Teria jurado que era um tiro.

— Sim. Os olhos semicerrados de Wolfe pousaram em Perry. — Devo felicitá-lo, senhor. Não só é eficiente, mas sim muito apropriado. Colemam “Rubber”. A “Quadrilha de Rubber”. Imagino que por isso teve a ideia. Muito engenhoso e simples.

Wolfe havia saltado um obstáculo. Skinner, Hombert e Cramer estavam com ele... Como um só homem. Quando havia começado a falar não afastaram os olhos dele, mais também olhavam de vez em quando para Perry; em seguida, ao ir descobrindo um ponto após outro, gradualmente foram se fixando mais em Perry, e agora, ainda que continuassem escutando Wolfe, não se incomodavam em olhá-lo apenas. Seus olhos estavam fixos em Perry, assim como os meus e os de Muir e Clivers. Era evidente que Perry havia esperado muito de si mesmo, aguardando em vão um momento conveniente para exteriorizar sua indignação, se defender e iniciar um contra-ataque, e sem dúvida a explicação de Wolfe com o elástico fora uma completa surpresa para ele. Não é que estivesse disposto a se dar por vencido, porque não era desse tipo de homem, mas podia se ver que estava acabado. Como nenhum de nós podia afastar os olhos dele, Perry por sua vez não podia deixar de olhar Wolfe, e do meu lugar pude ver como apertava as mandíbulas.

Não disse nada.

— Você nos contou uma boa história, Wolfe, disse Skinner. — Mas vou fazer uma sugestão. Por que não deixamos seu homem aqui para que entretenha Perry um tempinho e o restante de nós irá a algum outro lugar para conversar? Preciso fazer ainda algumas perguntas sumamente necessárias. Wolfe meneou a cabeça.

— Neste momento, não, por favor, Tenha paciência; darei minhas razões. Primeira, está clara a cronologia para você? As seis trinta e cinco aproximadamente, o senhor Perry matou o senhor Walsh, deixando o cadáver próximo do telefone, e imediatamente foi no seu automóvel até o centro, parando talvez, na mesma loja de onde Saul Panzer acaba de fazer a demonstração. Acho muito provável, já que esse estabelecimento tem uma entrada lateral pela que se chega às cabinas telefônicas sem ser visto. Dali telefonou para este escritório disfarçando a voz e empregando o truque do elástico. Dois minutos mais tarde batia na minha porta, tendo deixado estabelecido o momento do assassinato de Michael Walsh. Claro que existia o risco de que o cadáver tivesse sido descoberto, por casualidade, durante os vinte minutos que haviam transcorrido, mas era muito remoto e de qualquer maneira nada apontava para ele. Como costuma acontecer teve muita sorte, já que não se descobriu o cadáver prematuramente, mas que foi descoberto no momento preciso, e pelo próprio Lorde Clivers. Creio que é muito pouco provável que o senhor Perry soubesse que Lorde Clivers iria ali naquela hora; isso foi uma coincidência. Como deve ter se vangloriado à noite quando conheceu as notícias... Já que nos vangloriamos mais de nossa sorte que de nossos méritos. O sorriso feliz da Providência! Não é assim, senhor Perry? Perry sorriu a Wolfe, forçadamente, mas conseguiu.

— Continuo escutando, disse, — Mas me parece que já está terminando. Como diz o senhor

Skinner, você contou uma bonita história. Parou para apertar as mandíbulas e em seguida continuou: — Claro que você não esperará minha réplica, mas vou dá-la e não só com palavras. Você criou um complô para fazer Lorde Clivers vítima de uma chantagem, mas isso é assunto seu. Vou retornar ao meu escritório e contactar meu advogado, para processá-lo por calúnia e difamação, e também o seu ajudante, o senhor Goodwin. Também vou pedir uma ordem de detenção contra Clara Fox, e desta vez não será retirada. Apertou as mandíbulas antes de continuar: — Você está acabado, Wolfe. Eu lhe asseguro.

— Oh, não! Wolfe o ameaçou com o indicador. — Você se precipita, senhor. Não estou acabado. Deixe-me terminar minha calúnia e difamação e assim lhe darei mais base para me processar. Wolfe olhou para o promotor do distrito. — Me dou conta, senhor, Skinner, de que o irritei, mas ao final creio que ficará de acordo comigo de que este procedimento era necessário. Em primeiro lugar, devido a indesejável publicidade relacionada com Lorde Clivers e a necessidade de ter que retornar rapidamente ao seu país, era essencial trabalhar com rapidez. Em segundo, havia a vantagem de mostrar ao senhor Perry de uma só vez quantos buracos precisaria tapar, porque é provável que fique frenético e passe ridículo. Claro que foi muito confiado ao esperar que passasse despercebida a sua relação com este assunto. O sair da sala da diretoria na segunda-feira à tarde e seu regresso; o esconder o dinheiro no automóvel de Clara Fox, que agora está sendo investigado por um de meus homens, Orrie Cather; a visita que lhe fez Michael Walsh... Sua entrada e saída do edifício em construção nesta mesma tarde; seu casaco, que quem sabe, foi com que envolveu a pistola; sua entrada na loja da esquina para telefonar; todos estes e mais uma dezena de detalhes que serão fáceis de verificar; e se vendo ante a necessidade de fazer frente a tantos problemas que requerem atenção imediata, é certo que vai se atrapalhar. Skinner deu um grunhido de desgosto.

— Quer dizer que nos contou tudo o que conseguiu descobrir? E agora deixa que ele saiba?

— Mas se tenho todo o necessário. Wolfe suspirou. — Já que estamos todos convencidos de que o senhor Perry assassinou Harlan Scolvin e Michael Walsh, não tem a menor consequência que possa ser legalmente condenado e executado. Cramer murmurou:

— Hum!... Estão malucos. Skinner e Hombert não pronunciaram palavra.

— Porque, continuou Wolfe, — Agora já não poderá causar mais dano; e se vocês consideram a lei como um instrumento de vingança, afirmo que pagará. O que ele tentou defender com tanto desespero, com toda a sua maligna astúcia? Sua posição social, sua alta reputação entre seus companheiros, sua auréola de diretor bem sucedido. Pois bem, perderá tudo isso, o que é bastante castigo para qualquer lei. Estendeu uma mão. — Me permite ver esses documentos, Lorde Clivers?

Clivers retirou um envelope do bolso interior de seu paletó que eu o apanhei para entregar a Wolfe. Extraiu dele vários papéis que foi desdobrando com sua costumeira habilidade.

— Tenho aqui, disse, — Um documento emitido em Silver City, Nevada, em dois de junho de mil oitocentos e noventa e cinco, pelo qual Jorge Rowley se compromete a certas compensações futuras por serviços prestados. Está assinado por ele, com Michael Walsh e Coleman “Rubber” como testemunhas. Também tenho outro, da mesma data, encabeçado PACTO DA QUADRILHA DE RUBBER, que é um convênio assinado por várias pessoas. Tenho, além disso, um emitido em Londres, Inglaterra, em onze de agosto de mil novecentos e seis, que é um recibo de duzentas mil e setecentas e sessenta e uma libras, assinado por Coleman “Rubber”, Gilbert Fox, Harlan Scolvin, “Tartaruga”, Victor Lindquist e Michael Walsh. Depois de “Tartaruga”, entre parênteses aparece o nome de William Mollen. Tenho também um cheque da mesma soma, emitido em dezenove de novembro, a

ser pago à ordem de James N. Colemam e que foi cobrado.

Wolfe olhou a todos.

— O caso é, cavalheiros, que nenhum desses homens, exceto Colemam, viu esse recibo. Falsificou as assinaturas de todos os outros. E se voltando repentinamente para Perry, lhe disse com voz que parecia uma chicotada: — E, senhor... Isso é uma calúnia? Perry fez um esforço para se conter, mas a voz apenas saía de sua garganta.

— É. Eles assinaram.

— Ah! Assinaram? De modo que por fim admite que você é Colemam “Rubber”?

— Claro que sou Coleman. Assinaram e receberam sua parte.

— Ah, não! Wolfe o ameaçou com o dedo. — Você cometeu um terrível erro, senhor; não assassinou todos eles. Victor Lindquist continua com vida e em plena posse de suas faculdades. Ontem falei com ele pelo telefone, para lhe prevenir contra todos os truques que você pudesse empregar. Seu testemunho, corroborando o que já temos, será suficiente para um tribunal inglês. Calúnias? Bah! Voltou-se para os outros. — De modo que já viram que, na realidade, não é tão importante fazer com que o senhor Perry seja condenado por seus crimes. Agora já tem mais de sessenta anos. Ignoro o castigo que na Inglaterra se dá aos falsificadores, mas com certeza terá mais de setenta quando sair do presídio, desacreditado, quebrado, convertido em uma relíquia digna de compaixão...

Wolfe me disse mais tarde que sua ideia era colocar Perry em um estado tal que assinasse cheques para Clara Fox e Victor Lindquist, e para os herdeiros de Walsh e Scolvin se os tivesse, da parte que lhes correspondia do milhão de dólares. De qualquer maneira, os cheques não foram assinados, porque os mortos não conseguem escrever nem sequer seu nome.

Tudo aconteceu como um relâmpago, como uma sucessão de reflexos. Perry apanhou um revólver e apontando com ele para Wolfe apertou o gatilho. Hombert gritou e Cramer deu um pulo. Não teria tempo de detê-lo, e de qualquer maneira, como digo, foi questão de reflexos. Apanhei minha pistola e disparei uma vez, mas Cramer se interpôs e tive que desistir de dar outro tiro. Houve muito ruído, Perry ficou debaixo, afundado em sua cadeira, enquanto os demais o seguravam. Fui até o outro lado da mesa para assistir Wolfe, que sentado em sua cadeira parecia surpreso pela primeira vez em sua vida, enquanto com sua mão direita apalpava o braço esquerdo. Sem fazer caso de seus protestas, desabotoei seu paletó e dei uma olhada na mancha de sangue sobre a camisa amarelo-canário muito mais vistosa que qualquer orquídea. Coloquei meu dedo no buraco feito pela bala no tecido e em seguida subi a manga e lhe disse sorrindo:

— Só foi um arranhão, e não muito importante. De qualquer maneira não mova muito o braço. Ouvi Cramer que dizia às minhas costas:

— Está morto.

Voltei-me. Deixaram-no escorrer da cadeira e o haviam estendido no chão. O inspetor estava ajoelhado ao seu lado e os outros, Clivers e Skinner, de pé, procuravam apagar o “incêndio”. Clivers esfregava e golpeava a parte dianteira de seu paletó no lugar onde a bala havia incendiado o tecido quando disparou sem retirar a pistola do bolso e Skinner o ajudava. Deve ter disparado contra Perry

um décimo de segundo antes de mim. Cramer se colocou de pé e disse pesadamente:

— Uma no ombro direito e outra o atravessou de lado a lado, passando pelo coração. Bem, ele quis assim.

— A do ombro é a minha, eu disse. — Apontei muito alto.

— Claro que não, Archie, murmurou a voz de Wolfe às minhas costas. Todos nós o olhamos: estava enjugando o sangue que emanava de seu braço com um lenço. — Claro que não. Não vai querer que o retrato de Lorde Clivers volte a aparecer na Gazette? Devemos protegê-lo. Você pode resistir a responsabilidade de um homicídio justificado. Você pode... Como você o chama, senhor Cramer?... Carregar com o morto.

* * *

Dezenove

— Cinco mil libras, disse Clivers. — Pagas no ato e que devem me ser devolvidas no caso de que se recobre de Coleman. Isso é justo. Não digo que seja generoso, mas quem diabos pode se permitir ser hoje em dia? Wolfe meneou a cabeça.

— Vejo que precisarei pescá-lo no voo. Você salta como um colibri de duas a dez mil libras e das sete a cinco. Aceitaremos dez sob as condições que você expôs. Clara Fox interveio.

— Eu não quero nada. Já disse. Não aceitarei nada.

Eram cerca de três horas e estávamos todos no escritório. Foram seis a almoçar, o que precisou que se fizesse nova improvisação. Muir havia saído a toda velocidade, sem ver Clara Fox, quando Wolfe o acusou de ser um velho sem vergonha. Cramer, Hombert e Skinner se foram após aceitar a insinuação de Wolfe de proteger o marquês contra publicidade futura. O Doutor Vollmer viera para tratar do braço de Wolfe, indo embora a seguir. Os restos de Coleman, Don Antônio D. Perry, haviam sido retirados sob a supervisão de Cramer e o chão do escritório estava pelado, já que o enorme tapete vermelho e amarelo onde Perry caíra, esperava no porão para que fosse entregue à tinturaria. Havia voltado a passar o ferrolho na porta e a agir como porteiro, já que os jornalistas circulavam na entrada como moscas ao redor de uma luz em dias nublados. Wolfe dizia:

— Você ainda é minha cliente, senhorita Fox. Não tem obrigação de seguir meu conselho, mas é meu dever dar. Primeiro, tome o que lhe pertence; sua renúncia não ressuscitará o senhor Scolvin, nem o senhor Walsh, nem sequer o senhor Perry. É quase certo que poderá ser conseguida uma grande soma pelas propriedades do senhor Perry. Segundo, lembre que eu ganhei uns honorários que precisará pagar. Terceiro, abandone sua vida de aventureira: é muito terna de coração para ter uma vida assim.

Clara Fox olhou para Francis Horrocks, que a olhava com uma expressão enternecedora dessas que de vez em quando se veem em público e nos filmes. Foi um alívio ver que ao olhar para Wolfe tinha sua mente ocupada em outra coisa pelo menos por um breve instante. Exclamou:

— Ouça, se ela não quer o dinheiro dessas propriedades, não tem por que tomá-lo. É assunto dela, não lhe parece? E se meu tio pagar a você estes honorários... É o mesmo...

— Cale-se, Francis, replicou Clivers com impaciência. — Como diabos vai ser o mesmo? Deixemos isto assentado de uma vez. Já deixei passar a hora de uma reunião e vou chegar tarde a outra. Escute, dou sete mil.

— Eu aceitarei o que conseguir, disse Hilda Lindquist. — Não pertence a mim, mas sim a meu pai. Seu rosto quadrado não é que estivesse precisamente alegre, mas tampouco parecia triste. Levantou seus olhos até Clivers. — Se você tivesse mais cuidado ao pagar esse dinheiro há vinte e

nove anos, meu pai teria recebido sua parte enquanto minha mãe e minha irmã ainda estavam vivas. Clivers não lhe prestou atenção e olhou para Wolfe.

— Oito mil.

— Vamos, vamos, senhor. Wolfe o ameaçou com o dedo. — Converta em dólares. Cinquenta mil. O câmbio lhe favorece. Existem muitas probabilidades de que lhe sejam devolvidas quando forem liquidados os bens de Perry; além disso, pode se conseguir que seja você quem pague meus honorários em vez da senhorita Fox. Não há necessidade de lhe dizer o que poderia ter resultado para você deste assunto se não fosse a minha intervenção.

— Bah! Grunhiu Clivers. — Nisso estamos iguais. Eu lhe salvei a vida ao atirar nele.

— Oh, não! Leia os jornais. Foi o senhor Goodwin quem atirou. Clivers me olhou e de repente deu suas três gargalhadas.

— De modo que foi você, hem? Chama-se Goodwin? Bela pontaria! Voltou-se para Wolfe. — Certo. Prepare-me o recibo, envie-o ao meu hotel e assinarei o cheque. Colocou-se de pé olhando seu paletó furado e queimado. — Agora precisarei ir me trocar. Um traje magnífico estragado. Sinto não poder ficar e ver suas orquídeas. Francis? Vamos.

Horrocks murmurava docemente ao ouvido de Clara Fox enquanto ela assentia com a cabeça. Por fim também se levantou.

— Pronto. Dirigiu-se a Wolfe, a quem estendeu a mão. — Quero lhe dizer uma coisa: foi muito esperto ao molhar a senhorita Fox ontem de manhã... Não suspeitaram de nada. Foi sua expressão que lhes convenceu.

— Não duvido. Wolfe retirou a mão após apertar a dele. — Já que vocês embarcam no sábado, suponho que não voltarei a vê-los. Bon voyage!

— Obrigado, murmurou Clivers. — Ao menos em meu nome. Meu sobrinho não me acompanha. Gastou uma fortuna em telegramas pedindo sua transferência para a Embaixada em Washington. Vai ser uma grande corrida... Mais é melhor assim, porque penso conservar o título pelo menos durante um par de décadas a mais. Vamos, Francis.

Olhei para Clara Fox e meus sonhos e ideais terminaram ali mesmo. Nunca vi uma mulher tão orgulhosa e satisfeita de si mesma...

* * *

Vinte

AS VINTE PARA AS QUATRO, Wolfe e eu, a sós no escritório, vimos Fritz aparecer nele. Debaixo do braço trazia o alvo de cortiça e a caixa de dardos. Deixou a caixa em cima da mesa de Wolfe e indo até a parede pendurou o alvo, e em seguida se dispôs a se retirar fazendo uma ligeira reverência. Wolfe esvaziou seu copo de cerveja e se levantando de sua cadeira começou a escolher os dardos amarelos.

— Suponho que é uma idiotice que faça exercício com esta ferida de bala que pode voltar a sangrar a qualquer momento, me disse.

— Certo, concordei. — Deveria estar na cama. É possível que tenham que amputar o seu braço. Olhou-me com o cenho franzido.

— Claro que você não pode entender muito disto. Que eu me lembre nunca foi ferido por um revólver de grande calibre e a tão pouca distância.

— Deus me assista! Levantei minhas mãos. — Isso vai se converter em um estribilho? E que valor vai ter se dar importância por um arranhão? Agora, se o pé de Hombert não tivesse empurrado sua cadeira e ele tivesse acertado aonde apontava...

— Mas não acertou. Wolfe se colocou a uma distância de cinco passos do tabuleiro. — Archie. Se quiser me acompanhar... Meneei a cabeça com resolução.

— É inútil. Não vai parar de falar de sua ferida e eu não conseguiria suportar. Provavelmente terá mais sorte que nunca. Olhou-me muito digno.

— Dez centavos a jogada.

— Não.

— Cinco.

— Não. Nem sequer por nada. Ficou em silêncio e ao fim de um minuto exalou um profundo suspiro.

— Subirei seu salário para dez dólares a partir da segunda-feira passada. Levantei as sobrancelhas.

— Quinze.

— Dez é suficiente. Meneei a cabeça.

— Quinze. Voltou a suspirar.

— Maldito seja! De acordo, quinze.

Levantei-me, e indo até a mesa apanhei os dardos vermelhos.